UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

ASCENDINO LEITE: uma representação do “ser leitor” no Jornal Literário

MARIA CÉLIA RIBEIRO DA SILVA

João Pessoa – PB

2014

MARIA CÉLIA RIBEIRO DA SILVA

ASCENDINO LEITE: uma representação do “ser leitor” no Jornal Literário

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Literatura e Cultura.

Orientadora: Prof.ª. Drª. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

João Pessoa – PB

2014

S586a Silva, Maria Célia Ribeiro da.
Ascendino Leite: uma representação do "ser leitor" no Jornal Literário / Maria Célia Ribeiro da Silva.- João Pessoa, 2014.
308f. : il.
Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA
1. Leite, Ascendino, 1915-2010 - crítica e interpretação.
2. Literatura brasileira - crítica e interpretação. 3. Ser leitor.
4. Jornal Literário. 5. Vida literária.

UFPB/BC CDU: 869.0(81)(043)

MARIA CÉLIA RIBEIRO DA SILVA

ASCENDINO LEITE: uma representação do "ser leitor" no Jornal Literário

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 21 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Drª. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

_____

Prof.ª Drª. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

_____

Prof. Dr.Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

_____

Prof.ª Drª. Geralda Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

_____

Prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araújo Filho
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

*A **Áurea Ribeiro**, minha mãe, pela extraordinária força com que consegue enfrentar a vida, e a **Izaías Jovino**, meu pai, por não ter me deixado esmorecer durante a travessia.*

AGRADECIMENTOS

A Deus. “Tudo posso n’Aquele que me dá forças”. (Fl,4,13).

As minhas irmãs Sônia, Solange e Socorro, todas muito importantes na minha vida, companheiras inseparáveis, às quais agradeço o apoio e a colaboração durante a fase de escrita da tese, especialmente nos momentos em que dominavam a incerteza e a exaustão.

Aos sobrinhos Matheus e Vinícius, que, sem saber, me traziam de volta o cotidiano.

A Paulo Eduardo, pela disponibilidade em colaborar com o trabalho.

A Socorro Montenegro, grande amiga e companheira de percurso, com quem partilhei os melhores momentos deste trabalho, que comigo trocou idéias, leu textos e deu sugestões durante todo o processo de produção desta tese, e principalmente pela coragem e obstinação que demonstrou para enfrentar os percalços durante a travessia.

A Cícero Nicácio, pelo valioso incentivo desde o começo, até nossa admissão no Programa, quando nos tornamos parceiros de diálogo na Academia e experimentamos o valor da experiência do amigo, “aquele que, a cada vez, nos faz entrever a meta e que percorre conosco um trecho do caminho”.

A Joselma Dias, amiga de sempre, pela colaboração no idioma francês e por, tantas vezes, me ouvir, mesmo estando, esta amiga, distante de sua espirituosa companhia.

A Socorro Marreiro, pela partilha de conversas, de livros, de alegrias, de inquietações, e pelo incentivo permanente ao longo do percurso.

Às amigas Ana Paula Sousa e Márcia Gomes, pela amizade construída a partir de nossa convivência no IFPB – Campus Campina Grande, e pelo que representaram para mim durante o percurso: o companheirismo, o bom humor, o incentivo nas horas certas, a confiança transmitida ao trabalho de tese e o respeito nos momentos necessários de reclusão.

A Francilda Araújo e Marta Feitosa, pelo apoio e alegria nos momentos em que estivemos juntas, quando a travessia parecia mais leve, cheia de boas expectativas...

A Ana Lúcia Souza, parceira na caminhada acadêmica e leitora perspicaz no campo da literatura, sempre disposta a incentivar os amigos e a colaborar com a trajetória de cada um.

A Jacklaine de Almeida, também parceira na caminhada acadêmica, que escreveu sobre “As infâncias secas...”, e de quem guardei o apoio e as boas energias.

A Virna de Farias, pelos gestos de apoio, pelo companheirismo e diálogo que fomos estabelecendo no percurso de algumas viagens a João Pessoa.

A Ivonete Belarmino, ex-secretária de Ascendino Leite, pela afabilidade com que me recebeu e pela indispensável colaboração para a realização desta tese, ao abrir as portas de sua casa, para a concessão de depoimentos e consulta ao arquivo pessoal do escritor, além do empréstimo dos cadernos de Ascendino para esta pesquisa.

A Gicelma Souza, amiga do "professor" Ascendino Leite, como costumava chamá-lo, pela paciência e disponibilidade em colaborar com esta pesquisa, chegando, algumas vezes, a emocionar-se, ao falar do escritor.

A Mercedes Cavalcanti (Pepita), escritora e, especialmente, uma amiga que passei a conhecer nesta pesquisa, com quem tive o prazer de conversar sobre Ascendino Leite e que, com disponibilidade, sensibilidade e perspicácia de olhar, propiciou-me uma visão singular do homem e do escritor descrito neste trabalho.

A Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, ávida pesquisadora e orientadora, que me desafiou a estudar a literatura sob outra vertente, a da História Cultural, a partir de um escritor pouco (re)conhecido no circuito dos chamados "grandes escritores", e por possibilitar o suporte necessário à construção desta tese, insistindo na investigação das fontes primárias.

A Hildeberto Barbosa Filho, por ter proporcionado, na graduação, o prazer do encontro com a literatura e, na Pós-Graduação, a condução do percurso no labirinto, frente à escrita híbrida de Ascendino Leite – um processo que foi se construindo pela troca de ideias, pela gentileza com que me cedeu algumas referências e o espaço de sua biblioteca para minhas pesquisas. Um amigo e coorientador, a quem agradeço, particularmente, as valorosas contribuições apresentadas desde o início do trabalho, até o exame de qualificação e a defesa da tese.

À professora Sônia Maria Van Dijck Lima, pela leitura atenta do texto de qualificação, pelas orientações e indicações para aprimorar o trabalho na elaboração da tese.

À professora Jackelinne Aragão, pela contribuição na elaboração do abstract.

À professora Geralda Medeiros, pela disponibilidade em aceitar o convite para participar da banca examinadora da tese.

Ao professor Edson Tavares, pela gentileza em aceitar o convite para integrar a banca examinadora da tese.

À professora Bernardina Oliveira, pelo aceite para constituir a banca de avaliação da tese.

À Fundação Casa de José Américo (PB), na pessoa do presidente Flávio Sátiro Fernandes Filho e dos funcionários e funcionárias que gentilmente me acolheram durante o período de realização da pesquisa, possibilitando a consulta ao acervo Ascendino Leite.

A Francisco de Assis Vilar, bibliotecário da Fundação Casa de José Américo (PB), pela gentileza nas informações concedidas.

À Academia Brasileira de Letras (RJ), na pessoa do bibliotecário Luiz Antônio de Souza e da bibliotecária Kátia Marquet, pela delicadeza no atendimento as minhas solicitações.

À Universidade Estadual da Paraíba, que possibilitou a minha liberação por três anos para a realização do curso.

"É O SENTIMENTO que nos compensa dos prejuízos da ignorância. Saber e não sentir é o mesmo que ignorar. Sentir, pode-se; e até mesmo sem preparação".

(LEITE, 1988)

RESUMO

Esta tese consiste na investigação da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988)*: *fragmentos de um Jornal Literário*, de Ascendino Leite, obra formada por dois volumes publicados, respectivamente, em 1988 e 1989, que tratam de temas do universo intimista do escritor, do cotidiano e da vida literária. A abordagem tem em vista a representação de Ascendino como "ser leitor" e como essa condição contribuiu para revelar suas "astúcias" na maneira de representar a vida literária em um texto de natureza híbrida, como o *Jornal Literário*, aliando-se a isso questões de ordem pessoal, política e outras relativas à "função-autor", ao reconhecimento ou não do nome de Ascendino como escritor. Para a realização da pesquisa, foram utilizadas como fontes a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988)*: *fragmentos de um Jornal Literário*, organizada pelo próprio escritor, os arquivos pessoais do autor (bloquinho de notas, cadernos, agendas, cartões, fotos, parte do acervo de sua biblioteca particular, cartas) e textos publicados na esfera jornalística. Além disso, lançou-se mão da memória de amigos e escritores que conviveram com Ascendino, visando à representação de uma imagem do indivíduo e do "ser leitor". Do ponto de vista teórico, partiu-se dos autores Roger Chartier (1990; 1999a; 1999b) e Michel de Certeau (2009), para refletir sobre conceitos como representação, prática e apropriação, além da noção de "táticas" (DE CERTEAU, 2009), relativas às ações realizadas por "Ascendino leitor" para a formação do *Jornal Literário*, e da "função-autor", conceituada por Foucault (1992). A partir de Hébrard (2000) e Chartier (1990; 1999a; 1999b) fundamentou-se a noção de suporte, recorrendo, também, a Barthes (1984), Chartier (2007) e a outros autores para subsidiar reflexões relativas à leitura.

PALAVRAS-CHAVE**:** Ascendino Leite. Ser leitor. Jornal Literário. Vida Literária.

ABSTRACT

The present research aims at investigating the anthology *Sementes no Espaço (1938-1988)*: *fragmentos de um Jornal Literário*, by Ascendino Leite. Such literary work consists of two volumes, which were published, respectively, in 1988 and 1989. As to its theme, it focuses on the writer's inner universe, considering both his daily and literary life. Such approach considers Ascendino's representations as "being a reader", and the way this condition contributed so as to reveal his "tricks" when representing literary life in a hybrid nature text, such as a Literary Journal. Besides, it also focuses on some personal and political matters, as well as on the "author-function", and on the recognition, or not, of the name *Ascendino*, as a writer. In order to perform this research, the anthology *Sementes no Espaço (1938-1988)*: *fragmentos de um Jornal Literário* was used. Such Literary work was organized by the writer, the author's personal file (notes, notebook, agenda, cards, pictures, part of the collection of his private library, letters), and texts, which were published in the journalistic sphere. Besides, we also made use of some friends' and writers' memories, aiming at reaching a representation of his image, both as an individual and as a reader. As to the theory, we based ourselves on Roger Chartier (1990; 1999a; 1999b) and on Michel de Certeau (2009), with the concepts of representation, practice, appropriation, and the notion of "tactics" (DE CERTEAU, 2009). Such concepts concern the actions performed by Ascendino, as a reader, so as to contribute to the formation of the Literary Journal and on the author-function, as explicited by Foucault (1992). As to Hébrard (2000) and Chartier (1990; 1999a; 1999b), they were our resource considering the notion of support. We also referred to Barthes (1984), Chartier (2007) and other authors for supporting some reflections concerning reading.

KEYWORDS: Ascendino Leite. Being a reader. Literary Journal. Literary Life.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo la investigación de la antología *Sementes no Espaço (1938-1988): fragmentos de um Jornal Literário* de Ascendino Leite, obra formada por dos volúmenes publicados, respectivamente, en 1988 y 1989, que aportan temas del universo intimista del escritor, de su vida cotidiana y de su vida literaria. El abordaje sondea la representación de Ascendino como un "ser lector" y también el modo cómo esa condición ha contribuido para revelar sus agudezas en la manera de incorporar la vida literaria en un texto de naturaleza híbrida como lo es el *Jornal Literario*, así como cuestiones de orden personal, político, y otras relacionadas a "la función-autor", al reconocimiento o no del nombre de Ascendino como escritor. Para la consecución de la investigación, se ha utilizado como objetos de estudio la mencionada antología *Sementes do Espaço (1938-1988): fragmentos de um Jornal Literário*, los archivos personales del autor (libreta de notas, cuadernos, agendas, postales, fotos, parte del acervo de su biblioteca privada, cartas) y textos publicados en la esfera periodística. Asimismo, se ha recurrido a la memoria de los amigos y escritores que conocieron de cerca a Ascendino, a fin de obtenerse una representación de una imagen del individuo y del "ser lector". Desde el punto de vista teórico, se ha consultado los autores Roger Chartier (1990, 1999a, 1999b) y Michel de Certeau (2009), con el propósito de reflexionar sobre los conceptos como la representación, circulación y apropiación, e igualmente la noción de tácticas (DE CERTEAU, 2009), estableciéndose una relación con las acciones llevadas a cabo por el "Ascendino lector" para escribir su *Jornal Literário*, y con la "función-autor", conceptuada por Foucault (1992). A partir de Hébrard (2000) y Chartier (1990; 1999a; 1999b) se ha fundamentado el marco teórico, recurriéndose, también, a los conceptos de Barthes (1984), Chartier (2007) y de otros autores, como apoyo a las reflexiones sobre la lectura.

PALAVRAS-CLAVE**:** Ascendino Leite. Ser lector. Diario Literario. Vida Literaria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Jornal Literário *O Vigia da Tarde* (1982) 34
Figura 2 "Eu e minha dedicada secretária Ivonete" 38
Figura 3 Escrivaninha de Ascendino Leite 39
Figura 4 Folha de bloco de notas 53
Figura 5 Páginas do Caderno de Recortes do ano 2003 – Anotações íntimas 56
Figura 6 Páginas do Caderno de Recortes do ano 2002 – Eleição na Academia Paraibana de Letras 57
Figura 7 Página do Caderno de 1992 – Pensamentos/Citações de escritores 59
Figura 8 Página do Caderno de 1999 – Desenhos do escritor..... 60
Figura 9 Página do Caderno de 1997 – Anotações 61
Figura 10 Página do Caderno de 1992 – Anotações 62
Figura 11 Páginas do Caderno de 1996 – Recorte jornalístico, carta e anotações em recortes 65
Figura 12 Páginas do Caderno de 1997 – Recortes jornalísticos (fotografia de escritores)..... 66
Figura 13 Página do Caderno de 1996 – Recortes de anotações, foto do escritor..... 67
Figura 14 Página do Caderno de 1997 – Cartão postal de Marco Lucchesi para Ascendino Leite..... 68
Figura 15 Verso do cartão postal de Marco Lucchesi para Ascendino Leite..... 68
Figura 16 Visão da coluna **"**No Petit Trianon", publicada no suplemento *Letras & Artes* 100
Figura 17 Dedicatória manuscrita de Ascendino Leite a João Cabral de Melo Neto..... 116
Figura 18 Dedicatória manuscrita de Guimarães Rosa, no livro *Corpo de baile,* a Ascendino Leite 117
Figura 19 Dedicatória manuscrita de Guimarães Rosa a Ascendino Leite, nos livros *Grande sertão: veredas* e *Primeiras estórias* 117
Figura 20 Dedicatória de Ascendino Leite a alguns escritores que considerava mestres, com quatro epígrafes na parte inferior da página 118
Figura 21 Dedicatória de Ascendino Leite em memória de seu pai, seguida de cinco epígrafes na parte inferior da página 120
Figura 22 Dedicatória de Ascendino Leite aos irmãos, seguida de três epígrafes na parte inferior da página 121

Figura 23 Dedicatória de Ascendino Leite aos amigos, seguida de três epígrafes na parte inferior da página 122
Figura 24 “Eu e Mercedes, falando de literatura e outros temas” 143
Figura 25 Verso do cartão postal de Mercedes Cavalcanti para Ascendino Leite 144
Figura 26 Cartão do poeta José Paulo Paes para Ascendino Leite 146
Figura 27 Carta de Antonio Houaiss para Ascendino Leite 147
Figura 28 Reprodução da carta de Antonio Houaiss para Ascendino Leite 147
Figura 29 Cartão de Maria Emília Bender, diretora editorial da Companhia das Letras, para Ascendino Leite 185
Figura 30 Cartão de Manuel Bandeira para Ascendino Leite..... 201

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 27

O TEMA E SUA TRAJETÓRIA 27

ASCENDINO E SUA *ARCA* LITERÁRIA 31

DESCRIÇÃO DAS FONTES 35

DO LEITOR AO CRÍTICO LITERÁRIO EM S*EMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I* E *II*..... 40

QUESTÕES DA PESQUISA E ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO 47

1 PELOS SUPORTES DO INTIMISMO LITERÁRIO DE ASCENDINO LEITE 50

1.1 DO BLOQUINHO DE NOTAS AOS CADERNOS DE CAPA DURA 51

1.2 DOS CADERNOS ÀS CRÔNICAS NAS COLUNAS LITERÁRIAS DO JORNALISMO BRASILEIRO..... 71

2 FORMAÇÃO E ESTRUTURA DO *JORNAL LITERÁRIO* DE ASCENDINO LEITE..... 77

2.1 A EXPRESSÃO *JORNAL LITERÁRIO* E O ENCONTRO COM O *JOURNAL* DOS FRANCESES: algumas considerações 78

2.2 AS REDES DE SOCIABILIDADE 95

2.2.1 Os jornais e suplementos literários: a participação de Ascendino no *Letras & Artes*..... 96

2.2.2 Espaços de sociabilidade 106

2.2.3 Dedicatórias e/ou ofertórios 113

2.3 A ESCRITA MEMORIALÍSTICA E OS FRAGMENTOS DO EU EM *SEMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I E II* 126

3 ASCENDINO LEITE NA ANTOLOGIA *SEMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I* E *II*..... 140

3.1 DA REPRESENTAÇÃO DO "SER LEITOR" 140

3.1.1 Os espaços de leitura e as maneiras de ler: entre o público e o privado..... 140

3.1.2 Tipologia de obras e autores: do *Jornal Literário* à biblioteca pessoal..... 157

3.1.3 Registros de leitura: notas críticas, diários de leitura, citações..... 177

3.1.4 Dos poucos leitores aos editores..... 182

3.2 O "SER LEITOR" E A REPRESENTAÇÃO DA VIDA LITERÁRIA..... 187

3.2.1 Temas do ofício literário..... 188

3.2.2 Perfis de escritores..... 191

3.2.3 Marcelline: uma personagem, um caráter..... 193

3.2.4 Correspondências de amigos e as amizades literárias..... 195

3.2.5 Aforismos..... 209

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 212

REFERÊNCIAS..... 214

APÊNDICES..... 224

ANEXOS..... 294

INTRODUÇÃO

O TEMA E SUA TRAJETÓRIA

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a construção do "ser leitor" Ascendino Leite, a partir de sua representação em um gênero de fronteira, pouco conhecido pelas práticas leitoras dos brasileiros e de produção limitada entre nós, cujo modo de composição é revelador tanto de conteúdos do universo íntimo quanto de assuntos da esfera cotidiana e literária. Trata-se do *Jornal Literário*[1], mais especificamente, do *Jornal Literário* do paraibano Ascendino Leite, narrativa que transpõe a fronteira do relato pessoal, atingindo temas principalmente da ordem da literatura, cuja produção, em termos de número e qualidade, parece ser a mais significativa no Brasil. Essa produção recebeu a denominação de diário por alguns escritores e críticos literários, até pelo próprio Ascendino, em alguns momentos do seu *Jornal Literário*, embora o texto apresente estrutura favorável à hibridização, acolhendo fragmentos de gêneros como o diário íntimo, a memória, a autobiografia, a confissão etc., conduzindo à possibilidade de se pensar numa outra configuração para o gênero em questão.

Antes de chegar ao tema do "ser leitor" e de sua representação no *Jornal Literário*, o projeto inicial desta tese previa o desenvolvimento de um objeto de estudo que focalizasse a escrita de si, tendo em vista o interesse despertado pelo assunto ao longo de minha trajetória como professora do ensino médio e da graduação, período em que desenvolvi algumas incursões pelo gênero diário no campo da prática educacional, estudando, junto com os alunos, o diário dialogado e o diário de leituras. Por influência das leituras realizadas, fui descobrindo outros sentidos atrelados ao gênero diário, além deste, voltado para a área educacional, e do mero registro de impressões de caráter autobiográfico, comumente atribuído ao diário íntimo, passando a vê-lo, também, como instrumento de acesso ao conhecimento de si, captura de um momento histórico ou registro da memória dirigido às gerações futuras, ou ainda como exercício de escrita literária (Cf. MACHADO, 1998; MACHADO, LOUSADA & ABREU-TARDELLI, 2007).

Por meio dessas investidas, cheguei à leitura d'*O Diário de Anne Frank*: edição integral (1997), que reunia características históricas e literárias capazes de motivar qualquer

[1] Doravante, a expressão *Jornal Literário* será grafada com letras iniciais maiúsculas e em itálico.

leitor para um estudo mais aprofundado sobre a obra, lida por uma geração de leitores. Segundo Prose (2010, p.12), Anne conseguiu demonstrar na sua escrita "as qualidades romanescas do diário, a habilidade de transformar pessoas vivas em personagens, a capacidade de observação, o olho para os detalhes, o ouvido para o diálogo e o monólogo", imprimindo ao livro um valor atemporal e universal. Considerei, inicialmente, como objeto de estudo, o diário literário da menina judia, que narrou o esforço pela sobrevivência num contexto marcado pela perseguição nazista aos judeus na Holanda, durante a II Guerra Mundial, por estar esse texto na relação fronteiriça entre a matéria histórica e a ficção, área que começava a me instigar o interesse.

Mais tarde, li, por sugestão de um professor de literatura, o diário *Minha vida de menina* (1998)[2], de Helena Morley – pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, cujos escritos, publicados pela primeira vez em 1942, associam-se ao movimento da vida de uma jovem mineira, de descendência inglesa, que, transitando pelas diferentes esferas sociais, reconstitui sua vida familiar e da província de Diamantina (MG), nos anos que se seguiram à abolição e à proclamação da República. A leitura de *Minha vida de menina* me conduzia a acreditar cada vez mais na tese de que o diário pode comportar uma experiência cotidiana capaz de ser comunicável, particularmente quando a ele estão atrelados elementos do social e do literário que, na visão de Schwarz (1997), se encontram em dialética na prosa morleyana. Além disso, na perspectiva dos historiadores,

> os diários têm funcionado como preciosa fonte para um certo conhecimento das maneiras de viver, das ideias circulantes, dos signos e códigos comportamentais de determinada época, um dispositivo textual que permite também entrever os imaginários de seus a(u)tores sociais. [...]. Trata-se aqui de utilizar-se desse gênero, que pretende *contar a verdade*, mas rompendo, ao mesmo tempo, com a ideia de que um diário é meramente pessoal, ou seja, transformando-o, pelo trabalho histórico, em algo com uma amplitude social maior: enquanto relatos ou representações de vida, os diários não se atêm a meros detalhes da intimidade, mas a ultrapassam ao incluir reflexões sobre a história pública. (CUNHA, 2000, p.160, **grifo da autora**)

Em meio a essa movimentação entre o documental e o literário, a que se associava a leitura dos diários aqui referidos, o projeto inicial foi se reconstruindo, se modificando, à medida que descobri, no diálogo com professores da Pós-Graduação, a figura do escritor Ascendino Leite e do seu *Jornal Literário*, que será detalhado mais adiante e que, desde o início de sua formação, passou por indecisões de gênero. No princípio, o Jornal surgiu como

[2] Sobre esta obra, ver artigo *A Experiência cotidiana a meio caminho da ficção: reflexões sobre o gênero diário a partir dos escritos de Helena Morley* (SILVA, 2013).

anotações muito íntimas, notas sobre as paixões juvenis do escritor, às quais emitia conceitos e comentários, que foi guardando nas gavetas (PEREIRA, 2002). Posteriormente, as anotações íntimas de Ascendino estavam, segundo Menezes (1986, p.17), "pendentes de uma definição literária: Diário, Memória, Perfis, Ensaios históricos, ou Críticos Literários? Tudo isto, e mais poesia [...]". Essas oscilações, fruto de reflexões do que se consagrou ou não denominar obra literária, justificavam certamente a omissão do escritor nas obras de historiadores brasileiros ou mesmo a ausência de um estudo acadêmico sobre esse tipo de produção literária.

Para não dizer que houve um esquecimento em torno do nome de Ascendino e de sua obra no meio literário, a *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (volume II), dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa (2001, p.912), registrou um verbete dedicado ao escritor, em que consta, dentre outras informações, esta, relativa ao *Jornal Literário*: "seu jornal ou diário literário é obra de grande importância como apreciações de fatos e pessoas". A *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, editada em Portugal e lançada em Lisboa e São Paulo, também traz um verbete para Ascendino Leite, assinado por João Bigotte Chorão (1998), em que consta a seguinte declaração: "esse jornal não é alheio a reflexões de caráter intimista (aquilo que A.L. chama "euísmo"), embora prevaleça nele o registro minucioso de factos literários".

O *Jornal Literário* de Ascendino Leite ainda foi tema de alguns artigos escritos por entusiastas (escritores, ensaístas, poetas, críticos) ligados à intelectualidade no contexto paraibano. Dentre eles, destaco o ensaísta José Rafael de Menezes, que publicou, em 1986, por ocasião das comemorações dos setenta anos de existência do escritor, um instigante ensaio intitulado "O poder reflexivo de Ascendino Leite", seguido do poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, que adentrou na produção literária de Ascendino no início dos anos 80, publicando, a partir daí, vários artigos nos suplementos literários de jornais da capital paraibana, como *O Norte* e *A União.* Dois desses artigos serviram de prefácios aos *Jornais Literários* de Ascendino: o primeiro, "A paixão de ver e sentir", introduz o volume *Sol a sol nordestino* (1987) e o segundo, denominado "Ascendino Leite: eterno aprendiz de letras", consta como introdução dos livros mistos *O Princípio das Penas* (2003) e *Vulgata* (2002). Acrescente-se ainda a obra *As luzes sobre as coisas: Ascendino Leite em foco* (2008a), em que Hildeberto dedica um tópico ao *Jornal Literário* desse escritor.

Pensando nas inter-relações entre literatura e outras práticas de escrita, Todorov (2009, p.22), no livro *A literatura em perigo*, procura descentralizar o foco literário dado aos textos

que, tradicionalmente, partilham o *status* de ficção para dar voz a outras formas de expressão que tendem a estabelecer fronteiras com a literatura. Para o ensaísta:

> A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. Senti-me atraído por essas formas diversas de expressão, não em detrimento da literatura, mas ao lado dela.

Mais adiante, referindo-se aos "belos textos que lia – relatos pessoais, memórias, obras históricas, testemunhos, reflexões, cartas e textos folclóricos anônimos –" resume:

> Em outras palavras, o campo da literatura se expandiu para mim, porque passou a incluir, ao lado dos poemas, romances, novelas e obras dramáticas, o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da ficção. (p.23).

Para Souza (2002), por exemplo, no caso das biografias literárias, o fascínio que envolve sua invenção justifica-se, particularmente, pela criatividade utilizada na articulação entre obra e vida, promovendo a abertura para outras relações com o texto literário que tornam sua abordagem infinita. Para a autora, a proliferação de práticas discursivas consideradas "extrínsecas" à literatura, e de outras, como a cultura de massa, os acontecimentos do cotidiano, práticas dentre as quais estariam, também, a meu ver, o diário e outros gêneros afins da literatura intimista, representam uma das marcas da pós-modernidade. Esta, por sua vez, "traz para o interior da discussão atual, a democratização dos discursos e a quebra dos limites entre a chamada alta literatura e a cultura de massa" (p.105).

Em meio a esta variação de formas de expressão pessoal (diários, biografias, autobiografias, memórias, cartas...) às quais têm se dedicado hoje a mídia e o mercado editorial, e que estabelecem fronteiras com a literatura, o *Jornal Literário* de Ascendino Leite passou a constituir o objeto por meio do qual procuraria investigar a construção desse "ser leitor", primeiramente pelo fato de, numa primeira instância, ter tomado seu autor como objeto privilegiado de análise, tendo em vista tratar-se de um indivíduo cuja entrada e permanência no mundo da leitura deixavam entrever o perfil de um autodidata; segundo pelo fato de esse mesmo indivíduo (constituindo-se um leitor) ter desenvolvido, por meio da escrita desse *Jornal*, táticas de incursão/participação na cultura do escrito, como a marcar seu lugar de leitor e escritor na época em que viveu, falando de si, de grandes e pequenos acontecimentos da vida cotidiana e literária, incluindo aqui uma vasta referência de obras lidas. Como assinala Lahire (2004, p.X-XI),

> de alguma maneira, cada indivíduo é o 'depositário' de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências

> socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais.

Diferente d'*O diário de Anne Frank*[3], a estrutura do texto do *Jornal Literário* de Ascendino me pareceu intrigante. O primeiro exemplar de um dos volumes do seu *Jornal Literário* que li – *O Vigia da Tarde*[4] (1982) – não emplacava como texto particularmente diarista, como a alguns dava a conhecer. Ali estava o aspecto pessoal, confessional, típico da natureza do gênero intimista: "Sou vigia de mim mesmo quando a tarde começa a esboçar-se e eu tenho que seguir caminho, entre fatos, os seres e as coisas, antes de transformar-me em escravo escolhido da morte" (p.11-12), mas, por outro lado, havia também a supressão de datas, a ruptura de tópico nas entradas dos fragmentos, o enigma das letras iniciais de algum personagem (ou de alguma pessoa?), provocando um certo desconforto na leitora desavisada no campo desse gênero de texto, o que a levava ao exercício de idas e voltas ao texto, ora diminuindo ora aumentando, em alguns momentos, o interesse pela leitura.

Entretanto, foi a partir da leitura desse e de outros volumes do *Jornal Literário* de Ascendino Leite que um desafio começava a se apresentar para mim: quem era esse sujeito que se fizera leitor e de que forma se representava no seu *Jornal Literário*, levando-o à inserção no processo de cultura escrita de sua época? Com esse desafio preliminar, optei por, nesta introdução, apresentar uma breve visão do sujeito pesquisado e do *Jornal Literário*, por se tratar de um objeto que não é devidamente conhecido pela Academia e que, no caso de Ascendino, aponta para a formulação de uma imagem ou representação desse "ser leitor". Descrevo, ainda, os aspectos metodológicos da pesquisa, chegando às perguntas e à estrutura da tese.

ASCENDINO E SUA *ARCA* LITERÁRIA

"MEU diário é minha arca. /[5]Meto-me nela, com os bichos que escolhi./ Dela, estou a ver o mundo, partindo de mim mesmo. Não importa o vigor da procela; seguro me sinto sobre as águas, observando as coisas. [...]." (LEITE, 1989, p.78). É com esse tom intimista e de

[3] Para a professora Drª Sônia van Dijck, crítica literária e pesquisadora da história da literatura e da crítica genética, Anne registra seu cotidiano, suas angústias e interpretações dos fatos por meio de cartas, sendo este o gênero de discurso escolhido pela autora em seu diário. A esse respeito, ver, também, Prose (2010), que sustenta a tese do diário literário.

[4] Conservei, ao longo deste trabalho, a grafia dos títulos do *Jornal Literário* com as letras iniciais maiúsculas, como registrava Ascendino Leite, e, no caso da citação dos fragmentos desse Jornal, procedi à revisão conforme a Nova Ortografia.

[5] Adotei o uso da barra (/), na transcrição de fragmentos do *Jornal Literário*, para indicar a entrada de parágrafo.

inventividade própria que Ascendino Leite, a certa altura de um dos tomos do seu *Jornal Literário*, assinava sua existência de autor, ou melhor, seu gesto no mundo como escritor, ao fazer do conjunto de seu *Jornal Literário* um testemunho de si mesmo e do seu tempo, transformando em elementos de comunicação não só a escrita do próprio eu, mas a contemplação sobre a vida, a morte, a velhice, o tempo, os fatos cotidianos, a música, a convivência com as pessoas, a intimidade com os livros, os autores, o cultivo das amizades, tendo como centro dessas anotações a vida literária.

O condutor dessa *arca* foi, antes de tudo, um homem comum, católico, que gostava de animais, de ouvir música, de comer com os amigos, de tomar chá, para buscar inspiração para escrita, do convívio com as pessoas e, sobretudo, de literatura. Não era adepto da atividade física, dizia ter "Horror instintivo a qualquer esforço físico. Desde mocinho./ Sempre incapaz de conceber o trabalho nas durezas de execução [...]./ Meu valor operativo, na verdade, foi sempre o da imaginação. [...]" (LEITE, 1988, p.398); tampouco gostava de abordar o tema da censura, atividade em que colaborou nos anos 60, em delicada função política. Filho de Manuel Cândido Leite, um agente fiscal itinerante do Estado da Paraíba, e Anna Caçula de Figueiredo Leite, Ascendino foi o mais velho dos seis filhos do casal (Arnaldo, Antonio, Alzira e duas irmãs falecidas). O escritor nasceu em 21 de junho de 1915, em Conceição do Piancó (Paraíba), terra que caracterizou "como um pedaço de alfenim, descendo-me maciçamente pela garganta", tendo se casado com Maria Rosa Franca em 1936, com quem teve cinco filhos (Alice, Isolda, Maria das Neves, Lúcio e Vera Lúcia). Ascendino veio a falecer num dia de domingo de 2010, do mês 06, em João Pessoa, capital do Estado, tida como sua terra de adoção.

Tomando o percurso desse indivíduo no interior dos diferentes meios com os quais se relacionou, não é difícil perceber que o hábito individual que construiu como leitor de inúmeras obras e escritor de um *Jornal Literário* esteve atrelado ao mundo social e literário de que participou (in)formalmente. De estudante secundarista do Liceu Paraibano, nos idos de 30, Ascendino transformou-se, por iniciativa própria, num autodidata[6], num leitor apaixonado pelos livros e pela cena literária da época em que viveu. Inicialmente na João Pessoa dos anos

[6] Segundo Hébrard (2011, p.39), "[...] o autodidata testemunha não somente a possibilidade de aprender a ler, no sentido mais pleno do termo, mas também a necessidade de contar essa aprendizagem para dar-lhe a sua verdadeira dimensão, a de uma vitória contra a inércia das posições culturais, e, desse modo, torná-la irrevogável.[...]". Essa aprendizagem revela-se, em muitos casos, através da autobiografia, gênero que exige, por parte de seu público, "o reconhecimento da autenticidade do dizer, até mesmo a do homem que o sustenta com o seu 'eu'" (p.40), conforme mostrou Lejeune. O *Jornal Literário* de Ascendino Leite, provido de características autobiográficas, esboça uma movimentação cultural que tende a perfilar esse autodidata, à medida que seu autor não se esquivava de emitir opiniões próprias sobre a postura de determinadas instituições literárias ou de pessoas ligadas ao seu meio cultural, ou ainda de externar apreciações e julgamentos em torno das obras que lia.

30, trabalhando como repórter nos jornais *O Norte* (1908), *A Notícia* (vespertino de curta duração), como colaborador do órgão católico *A imprensa* e como diretor, em 1940, de *A União* – órgão oficial da imprensa que exercia papel influente na divulgação da intelectualidade paraibana. Ainda, na Paraíba, foi o idealizador da revista semestral de poesia "Augusta", lançada no ano 2000, cujo título homenageia a memória do poeta Augusto dos Anjos, insinuando-se, ao mesmo tempo, como um órgão de excelência, ao contemplar preferencialmente "a poesia, transfigurada em palavras, como sua condição mais intrínseca" (BARBOSA FILHO, 2000, p.7).

Depois, no Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, cidade onde morou por alguns anos – o que lhe rendeu o título de um dos seus *Jornais Literários – O Velho do Leblon...* (1988), Ascendino trabalhou como jornalista, redator-chefe de jornais e colaborador de suplementos literários, atuando no *Diário de Notícias* (1930), *Diário Carioca* (1928), *Jornal do Brasil* (1891), *A manhã* (1925), e depois como dirigente da sucursal do grupo *Folhas* (1921), com três edições diárias (*Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*), em 1942. Convém assinalar, segundo Barbosa (2010, p.206), que "[...] os tipógrafos e jornalistas do século XX eram homens de letras, comprometidos com o saber, que reconheceram rapidamente o poder da imprensa e sua força na divulgação do conhecimento.".

Como jornalista, Ascendino realizou uma série de entrevistas com escritores brasileiros, como Dinah Silveira de Queiroz, Otávio de Faria, Cyro dos Anjos e Guimarães Rosa. Esta última resultou na publicação do livro *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*, organizado por Sônia Maria van Dijck Lima (2000)[7], em que a pesquisadora reatualiza uma reportagem do escritor, publicada originalmente no diário *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1946, com o título "Arte e céu, países de primeira necessidade...".[8] Ascendino escreveu, ainda, artigos para os suplementos das revistas *Vamos Ler* e *Leitura*[9], tendo publicado ali (no Rio de Janeiro) os primeiros volumes do seu extenso *Jornal Literário*. Este é compilado, normalmente, sob o formato de um livro de bolso, sem, no entanto, se constituir

[7] Nesse livro, Sônia van Dijck parte da gênese de *Sagarana* e da recepção que essa obra obteve desde sua primeira publicação, chegando à transcrição da entrevista, resultante do encontro entre Guimarães Rosa e do jornalista Ascendino Leite, num texto que se distancia da objetividade jornalística para dar vazão ao diálogo entre dois intelectuais, como salientou van Dijck (2000).

[8] Ver resenha publicada no *Estado de Minas*, na coluna *Pensar*, datada de 22 de agosto de 1998, intitulada "Uma entrevista de Guimarães Rosa: chaves de Sagarana", escrita por Constância Lima Duarte, doutora em Literatura Brasileira pela USP e professora aposentada pela UFRN.

[9] A primeira foi considerada a mais importante revista de letras, de difusão literária, publicada no Brasil entre os anos de 1935 a 1948, pela editora *A Noite/SA*, do Rio de Janeiro. Ilustrada e moderna para a época, circulava semanalmente, às quintas-feiras, e tratava de temas variados, além da literatura, como política, moda feminina, notícias de guerra, assuntos de interesse doméstico. (ALMEIDA, 2011). A segunda, *Leitura*, era uma revista crítica e bibliográfica brasileira, instituída pela Companhia Editora Leitura, do Rio de Janeiro, tendo seu início em 1942, com término em 1968.

uma reimpressão de um livro já editado, já que seus volumes representam edições originais. Alguns contêm um número substancial de páginas, como é o caso deste exemplar (Figura 1) de *O Vigia da Tarde* (1982), com 522:

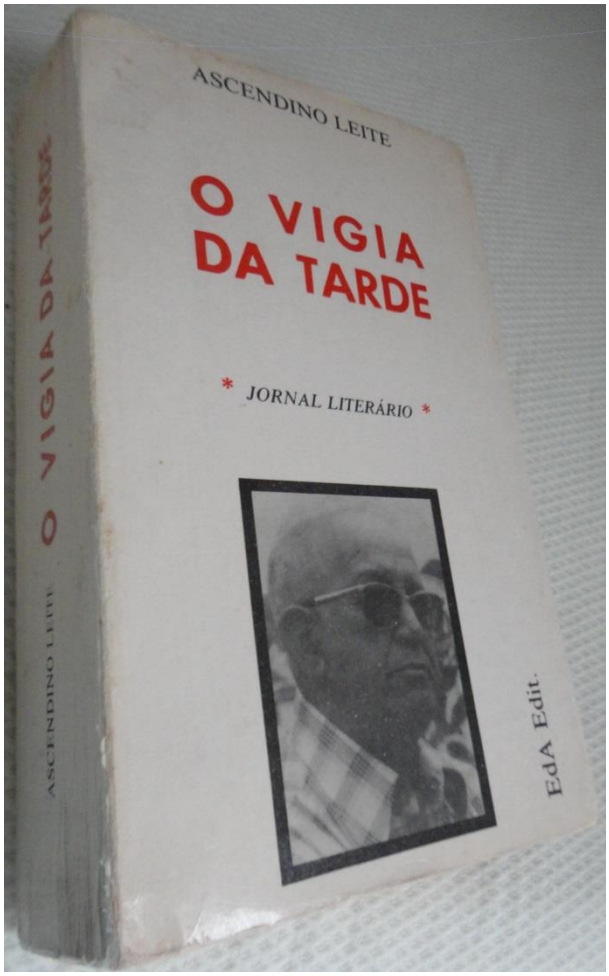


Figura 1 – *Jornal Literário O Vigia da Tarde* (1982)

Ao todo, o *Jornal Literário* soma um conjunto de livros com mais de vinte títulos, que têm início com a publicação de *Durações* (que não segue o padrão de formato acima), lançado em 1963, pela editora Vozes, do Rio de Janeiro, e prossegue com sua reedição pela editora Itatiaia, em 1966, enfileirando três livros compilados em um só, sob o título de *As Durações – Passado Indefinido, Os Dias Duvidosos* e o *Lucro de Deus* (1966). A esta reedição de *Durações* seguem outros volumes do *Jornal Literário*, que se subdividem da seguinte forma:

a) **os intitulados de *Jornal Literário***: *A Velha Chama* (1974), *As Coisas Feitas* (1980), *Visões do Cabo Branco* (1981), *O Vigia da Tarde* (1982), *Um Ano no Outono* (1983), *Os Dias Esquecidos* (1983), *O Jogo das Ilusões* (1985), *Os Dias Memoráveis* (1987), *Sol a Sol Nordestino* (1987), *O Velho do Leblon ou Novo Retrato do Artista quando Velho* (1988), *Momentos Intemporais* (1991), *Na Ciência dos Fatos* (2007);

b) **os que integram fragmentos de um *Jornal Literário***: *Os Pecados Finais: Jornal Literário*. Fragmentos (1997), *Sementes no Espaço (1938-1988) I*: *fragmentos de um Jornal Literário* (1988), *Sementes no Espaço* (*1938-1988) II: fragmentos de um Jornal Literário* (1989), *Visões e Reflexões do 3º Céu* (1993), *Euísmos (*1997*), Surpresas na Partida*: *Jornal Literário*. Fragmentos (1999), *As Doces Vozes do Silêncio (*2000*), Caracóis na Praia* (2001), *Os Pesares* (2004), *As Pessoas* (2004); e

c) **os livros mistos** – *Vulgata* (2001) e *O Princípio das Penas* (2003) –, que se bifurcam na forma da prosa ou do verso e se inserem no corpo do *Jornal Literário*.

A publicação dos volumes do *Jornal Literário* que datam dos anos 70 e 80 foi realizada pelas editoras do Rio de Janeiro (Livraria São José, Cátedra e EdA Edit) e os demais Jornais que datam dos anos 90 e 2000 foram publicados pela editora Ideia, de João Pessoa (PB). Sua última publicação compreende uma 3ª edição de *Os Dias Memoráveis*, intitulada *Biografia Crucial ou Os Dias Memoráveis*: *Jornal Literário*, publicada pela editora Ideia, no ano de 2008.

DESCRIÇÃO DAS FONTES

Desse amplo conjunto do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, cujos títulos me chegaram às mãos garimpando alguns sebos culturais, selecionei como fonte principal para esta pesquisa a antologia *Sementes no Espaço*: *fragmentos de um* Jornal *Literário* (volumes I e II).[10] São anotações que cobrem os anos de 1938 a 1988, publicadas, respectivamente, nesses dois volumes, em 1988 e 1989, e organizadas pelo próprio escritor.[11] O título *Sementes no Espaço* conduz a pensar a vida a partir de nós mesmos, da experiência íntima, tomando por base o eu como objeto privilegiado de reflexão:

> COMO conceber-se que se possa ver a vida de fora, se estamos dentro dela e por ela envolvidos, antes, agora e para sempre?
> O essencial é enchê-la de tudo e de nós mesmos.
> Somos a sua semente predileta.
> E o melhor é tomá-la como a única verdade, que só pode ser vista por dentro, onde cessam os matizes. [...] (LEITE, 1988, p.12)

[10] Para identificação desta antologia ao longo do texto, utilizei a seguinte designação: *Sementes no Espaço* (1938-1988) *I* e *II*, quando me referi às duas antologias; *Sementes no Espaço (1938-1988) I* ou *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, quando remeti a cada uma em particular.

[11] A ideia de compilação dos volumes do seu *Jornal Literário* em uma só obra era um dos objetivos do escritor, que temia a dispersão. Assim, pensava em organizar sua obra memorialista reunindo, por exemplo, os volumes *Os Dias Duvidosos*, *Os Dias Esquecidos* e *Os Dias Memoráveis* em um só livro, que intitularia de *Os Dias* – projeto que não chegou a concretizar.

A antologia está organizada da seguinte forma: o primeiro volume compreende fragmentos dos *Jornais Literários Passado Indefinido, Os Dias Duvidosos*, O *Lucro de Deus* (1966), *A Velha Chama* (1974), *As Coisas Feitas* (1980), *Visões do Cabo Branco* (1981), *O Vigia da Tarde* (1982) e *Um Ano no Outono* (1983), perfazendo um total de 524 páginas; o segundo volume comporta fragmentos dos Jornais Literários *Os Dias Esquecidos* (1983), *O Jogo das Ilusões* (1985), *Sol a Sol Nordestino* (1987), *Os Dias Memoráveis* (1987) e *O Velho do Leblon ou Novo Retrato do Artista quando Velho* (1988), contabilizando 424 páginas. Atente-se para as expressões sugestivas dos títulos, formados por substantivos e adjetivos, o que fez Josué Montello registrar, em seu *Diário da noite iluminada* (1994, p.322), um comentário sobre a ambiguidade de um deles – *A Velha Chama* (1974) –, a respeito do qual lhe advertiu uma amiga:

> Somente dei por seu duplo sentido quando uma de minhas amigas, também francesa, a velha Georgette, tirou o volume da estante, já devidamente encadernado, e me perguntou, lendo-lhe o título:
> – Quem é que a velha está chamando?
> Tive de explicar-lhe que, no caso, chama não é verbo, mas substantivo, significando luz, flama, labareda.

Do ponto de vista do conteúdo, nota-se que o teor das anotações presentes nos textos dos dois volumes dessa antologia obedece a uma variedade de temas (uma cena do cotidiano, uma questão existencial, uma personagem fictícia, um pensamento construído, um aforismo, uma reflexão filosófica ou estética, um aspecto da vida cultural, notas sobre a leitura e a escrita, as amizades, a escrita e revisão do próprio *Jornal Literário*, etc.), tópicos que estão sempre convergindo para a discussão em torno da vida literária, quando não para marcar a ideologia estética do autor.

Por essa razão, optei por trabalhar com os temas que se apresentavam recorrentes ao longo da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I e II* (matéria do terceiro capítulo desta tese), de modo que essa seleção temática pudesse apontar para o anseio do escritor de unir vida e arte e para a maneira como a formação de seu *Jornal Literário* se associava à construção de um leitor ativo, que participava da(s) cultura(s) escrita(s) de sua época e lugar.

A escrita dos fragmentos relativos aos "gêneros do eu", assim como as anotações expositivas ou críticas, dão conta, nesta antologia, da figura de um sujeito ávido pela leitura de romances, textos dramáticos, poemas, biografias, autobiografias, diários, memórias, confissões, pensamentos, ensaios e pelo desejo de viver para escrever (ou de escrever para viver), apoiado na convivência e no contato com escritores e críticos literários no período em que esteve no Rio de Janeiro e na influência das inúmeras leituras que realizou ao longo de

sua vida. Desde a bíblia, os títulos relativos aos autores da literatura brasileira (como José Américo, Alencar, Machado de Assis, José Lins do Rego, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Drummond, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Jorge Amado etc. – entre outros, críticos literários, e autores esquecidos, ou fora do círculo da Academia Brasileira de Letras), até aqueles da literatura estrangeira, incluindo romancistas, poetas, dramaturgos, pensadores e filósofos (Zola, Shakespeare, Molière, Stendhal, Tolstoi, Gogol, Pascal, Montaigne, Goethe, Flaubert, Valéry, Mounier, Mauriac etc.). Acrescente-se, a esse amplo roteiro bibliográfico, a referência à leitura de diários íntimos, registrada por Ascendino com certa recorrência na antologia em foco, como o *journal* de Henri Frédéric Amiel, Benjamim Constant, dos irmãos Goncourt (Edmond Goncourt e Jules de Goncourt), de Katherine Mansfield e o de André Gide, de quem seu *Jornal Literário* recebeu forte influência, como se verá no segundo capítulo.

Outras fontes utilizadas na pesquisa partiram dos arquivos pessoais de Ascendino Leite, como folhas de blocos avulsas, cadernos e agendas, doados à pesquisadora na fase de desenvolvimento do trabalho, pela ex-secretária do escritor, Ivonete Belarmino de Sousa, que ele conhecera nos anos 80, na Paraíba, e com quem estabeleceu uma relação de convivência, amizade e trabalho durante 16 anos, até a morte dele, em 2010. Ivonete era responsável por tudo que dizia respeito ao homem e ao escritor (Figura 2): da empregada ao médico, da revisão ao lançamento dos livros. "Mãe, irmã, amiga e filha, os seres em que se multiplica", foi como definiu a secretária em um dos registros do seu caderno de 1994, motivado pela leitura de uma reflexão escrita por Ivonete em um pedaço de papel, depositada sobre sua escrivaninha, e posteriormente colada nesse caderno, com os seguintes dizeres: "– Se um dia você for embora,/ vá lentamente; como a noite/ que amanheceu sem que a gente saiba/ exatamente como aconteceu. I.B.S", a que respondeu o escritor: "Mas... se for sorte morrer, eu quero mesmo/sair em disparada/a ter de sofrer vendo-te atrás/ e saber que assim o mundo acaba.".

Figura 2 – "Eu e minha dedicada secretária Ivonete" Acervo: arquivo pessoal do escritor.

No bilhete a seguir, também registrado em um dos seus cadernos, em que demonstra estar se sentindo muito só, Ascendino dirige-se a Ivonete como a lhe dar conta da necessidade de sua presença, para dirigir-lhe os movimentos no cotidiano e na vida literária:

> Ivonete, sentindo muito estar só a toda hora; porque não conto com você; porque careço de você nas coisas mais ligadas a minha vida como um todo. Desde a mais trivial, o existir comum, do deitar ao levantar, do acordar e do adormecer. Antes desta viagem já era assim que a via. Agora, sua falta me inutiliza, até no ato de pensar, de ler, de escrever. E que falta me faz! Sinto-a, até das suas filhas (três), tão meigas, tão carinhosas, tão chegadas a mim e tão por mim amadas.
> É isso que me sustenta, já lhe disse tantas vezes e volto a repetir com o máximo de lucidez e de estima. Por suas virtudes incomparáveis, suas qualidades de mãe, de amiga, de esposa; e, no meu caso, de verdadeira irmã, como tem sabido ser desde que a conheci, como se me fora trazida por obra do Espírito Santo [...]. (Nota do caderno de 1996)

O escritor mantinha uma pequena biblioteca em um dos quartos da casa de Ivonete, onde morou e passou os últimos anos de sua existência. Foi lá onde encontrei um número significativo de livros: a maior parte volumes do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, visto que outras obras (incluindo as de autoria pessoal) já haviam sido doadas a algumas bibliotecas ligadas a órgãos públicos da capital paraibana, como escolas estaduais, igreja, centro cultural[12], Fundação Casa de José Américo (FCJA), Instituto Histórico e Geográfico

[12] Para um estudo sobre a biblioteca do escritor na Paraíba, cito os seguintes espaços onde o acervo se encontra distribuído: Biblioteca Professor José Martins Cavalcanti, Biblioteca Pública do Estado da Paraíba (atualmente denominada Juarez da Gama Batista), Colégio Lyceu Paraibano, Colégio Marista Pio X, Escola José Lins do Rego, Escola Estadual Prof. Orlando Cavalcante Gomes, Igreja São Gonçalo, Centro Social Padre Dehon, Zarinha Centro de Cultura, além da FCJA e do IHGP.

Paraibano (IHGP). Alguns desses livros do acervo pessoal do escritor já estavam encaixotados, outros espalhados pelo quarto, esperando organização. Além de alguns textos avulsos (notas, discursos escritos, cartas recebidas), cds, quadros, fotografias, recortes de jornal, cadernos, agendas e uma escrivaninha de madeira (Figura 3), onde costumava ler e escrever, sobrecarregada com pertences de seu arquivo pessoal, dotado de aura biográfica, como a informar a situação de mudança.

Figura 3 – Escrivaninha de Ascendino Leite. Foto: Célia Ribeiro.

Segundo Ivonete, esse material seria destinado à Fundação Casa de José Américo (órgão mantido pelo governo do Estado da Paraíba), onde se encontra atualmente o epistolário do escritor e parte de sua biblioteca[13], estimada em 2,5 mil volumes, e ao IHGP, para seleção ou descarte, conforme a conveniência do acervo, sendo que muitas de suas obras restantes seriam enviadas para bibliotecas de outras escolas da capital, sugestão dada por um amigo de Ascendino. Ao trabalho com a documentação escrita, acrescentem-se, ainda, como fonte desta pesquisa, os jornais, revistas e suplementos com os quais Ascendino colaborou, considerando particularmente aqueles a que tive acesso e que considerei representativos em termos de atuação do escritor, e a memória de Ivonete Belarmino, calcada nos depoimentos orais que me transmitiu sobre o sujeito pesquisado e seu *Jornal Literário*, incluindo-se nesse grupo outras pessoas ligadas à rede de sociabilidade do escritor: amigos, escritores, críticos literários.

De acordo com Marques (2012), as práticas arquivistas, tais como guardar papéis, documentos, armazenar recortes de jornais e revistas, ordenar originais manuscritos ou

[13] A outra parte de sua biblioteca particular – cerca de nove mil volumes – foi doada pelo escritor ao Complexo Bibliotecário da Universidade Católica de Petrópolis (RJ), da qual a filha Maria das Neves foi diretora. Os livros de sua autoria integram ainda as bibliotecas da Academia de Letras da Bahia e da Fundação Casa de Jorge Amado (Cf., a esse respeito, GILFRANCISCO, 2002).

datiloscritos de seus textos, classificar a correspondência, preservar objetos pessoais, obras de arte, montar álbuns de fotografias, formar uma biblioteca – entre outras ações realizadas pelo indivíduo que constitui seu arquivo pessoal –, denunciam tanto o gesto seletivo e classificatório quanto a sua intencionalidade ao fazê-lo. De forma que esse arquivamento, por parte do escritor, apresenta-se como um duplo movimento:

> de um lado, arquiva documentos e papéis, constituindo seu arquivo pessoal e de trabalho; de outro, ao fazê-lo, ele também se arquiva. Ou seja, ele monta imagens de si, preservando a memória de sua formação intelectual, de relações afetivas e profissionais. Estamos assim diante de práticas de arquivamento do eu que traem uma intenção autobiográfica, um movimento de subjetivação. (MARQUES, 2012, p.73)

Ao pensar no arquivo pessoal privado como fonte autobiográfica, Oliveira (2009) admite que nesse confronto pode estar implicado o fato de, na acumulação de cada arquivo pessoal, tornar-se "imortal" a história de um indivíduo em todas as suas sutilezas, além de a documentação constitutiva do arquivo privado pessoal também poder funcionar como uma fonte confessional de seu acumulador, permitindo sua consulta e interpretação, através da assinatura e/ou autorização deste. Nesse sentido, Oliveira considera "o acumulador de seus papéis uma espécie de autor de si mesmo, pois, ao acumular documentos, também elimina outros, deixando um itinerário pelo qual gostaria de ser reconhecido ou visto" (p.44-45). No entanto,

> reconstituir uma autobiografia, em um arquivo privado pessoal,é, muitas vezes, tornar visível o invisível, constituir como objeto de conhecimento uma espécie do outro absoluto, um trabalho cujo mérito consiste em neutralizar a própria intervenção dos lapsos temporais, observando as pretensões dos ditos construindo a escrita de si, inicialmente através do olhar etnológico, aqui entendido como um olhar que busca reconstruir as memórias daquilo que ainda não foi expresso pela escrita, mas que jaz materializado em seus mais variados suportes, nostalgicamente à espera do interpretante. (OLIVEIRA, 2009, p.45)

Tal aspecto será considerado no tratamento dado à análise dos suportes do intimismo literário de Ascendino Leite, abordados no primeiro capítulo, aos quais associo a imagem do leitor.

DO LEITOR AO CRÍTICO LITERÁRIO EM *SEMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I* E *II*

É a construção de Ascendino como "ser leitor", muitas vezes com vocação de crítico literário, que está representada na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. Um homem que foi capaz de fazer-se por si, a partir de pontos de apoio no campo de produção

cultural do outro, com uma força intelectual para a leitura e para a escrita movida pela curiosidade e sensibilidade com que observava a existência, o cotidiano, definido como "aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada", como observou De Certeau (1996, p.31).

Em um artigo denominado "A Velha Chama", que dá título a um dos *Jornais Literários* do escritor, e que faz parte do volume I da antologia em questão, Rachel de Queiroz traça um perfil de Ascendino Leite pelo viés do homem que vivia da necessidade da leitura, até como forma de acalmar a inquietude dos seus tumultos interiores. A certa altura do seu texto, a escritora, referindo-se ao autor de *A Velha Chama* (1974), o caracterizou da seguinte forma:

> [...] um espécime do perfeito animal literário [...]. É um homem que nasceu para os livros, vive para os livros, e dos livros tira sua esperança, seu conforto e talvez suas melhores alegrias. Pode ele estar afundado na maior depressão e amargura (e como tem capacidade de sofrer e punir-se!) mas de repente encontra uma fina palavra em um autor amado, um verso, uma frase e ei-lo consolado e quase triunfante, pairando acima da crise com asas novas. (QUEIROZ apud LEITE, in: Prefácio - *Momentos Intemporais*, 1991, p.7-8.)

Se por um lado Ascendino revelou-se para a escritora Rachel de Queiroz como "um espécime do perfeito animal literário", ou, para usar a metáfora do crítico literário Hildeberto Barbosa Filho – "uma traça viva" –, um devorador de livros; por outro, foi também um homem do domínio público, alvo de críticas por chefiar o Serviço de Censura de Diversões Públicas do governo Carlos Lacerda, em 1960, o que deve, contudo, ser compreendido como um episódio factual, circunstancial, situado dentro de uma conjuntura particular da época, e que não pode suplantar a trajetória do escritor, tampouco deve o fato deslocar-se para uma aversão ou preconceito em relação ao autor e à sua obra.

Pois bem, por essa época, a escrita autobiográfica ganhava evidência em vários países do mundo, inclusive no Brasil, com o crescimento da publicação de diários femininos (LACERDA, 2003) nos anos que se seguiram. Foi também por esse período que se iniciava a publicação do *Jornal Literário* de Ascendino, com o lançamento de *Durações* (1963), pela editora Vozes, referido anteriormente, cujo surgimento foi explicado pelo escritor da seguinte forma:

> Um dia encontrei Frei Ludovico, que havia assumido a direção daquela editora católica, e ele me perguntou se eu não tinha nenhum inédito. Bons tempos, em que um editor pedia original ao escritor! Pus em ordem umas notas soltas que vinha escrevendo, principalmente sobre literatura, ele gostou e publicou. **Durações** vendeu pouco mas foi bem recebido pela crítica, o que me animou a tornar mais sistemáticas as minhas anotações, antes feitas aleatoriamente, em qualquer pedaço de papel. (DAVID, 1963, p. 3)

De fato, depois de *Durações* (1963), seguiu-se a publicação de novos volumes do que o escritor denominou *Jornal Literário* (conforme foi descrito na seção anterior), um Jornal que se voltava para as reflexões de Ascendino sobre o universo literário e cultural de uma época, incluindo aí posturas e avaliações, nem sempre simpáticas, envolvendo o nome de escritores e obras do cânone brasileiro, como Machado de Assis ("Toda a obra de Machado de Assis: um esforço laborioso para ocultar o negro que havia nele", dizia), e Guimarães Rosa, com as inovações de vocabulário típicas de sua ficção, às quais Ascendino resistia:

> LENDO no *Grande Sertão*: *Veredas* páginas que me produzem uma espécie de fascinação negativa, isto é, a impossibilidade quase intolerável de aceitar as hipóteses literárias que Guimarães Rosa pretende trazer, senão ao romance brasileiro, pelo menos à sua própria ficção.
>
> Quero conter-me, quero admirar, quero dizer que há belezas aqui que só alcanço mediante a escalada, meio às cegas, pelas difíceis condições de suas estruturas sintáticas. [...].(LEITE, 1988, p.59)

Não se pode dizer que posturas como essa não possam corresponder à livre expressão do pensamento, através do uso deliberado que qualquer indivíduo pode fazer de sua opinião, ou, neste caso em particular, revelar o lado sensível, observador e crítico do escritor frente a uma obra. Porém, para além desse raciocínio, está claro que a imagem de leitura exercida pelo texto de Guimarães não capturou o leitor de veia clássica que foi Ascendino, por causa das investidas literárias do autor de *Grande Sertão*: "Procurei-lhe um estilo: não havia". Trata-se, na verdade, de um antagonismo de gosto entre dois escritores de concepções literárias e expectativas de leitura divergentes (MARTINS, 1995). Decorre, daí, que um dos prazeres da leitura focalizado por Barthes (1984, p.35-36), a seguir, acaba *não* se concretizando para Ascendino em relação ao texto de Rosa.

> [...] o leitor tem, com o texto lido, uma relação feiticista; sente prazer com as palavras, com certas palavras, com certos arranjos de palavras; desenham-se no texto praias, ilhas em cujo fascínio o sujeito se abisma, se perde: tratar-se-ia de um tipo de leitura metafórica ou poética; para disfrutar (sic) deste prazer, será necessário uma longa cultura de linguagem? Não é certo: mesmo a criança muito jovem, no momento do balbucio, conhece o erotismo da palavra, prática oral e sonora oferecida à pulsão [...].

Ascendino não poupou palavras para referir-se ao pouco acolhimento dado a seu *Jornal Literário* e, particularmente, a sua função de escritor, sobretudo quando sua literatura é avaliada pela voz de um editor, como demonstra este fragmento de *Sementes no espaço (1938-1989)I*:

> DO MEU jornal literário venderam-se, em três meses, duzentos e poucos exemplares, saídos lentamente.

> É informação filtrada do editor não para efeito de cálculo de direitos autorais mas para reduzir-me ainda mais a insignificância literária.
> Terão sido computados aí os exemplares autografados na reunião de Belo Horizonte?
> Justo é reconhecer a nenhuma notoriedade do autor, o pouco acolhimento em geral dispensado a esse tipo de literatura.
> Neste caso, me é mais que natural ajustar-me às contingências do anonimato. Afinal, minha literatura não é artigo de consumo mas uma espécie de prestação de serviço [...]. (LEITE, 1988, p.272-273).

Ao considerar que seu *Jornal Literário* não se constituia um artigo de consumo, o escritor agia como se esse texto tivesse significado por si mesmo, quando , na verdade, são as leituras que o constroem e, nesse caso, a do editor é uma delas; outra é a do autor. Como assegura Chartier (1990, p.59), o consumo cultural existe e é "ele próprio tomado como uma produção, que evidentemente não fabrica nenhum objeto, mas constitui representações que nunca são idênticas às que o produtor, o autor ou artista, investiram na sua obra". A definição de consumo cultural de massas, de De Certeau (2009, p. 39), tomada num sentido geral, ilustra, segundo Chartier, esse raciocínio:

> [...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de "consumo": esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. [...]. **(grifo do autor)**

Ora, essa visão aplica-se, inclusive, ao teor do conteúdo do texto de Ascendino, já que o escritor, logo em seguida, dirá: "Além do mais, inexistem em meu jornal as situações excitantes, o suspense, o fantástico, a atração da anedota, o incentivo erótico. Quando muito não passa do simples relato de uma vida comum entre muitas outras incomuns." (LEITE, 1988, p.273). Trata-se de uma produção de "consumo" que se faz notar pela arte, sutil, de utilizar, manipular e alterar os produtos que são impostos a uma produção própria (sobre a qual De Certeau pergunta: "Onde teria o seu lugar?").

Ascendino recusava-se a abordar em suas obras os incidentes sexuais, mesmo presenciando, na década de 60, a "explosão bibliográfica do erotismo minucioso de Antonio Calado e de Jorge Amado" (MENEZES, 1986). Entretanto, não está em discussão aqui o posicionamento do escritor Ascendino Leite frente ao que pensava sobre assuntos ligados à natureza sexual ou instintiva do ser humano, como a homossexualidade (que combateu com

veemência)[14], ou aos seus desafetos[15], mas a perspectiva do *ser leitor* na construção de um *Jornal Literário* que representava para ele uma obra vinculada à própria vida, tendo como sustentação a integração absoluta da literatura ao seu cotidiano, como assim destacou Villaça, em uma resenha crítica sobre o *Jornal Literário A Velha Chama*, publicada no *Jornal do Brasil* (1974, p.4):

> [...] A vida de Ascendino foi apenas literatura, uma dedicação de todas as horas, uma espécie de obcessão, ou de opção diante da vida [...]. Se Ascendino não fez da arte uma religião, como foi o caso de Proust, soube tirar dela um culto sereno e lúcido de todos os dias, depois do culto eucarístico [...].

Assim, se no *Jornal Literário* havia uma predisposição do escritor para falar de assuntos da ordem da moral, isso se dava, na maioria das vezes, em função da arte, isto é, através da avaliação crítica de uma obra ou da maneira de pensar de um escritor, contudo, sem deixar de transparecer para o leitor os valores culturais, políticos e religiosos em que se ancorava sua visão de mundo. É o que se faz notar neste fragmento, em que o escritor registra uma nota crítica sobre o livro *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, lançado em 1975, com publicação e circulação proibidas, um ano depois, sob a alegação de conter "matéria contrária à moral e aos bons costumes":

> *Feliz Ano Novo*, (Rubem Fonseca). Infeliz! Infeliz! Imerecido para tudo. Para o autor, inclusive – meu vizinho aqui da frente, e um bom cidadão.
> Pena escrever essas coisas.
> Ideias, imagens, situações: como vê-lo nesse "couche-tout-nu" silencioso, sem complicações com a família e talvez consigo mesmo?
> Meio dia.
> Vivo de um certo moralismo flexível. Posso perceber a obra de arte enraizada nas sensações.
> A perversão faz parte da estrutura humana. Mas o espírito deve ser superior à atração desnaturada do instinto.
> Um pequeno livro, um texto menor que me faz mal.
> É isso.
> Deixo de o ler.
> Por quê? Pela mediocridade própria do seu realismo.
> Não serve sequer à física da arte literária. (LEITE, 1988, p.394)

---

[14] Em um dos fragmentos de *Euísmo* (1977, p.138), *Jornal Literário* que não consta na antologia em estudo, fez o seguinte registro: "Os lados atraentes da ignomínia: sua semelhança com os brilhos do prazer, sempre movido, ele próprio, pela excitação de fundo místico.
São Sebastião, padroeiro dos homossexuais...
Ante a visão do seu corpo, toda uma gama sensual de provocações martirizantes, capazes de grandes liberações eróticas, orgásticas, furtivas ou febris.
Tinha de ser. Pois.
– O pederasta é um canibal às avessas – e que despenca na camada mais baixa, o mais exigente nas perversões da paixão."

[15] "Vi Odylo Costa Filho, com seu sorriso indefinível.
Desconfio que não me faz por boa amizade; que participa, sem muita coragem, do ódio antropofágico em que me assam os comunistas, os pederastas e os esquerdistas dos suplementos literários [...]." (LEITE, 1988, p.236)

Nesse registro, a leitura do livro em questão é vista como perniciosa, um perigo para a alma (“A perversão faz parte da estrutura humana. Mas o espírito deve ser superior à atração desnaturada do instinto. Um pequeno livro, um texto menor que me faz mal.”), porque coloca em risco a moral, ao mesmo tempo em que a nota crítica denuncia a opção estética do escritor: “[...] Vivo de um certo moralismo flexível. Posso perceber a obra de arte enraizada nas sensações. [...] Deixo de o ler. Por quê? Pela mediocridade própria do seu realismo. [...]” Sob esse ângulo, Abreu (1999, p.15) esclarece que:

> O repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos [...].

O fato é que a vocação de Ascendino para uma existência dedicada à literatura foi de tal forma significativa que, numa das referências feitas aos filhos, o Velho do Leblon declarou:

> [...] – Meus filhos não me leem!
> Dispensam-me pelo menos de uma possibilidade de orgulho, por outra de um desprazer de que se privam.
> Mas bem que os desejaria mais abnegados. (LEITE, 1989, p.315)

Havia, assim, uma percepção de que faltava aos filhos o entendimento ou talvez a comunicação necessária para reconhecer no pai (Ascendino) uma existência tomada pelo desejo de estar com os livros. Barthes (1984, p.35) explica que na leitura desejante a relação do sujeito-leitor com o seu objeto implica uma identificação com o *sujeito amoroso*, aquele que “desinveste-se do mundo exterior” e, como leitor, é “inteiramente deportado sob o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em cuidar de sua relação dual com o livro (isto é, com a Imagem), fechando-se a sós, colado a ele, *de nariz em cima dele* [...]” **(grifo do autor)**. Esta era, literalmente, a maneira de ler de Ascendino, segundo informou sua ex-secretária Ivonete Belarmino, prática que discuto no terceiro capítulo.

A representação de Ascendino como *ser leitor* em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* conduz a uma prática criativa que visa dar sentido à vontade de um homem de deixar inscrito seu modo de conceber a vida, de estar consigo mesmo e com os outros por meio da literatura. Numa comparação com o mito de *Robson Crusoé*, de Daniel Defoe (1996), diria que o gesto de Ascendino assemelha-se ao trabalho *escriturístico* desse personagem, à medida que este, ao decidir escrever um diário, movimenta-se no sentido de querer escrever a sua

ilha, deixar escrito, registrado um "mundo" por ele fabricado e, assim, garantir "um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas" (DE CERTEAU, 2009, p. 206). No caso do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, essa prática escriturística se dará não em função da transformação de um mundo "natural", como ocorre no romance de Defoe, mas sob a arte de aproveitar a ocasião para gerir uma interpretação sobre os produtos impostos ou recebidos.

Essa postura deve, no entanto, ser entendida com puro gesto de inscrição (e não de decodificação) numa determinada época, já que, de acordo com Barthes (1984, p.51), "[...] não existe outro tempo para além da enunciação, e todo texto é escrito *aqui* e *agora*. É que escrever (ou segue-se que) escrever já não pode designar uma operação de registro, de verificação [...]." **(grifo do autor)**.

A escrita do *Jornal Literário* de Ascendino Leite – representada aqui pela antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* – repercutiu positivamente na opinião de muitos intelectuais brasileiros, como Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), Afrânio Coutinho, Josué Montello, Antônio Olinto, Cassiano Ricardo, Álvaro Lins, Manuel Bandeira, José Américo de Almeida, Jorge Amado, entre outros, pelo modo como o escritor operou com a intimidade de si mesmo, a partir de um largo olhar sobre a vida, provocando, como ele mesmo confessou, "uma inquietude moral mas sobretudo intelectual" em relação ao pensamento literário e cultural de uma época, como traduz esta opinião de Josué Montello:

> Um jornal literário nas proporções em que Ascendino Leite construiu o seu, ao longo de algumas décadas de vida vigilante, deixa de ser aquela verdade em detalhe (...) para ser um vasto painel de história social, no seguimento da vida vivida pelo escritor. (Josué Montello, na "orelha" de *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, 1989)[16]

A escrita intimista de Ascendino Leite também encontrou um discípulo – o poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho –, que acolheu a natureza literária e reflexiva do gênero, publicando um *Jornal Literário* próprio, que já se apresenta no seu terceiro volume, *As coisas incompletas* (2013)[17], cuja matéria refere-se aos fragmentos escritos nos anos de 2008 a 2012. Para Barbosa Filho, esse título

> como que dialoga com *As coisas feitas*, do meu mestre Ascendino Leite, pelas ressonâncias significativas, complementares e antagônicas, que os vocábulos carregam em seu corpo móbil. Na verdade, essas coisas, as incompletas, mais que as feitas, como que procuram indagar e refletir acerca da precariedade de tudo. (p.15)

[16] Outros comentários e/ou artigos podem ser lidos através de sua publicação em jornais da época ou nas orelhas e contracapas do conjunto do *Jornal Literário* do escritor. Tais textos serviram ainda de prefácios a alguns volumes do seu *Jornal Literário*.

[17] Os volumes anteriores são *Às horas mortas* (2006) e *O escritor e seus intervalos* (2008b).

Os elogios a respeito do *Jornal Literário* de Ascendino Leite não conseguiram atenuar a pouca atenção dada ao nome do escritor e de sua obra no decorrer do tempo, à exceção da atuação de Ascendino no romance[18], gênero que o tornou conhecido pelos diversos registros da crítica feitos pelos jornais e da própria historiografia literária. De um modo geral, o não reconhecimento desse escritor, talvez pelo cânone, mas não pela crítica, certamente foi encenado devido às questões relacionadas ao mercado livreiro, às instâncias que buscavam cumprir o papel de legitimadoras da cultura escrita, às razões de ordem pessoal (e até política), questões que foram se revelando ao longo deste trabalho, agregadas ao objeto que tomei para estudo.

QUESTÕES DA PESQUISA E ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

Como objeto principal desta pesquisa, busquei construir uma representação do "ser leitor" Ascendino Leite no *Jornal Literário*, a partir da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, atentando para o modo como essa representação contribuiu para revelar as astúcias desse leitor na arte de representar a vida literária e a si próprio na escrita dessa antologia. Para chegar ao formato desse objeto, algumas perguntas foram basilares para a escrita desta tese: Que condições favoreceram a representação de um Ascendino leitor no *Jornal Literário*? Quais os livros lidos por ele? Como fazia os registros de leitura? Quais as suas maneiras de ler? Que temas da vida literária são recorrentes em seu *Jornal Literário*? Em que gêneros aparecem expressos?

A atenção concedida a essas e a outras questões foi determinante para entender as operações de construção de sentido na formação do *Jornal Literário*, tanto na representação de um perfil de leitor quanto na configuração genérica e temática desse jornal. Nesse sentido, vislumbrei duas contribuições que estariam ao alcance do leitor deste estudo: a primeira consiste em reconhecer na escrita intimista de Ascendino Leite, nos usos que fez da vida literária em seu cotidiano, uma identidade social, uma maneira própria de estar no mundo, produzida pela apropriação das práticas sociais, discursivas e culturais (próprias de um tempo

[18] Além do *Jornal Literário*, lançado na década de 60, Ascendino Leite escreveu quatros romances: o primeiro, *A viúva branca*, com três edições no Brasil – a primeira, de 1952, pela Editora Organização Simões, do Rio de Janeiro; a segunda, de 1972, pela Livraria São José (RJ), e a terceira, de 1989, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte. Há ainda uma edição, de 1961, publicada pela editora Livros do Brasil, em Lisboa (Portugal). Os demais romances foram: *O Salto mortal* (1958), *A prisão* (1960) e *O brasileiro* (1962). No domínio da crítica literária, publicou o ensaio intitulado *Estética do modernismo* (1939) e *Notas provincianas* (1942). Foi, também, tradutor da obra *Armance*, de Sthendal, *Uma vida*, de Maupassant, e *Cartas à amiga Veneziana* (1997), de Rainer Maria Rilke, escritas no período de 1907 a 1912. Ascendino foi, ainda, poeta, desde jovem, revelando-se nos anos 80.

e de um espaço) que, articuladas, construíram sua figura de leitor e de escritor em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*.

Para tanto, tomei como parâmetro os conceitos de *representação, prática* e *apropriação* advindos da vertente da História Cultural que, segundo Chartier (1990, p.16), "tem como principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." O termo *cultura* é tomado aqui no sentido amplo e trata das relações recíprocas mantidas por duas de suas significações atribuídas por Chartier (1999, p.8-9) ao termo: a primeira "que designa as obras e os gestos que numa dada sociedade justificam uma apreensão estética e intelectual"; e a segunda a "que trata das práticas comuns, 'sem qualidades', que exprime a maneira através da qual uma comunidade – não importa em que escala – vive e pensa a sua relação com o mundo, com os outros e com ela mesma."[19] A noção de representação, aliada à história cultural, permite entender as operações intelectuais como múltiplas na sua relação com o mundo social, de modo que a realidade se encontra contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que dela participam, assim como as práticas visam o reconhecimento de uma identidade social e as formas institucionalizadas (instâncias coletivas ou pessoas singulares) a perpetuação. (CHARTIER, 1990). A busca pela criatividade das ações ou dos procedimentos envolvidos nessas práticas aponta para a apropriação com que homens e mulheres organizam, à sua maneira, "seu trabalho de formigas do consumo" (DE CERTEAU, 2009), como fez Ascendino Leite com a construção do seu *Jornal Literário*.

A segunda contribuição que conjecturei para este trabalho foi a possibilidade de esta pesquisa servir aos leitores como ponto de apoio para o acesso à leitura da obra *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* e para outros estudos que daqui possam advir sobre o "autor do mais extenso *Jornal Literário* do país", mas pouco estudado entre nós.

Além desta introdução, a tese compreende três capítulos, assim organizados:

- o primeiro apresenta um percurso pelos suportes da escrita intimista de Ascendino Leite, com foco no bloquinho de notas do escritor, nos cadernos, nas agendas, jornais e revista em que escrevia, refletindo, a partir daí, sobre o modo como eram feitas suas anotações e os sentidos atribuídos a seus escritos íntimos nesses suportes (HÉBRARD, 2000; CHARTIER, 1990; 1999a; 1999b);

[19] Segundo Peter Burke (2005, p.43), "o termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante", chegando a designar atualmente outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Dessa forma, o termo passou a adquirir um sentido amplo, advindo do encontro entre história e antropologia, fala-se hoje em *culturas* (no plural). Para Burke, "estamos a caminho da história cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante"(p.46).

- o segundo capítulo refere-se à formação e à natureza híbrida do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, cuja fonte de pesquisa compreende a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, através da qual averiguo a influência exercida pela leitura do *journal* dos franceses, as redes de sociabilidade de Ascendino, no Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, traduzidas nos encontros estabelecidos com escritores da época, nos espaços que frequentava e no contato com o suplemento literário *Letras & Artes*, além do foco nos gêneros da literatura intimista – diário, autobiografia, memória, confissão (OLINTO, 1960; MARTINS, 1995; MACHADO, 1998; REIS E LOPES, 2002; LACERDA, 2003; LEJEUNE, 2008; FIGUEIREDO, 2013, entre outros).
- o terceiro e último capítulo subdivide-se em dois tópicos voltados para a leitura e análise da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*: o primeiro refere-se à representação de Ascendino como *ser leitor* nesse gênero da literatura intimista, em que reflito sobre o modo como construiu uma interpretação de si como leitor (BARTHES, 1984; CHARTIER, 2007), a partir da forma como lia e se dedicava à leitura, do conjunto de obras lidas, desde os autores conhecidos até os esquecidos, dos registros de leitura que fazia e da imagem que construía dos seus leitores e dos editores. O segundo tópico, que se encontra atrelado ao primeiro, diz respeito às "astúcias" (DE CERTEAU, 2009) operadas por esse leitor na construção temática dessa antologia, isto é, como o produto consumido (a leitura) é transformado em representação da vida literária no *Jornal Literário*, compreendendo os temas do ofício literário, perfis de escritores, personagens fictícias, a correspondência do escritor e as amizades literárias, além dos aforismos, tendo em vista as práticas culturais de uma determinada época e lugar (CHARTIER, 1990).

1 PELOS SUPORTES DO INTIMISMO LITERÁRIO DE ASCENDINO LEITE

A leitura de *Sementes no Espaço (1938-1988) I e II* e as informações colhidas ao longo desta pesquisa com a ex-secretária do escritor, Ivonete Belarmino, sobre a produção do *Jornal Literário* de Ascendino permitem dizer que sua escritura intimista passou por vários suportes (pedaços de papel, bloquinho de notas, cadernos, agendas, jornais e revista) até chegar à formação, composição e publicação do Jornal propriamente dito. Para um melhor esclarecimento do termo *suporte*, tal como está sendo usado, inicialmente, aqui, considerei a definição de Marcuschi (2003), por estar relacionada aos propósitos do gênero a que o suporte abriga, no caso em questão, o gênero das anotações, que têm como uma das funções "reunir informações que podem ser de um curso, de um livro ou qualquer outra situação na qual o anotador se vê envolvido e considera importante anotar". (MORAES, 2005, p.16). Assim, para o linguista Marcuschi (2003), o suporte de um gênero refere-se a

> um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (p.10)

Para além dessa definição, que está focada na relação gênero/suporte, tomei uma outra perspectiva que serve mais diretamente aos propósitos deste capítulo, visto que parte do entendimento que têm os historiadores culturais da importância do suporte para o processo de construção de sentido das obras. Para historiadores da leitura, como Roger Chartier (1990, p.127), "é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.", de modo que os autores não escrevem livros e sim textos, como salientou Chartier (1999 b), ao fazer a distinção entre o trabalho de escrita e a fabricação do livro. A passagem de um texto de um suporte a outro implica leituras diferenciadas que podem não estar em conformidade com as intenções do autor, distanciando-se, essa perspectiva, das abordagens clássicas, que concebem a obra como um texto puro, reduzido ao seu conteúdo semântico, fora das formas tipográficas ou da materialidade que o dá a ler.

A contribuição deste capítulo consiste em mostrar o percurso da escrita intimista de Ascendino Leite a partir do gesto do escritor em se lançar, astuciosamente, aos meios materiais (compreendidos aqui como os suportes das escrituras pessoais) para tentar alcançar

tanto o domínio do tempo que passa como uma representação de si e da vida literária, num determinado tempo e lugar, em que estão inscritas práticas culturais diversas.

1.1 DO BLOQUINHO DE NOTAS AOS CADERNOS DE CAPA DURA

Ascendino Leite dá início às suas primeiras anotações íntimas no ano de 1936, como está registrado em *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, mas tais registros não constam neste nem no segundo volume dessa antologia, organizada pelo escritor, uma vez que aqui o recorte se dá entre os anos de 1938 a 1988, talvez porque tenha perdido alguns cadernos daquela época, como anotou o próprio Ascendino:

> PARTE da tarde, entrando pela noite, a ocupar-me dos meus escritos, notas antigas, já peremptas, e os recortes dos artigos inseridos no suplemento do *Jornal do Commércio*. Ocorre-me que meus primeiros registros íntimos datam mesmo do ano de 1936. Devo ter perdido dois ou três cadernos da fase 1936-40 [...]. (LEITE, 1988, p.137)

Ou porque alguns escritos remontavam a sua juventude, às primeiras ilusões amorosas, desprovidos ainda de um amadurecimento intelectual e de um veio literário, como dá a entender o complemento da citação registrada acima, que reproduzo nos termos a seguir: "Alguns fragmentos de minhas anotações íntimas dessa época, que me passaram pelas mãos quando decidi compor o jornal literário, continham tais liberdades que fiz bem, vejo agora, em os esquecer, em os desprezar, em os relegar ao mais completo olvido.". (LEITE, 1988, p.137).

Atente-se para os termos *anotações* e *registros* que parecem ter a mesma função nos suportes onde inicialmente vão estar materializados os antigos escritos do escritor – primeiramente no bloquinho de notas e depois nos cadernos de capa dura de Ascendino.

As anotações (ou notas) caracterizam-se, segundo Moraes (2005, p.16), "como curtos registros recolhidos em situações em que o anotador está ouvindo, estudando, lendo ou observando [...].", sendo estes os contextos em que se pautava a escritura íntima de Ascendino Leite: (a) *anotava quando ouvia música*: "HAENDEL. Bach. Sibelius. Duas horas a ouvir a grave e por vezes arrebatadora magia de um mundo melancólico forçosamente espiritual. [...]". (LEITE, 1988, p.183); (b) *anotava a partir das situações de interação oral com amigos ou de formalidade*: "Acabo a noite num bar da praça Antero de Quental, com Lafaiete. Conversação de várias horas, um pouco sobre nós mesmos, nossas pessoas, nossa idade, os fatos extraordinários de que fomos contemporâneos, desde a nossa primeira infância. [...]" (LEITE, 1988, p. 368); (c) *anotava quando estava estudando ou lendo livros*: "Stendhal. (Nunca me canso de lê-lo.) *Souvenirs d'Egotismo, journal* [...]" (1988, p.296); (d) *anotava a*

partir da observação que fazia de si mesmo, das coisas, dos acontecimentos e das pessoas: "[...] Somos todos suicidas...pela nossa luta. Pelos atalhos a que nos lançamos. Pela consciência do nosso fim. Quem nos salva? Já que não somos nós que nos salvamos?" (LEITE, 1989, p.104).

Vale salientar que essas notas não cumprem apenas o objetivo da própria anotação, mas apontam para a exposição, a apreciação, a reflexão em torno de temas da literatura, da vida e também para o exercício de autoanálise do escritor. Além disso, segundo Moraes (2005, p.16), a anotação "parece indicar sempre um 'fazer futuro', mesmo quando não faz parecer que está indicando esta ação futura: escrever um texto, usar as anotações para estudo, ou ainda localizar num texto passagem ou assunto quando necessário e se necessário, etc.". No caso de Ascendino Leite, a decisão de escrever um *Jornal Literário* cumpriria esse objetivo da anotação, que estaria para além do próprio ato de anotar.

O termo "registro", por sua vez, remete, num primeiro momento, à associação que faz Hébrard (2000, p.37) com o termo "livro", oriundo do setor das escrituras administrativas, e para além desse domínio, ao tomar este conceito de *registre* de Furetière:

> Livro público que serve para guardar memoriais ou atos ou minutas para a justificação de vários fatos de que se tenha necessidade de guardar mais tarde. Os registros de um banqueiro, o registro da cadeia devem ser numerados e rubricados pela mão do juiz.

Hébrard destaca, a partir dessa acepção do termo, a ideia de continuidade do registro, garantida, segundo ele, em certos casos, pela autoridade judiciária, uma vez que há referência à "numeração das páginas e, portanto, possibilidade de verificar se nenhuma página foi arrancada", donde conclui que registro remete de fato a "livro", termo mais geral usado provavelmente "para designar, no século XVII, qualquer reunião de folhas destinadas, nesse caso, ao texto manuscrito" (p.37). Posteriormente, os termos "registro" e "livro", oriundos do campo dos negócios, tornaram-se menos técnicos, passando dos usos profissionais aos ordinários, segundo a acepção que atribuiu Littrè a esses verbetes. (HÉBRARD, 2000,p.39).

Referindo-se ao primeiro tipo de suporte de que se utilizava para suas anotações ou registros, Ascendino anota: "[...] O certo é que costumo anotar meus registros neste bloquinho de notas que conservo à vista em minha escrivaninha. Ou que carrego comigo no bolso, habitualmente, para alguma anotação instantânea que eu tenha de fazer onde estiver.[...]" (LEITE, 1989, p.353). A esse bloquinho de notas pode-se associar, a princípio, o sentido que

adquiriu o termo "livro"[20] no passado, i.e., uma reunião de folhas destinadas ao texto manuscrito, o que, em parte, se assemelha a uma das definições apresentadas para o verbete "bloco" presente no dicionário de Aurélio (1986, p.264): "Reunião de folhas de papel presas por um dos lados e destacáveis", usadas ordinariamente, na prática cotidiana, por qualquer pessoa, com o objetivo de recolher notas.

Infelizmente não foi possível o acesso ao bloquinho de notas com a escrita de Ascendino, mas, sim, à reunião de pequenas folhas em formato 12 x 21, não numeradas, coladas em série, provavelmente para não se perder, dando, assim, a ideia de continuidade da própria vida do escritor e de sua escrita que segue. Certamente essas folhas soltas foram extraídas de um dos blocos que Ascendino usava para realizar suas anotações, onde, na parte superior, se lê a seguinte inscrição: "Ascendino Leite escritor":

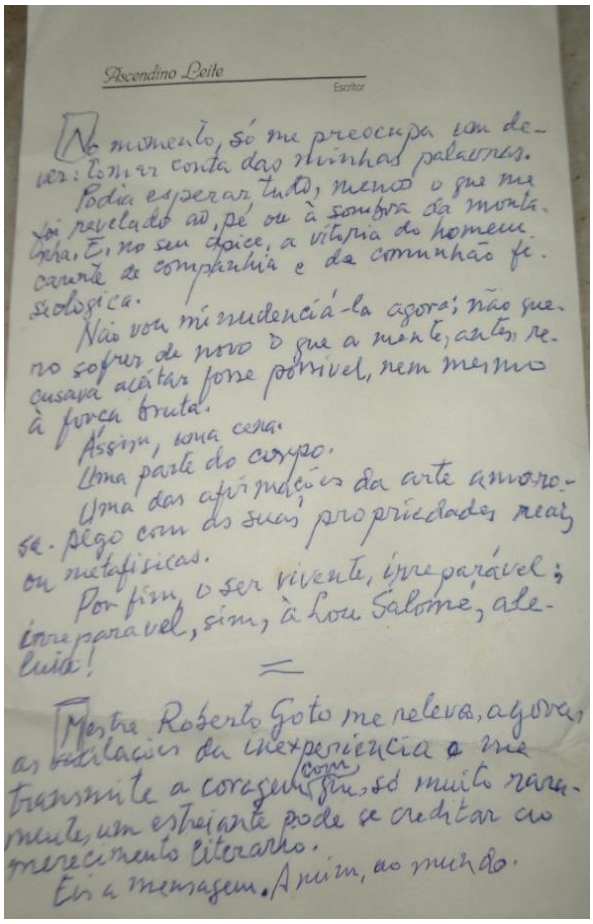


Figura 4 – Folha de bloco de notas. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

[20] Para Furetière, o termo "livro", do ponto de vista literário, é, em primeira instância, "uma obra do espírito", um texto trazido pelo livro "seja em prosa ou em verso, de extensão suficiente para fazer pelo menos um volume", como acrescenta Littrè. (Cf. HÉRBRAD, 2000, p.36 e 39)

Percebe-se o deslocamento que o bloquinho de notas, representado pela reunião dessas folhas, passa a ter, de simples suporte de uma escrita ocasional para um suporte de escritura íntima e literária de um homem comum que se reconhecia ou se pretendia escritor (veja-se a inscrição). Nesse sentido, Ascendino seria aquele "homem ordinário", de que fala De Certeau (2009), já que, como usuário de um objeto vulgarizado pelo uso, opera sobre ele com astúcia de interesse próprio, alterando-o e estabelecendo uma (re)apropriação do uso a sua maneira de fazer. Astúcia aí é sinônimo de *tática*, "uma ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia [...]. É a arte do fraco [...]" (De CERTEAU, 2009, p.94-95), que vai abrindo anonimamente o próprio caminho.

O uso das folhas no lugar do gesto da escrita diretamente no bloquinho remonta talvez ao tempo em que copistas e notários medievais davam preferência àquele suporte, conforme adverte Hébrard (2000, p.32):

> Não é demais assinalar que a maioria das representações de homens escrevendo que a pintura nos oferece, do Renascimento ao fim do século XVIII, mostram mais a relação do escritor com a folha do que com o caderno. É o caso, por exemplo, do retrato de Erasmo conservado no Louvre, pintado por Hans Holbein, o Moço, por volta de 1523. Essa representação do ato de escrever se deve talvez à pregnância da imagem dos copistas e dos notários medievais, que sempre preferiam trabalhar com folhas separadas a escrever em cadernos ou registros já encadernados. Essa prática pode ter subsistido ao mesmo tempo em que se transformavam profundamente as modalidades da escritura.

Ascendino, na verdade, optaria tanto pelo uso do bloquinho de notas, de folhas soltas quanto pelo uso de cadernos para suas escrituras íntimas. Em *Sementes no Espaço (1938-1988) I e II*, há um número considerável de referências aos cadernos, de cujas páginas em branco se servia para registrar suas inquietações interiores, sua relação com a passagem do tempo, com questões ligadas à literatura, ao estilo, entre outras reações motivadas pelo trabalho espiritual (reflexivo) e intelectual do escritor que se formava:

> À NOITE, relendo vários dos meus cadernos (manuscritos) destruí dois deles. [...] Refiro-me aqui ao caderno que desde muitos anos se vinculou à curiosidade intelectual que a todo instante me leva a definir-me, através da anotação íntima, ante as coisas que me impressionam. (LEITE, 1988, p.93)

> COMEÇO um novo caderno. Escrevi tanto.
> Uns três milheiros de folhas rascunhadas a esmo, muitas vezes irregularmente, a passar de uma para outra sem preparação alguma, como um dia que se segue a outro na sua lógica invisível [...]. (LEITE, 1988, p. 217)

> RECOMEÇO meu diurnalismo com um novo caderno. Perdi a conta dos que por aí deixei escritos, muitas vezes penosamente.
> Neste caso, era que já não me sentia em estado de gerar as expressões adequadas à definição dos vazios no meu interior. No entanto, quanta inteligência neles![...] (LEITE, 1989, p.5)

Dentre os sentidos atribuídos ao termo "caderno", convém relacionar aqui àquele que se volta para a escritura escolar do colégio e da universidade[21], sendo esta uma prática oriunda do século XVI e usada à época como instrumento de formação para provar que os estudantes cumpriram seus estudos até o fim, como escreve Hébrard (2000, p.36), citando as palavras de Furetière:

> *Cayers* [cadernos] são também os escritos que os estudantes escrevem sob a orientação de seu mestre de filosofia, teologia ou qualquer outra ciência que se ensine nas escolas. Um estudante precisa reapresentar seus *cayers* a seu mestre para dele obter um atestado de seu tempo de estudo.

Podem-se encontrar aí cadernos com gestos gráficos elementares, do tipo: tomada de notas de um curso ditado pelo professor, "coletânea de citações", sinais de encerramento com a palavra *Finis* (para marcar a última aula), um "padre nosso" ou página sem palavra, ocupada com um desenho, um "bloco de notas"[22], gestos que servem de preparação ou de transferências para as mais variadas escrituras pessoais e de apropriação do suporte (caderno) para os usos mais comuns e cotidianos.

Algumas ações semelhantes a essas também foram realizadas por Ascendino, mas voltadas para o tema do exercício literário e para o intimismo do escritor, ao fazer uso dos cadernos e também de agendas, deixando, no entanto, a estas, na maioria das vezes, o cuidado de recolher matérias jornalísticas publicadas sobre ele e sobre a literatura de um modo geral, desnaturalizando, assim, o objetivo funcional desse suporte (a agenda) – também denominado de "caderneta, caderno ou registro, em geral com a data dia a dia, *destinado a anotações de compromissos, de encontros, de despesas*, etc.[...]" (FERREIRA, 1986, p.61, **grifo meu**).

Lejeune (2008, p.293.), ao tratar dos suportes da escrita diarista, diz que o caderno é um dos mais procurados e um portador ideal, diferencia-se da agenda

> uma vez que não propõe, ou não opõe, nenhum modelo ao ritmo da escrita. Nossas descontinuidades desaparecem fundidas na continuidade do papel. A agenda, ao contrário, 'formata' o espaço da escrita segundo o suposto ritmo do tempo. Isto é feito, em princípio, para nos ajudar a planejar o futuro. Mas, de fato, muitas agendas são utilizadas como diários.

[21] Outras acepções do termo caderno, desde seu sentido originário ("junção de várias folhas de papel ou de pergaminho reunidas") ao da ordem dos varejistas do papel, da linguagem dos impressores, da política, ao do mundo das escrituras administrativas ou jurídicas, algumas já em desuso, podem ser encontradas em Hébrard (2000).

[22] A maioria desses traços caracteriza um caderno redigido no século XVI (Cf. HÉBRARD, 2000, p.51).

Assim como ocorre com os diários, há muitas agendas utilizadas para outros fins, como as funções que Ascendino atribuiu para as suas – a de servir de suporte para suas anotações íntimas e principalmente para o recorte de informações jornalísticas relativas ao próprio escritor, artigos que ele mesmo escrevia, e à literatura, caracterizando-se, neste caso, como um caderno de recortes:

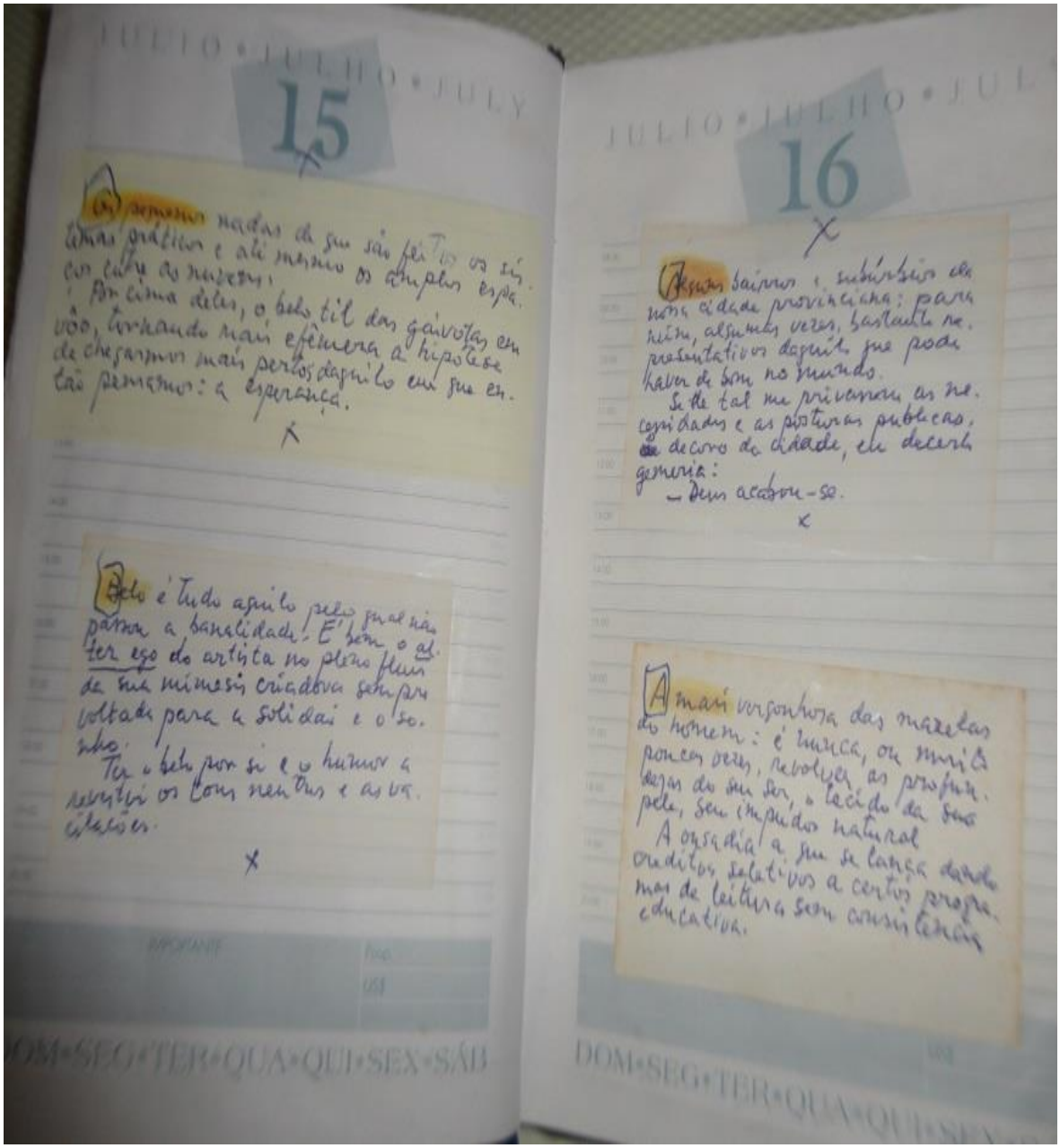
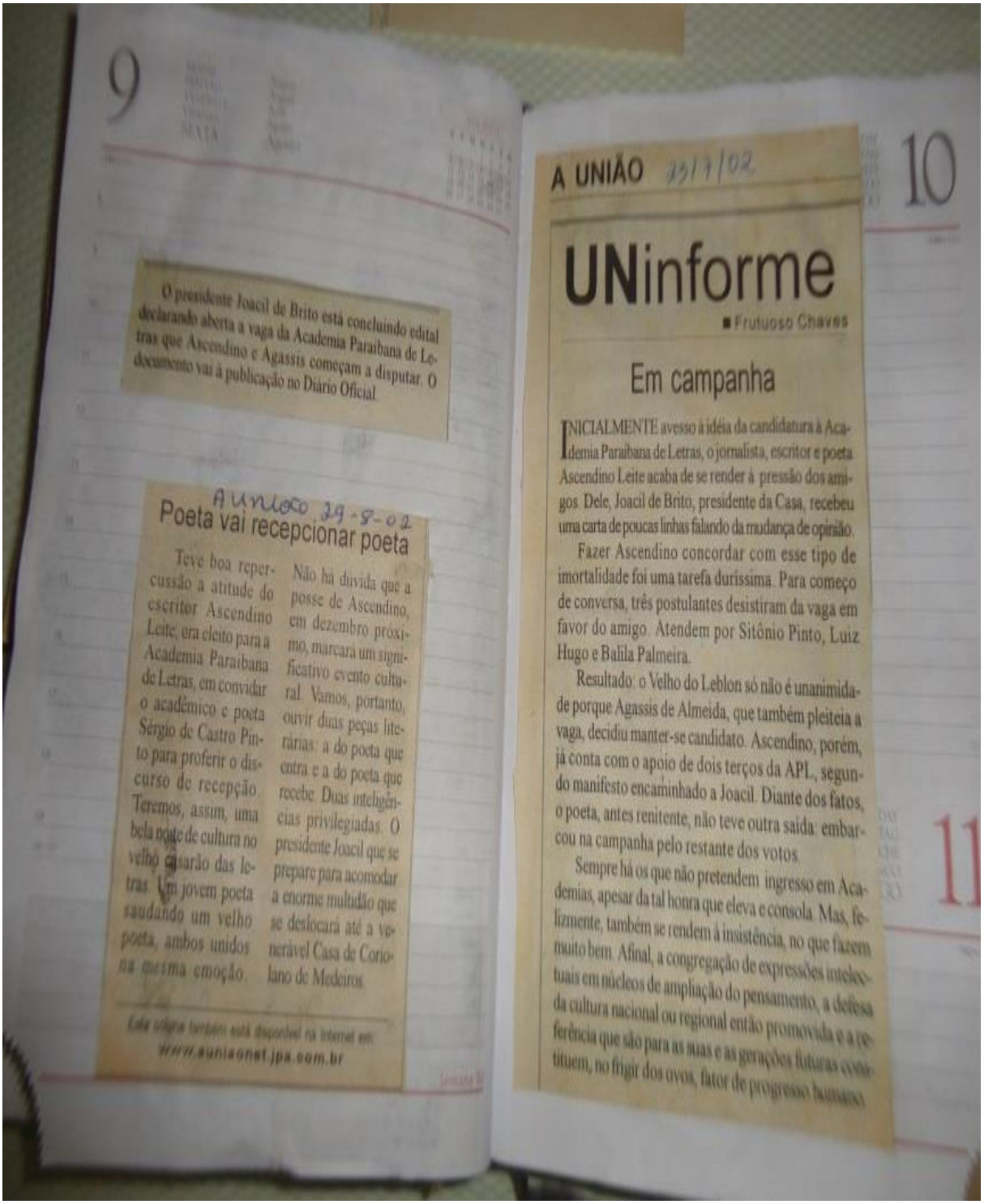


Figura 5 – Páginas do Caderno de Recortes do ano 2003 – Anotações íntimas. Acervo: arquivo pessoal do escritor.



O presidente Joacil de Brito está concluindo edital declarando aberta a vaga da Academia Paraibana de Letras que Ascendino e Agassis começam a disputar. O documento vai à publicação no Diário Oficial.

A UNIÃO 29-8-02

Poeta vai recepcionar poeta

Teve boa repercussão a atitude do escritor Ascendino Leite, era eleito para a Academia Paraibana de Letras, em convidar o acadêmico e poeta Sérgio de Castro Pinto para proferir o discurso de recepção. Teremos, assim, uma bela noite de cultura no velho casarão das letras. Um jovem poeta saudando um velho poeta, ambos unidos na mesma emoção.

Não há dúvida que a posse de Ascendino, em dezembro próximo, marcará um significativo evento cultural. Vamos, portanto, ouvir duas peças literárias: a do poeta que entra e a do poeta que recebe. Duas inteligências privilegiadas. O presidente Joacil que se prepare para acomodar a enorme multidão que se deslocará até a venerável Casa de Coriolano de Medeiros.

Esta página também está disponível na Internet em: www.auniaonet.jpa.com.br

A UNIÃO 25/7/02

UNinforme

Frutuoso Chaves

Em campanha

INICIALMENTE avesso à idéia da candidatura à Academia Paraibana de Letras, o jornalista, escritor e poeta Ascendino Leite acaba de se render à pressão dos amigos. Dele, Joacil de Brito, presidente da Casa, recebeu uma carta de poucas linhas falando da mudança de opinião.

Fazer Ascendino concordar com esse tipo de imortalidade foi uma tarefa durissima. Para começo de conversa, três postulantes desistiram da vaga em favor do amigo. Atendem por Sitônio Pinto, Luiz Hugo e Balila Palmeira.

Resultado: o Velho do Leblon só não é unanimidade porque Agassis de Almeida, que também pleiteia a vaga, decidiu manter-se candidato. Ascendino, porém, já conta com o apoio de dois terços da APL, segundo manifesto encaminhado a Joacil. Diante dos fatos, o poeta, antes renitente, não teve outra saída: embarcou na campanha pelo restante dos votos.

Sempre há os que não pretendem ingresso em Academias, apesar da tal honra que eleva e consola. Mas, felizmente, também se rendem à insistência, no que fazem muito bem. Afinal, a congregação de expressões intelectuais em núcleos de ampliação do pensamento, a defesa da cultura nacional ou regional então promovida e a preferência que são para as suas e as gerações futuras constituem, no frigir dos ovos, fator de progresso humano.

Figura 6 – Páginas do Caderno de Recortes do ano 2002 – Eleição na Academia Paraibana de Letras. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Um dos exemplos de gestos gráficos apontados pelos cadernos está nesta nota que o escritor registra na última página de *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, transferida de um dos seus cadernos manuscritos (*Um Ano no Outono*): "Verifico que estou no fim deste caderno. E me vem a sensação de que se acaba também com ele meu trabalho literário, esta minha ata

diurna com que, ao longo dos anos, vou me iludindo e vivendo [...].” (LEITE, 1988, p.524). Para finalizar, acrescenta em letras maiúsculas à direita da página: FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

Ora, o que se procura no caderno, segundo Lejeune (2008, p.292), é uma garantia de continuidade, de unidade:

> [...] por mais irregular que seja a prática da escrita, por mais incoerentes ou variáveis que sejam os temas abordados e as opções feitas, quem escolhe esse suporte parece ter adquirido uma espécie de seguro de vida: o caderno vai *cicatrizar*, encadear e fundir tudo. Esse caderno costurado, colado, brochura ou espiral, nos qual às vezes se põe o nome, opera no plano fantasmático o que Paul Ricoeur chama de ‘identidade narrativa’, pois constitui uma promessa mínima de unidade. [...] **(grifo do autor)**

Ao mesmo tempo em que representa a continuidade, no caso de Ascendino, a garantia de continuidade do “trabalho literário”, e de uma suposta ordem de si (“[...] esta minha ata diurna com que, ao longo dos anos, vou me iludindo e vivendo [...]”), o caderno também simboliza a duração. Acaba-se, restaura-se à sua continuidade por meio de outros cadernos, de estrutura semelhante (Ascendino utilizava-se de vários cadernos de capa dura e, por vezes, de diferentes cores, tratava-os como o caderno cinza, o caderno azul...), de forma que o fim de um caderno não passa de “um até logo”, como frisou Lejeune sobre as “cerimônias de adeus” encontradas no final desse suporte.

Outros gestos gráficos podem ser observados nas folhas de caderno a seguir, em que se observa a transcrição de pensamentos/citações de alguns escritores, como Waldemar Lopes, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Cruz e Souza, Guilherme de Almeida e de um frade carmelita espanhol, São João da Cruz (Figura 7). Ou ainda registros de desenhos do escritor, como os recortes visualizados na figura 8, colados ao caderno, os quais Ascendino assinava com o nome de “Zaca”, abreviatura provavelmente do profeta Zacarias, como desejava se chamar na maturidade. Ascendino, por ser católico, referia-se ao sacerdote Zacarias por este ter sido íntegro diante de Deus e pela obediência aos mandamentos e observâncias do Senhor. (Lc 1,5-6). Na Bíblia, Zacarias é descrito como instrutor no temor de Deus (2Cr 26,5).

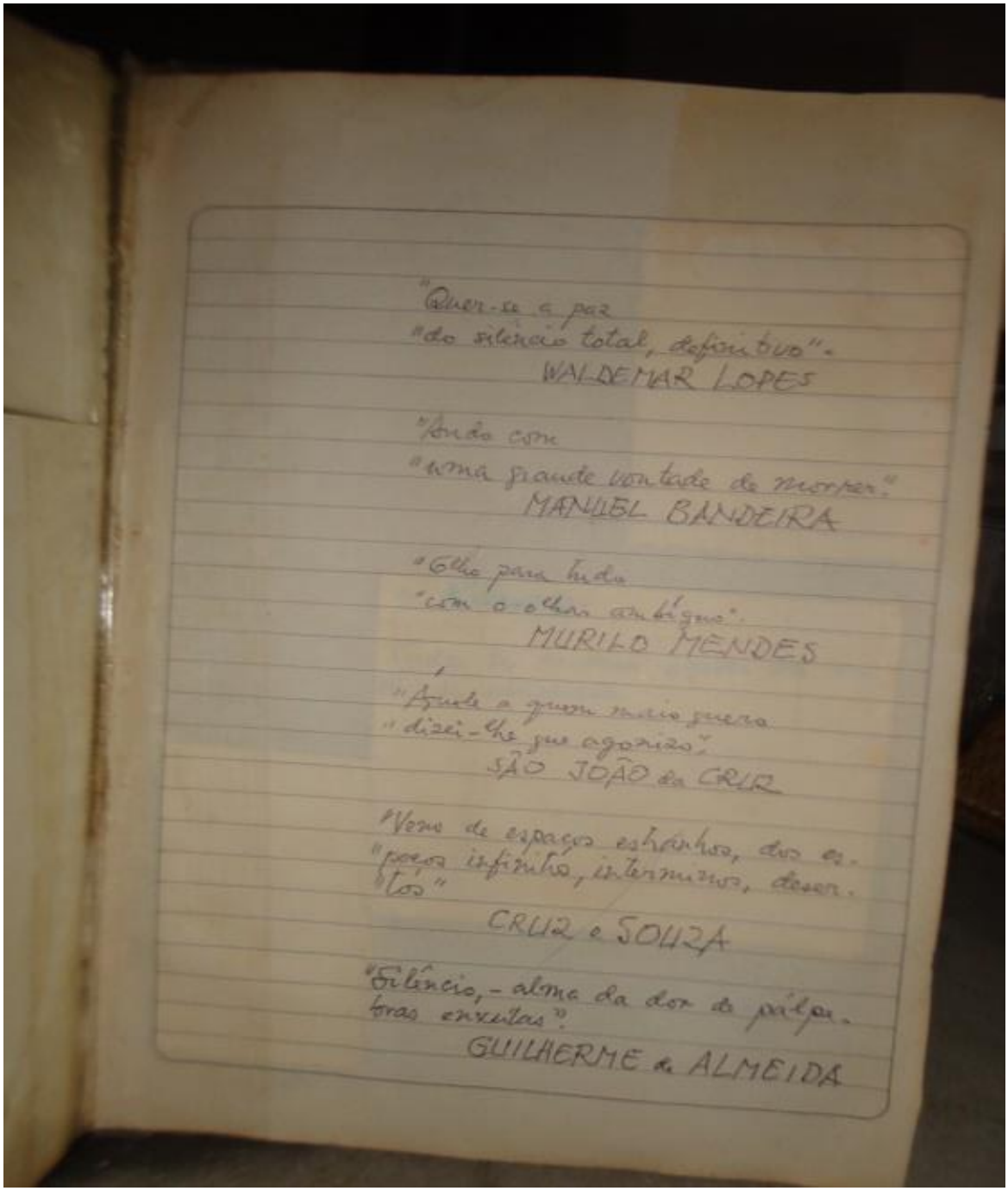


Figura 7 – Página do Caderno de 1992 – Pensamentos / Citações de escritores. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Figura 8 – Página do Caderno de 1999 – Desenhos do escritor. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Nota-se que há um percurso adotado por Ascendino Leite para chegar aos registros íntimos nos cadernos, a começar pelas anotações no bloquinho para, em seguida, chegar à transferência para os cadernos, que se dá de forma manuscrita ou, na maioria das vezes, em forma de colagem das folhas destacadas do bloco para aquele suporte de encadernação, para, num momento posterior, compor uma unidade textual noutro espaço gráfico – o das folhas datilografadas. É o que se verifica na continuação desta nota do escritor, em que mostra a falta de ânimo para copiar as anotações, preferindo o exercício da colagem:

> [...] Em seguida, para não copiar tais anotações, como seria natural, não me faltasse o ânimo, trago-as à cola nas páginas em branco deste caderno, folha

> por folha. Daí, então, a esses pequenos textos só ter acesso algum datilógrafo emergente.
>
> Que poderá ser eu mesmo, conforme minhas disponibilidades de gosto e de humor, num próximo ou num futuro imprevisível.
>
> Se antes não me alcançar a Libitina. (LEITE, 1989, p.353)

A visualização, a seguir, das páginas de dois dos cadernos do escritor, ilustra a ação de deslocamento dos escritos íntimos, ora como forma de manuscritos (Figura 9), ora através do recurso da colagem das folhas do bloquinho de notas (Figura 10).

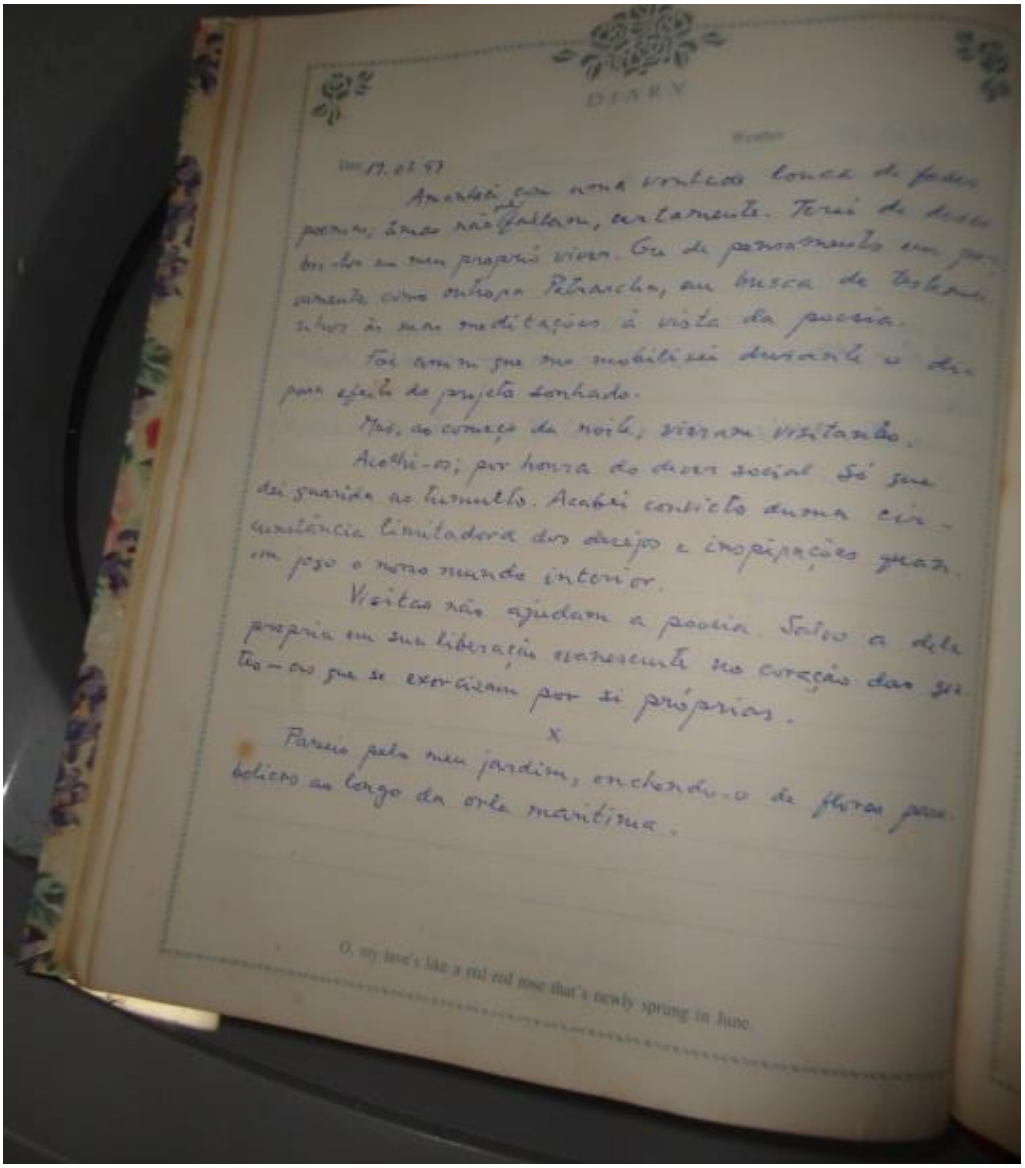


Figura 9 – Página do Caderno de 1997 – Anotações. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

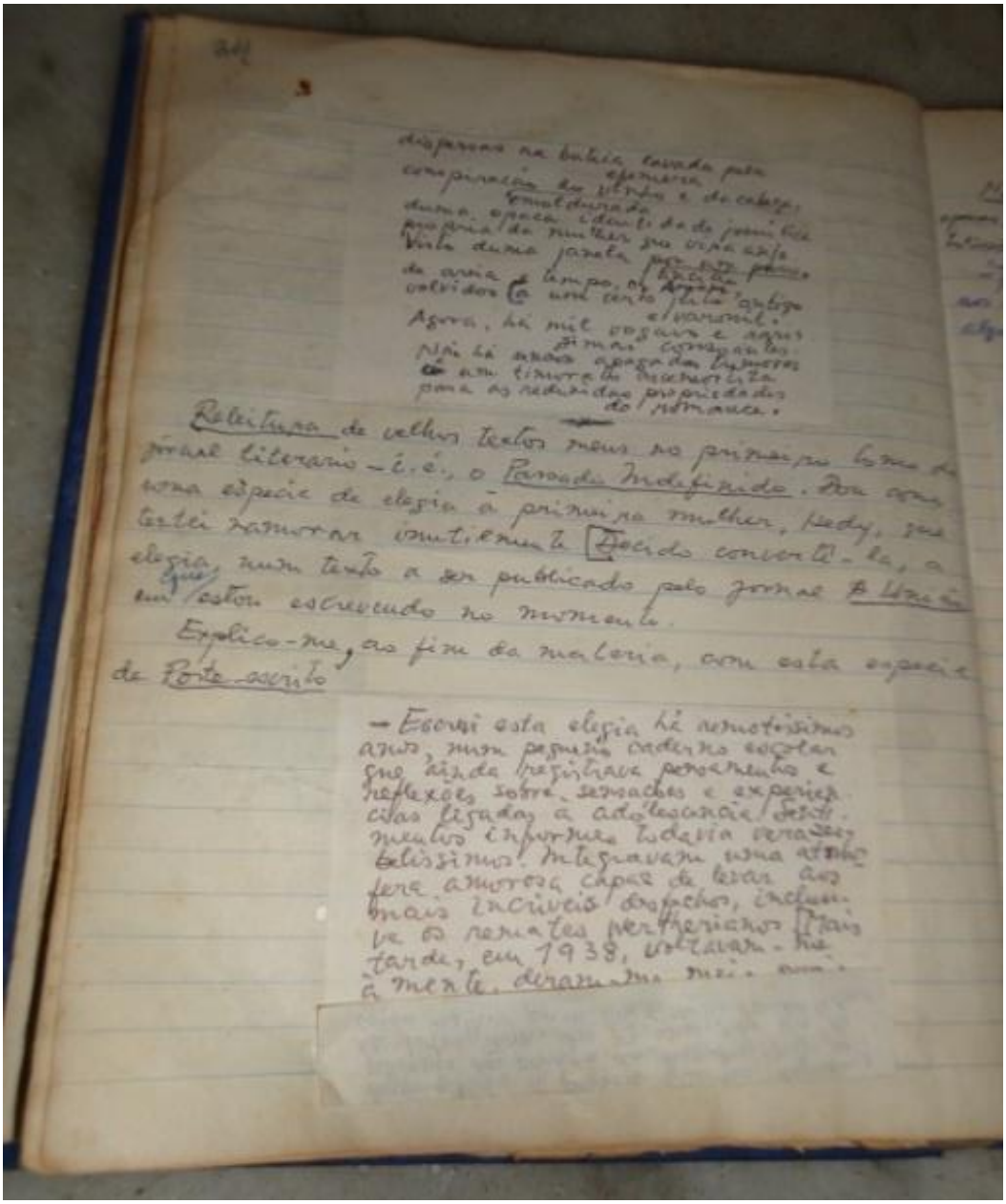


Figura 10 – Página do Caderno de 1992 – Anotações. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Na página do caderno de 1997 (Figura 9), o escritor registra que amanheceu "com uma vontade louca de fazer poemas", que temas não lhe faltavam, tendo que descobri-los em seu próprio viver, ou de "pensamento em pensamento", como fazia Petrarcha. O intento, que deveria mobilizá-lo durante o dia, acaba no começo da noite, quando chegam visitantes: "[...] Visitas não ajudam a poesia. Salvo a dela própria em sua liberação evanescente no coração das gentes – as que se exorcizam por si próprias [...]". Passa, em seguida, para uma nota curta sobre um passeio pelo jardim. Na página do caderno de 1992 (Figura 10), há um recorte de um poema iniciado na página anterior, seguido de uma pequena reflexão manuscrita sobre a releitura de textos do *Jornal Literário Passado Indefinido*, a partir da qual diz topar com uma

espécie de elegia à primeira mulher, poema que decide converter em texto para publicação no jornal *A União,* em que escrevia no momento. Ao final, diz explicar-se, no fim da matéria, transferindo para o caderno um recorte com esta espécie de pós-escrito:

> – Escrevi esta elegia há remotíssimos anos, num pequeno caderno escolar que ainda registrava pensamentos e reflexões sobre sensações e experiências ligadas à adolescência. Sentimentos informes todavia verazes, belíssimos. Integravam-me uma atmosfera amorosa capaz de levar aos mais incríveis desfechos, inclusive os remates wertherianos. Mais tarde, em 1938, voltavam-me à mente, deram-me meia página de evocação no Passado Indefinido, marco inicial do meu memorialismo – a descoberta do espírito e da minha realidade humana, a pessoa que me leguei, através da paixão do nordestino pela literatura. Aos 77 anos, não sei de coisa melhor para um coração combalido.

Ainda em relação à leitura da nota anterior, que trata do exercício da colagem, atente-se para o fato de que Ascendino tinha a intenção de publicar seus registros íntimos, de escrever uma obra para abrigar esses textos, ou, mais precisamente, de obter um *nome de autor*, desvinculado do nome próprio a que nossa cultura se habituou a associar. Entenda-se aqui a expressão "nome de autor" no sentido que lhe atribui Foucault (1992, p.21):

> O nome de autor não é um nome próprio como qualquer outro, mas um instrumento de classificação de textos e um protocolo de relação entre eles ou de diferenciação face a outros, que caracteriza um modo particular de existência do discurso, assinalando o respectivo estatuto numa cultura dada: "A função de um autor é caracterizar a existência, a circulação e a operatividade de certos discursos numa dada sociedade".

Ao estudar o silêncio em torno do nome de José Condé no cânone brasileiro, Costa (2013, p.24.) faz referência às ideias de Foucault, ao considerar o "nome de autor" "determinante para a sobrevivência literária daquele autor e obra *a posteriori"*, visto que do conjunto de discursos autorizados sobre o autor pode resultar tanto o seu reconhecimento público como apenas a constatação de "seu aparecimento e fugaz duração".

Ao fazer menção a um datilógrafo emergente para suas anotações, Ascendino Leite vislumbra a possibilidade de publicação desses textos, objetivo que o leitor verá concretizado com a produção do seu *Jornal Literário*, representado, neste texto, por meio da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. É oportuno assinalar que era o próprio Ascendino quem se lançava ao trabalho de datilógrafo desses registros – "Bati doze folhas, ampliei a cópia dos registros até março" – (LEITE, 1988, p.213), principalmente durante sua vivência no Rio de Janeiro, onde produziu fragmentos dos Jornais Literários constantes naquela

antologia, só alcançando a Libitina[23] bem mais tarde. Na Paraíba, a atividade de datilografia ficaria a cargo de sua secretária – Ivonete Belarmino.

A operação de colagem das folhas ao caderno vai se configurando como um trabalho de inventividade artesanal, ou de apropriação mesmo do suporte, já que os cadernos não fixam apenas as anotações íntimas (incluindo poemas, recortes de textos de sua coluna literária), mas fotografias de amigos, de escritores, do próprio Ascendino, das filhas, bilhetes, cartas e cartão postal de amigos ou escritores, recortes de jornais com matérias sobre escritores ou com notícias de morte de algum intelectual, por vezes acompanhados de comentários, como se o escritor quisesse contextualizar essas informações para um provável leitor, fazendo-o crer como compreendia os fatos, as pessoas, as coisas e a vida literária, a partir da observação de si e do mundo de que fazia parte.

Mais do que isso, Ascendino assume o papel de arquivista da própria vida, projetando para o futuro uma imagem pública de si, isto é, de um homem de letras que não somente conheceu a movimentação literária, cultural e social de uma época, como também foi ele próprio personagem desse cenário, apresentando contornos do seu perfil como leitor e escritor. Há, nesse processo de arquivamento do eu, o desejo, ou pelo menos a intenção, de manter o controle das imagens de si para a posteridade. De acordo com Artières (1998, p.31),

> o arquivamento do eu não é uma prática neutra, é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós.

Seguem alguns exemplos:

[23] Trata-se da deusa dos ritos funerais da Roma antiga, podendo também significar, do ponto de vista poético, a morte. (Cf. FERREIRA, 1986, p.1028). À moda de outros escritores brasileiros, a exemplo de Bandeira, com a "Indesejada das Gentes", Ascendino usava o termo para personificar a morte.

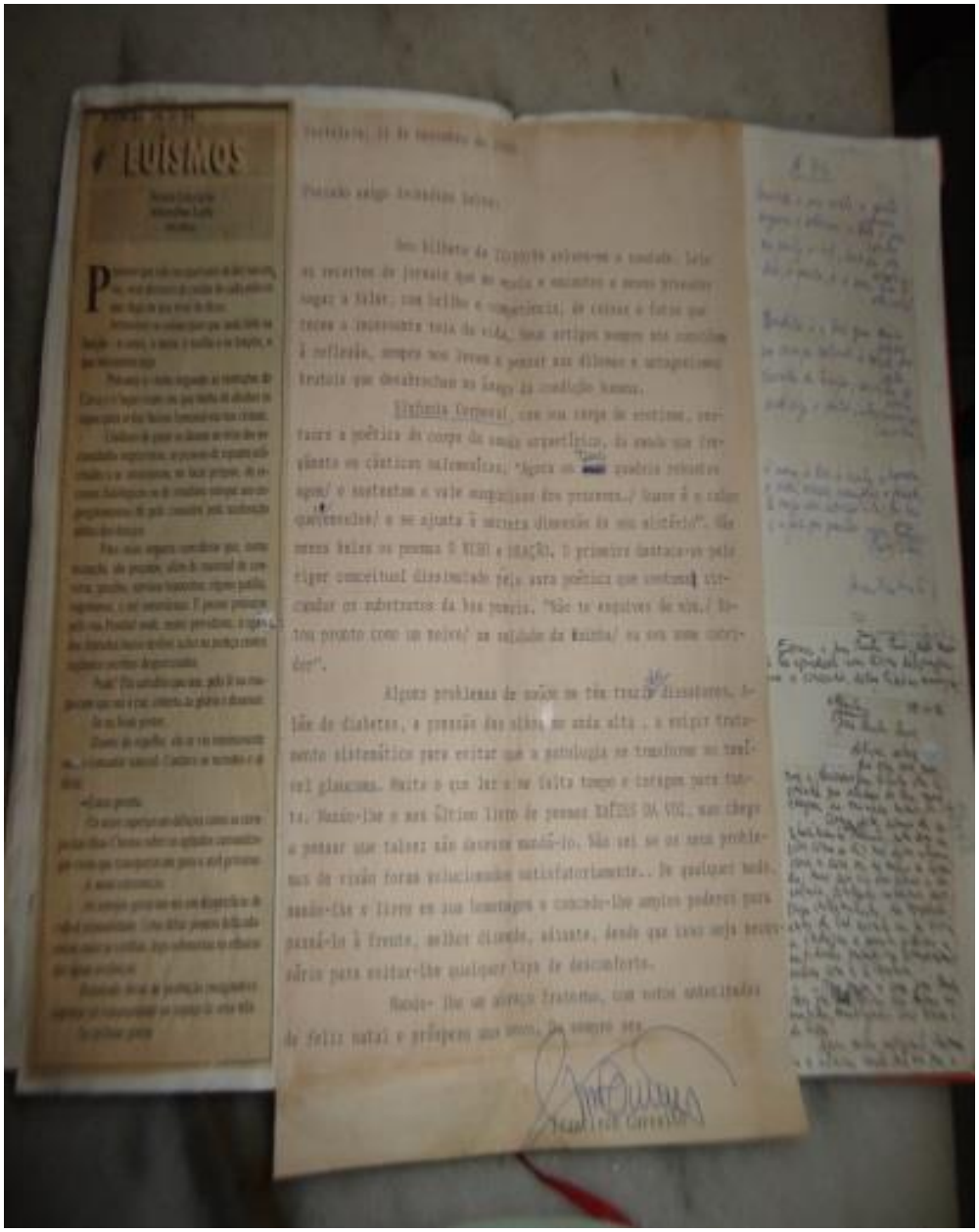


Figura 11 – Páginas do Caderno de 1996 – Recorte jornalístico, carta e anotações em recortes. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Figura 12 – Páginas do Caderno de 1997. Recortes jornalísticos – fotografia de escritores. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

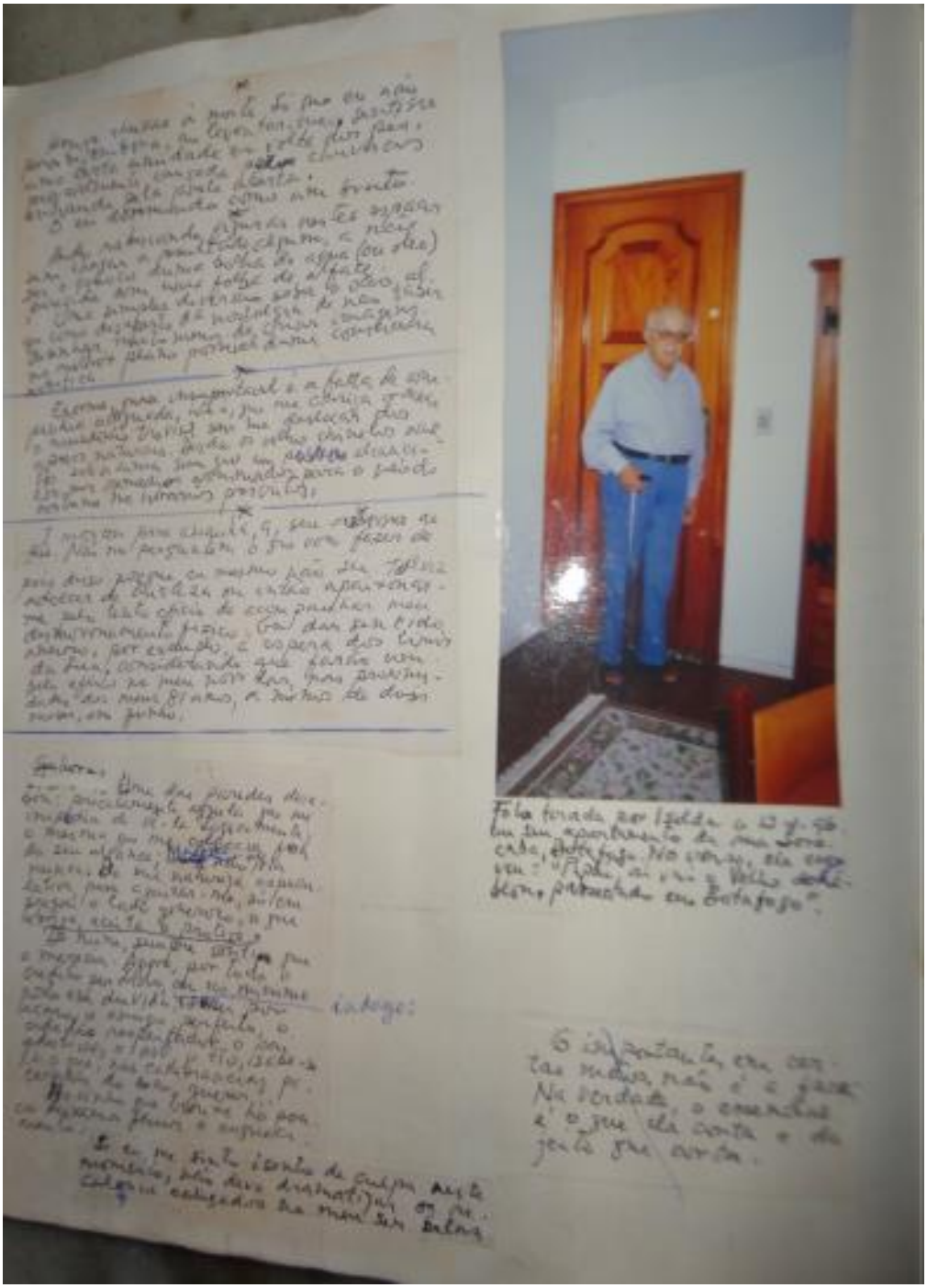


Figura 13 – Página do Caderno de 1996 – Recortes de anotações, foto do escritor. Acervo: arquivo pessoal de Ascendino Leite.

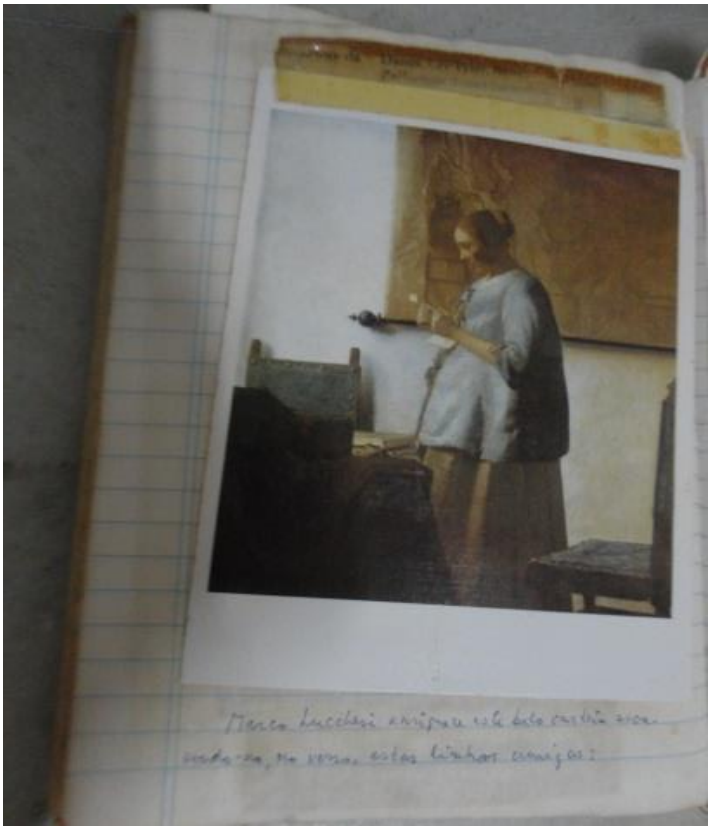


Figura 14 – Página do Caderno de 1997. Cartão postal de Marco Lucchesi para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor

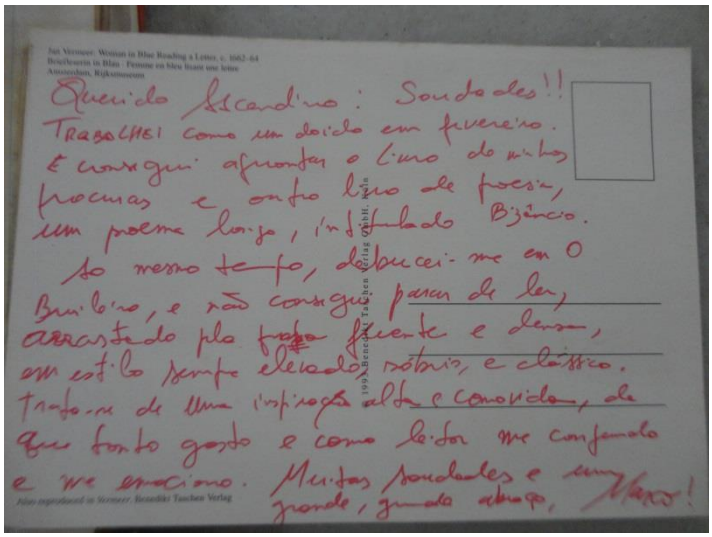


Figura 15 – Verso do cartão postal de Marco Lucchesi para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor

Visualiza-se, através desse processo de bricolagem – junção de vários elementos culturais que resultam em algo novo (DE CERTEAU, 2009) –, um painel da vida do escritor e do contexto cultural em que estava inserido, à medida que vai dando mostras do convívio com os amigos, das relações que estabelecia com a literatura, com escritores contemporâneos e

com questões ligadas à arte de uma maneira geral. Na figura 11, observa-se, à esquerda da primeira página, um recorte de texto de sua coluna "Euísmos" (título de um dos seus *Jornais Literários*), publicada no jornal *A União* (19.11.96), com uma carta datilografada do poeta Francisco Carvalho, ao meio, destinada ao escritor, em que comenta inicialmente a saudade despertada pelo prosador Ascendino:

> [...] Seu bilhete de 22/09/96 avivou-me a saudade. Leio os recortes de jornais que me envia e encontro o mesmo prosador sagaz a falar, com brilho e competência, de coisas e fatos que tecem a incessante teia da vida. Seus artigos sempre nos convidam à reflexão, sempre nos levam a pensar nos dilemas e antagonismos brutais que desabrocham no âmago da condição humana [...]"

A carta prossegue com uma rápida análise de alguns poemas do escritor ("Sinfonia Corporal", "Riso" e "Oração") realizada pelo poeta cearense, que, ao final do texto, faz menção a alguns problemas de saúde e ao envio de seu último livro de poemas – "Raízes da Voz" – para Ascendino. No lado esquerdo da outra página do caderno de 1996 (parte superior), tem-se um poema ("A voz") colado, de autoria do próprio Ascendino, seguido, na parte inferior, de uma carta, também colada, destinada ao poeta e tradutor José Paulo Paes, introduzindo-a desta forma a um provável leitor (que pode ser o próprio escritor, para fins de uso futuro): "Escrevo a José Paulo Paes, renomado escritor patrício, por (?) lhe agradecer um livro biográfico que o concerne, estas linhas amigas: [...]". Segue-se a carta que continua no verso desta página.

Na figura 12, referente às páginas do Caderno de 1997, observa-se a fotografia de escritores: à esquerda, tem-se um recorte da fotografia de Anaïs Nin, escritora francesa mais conhecida por seus diários, que fornecem uma visão de sua vida pessoal e de seus relacionamentos, uma das primeiras mulheres a explorar o domínio da escrita erótica. E uma das figuras femininas mencionadas por Ascendino em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. Na parte inferior desta mesma página (à direita), tem-se um recorte da fotografia de Gustavo Corção, escritor e jornalista brasileiro, anticomunista, que se aliou à ala conservadora do pensamento católico, tendo como uma de suas principais obras *A descoberta do outro* (1944), um relato de sua conversão ao catolicismo. Na página seguinte deste caderno, vê-se um recorte com a fotografia de Margaret Mitchell, romancista norte-americana, autora do livro *E o vento levou* (1936), um dos primeiros best-sellers do século XX, a que Ascendino faz uma crítica em seu *Jornal Literário*.

A figura 13, que correspondente a uma página do caderno de 1966, apresenta, do lado esquerdo, recortes de anotações coladas pelo escritor, que dizem respeito a acontecimentos do

dia a dia e a sensações advindas do seu estado d'alma, como o registro de que houve chuvas a noite passada, sem que tenha percebido, o rabisco de figuras como uma simples diversão sobre o ócio, "a falta de companhia adequada, isto é, que consiga ordenar meu mundinho trivial", a reação com a notícia do retorno de I. para o Rio e um pequeno texto dirigido a uma senhora. À direita desta página, encontra-se colada uma foto do escritor enviada por uma de suas filhas, com esta legenda: "Foto tirada por Isolda a 12-1-96, em seu apartamento da rua Sorocaba, Botafogo. No verso, ela escreveu: 'Papai, aí vai o Velho do Leblon, passeando em Botafogo'". Abaixo dessa legenda está um pequeno recorte de papel colado, com esta reflexão: "O importante, em certas mãos, não é a faca; Na verdade, o essencial é o que ela corta e do jeito que corta."

As figuras 14 e 15 referem-se a um cartão postal enviado a Ascendino Leite por Marco Lucchesi, membro da Academia Brasileira de Letras, poeta, romancista, ensaísta e tradutor, que o escritor cola ao caderno com a seguinte inscrição:

> Marco Lucchesi enriquece este belo cartão escrevendo-me, no verso, estas linhas:
> "Querido Ascendino: Saudades!! Trabalhei como um doido em fevereiro. E consegui aprontar o livro de minhas procuras [?] e outro livro de poesia, um poema longo [?] intitulado Bizâncio.
> Ao mesmo tempo, debrucei-me em O Brasileiro [livro de Ascendino], e não consegui parar de ler, arrastado pela prosa fluente e densa, em estilo sempre elevado, sóbrio e clássico. Trata-se de uma inspiração alta e comovida, de que tanto gosto e como leitor me compreendo e me emociono. Muitas saudades e um grande, grande abraço, Marco!" (Verso do cartão)

Ao fazer do caderno um suporte suscetível de usos variados, Ascendino empreendia, ao seu modo, maneiras de organizar sua relação com o tempo que passa, a partir da observação de sua vida íntima e dos fatos relativos à vida literária, ambas interligadas à sua vivência como homem e escritor. Nesse processo, que tinha como ponto de apoio a fidelidade a si mesmo, Ascendino buscava, por vezes, a unidade, na complexa inconstância de seus estados d'alma, na dificuldade de definir-se:

> RELEIO tudo o que ficou escrito neste caderno e nada indica senão que eu me retroajo ao princípio de não importa que espécie de direção falsa, de que palavra menos pensada, de que frase mal balbuciada, de que gesto aparado no ar.
> Então, experimento esta absurda e penosa sensação de que nem um só dia apontou no meu espírito a marca decisiva, o tom preciso, a qualidade definida de uma verdadeira vida. [...]. (LEITE, 1988, p.80)

Segundo De Certeau (2009, p.15), a esse movimento de *invenção do cotidiano*, que, nesse caso, se faz perceber pelos usos que fazia Ascendino dos suportes de sua escrita intimista, ao tentar unir vida e arte, interessa "as operações e os usos individuais, suas

ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes", através das quais o escritor vai escapando silenciosamente à conformação com produtos oferecidos e com a realidade instituída, galgando outros espaços onde as forças culturais se distribuem.

1.2 DOS CADERNOS ÀS CRÔNICAS NAS COLUNAS LITERÁRIAS DO JORNALISMO BRASILEIRO

Se os cadernos (assim como o bloquinho de notas, as folhas e as agendas) marcaram a afinidade de Ascendino com seu intimismo literário, através de uma prática contínua da leitura e da escrita por meio do uso desses portadores, agora será a vez dos jornais servirem de suporte à publicização de sua escrita intimista. Como jornalista, Ascendino mantinha, com alguns jornais e revistas, uma autoria interna, por meio de uma coluna assinada, resultado, provavelmente, de seu contrato com o órgão jornalístico onde trabalhava ou com o qual colaborava, tendo, assim, direito a um espaço para publicar suas anotações. Estas se apresentavam na coluna de sua autoria em forma de notas (advindas dos cadernos) ou transformadas em crônicas, passadas pelas mãos de um datilógrafo (contexto já explicitado antes), até chegar ao jornal.

A coluna adequava-se, no contexto jornalístico, aos propósitos comunicativos de Ascendino, visto que se apresenta numa linguagem que tende à pessoalidade e se compõe de uma configuração temática híbrida, conforme ressaltam Rabaça e Barbosa (1978, p. 102, apud Melo, 1994, p. 136), ao definir o termo como:

> seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e *redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas.* As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores. **(grifo meu)**.

As notas se distribuíam, graficamente, em uma só coluna, ou ainda, em duas ou três, com o título de *Jornal Literário*[24], publicadas em alguns jornais da Paraíba – *O Momento*, *Correio da Paraíba* (1953), *O Norte* (1908), *A União* (1940). Neste último, Ascendino

[24] A expressão "Jornal Literário" era usada por jornalistas para dar nome à coluna que tinha por objetivo divulgar fatos, fenômenos e acontecimentos da vida literária, assim como escritores em trânsito pela área das letras, concepção que Ascendino aprofundou ao incluir notas intimistas, agudeza de visão e estilo próprio. Um dos adeptos desse tipo de coluna literária foi o jornalista e cronista alagoano Waldemar Cavalcanti que manteve, por longo período, a primeira coluna de informações literárias publicada em jornal brasileiro. (CAVALCANTI, 1960)

assinou ainda duas colunas, intituladas, respectivamente, “Euísmos”, título de um dos seus *Jornais Literários*, e “Alternativas Literárias”.

Nesses periódicos, Ascendino trabalhou e/ou foi colaborador como colunista nos anos 80, 90 e 2000, abordando vários assuntos, sob a forma de fragmentos, oriundos dos seus registros íntimos (reflexões sobre a própria escrita ou sobre o próprio “eu” como elemento desencadeador de seus registros cotidianos, apreciação de temas existenciais e literários, estados de humor do escritor etc.), tendo como centro dessas anotações principalmente fatos e fenômenos da vida literária.

No semanário *O Momento*, fundado pelo jornalista paraibano José Leal Ramos, natural de São João do Cariri (PB), Ascendino foi colaborador diário (cinco crônicas por semana), expondo, na coluna *Jornal Literário*, temas do seu *diurnalismo* literário. Em algumas notas publicadas em uma página dessa coluna (ANEXO 1), o escritor reflete em torno da escrita do diário íntimo, destacando traços caracterizadores do intimismo diarista, ou mesmo questões ligadas à indefinição do gênero de texto em que escrevia (Diário? Memórias ou Jornal Literário?), relacionando tais questões ao propósito de sua escrita.

Nos jornais *Correio da Paraíba* (1953) e *O Norte* (1908), a publicação das anotações do escritor na coluna *Jornal Literário* seguia o mesmo padrão temático apresentado no jornal anterior, revelando o interior de um homem compenetrado em si mesmo, reflexivo no tratamento dado aos temas da alma humana e, principalmente, um expectador do cotidiano e da vida literária, preocupado em buscar, pela ótica de um leitor obstinado e crítico, a melhor forma para comunicar seus sentimentos, opiniões e pensamentos através da escrita.

Em uma página do jornal *Correio da Paraíba* (1953), datada de 1º de agosto de 1990 (ANEXO 2), Ascendino, em meio a outros assuntos salpicados ao longo de sua coluna, deixa transparecer sua perseguição pelo escrever bem, fundamentando a maior parte das notas com estes pensamentos: “[...] Ou cuido de escrever bem ou me mato. No mínimo, deixo de sair de casa ou vou morar na Paraíba [...] Desgraça por desgraça, a pior é ser ininteligível, entregar-se a uma prosa cacete [...]”, que revelam a responsabilidade do escritor para com o ofício da escrita.

Já em outra página de sua coluna do jornal *O Norte* (ANEXO 3), Ascendino introduz suas notas citando o escritor francês André Gide e sua percepção sobre o fato de estarmos cotidianamente recomeçando coisas, para, em seguida, ressaltar para o leitor a necessidade do retorno constante ao livro, às leituras. Nessa mesma linha, cita alguns escritores e textos que apreciava, passando a outras notas relativas ao próprio corpo e ao estado emocional, além de

assuntos relacionados a cartas, telegramas e opiniões de correspondentes ilustres, entre outros temas concernentes à literatura.

O espaço dedicado à coluna literária nos jornais sugere uma pausa para reflexão sobre a relação entre jornalismo e literatura. Ao abordar a questão, Olinto (1960, p.77) afirma que o jornalismo vincula-se a um trabalho que está à mercê da pressão do tempo (que obriga o pensamento a trabalhar rápido) e do espaço limitado, mas apresenta, "fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte". Daí porque o crítico considerava o jornalismo como uma espécie de literatura. Afinal, assim como ocorre com o escritor, a matéria prima do jornalista também é a palavra e ambos não estão inteiramente livres de pressão. Se o escritor vive com mais liberdade o ato de criação, existe, por outro lado, o impulso interior que exerce determinada pressão sobre o ato da escrita, para concluir uma obra, por exemplo, ou ainda a pressão de objetos externos, que conduzem ao ímpeto de transformar a criação em realidade.

Nessa inter-relação de liberdade e pressão, o jornalista situa-se como aquele que está mais preso às circunstâncias exteriores ao homem como ser individual, mas inscrito numa vida cotidiana, estando, portanto, sujeito ao espírito de organização, ao lidar com os objetos constitutivos da atividade diária (busca da técnica vocabular, adequação entre linguagem e sentimento, condições materiais de serviço etc.), para adequação ao trabalho jornalístico. O esforço dedicado a essa esquematização pode cercear a produtividade criadora do escritor, mas não impedi-la, pois, como afirma Olinto (1960, p.82):

> na verdade, o movimento criador é absolutamente imprevisível. Não se sujeita da organização. Surge do lastro de humanidade que o artista tenha acumulado em si, em anos de alegria e de angústia. Surge da necessidade de transmitir alguma coisa aos seus semelhantes.

Ligado ou não ao jornalismo, o que importa ao escritor é sua capacidade de reação frente aos acontecimentos cotidianos e o sentido de permanência que consiga imprimir à mensagem, sem que se deixe atingir pela pressão que o conduza à facilidade de estilo. Para Olinto (1960), o jornalismo comporta uma literatura de maior alcance, presente nos suplementos literários, através da publicação periódica de contos, ensaios, poemas ou de certas crônicas diárias. Não foi sem razão que a pesquisadora Socorro Barbosa, estudando a relação entre jornalismo e literatura no século XIX paraibano, concebeu "o suporte jornal – e não apenas o livro – como fonte primária para o estudo da literatura e da cultura", afirmando que essa abordagem

> [...] não tende a tomar a "obra" final – impressa em livro – como definitiva e a única digna de investigação, pois a despeito da importância dessa tradição

> de estudos, há contudo outras histórias que precisam ser contadas, de modo que, primeiro, favoreça o conhecimento daquelas práticas que não foram valorizadas e foram esquecidas pelos historiadores; depois, que desenhe com maior verossimilhança a "vida literária" de um tempo distante, bem diversa das que propõem os livros e manuais, porém mais próximas da "realidade" daquela época [...]. (p.15)[25]

Além dos suplementos, há também a possibilidade de a literatura no jornal acontecer no domínio da informação, da reportagem, da entrevista, porque, segundo Olinto (1960, p.79),

> O importante, de início, é a linguagem. Uma vez dominada esta, pode o jornalista criar, dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ser-consciente e ser-responsável.

Como escritor e colaborador de jornais e revistas, publicando em coluna literária fragmentos de suas anotações íntimas, Ascendino dizia escrever contra a vida que passa, contra o esquecimento, filosofia também incorporada às crônicas que escrevia, sendo estas resultado do processo de retextualização[26] por que passavam as notas manuscritas ou coladas nos cadernos, e, depois de datilografadas, destinadas posteriormente à publicação nas colunas de revistas, como a *Em Dia*, e jornais, como *A União* (1940).

Vale salientar que a consolidação da crônica no jornalismo brasileiro aconteceu em meados do século XIX, quando, a partir daí, tornou-se um gênero quase obrigatório para os jornais brasileiros, tendo como principal função entreter e tornar agradável, principalmente ao público feminino, o acesso às informações da semana e do mês. O termo esteve vinculado à opinião dos mais variados assuntos: "da política ao teatro, dos eventos sociais aos esportivos, *dos acontecimentos do dia-a-dia ao universo íntimo de cada autor*" **(grifo meu)**, remetendo, em sua gênese, à ligação com o folhetim – entendido, nesse contexto, como o "espaço plural que abrigava uma série de textos voltados ao *entretenimento.*" (TEIXEIRA, 2003, **grifo do autor**).

Considerando a diversidade de assuntos abarcados pelo gênero, as crônicas de Ascendino incidiam normalmente sobre os assuntos cotidianos, relativos principalmente à vida literária, e o universo intimista do escritor, como se pode observar nesta crônica

---

[25] Texto disponibilizado na página eletrônica <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

[26] Segundo Marcuschi (2001), o termo *retextualização* serve para caracterizar o processo de mudança de um texto de uma modalidade (oralidade) para outra (escrita), podendo, inclusive, essa modificação referir-se ao meio em que ele é produzido/veiculado. Já Dell'Isola (2007, p. 10) define a retextualização como um "processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e uma reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem". Compreendendo um ou outro significado, o importante, no caso da retextualização, é a adequação de um texto a determinada situação comunicativa.

(ANEXO 4), publicada na revista *Em Dia*, em uma coluna assinada pelo escritor, denominada *Momentos Intemporais*, título de um dos seus *Jornais Literários*.

Neste texto, o escritor remete as suas reminiscências, fixadas num determinado estágio de sua vida, refletindo em torno da naturalidade e afetividade dos encontros com as pessoas nas ruas e da relação entre esses encontros e a correspondência que estabelecia com amigos e camaradas, este último, aliás, um dos temas recorrentes em seu *Jornal Literário*, como se verá no 3º capítulo. Além de outras anotações que se voltam para o universo literário, fruto de sua prática de leitura de textos do gênero, como este registro sobre o processo de composição do *Fragments d'un jornal*, do historiador romeno Mircea Eliade, muito similar à feitura do *Jornal Literário*: "[...] Eliade escreveu todo o seu jornal na base de anotações feitas em pequenos retalhos de papel que o acaso lhe atirava às mãos. Cedia precisamente ao império da intuição. O prazer e o saber, nessa leitura, chegar-lhe-iam aos pedacinhos. [...]" (p.7).

Nesta outra crônica (ANEXO 5), publicada no jornal *A União*, cujo espaço utilizado por Ascendino intitulava-se *Alternativas Literárias*, o escritor reflete inicialmente sobre o silêncio e sua relação com o próprio eu, passando para uma nota de leitura crítica sobre a correspondência de Hannah Arendt e Martin Heidegger, aluna e mestre, dois filósofos do século 20 que mantiveram uma relação de amor e admiração intelectual ao longo de 50 anos, traduzida nesta reflexão de Ascendino: "[...] Em meio dos raciocínios, pausa para as coisas prosaicas do acasalamento estabelecido, a arrumação das peças da intimidade iminente. [...]". Em seguida, adentra numa nota sobre o seu estado de alma, invocando a música, na figura do maestro judaico austríaco e compositor Gustav Mahler e do compositor italiano Giuseppe Domenico Scarlatti. Finaliza com uma nota melancólica, ciente de que precisa fazer alguma coisa.

Vale lembrar que a trajetória do jovem leitor Ascendino Leite e sua dedicação à literatura ocorreram paralelamente à sua atuação no jornalismo, embora desde cedo tenha aflorado seu interesse pela leitura e pela escrita literária. Para ele, tratava-se de uma questão de "inclinação" própria, que jamais abandonou, a não ser quando parasse de ler e escrever, momento que reconheceria como sendo o de sua morte. Considerava "o uso da palavra e a arte da escrita" como uma graça que Deus lhe conferiu. A escrita tomada como graça ou dom é uma concepção normalmente usada para se referir à condição dos literatos (GARCEZ, 2004). Conforme afirma Chartier (1999, p. 31):

> [...] da Idade Média à época moderna, frequentemente se definiu a obra pelo contrário da originalidade. Seja porque era inspirada por Deus: o escritor não era senão um escriba de uma Palavra que vinha de outro lugar.

> Seja porque era inscrita numa tradição, e não tinha valor a não ser o de desenvolver, comentar, glosar aquilo que já estava ali.

Neste depoimento, o incentivo do pai, Manuel Cândido Leite, que descobriu o interesse do filho pelos livros, embora tenha sido importante para Ascendino, é assinalado, de forma moderada:

> Eu aprendi muito com meu pai, que gostava de conversar e a conversa dele comigo vinha sempre do terreno do místico, o ilusório. A gente nem sabia que estava fazendo literatura oral, era isso o que aconteceu com meu pai, o resto é uma questão de inclinação minha. (NUNES; NUNES, 2005, p.14)

Os pontos de apoio não deixam de ser importantes para a construção da figura de um Ascendino leitor que se representa no *Jornal Literário*, seja por meio das pessoas de quem recebeu incentivo na infância, como seu pai, seja através de algum professor dos anos colegiais, como o Padre Mathias Freyre, "um professor de geografia com hábitos bibliográficos de um parisiense", que alimentou a vocação literária do jovem paraibano, sugerindo leituras, emprestando livros e apresentando-lhe os franceses Valery, Sthendal, Gide, Proust e Mauriac (MENEZES, 1986). Ou, ainda, por meio do convívio com escritores, da maneira como se relacionou com a cultura do escrito de uma determinada época e lugar, chegando, até mesmo, a apropriar-se desta em alguns momentos. É o tema de que me ocupo no próximo capítulo, ao discorrer sobre a formação do *Jornal Literário* de Ascendino Leite e sua estrutura.

2 FORMAÇÃO E ESTRUTURA DO *JORNAL LITERÁRIO* DE ASCENDINO LEITE

Este capítulo visa reconstruir as condições em que se deu a formação do *Jornal Literário* do escritor Ascendino Leite, considerando sua estada no Rio de Janeiro, nos anos 40, 50 e 60, donde datam fragmentos dos primeiros registros memorialísticos presentes na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, publicados em 1988 e 1989. Tomei essa antologia como principal fonte de informação para apontar as maneiras de fazer pelas quais Ascendino se constituía/infiltrava como leitor nas práticas culturais da época, criando ações para chegar à formação do *Jornal Literário* e à natureza híbrida de sua estrutura. Estas "maneiras de fazer" estão sendo entendidas aqui como os "modos de proceder da criatividade cotidiana" por meio dos quais "usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção cultural" (DE CERTEAU, 2009). O *Jornal Literário* de Ascendino, exemplificado por meio desta antologia, representa o produto desse movimento astucioso, compõe-se de um painel de fragmentos que não pode ser reconhecido apenas como um ramo da literatura intimista, matéria pouco estudada no Brasil, mas como um documento da vida literária e cultural do país na época, escrito sob a pena de um escritor que teve uma experiência intensa com a leitura.

Debruçando-se particularmente sobre a leitura dessa antologia e sobre a atuação que teve o escritor no suplemento *Letras & Artes*, do jornal *A manhã*, pus-me, neste capítulo, a averiguar, inicialmente, como teria surgido a expressão *Jornal Literário*, acrescentando algumas considerações sobre a importância que teve o encontro de Ascendino Leite com o *journal* dos franceses. Em seguida, focalizei as redes de sociabilidade de que o escritor participou, entendidas como as relações estabelecidas no espaço público, permitindo a circulação de ideias nos meios intelectuais (principalmente na década de 50, no Rio de Janeiro), para a construção do seu *Jornal Literário*. A participação nessas redes de sociabilidade visualizava-se no contato que Ascendino mantinha com a produção jornalística dos suplementos literários, caso particular aqui do *Letras & Artes*, no convívio que estabelecia com os escritores contemporâneos da época e nos espaços culturais por onde circulava, inscrevendo-se, assim, como leitor num campo fértil para a expansão das operações racionais.

Essa expansão viria a se concretizar com a formação do seu *Jornal Literário*, incluso no domínio da memorialística[27], mas que me parece ultrapassar essa fronteira, visto que o texto organiza-se em torno de uma estrutura híbrida, composta não apenas por aspectos do diário, como passou a ser conhecido (porém, sem o rigor cronológico típico do gênero, vale dizer), da confissão, da autobiografia e da memória, dos chamados gêneros híbridos ou *heterodoxos* (BARBOSA FILHO, 2008a), mas também por comportar elementos do ensaio, da crítica, da crônica, da carta, do perfil, registrados sob a forma da escrita fragmentária. O exame do processo de composição do texto no domínio da "memorialística" será abordado na terceira seção deste capítulo.

2.1 A EXPRESSÃO *JORNAL LITERÁRIO* E O ENCONTRO COM O *JOURNAL* DOS FRANCESES: algumas considerações

A princípio, pode-se associar a expressão *Jornal Literário* ao nome do jornalista, escritor e crítico literário alagoano Valdemar Cavalcanti, que parece ter fixado seu uso no jornal brasileiro por volta de 1937, pondo-se a escrever a primeira coluna diária de informações sobre fatos e fenômenos da vida literária, como redator da *Folha Carioca* [19--] e diretor do suplemento literário de *O Jornal* (1924), de Assis Chateaubriand, no Rio de Janeiro, lugar onde exerceu intensa atividade literária, escrevendo crônicas e artigos de crítica para jornais (como os já citados) e revistas brasileiras, a exemplo da *Revista do Brasil* (1926), *O Cruzeiro* (1928), *Vamos ler* (1935), *Revista Bancária* (1933) e *Carioca* (1922).

A coluna de Valdemar, que trazia o título de "Jornal Literário" e que se manteve por duas décadas em *O Jornal* (1924), compunha-se de anotações desenvolvidas sob a forma de comentários leves sobre livros, fatos e acontecimentos literários, como se observa nesta nota, em que o jornalista anuncia o lançamento e tece considerações sobre o primeiro "diário" de Ascendino Leite – *Durações*, de 1963, publicado pela editora Vozes:

> **Jornal Literário**
>
> Valdemar Cavalcanti
>
> **1 – Ascendino Leite: notas de um diário**
> **2 – Guia prático para aprendiz de orador**
> **3 – Crítico ganhou o caminho de um romance**

[27] Cf. A MEMORIALÍSTICA de Ascendino Leite. João Pessoa: Ideia, s/d.

> Já em provas um novo livro de Ascendino Leite, "Durações", cujo lançamento a editora Vozes marcou para fins de abril ou começo de maio. Não é romance: é uma espécie de diário, notas de cunho pessoal sobre pessoas, coisa, leitura, viagens; observações e reflexões de um escritor, levadas ao papel desde 1940, durante certa crise espiritual do autor – crise que só veio a cristalizar-se na maturidade, quando AL se orientou para o romance. Nesses papéis íntimos, pelo que se vê, a nota que predomina é a de deslumbramento ante as forças naturais que cercam os seres vivos e os transformam em projeções humanas importantes. Inúmeros escritores e artistas estão na alça de mira do romancista de "O brasileiro": José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Augusto Frederico Schmidt, Marques Rebelo, Guimarães Rosa, Josué Montelo, Gilberto Freire, Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Cardoso, Santa Rosa, Goeldi Guignard, etc. Talvez saia ainda este ano outro volume do diário – o "Novas durações", cujos originais Ascendino Leite já está revendo, enquanto dá andamento a outro romance, "O anel"[...].
> (*O Jornal*, 01 mar. 1963. Acervo: Fundação Casa de José Américo, João Pessoa, PB)

A função de colunista e observador, que assumiu Valdemar Cavalcanti, contribuiu para o preparo das notas para *O Jornal* (1924) e, por conseguinte, para utilização desse material na elaboração de um livro de crônicas, publicado pela livraria e Editora José Olympio, também intitulado de *Jornal Literário* (1960) –, que, segundo o autor, se justificava "pela própria natureza e espírito da matéria que contém". Ou, como definiu, mais detalhadamente: "[...] As páginas ora reunidas são parte de anotações feitas, quase dia a dia, à margem dos fatos, fenômenos e episódios da vida literária, focalizadas ainda ideias e tendências, bem como evocadas figuras humanas em trânsito pelo mundo das letras [...]". No decorrer dessa Nota do Autor, Valdemar acrescenta a motivação que o levou a considerar a matéria importante, a ponto de decidir pela sua publicação em livro:

> [...] Foi por verificar que esse material poderia, de certo modo, representar um depoimento talvez útil ao estudioso das condições peculiares da atualidade literária no Brasil, que o autor se decidiu a reuni-lo em volume, vencendo mesmo resistências que formara ao longo de sua carreira de aprendiz de escritor. [...]

O que chama a atenção nessas rápidas observações sobre esse livro de crônicas de Valdemar Cavalcanti é a natureza do conteúdo dessa obra, voltada para o comentário de livros e fatos literários, atividade para a qual, segundo Aurélio Buarque de Holanda[28], o autor parece não ter tido predecessores, a não ser, posteriormente, na relação que se verifica entre esse livro e o *Jornal Literário* de Ascendino Leite. A proximidade entre os dois escritores está, inicialmente, no fato de Ascendino Leite ter sido contemporâneo do escritor alagoano, tendo sido leitor de sua coluna em *O Jornal*, propondo-lhe, inclusive, algumas notas sobre o

[28] Ver "orelha" do livro *Jornal Literário* (1960), de Valdemar Cavalcanti.

desenvolvimento do Jornal que ele (Ascendino) escrevia, visando a eventuais editores no futuro: "certos pormenores de estrutura, indiscrições etc., que eu gostaria de ver difundidos em sua coluna, coisa que ele [Valdemar] acolhe com pronta deferência." (LEITE, 1982, p.258). Veja-se, acima, o exemplo da nota sobre *Durações* (1963).

De leitor a "colaborador" da coluna de Valdemar Cavalcanti, Ascendino também fez do *Jornal Literário* desse jornalista objeto de leitura, em virtude do acentuado interesse pelos fatos literários, registrando esta nota no livro *As Durações* (1963, p.255):

> – O Jornal Literário, de Valdemar Cavalcanti, é minha leitura deste domingo. Não tem ele a envergadura de um depoimento uniforme sobre livros e as gerações que configuram o mundo das letras no Brasil. O autor, por seu lado, não teve tal propósito. Ele o declara.
>
> Mas é, em geral, uma notícia crítica das peculiaridades da estruturação quotidiana desse panorama literário, traçada com uma perspicácia que obriga a admiração.

O que quero destacar, ao dar relevo a estas informações, é o fato de Ascendino ter publicado *Durações* (seu primeiro *Jornal Literário*) três anos depois da publicação do *Jornal Literário*, de Valdemar Cavalcanti, que data de 1960, já ambientado com o autor e com os aspectos literários abordados na coluna que mantinha o jornalista. Ao comentar sobre o livro de Valdemar Cavalcanti, Ascendino como que indicia a possibilidade de cumprir um objetivo maior, propagado, mas não ambicionado pelo jornalista: "Não tem ele a envergadura de um depoimento uniforme sobre livros e as gerações que configuram o mundo das letras no Brasil...", como se anunciasse: "o meu *Jornal Literário* tem". É oportuno lembrar os contatos que Ascendino estabeleceu com Valdemar Cavalcanti, através da conversa que mantinha com o jornalista ao telefone, dando-lhe informações sobre o andamento de seus livros, ou por meio do encontro com o escritor em alguma livraria[29].

Esse tipo de relação, que tinha como tópico da conversa assuntos literários, era muito comum entre os escritores da época, transformando-se muitas vezes em amizades literárias (tema que discuto no terceiro capítulo), e que o próprio Cavalcanti definiu, em seu livro *Jornal Literário*, como "Amizades que se fazem sólidas entre os vivos, pelo mútuo conhecimento e admiração recíproca, pelo constante intercâmbio de ideias ou emoções, mas também entre vivos e mortos, por um misterioso comércio da inteligência e da sensibilidade" (CAVALCANTI, 1960, p.8).

---

[29] Em *A Velha Chama* (1974, p.54-55), Ascendino registra o encontro com Valdemar Cavalcanti e outros escritores (Grieco, Antônio Houaiss) na livraria São José, em que Valdemar Cavalcanti, buscando material para sua coluna literária, realiza um inquérito entre eles, interrogando-lhes sobre os dez livros que "haviam no correr dos séculos, desta ou daquela forma, abalado o mundo".

O contato que Ascendino Leite estabelecera com Valdemar Cavalcanti, seja como leitor de sua coluna literária, seja por meio da participação das redes de sociabilidade junto ao escritor e, particularmente, da leitura que fizera do seu livro, permitiu identificar algumas afinidades, do ponto de vista do conteúdo, entre o *Jornal Literário* de Ascendido Leite e o livro do escritor alagoano. Neste, a matéria se acha concentrada numa série de temas que vão desde a crítica à "feira das vaidades literárias", expressa em seus vários ângulos (esnobismo, igrejinhas literárias, brigas nos meios literários, orelhas de livros, influências, dedicatórias, o que se vê nos sebos e a soberba literária), às confissões, aos trechos evocativos, aos comentários parciais de obras, à construção de perfis, entre outros aspectos relativos à vida literária.

Tudo dosado por meio de uma expressão pessoal ora contemplativa, ora observadora (como no caso dos perfis), ora mais incisiva (como se observa na maioria das crônicas), sendo os textos conduzidos pelo toque da ironia e, por vezes, do humor, dando um tratamento diferenciado à matéria literária. A título de exemplo, veja-se o que Valdemar Cavalcanti registrou a respeito do *Diário Secreto*, de Humberto de Campos, sob o título de *Confissões*, no seu *Jornal Literário* (1960, p.197):

> Diante do *Diário Sec*reto, de Humberto de Campos, volto a experimentar ainda viva aquela penosa impressão que me deixaram muitas de suas páginas.
>
> O que o homem tinha de podre estava à mostra em suas confissões. Mesmo no fim da vida, entre os sofrimentos de uma doença implacável, quando o natural é que ele se voltasse para o patético, o escritor maranhense ainda conseguia dar vez ao seu espírito de maledicência. E era como se uma frase ferina ou um ato de maldade lhe aliviasse as dores.
>
> Nunca vi, assim, tanta incapacidade de amar, tamanho desrespeito à amizade, tanto desalinho de compostura humana. Nele a acromegalia não se limitou às deformações do corpo: foi até o espírito – e deu-lhe um aspecto mais monstruoso ainda.
>
> "Há em mim a volúpia da perfídia" – ele escreveu com todas as letras. Claro: a peçonha da ruindade secara-lhe as nascentes da ternura. E do resto se sucumbiu a vaidade, que inchara, no fim, mais que a cara, as mãos e os pés.

Além desse texto, que mais se configura como um diário de leituras – haja vista tratar-se do registro das impressões de leitura e do diálogo reflexivo do leitor com o autor do *Diário Secreto* – outros flagrantes do *Jornal Literário* (1960) de Valdemar Cavalcanti vão, mais tarde, encontrar eco nos fragmentos que compõem a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino Leite: particularmente no momento em que o leitor se defronta com a presença de confissões, das evocações memorialísticas, das notas críticas sobre a matéria do romance, dos perfis e retratos de escritores ou, melhor dizendo, da matéria literária de que o

escritor se utilizou para compor seu *Jornal Literário*, reempregando, para isso, uma expressão literária e conteúdo bem mais "elaborados" que os do seu antecessor, que atribuiu ao conjunto de suas anotações o título de crônicas.[30]

São essas operações de reemprego que chamam a atenção no *Jornal Literário* de Ascendino Leite e permitem dizer que essa expressão esteve, pelo menos num momento inicial, associada à matéria literária do livro de Valdemar Cavalcanti, expandindo-se para as maneiras de fazer próprias do leitor Ascendino em seu *Jornal Literário*. Segundo De Certeau (2009, p.87), "[...] nesses 'usos', trata-se de reconhecer 'ações' (no sentido militar da palavra) que são sua formalidade e sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo", isto é, o uso que se faz do produto cultural, como se consome tal produto, que ações são empregadas para usá-lo.

Embora o livro de Valdemar Cavalcanti tenha se apresentado como um ponto de apoio para Ascendino Leite pensar a formação do seu *Jornal Literário* – representado aqui pela antologia *Sementes no Espaço (1983-1988) I* e *II* –, foi no papel de leitor do *journal* de escritores estrangeiros (Henri-Frédéric Amiel, Katherine Mansfield, Benjamin Constant, Edmond de Goncourt, Jules de Goncourt, André Gide) que o escritor encontrou de fato motivação para elaboração desse Jornal, tomando, à luz da fórmula francesa, ciência de que escrevia um diário (mas não sob o rigor cronológico típico do diário íntimo). De acordo com o DICTIONNAIRES *Le Robert de Poche 2008* (2007, p.400), o verbete *journal* compreende os seguintes significados:

> Journal (aux): 1 – Registre de comptes. 2 – a – Récit quotidien des événements: écrit portant ce récit. Journal intime. Journal de bord (sur um navire). b – Publication périodique: revue. Publication quotidiènne consacrée à l'actualité: quotidien. L'administration, la direction, les bureaux d'un journal. Écrire au journal. 3 – Bulletin quotidien d'information. Journal parlé (radiodiffusé), télévisé.[31]

Note-se que dentre os sentidos atribuídos ao termo *journal* está o de *Journal intime*, escrito portando a narração cotidiana dos acontecimentos, de que o diário íntimo é um exemplar, modelo que Ascendino tomou para si, admitindo-o, em nossa literatura, como *Jornal Literário*, isento praticamente de datas, marcado pela mescla de passagens de

[30] Não há aqui qualquer preconceito quanto a este tipo de narrativa curta, apenas quero frisar a dimensão que adquiriu as ações empregadas no conteúdo do *Jornal Literário* do escritor Ascendino Leite – questão que o leitor terá oportunidade de observar no terceiro capítulo.

[31] Jornal (ais): 1 – Registro de contas. 2 – a – Narração cotidiana dos acontecimentos: escrito portando(que traz, relativo a) esta narração. Diário. Diário de bordo (sobre um navio). b – Publicação periódica: revista. Publicação cotidiana destinada à atualidade: cotidiano. A administração, a direção, as instalações (redações) de um jornal. Escrever para um jornal. 3 – Boletim diário de informação. Jornal falado (de radiodifusão), televisionado. **(tradução minha)**

diferentes épocas ou pela supressão de trechos de vários anos – novidades que Martins (1995) denominou de *antidiarísticas*, ao fazer alusão ao livro *A Velha Chama* (1974). A palavra "jornal" refere-se, segundo Martins, a um galicismo enraizado no nosso idioma, servindo para designar ora o jornal propriamente dito, ora o "jornal" literário, salvaguardando, neste último caso, do diário íntimo apenas o gosto pela autoanálise, o olhar despojado em relação às pessoas e também a força da sinceridade (BARBOSA FILHO, 2008a).

Para Ascendino, a justificativa do diário estava em ser o registro dos dias significativos, notificados ao sabor do que "é essencial e tenha interesse tanto ao sentimento quanto à memória", constituindo-se, dessa forma, mais um jornal que um diário íntimo, como lhe pareceu o significado que dera Alfred Fabre-Luce ao seu *Journal Secret*, que ele tomou como divisa para si, através desta citação, transcrita em *Sementes no Espaço (1938-1988) II*:

> – La vie se compose d'heures essentielles, qui existent puissamment, et d'aures heures, qui les servent, les prolongent ou les expient. Etablir une égalité artificielle entre ces heures, c'est trahir notre vie interieure em supprimant ses proportions et perspectives.[32] (LEITE, 1989, p. 158).

No fragmento a seguir de *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, Ascendino Leite registrou claramente o *insight* que teve ao deparar com a leitura do diário de escritores estrangeiros, num confronto com suas anotações íntimas anteriores, especialmente com a leitura do *Journal* de André Gide, que passou a exercer forte influência na construção do seu *Jornal Literário*, porque apontava para o caráter intimista, confessional dos seus registros – para o exame e expressão do eu – o "euísmo", como nomeou, conduzido pelo trabalho literário: "Pelo eu posso alcançar a densidade do infinito; o eu é necessariamente o seu ponto de partida." (LEITE, 1989, p.401) –, ao mesmo tempo em que não se distanciava da observação e da análise da realidade:

> [...] Alguns fragmentos de minhas anotações íntimas dessa época [refere-se à fase 1936-40], que me passaram pelas mãos quando me decidi compor o jornal literário, continham tais liberdades que fiz bem, vejo agora, em os esquecer, em os desprezar, em os relegar ao mais completo olvido.
>
> Até então eu jamais lera qualquer diário íntimo, nem mesmo o de Amiel, o primeiro que li, seguindo-se o *Journal Intime*, de Constant, o dos Goncourt, a Mansfield, até o encontro decisivo – o *Journal* de Gide.
>
> A partir desse instante, o registro íntimo, a conversação comigo mesmo, criaram-me a sensação do trabalho, a atmosfera da confissão: compunha sem saber um esboço da minha fisionomia, mas não esquecia o mundo que estava ligado à minha subsistência.
>
> Hoje, direi como Amiel que o diário é minha pátria, minha ciência e minha arte. (LEITE, 1988, p.137-138)

[32] "– A vida compõe-se de horas essenciais, que existem poderosamente, e de outras horas que as auxiliam, prolongam ou esgotam. Estabelecer uma igualdade artificial entre essas horas é trair nossa vida interior, suprimindo-lhe as proporções e perspectivas." **(tradução do autor)**.

Ao qualificar, nesse fragmento, o *Journal* de Gide como "o encontro decisivo" para o exercício do seu *Jornal Literário*, Ascendino me chamou a atenção para aquele escrito. Nesse sentido, achei oportuno considerar a leitura do ensaio de Antonio Olinto (1960) sobre o *journal* de André Gide, visto que me conduziu a algumas percepções sobre o tipo de relação (ou de influência) que provavelmente exercera a leitura desse *journal* para a escrita do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, até no seu comportamento como leitor, nas suas preferências de leitura.

De acordo com Olinto (1960), o *Journal* de Gide, datado de 1889 a 1949, teve início quando o autor tinha 20 anos de idade. Nesse texto se acham as impressões dos momentos importantes de sua vida, num escritor preocupado com problemas de consciência, com o aspecto ético do mundo, com o bem e o mal, permanecendo em contínuos debates consigo mesmo, o que se mostra profundamente presente em seu *journal*. Para este atribuiu uma forma, transformando esses aspectos em elementos de comunicação, tomando para si a "luta permanente do artista pelo aperfeiçoamento de sua arte e de seu espírito", tanto na vida como na arte. Como considerou Olinto (1960, p.13), o fato de Gide não ter cedido a uma lei moral, preferindo o uso da inteligência e dos sentidos, mostra que:

> [...] Não é apenas com obras passivamente exemplares, com neutralidade de certas virtudes ou com o orgulho monopolista de algumas posições definidas, que um homem leva avante a sua batalha pessoal contra a maldade. É principalmente com a turbação cheia de esperança (de um Pascal) e com a turbação desesperada (de um Gide) [...].

Acrescenta ainda que "é principalmente através de um exame de consciência de cada pessoa, exame que, como no caso de André Gide, pode não purificar a vida daquele que o faz, mas é capaz de esclarecer muita gente que venha a tomar conhecimento" (OLINTO, p.13) de suas obras, particularmente do *Journal*, onde esse exame se encontra de forma mais clara. Gide dizia que escrevia para não se matar, Ascendino, tomando as palavras do diarista, buscava refúgio na escrita, dizendo: "Escrevo porque vivo. Vivo porque escrevo." (LEITE, 1989, p. 349). A relação entre literatura e vida, presente no *Journal* de Gide, aparece aqui com a mesma força, a ponto de, noutro momento do *Jornal Literário*, Ascendino esquecer do foco que dava a si mesmo nesse escrito, admitindo que não escrevia para ser lembrado, mas contra o esquecimento, contra a vida que passa – dormia pouco para a ter a sensação de viver mais. Já noutro fragmento acrescentava: "[...] viver fora destes registros é como viver fora de mim, social ou individualmente destinado a desaparecer. [...]" (LEITE, 1988, p.181). A escrita é concebida como a descoberta de um modo para servir ao

espírito, que não tangencia a prática da leitura, antes a envolve, num processo similar ao desejo de aperfeiçoamento de si que buscava Gide, e que Ascendino assim resumiu para si: "Lendo e escrevendo não faço mais que empreender uma singular e misteriosa viagem à procura do meu eu." (LEITE, 1989, p.368).

Outro traço importante da obra de André Gide e que se reflete no *Jornal Literário* de Ascendino Leite é a sinceridade que o escritor francês colocava em suas "confissões": a fidelidade a si mesmo constituía um princípio sobre o qual se firmava. De acordo com Olinto (1960, p.18), "ninguém pode duvidar da autenticidade de suas palavras e de seus sentimentos, tal a precisão e a constância das preocupações que o seu "Journal" revela." Um dos aspectos que justifica esse apego à sinceridade refere-se à própria vida conjugal do escritor, que era marcada pelo silêncio, pela abstenção de diálogos entre Gide e sua mulher Madeleine, sem que aí houvesse uma hostilidade mútua, nem ressentimento. O reconhecimento de ter fracassado como macho e companheiro junto à mulher não invalidaria o fato de que a amava, silêncio que só vem a ser quebrado no *journal*: "É o sentimento de que meu amor agoniza neste silêncio que me faz confiar ao menos a este diário, nestas páginas que transcrevo, o que não cheguei a lhe dizer" (p.19).

Outras situações que demonstravam a sinceridade e a coerência do autor nesse tipo de escrito íntimo consistiam, por exemplo, em não desmentir publicamente um artigo contendo declarações equivocadas a seu respeito, mas registrar o fato em seu diário, ou reservar para este escrito o que deixava de dizer nas conversas que mantinha com algum amigo ou conhecido, ou ainda na defesa que fazia de questões como o homossexualismo, o que levou, sem êxito, alguns amigos a impedir a publicação de um dos seus livros (*Corydon*), ou a sugerir a omissão do seu nome nessa publicação. Para Olinto (1960, p.20), "essa fidelidade a si mesmo, esse apego à sinceridade, ainda que desligados de um princípio moral, é que dão a Gide o que poderia chamar de dignidade de ato."

Ascendino parecia seguir as pegadas de Gide, quando procurava fazer do seu *Jornal Literário* repositório de sua sinceridade (embora desconfiasse da sinceridade de certos diários, quando se quer passar por coerente consigo mesmo ou com a literatura), colocando-a a serviço de um programa de existência, em que a fidelidade aos sentimentos e a si mesmo (até na reflexão que fazia do mundo exterior) representava uma realidade em desenvolvimento no plano de realização do seu trabalho literário, chegando esse compromisso com a "dignidade do ato" a concretizar-se, para o escritor, como uma prerrogativa do jornal íntimo:

> [...] Tristes são os diários redigidos com os olhos fitos numa certa imagem ideal para seduzir o público.
>
> O importante num escrito íntimo é a fidelidade aos objetos da remissão, sejam situações abstratas, como o sentimento, sejam dados concretos duma realidade que imprime alguma singularidade.
>
> Adotando reservas e cautelas preconcebidas, o diarista corre o risco de se transformar num impostor e a sua confissão num reflexo escrito de sua hipocrisia íntima. (LEITE, 1989, p.325)

A fidelidade aos objetos aludidos no *Jornal Literário* aparece à medida que Ascendino Leite vai refletindo sobre uma série de fatos relativos à vida íntima e a seu próprio cotidiano como escritor: quando expõe o estado de humor da esposa Rosa advindo do ciúme: "Aí está: essa pequena borrasca. R., com seus zelos conjugais, seus ciúmes bobos, uns propósitos agressivos sem qualificação. [...]" (LEITE, 1988, p.351); ou uma perturbação (curiosidade?) masculina motivada pelo rumor da conversação entre Rosa e suas amizades novas:

> [...] Perturba-me, sim, essa voz que de repente irrompe da conversação, doce, acariciante, voz que nunca ouvi, cheia de romantismo e de humor.
>
> Invejo R., cercada desse tom. E fico-me subjacente nas coisas que antevejo no corpo mesmo do que procuro desagregar nessa voz.
>
> Vou levantar-me. Sem qualquer intenção dolosa ou menos moral. Tampouco bisbilhoteira, inferior.
>
> Mas não consigo atingir o vão da porta. (LEITE, 1988, p.419)

Outras formas de o escritor demonstrar sinceridade a si mesmo e aos fatos de uma dada realidade apreendida estão, por exemplo, no modo como percebia a visita à casa nova de um amigo, elogiando a elegância discreta de alguns cômodos, porém desdenhando a falta de espaço para o contorno de uma estante e a presença indispensável de um livro: "[...] para mim, uma casa sem livros e sem crianças é assim como um insulto ou um ultraje ao próprio espaço que ocupa". (LEITE, 1988, p.114); na reação às críticas sobre a forma como se descrevia num dos seus *Jornais Literários*, como registrava as marcas do próprio envelhecimento:

> [...] Porque me descrevo os distúrbios fisiológicos, as digestões difíceis, as flatulências, as crises hepáticas, tudo o que me aflige enquanto se me acentuam as marcas do envelhecimento, acabo dando de mim a falsa impressão de verdadeiro bandalho humano.
>
> Esta a acusação.
>
> Não é tanto assim.
>
> Se me poupo das mazelas deste parecer inexorável, se me oculto no bem bom, se me ignoro dos lados senis, será uma hipocrisia contra mim mesmo, tanto maior quanto às vezes me pareço excessivo nestes particulares quando tenho em vista os outros.
>
> As minúcias da decrepitude, os sintomas da senilidade, o engurgitar dos tecidos, o livor da pele, o amortecer do olhar rodeado de verdadeiras bolsas tumescentes, até mesmo os sinais de putrefação que cheguei a perceber num

> ou noutro personagem com que tive oportunidade de cruzar ao longo destas vivências literárias, também não contam no espírito de tais reparos?
>
> Para esses, nenhuma palavra piedosa.
>
> Por que não me considerar da mesma forma? Por que me iludir com a omissão desses ultrajes? [...]. (LEITE, 1988, p. 426-427)

Observa-se, nesses fragmentos, que a literatura estava entrelaçada ao cotidiano do escritor em vários momentos, seja no modo como fixava, no *Jornal Literário*, o instantâneo de uma cena para denunciar um sentimento masculino, como no episódio de Rosa com as amigas, seja na importância dada à presença de um livro numa casa, ou na identificação com algum personagem, em quem observou "sinais de putrefação", como se escritor e personagem fossem um só, vivendo os sinais do processo de envelhecimento, o que soa como um apelo ao leitor, desavisado de tais fatos. Tanto aqui, quanto no *Journal* de Gide, arte e vida se completam, já que ambos os escritores se utilizaram do mesmo recurso, nutrindo-se, inclusive, da instância do "eu" para criar literatura, o jornal íntimo é um exemplo disso.

Para fechar essa sequência de exemplos relativos à sinceridade que Ascendino buscava imprimir à análise de si e de outros temas em seu *Jornal Literário*, cabe destacar um último fragmento, em que o escritor expõe a aversão com que leu trechos do seu *Jornal Literário* transcritos de forma maledicente num jornal do Ceará, sobre o qual não revelou o nome:

> [...] Os mais picantes. Os mais libertos do meu tom reflexivo habitual. E uma transcrição com fins exclusivamente subliterários...
>
> Caio em mim, um tanto destroçado por esse abuso que me encosta no muro da vulgaridade.
>
> Não escrevo para fazer rir. O escândalo não é o meu gênero. Nem vivo de excentricidades.
>
> Ao responsável escrevo algumas linhas de quase ira.
>
> "Meus espaços interiores – disse – estão vazios desses tipos de perversão". (LEITE, 1988, p.347)

Nessa nota, a indignação de Ascendino apresenta-se em função da associação ao aspecto vulgar, que o jornalista deixou entrever na literatura do escritor, atitude perante a qual se sentiu "destroçado", defendendo-se por meio de uma concepção literária que consistia em mostrar ao jornalista (e ao leitor) que fazia literatura séria, no que refere ao tom reflexivo que costumava atribuir a seus escritos, em que não cabiam vulgaridade, riso e excentricidades.

Por fim, outro fato que merece ser destacado, no que diz respeito à influência que exercera a leitura do *journal* de Gide para a formação do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, são as vivências literárias do escritor francês, postas em evidência nas páginas de seu *Journal*. Segundo Olinto (1960, p.51), Gide, embora tenha participado de todos os movimentos literários posteriores aos de sua geração, sendo esse um dos segredos da atualidade de seu pensamento, sua atuação se caracterizou, sobretudo, pela permanente

sensibilidade diante de qualquer novidade literária – seja através do contato com novos livros – ou com livros em geral. Assim, fez das suas leituras também matéria de seu *jornal*, de sua vida, afinal, como alegou Olinto (1960, p.51): "A obra de arte é também, e principalmente, vida, e a constante penetração de um homem no mundo dos livros, nas obras de arte da palavra, é, acima de tudo, uma tomada de consciência da vida.", levando, no caso de Gide, à transformação de sua disponibilidade (entendida como a acessibilidade a todas as influências, como o não-compromisso com algum princípio moral que venha perturbar o seu desenvolvimento como indivíduo, com tudo que venha prender o homem), num instrumento "capaz de realizar o difícil ato de auto-renovação".

De acordo com Olinto, as leituras de Gide prendiam-se ao contato com as tragédias de Shakespeare (*Hamlet*, *Rei Lear*): "Acabo de reler nove dos dez dramas de Shakespeare (Só me falta o Henrique VIII), com uma admiração quase constante" (p.52); ao livro de Thomas Hardy, *Judas, o obscuro*, sobre o qual tivera uma impressão regular, para não dizer, atroz, devido a uma questão de construção, passando por outros escritores, como Jorge Amado, com *Bahia de todos os santos*, que considerou muito bom, mas de estilo apenas "discursivo"; François Mauriac, de quem afirmou ter lido três romances; Balzac, que considerou "um dos mais extraordinários, dos mais inexplicáveis [casos], de nossa literatura; de toda literatura" (p.57), a Montaigne, que lhe servia de apoio: "Eu nunca deveria viajar sem um Montaigne" (p.57). O romance policial é um dos gêneros que tem inúmeras citações no *Journal* de Gide, uma preferência que se revela pelo conteúdo trágico da vida e por apresentar uma expressão adequada à época vivida pelo escritor. Do ponto de vista dos autores católicos, Pascal é o mais citado por Gide, pela inquietação de suas ideias, pelo espírito de dúvida, de instabilidade, de inconformismo, que sacudiram a estrutura firme da fé, sem, no entanto, abrir mão da entrega, da busca pelo aperfeiçoamento espiritual. Dentre os escritores latinos, destaca-se, já nos anos finais do seu diário, o interesse constante por Virgílio, em quem encontra a tranquilidade de linguagem, que almejava para si. Algumas dessas leituras são colocadas em planos bem diferentes das obras de Gide, por isso mesmo a disponibilidade do escritor para elas.

Parte dos autores citados por Ascendino Leite, ao longo do seu *Jornal Literário*, coincide com as preferências literárias (as citadas acima, por exemplo) de André Gide, que nem sempre exprimia opinião sobre o que lia, limitando-se, por vezes, a afirmar a quantidade de livros que devorava; já Ascendino, na maioria das vezes, realizava julgamentos, apreciações sobre os livros lidos ou que estava lendo, a partir do registro de notas críticas ou de diários de leitura (como se verá no terceiro capítulo). Sobre as afinidades entre as leituras

realizadas por Gide e as vivências literárias de Ascendino Leite, é oportuno mencionar a alusão que este escritor fez a Shakespeare, ao se referir a *Macbeth*, comentando a cena das feiticeiras: "É em *Macbeth*, na cena das feiticeiras, que está, certamente, o mais belo que há em Shakespeare. Assim o penso, talvez, porque, uma das tendências mais íntimas do meu espírito seja a do fantástico, do inexplicável. [...]" (LEITE, 1988, p.13-14). Essa ideia converge para um outro registro do escritor em seu *Jornal Literário* – "os livros de que mais gostamos são aqueles que, em verdade, redizem os nossos pensamentos" (LEITE, 1989, p.153) –, ideia que se fundamenta na desconstrução do fenômeno da originalidade apresentada por Gide, que Ascendino registrou:

> Gide chegou a escrever que suas ideias, hauridas ao longo dos livros e das conversações com os amigos, tinham fermentado no seu sangue.
>
> Não sendo novas e originais, e muito menos próprias, belas as que balizam nossos modos de ser e participam da nossa educação. (LEITE, p.153)

Thomas Hardy, novelista e poeta inglês, é outra referência presente no *Jornal Literário* de Ascendino Leite, sendo mencionado, no fragmento a seguir, através de uma nota de leitura em que se observa a frequência com que Ascendino consultava o autor inglês, citando, no exemplo em questão, personagens do seu romance, *Judas, o obscuro*, através dos quais via representada sua condição:

> LEITURAS. Thomas Hardy (novamente), durante as primeiras horas da manhã. Judas. Sue. Arabela.
>
> Meu Deus, sou, nestes tempos ominosos, irmão tardio destas almas inquietas.
>
> Isto significa que o sentimento delas é imemorial como a dor humana. [...]. (LEITE, 1988, 91)

Em vários momentos do *Jornal Literário*, Ascendino volta-se para o filósofo, matemático e cientista francês Blaise Pascal, fazendo referência a alguma citação de sua obra *Pensées* (Pensamentos), como esta, em que põe em evidência a forma de expressão de pensamento de Montaigne e a de Pascal sobre a imitação ou identidade de ideias entre os escritores:

> MONTAIGNE havia escrito:
> – "Peu de chose nous divertit et nous détourne car peu de chose nous tient".[33]
>
> Está nos *Essais*, III.
>
> Pascal não o fez por menos no *Pensées*, artigo II, quando disse:
> – "Peu de chose nous console parce que peu de chose nos afflige".[34]

[33] – Poucas coisas nos divertem e distraem pois poucas coisas nos interessam. **(tradução minha)**

[34] – Há sempre um meio de fazer qualquer coisa, e ótimas coisas, com os meios quotidianos. Há apenas maus operários. **(tradução minha)**

> É assim que, por elipses e artifícios engenhosos, alguns autores – e dos melhores – se acrescentam ou se diminuem na maneira de representar (expressar) o pensamento. [...] (LEITE, 1988, p.92-93)

O interesse pelo mundo metafísico pascaliano, pelos lados biográficos do ensaísta levaram Ascendino a registrar, no seu *Jornal Literário*, um comentário sobre o livro *Ensayos Pascalianos*, de Guillermo Francovih, associando-o à leitura de outro estudo que também considerou significativo sobre o filósofo, e que reproduzo através da citação deste fragmento: "Sua leitura reavivou-me ainda mais o prazer que me proporcionei há algum tempo com o conhecimento direto do admirável trabalho do filósofo luso-brasileiro Eduardo Abranches de Soveral dedicado ao genial autor de *Pensamentos*" (LEITE, 1988, p.517). A "força crítica e especulativa" dos dois textos, inscrita na "clareza e elegância" dos idiomas (castelhano e português, respectivamente) constituem o ponto principal da apreciação de Ascendino nessa nota crítica.

Outra referência ao texto pascaliano, que me parece útil mencionar, por atender ao perfil católico que apresentava Ascendino, é quando o escritor se deixa envolver pela leitura de um texto de Pascal como forma de reforçar suas próprias crenças e esperanças religiosas, no momento em que reconhecia estar envelhecendo e, talvez, pensando na proximidade da morte (tema, aliás, tratado por Pascal na sua obra *Pensamentos*), como registra este fragmento de *Sementes no Espaço* (1938-1988) *II*: "[...] Um texto pascaliano [...] História de uma conversão e um debate sobre a consciência religiosa, a que eu terei de voltar muitas vezes para reforço de minhas próprias crenças e esperanças, no instante certo em que envelheço penosamente. [...]" (LEITE, 1989, p.279).

Michel de Montaigne, escritor e ensaísta francês, citado anteriormente, é outro nome que participa da colheita literária de Ascendino Leite, através da tomada de notas que fez de sua obra *Os Ensaios* (2010), uma reflexão que trata sobre o homem a partir da ótica da subjetividade, marcada pelo enaltecimento da racionalidade humana, momento em que se dá o encontro com a multiplicidade de lados do indivíduo. O conhecimento, nesse livro de Montaigne, é usado com fim "doméstico e privado", revelando para o leitor que a obra constrói o homem, conforme sinalizou seu autor no fragmento a seguir:

> [...] Dediquei-o ao uso particular de meus parentes e amigos, a fim de que, tendo-me perdido (o que breve terão de fazer), possam aqui encontrar alguns traços de minhas atitudes e humores, e que por esse meio nutram, mais completo e mais vivo, o conhecimento que têm de mim. Se fosse para buscar os favores do mundo, teria me enfeitado de belezas emprestadas. Quero que me vejam aqui em meu modo simples, natural e corrente, sem pose nem artifício: pois é a mim que retrato. [...] (MONTAIGNE, 2010, p.37)

Ascendino utilizou-se da obra de Montaigne para conhecê-lo através de sua afirmação de identidade na escrita, copiando, para isso, frases relativas a seu humor, ou comentando traços de sua vida como tradutor, nos começos, até o escritor que se tornou por conta própria, por imitação aos "autores apreciados no seu tempo, os que pintaram a sociedade a que pertenceram, ora em cores duma grande vitalidade, ora eles próprios se inserindo nela para lhe absorver melhor espírito e natureza." (LEITE, 1989, p.397), segundo anotou Ascendino em um dos fragmentos de *Sementes no Espaço (1938-1988) II*.

De acordo com Burke (2006), a questão do conhecimento fascinou Montaigne, que sempre sublinhou, em seus ensaios, a variedade, a falibilidade das ações humanas. Imerso na sociedade de sua época, Montaigne direcionou sua visão de mundo para reflexões éticas e filosóficas sobre os mais variados assuntos (ociosidade, medo, canibais, solidão, idade, consciência, arrependimento, versos de Virgílio etc.), refletindo, assim, a instabilidade do homem, que não está pronto, mas encontra-se em contínuo processo de construção, suscetível, portanto, a qualquer ordem de contradição de pensamento ou de revisão de si próprio. Talvez tenha sido esse encontro com a multiplicidade do sujeito que marcou um dos registros de Ascendino Leite, no seu *Jornal Literário*, ao impor-se à seguinte perquirição íntima: "A mim mesmo, depois de ler-me ao longo destes velhos cadernos: – Serei, por acaso, o homem que vem aí descrito?" (LEITE, 1988, p.68). Ou a dúvida seria apenas um artifício retórico, a revelação de um jogo ambíguo, em que o escritor, querendo parecer invisível, demonstrava o desejo de ser notado.

Ademais, o próprio gênero ensaio, que teve em Montaigne seu precursor[35], também parece ter se constituído objeto de apropriação por Ascendino, tendo em vista as notas de caráter explicativo-argumentativo, versando sobre diferentes temas das esferas humanística, filosófica, literária e comportamental, desenvolvidas ao longo do seu *Jornal Literário*, como esta em que o escritor discorre sobre o homem e sua relação com a felicidade:

> O HOMEM é, até certo ponto, um funcionário de sua felicidade.
>
> Começa por estar sempre vigilante na defesa de sua vida, que é seu melhor bem.
>
> Quase sempre, porém, falta-lhe aquela habilidade necessária para melhor administrar os teres e haveres do seu mundo subjetivo, seus pequenos bens pessoais, seu modo de ser.
>
> Tudo aquilo a que chamamos "felicidade". (LEITE, 1988, p.29)

[35] BURKE (2006, p.86), discutindo sobre a escrita dos primeiros "ensaios" de Montaigne, assinalou: "Como muitos dos seus primeiros ensaios não são muito mais que uma colcha de retalhos ou um mosaico de citações de Sêneca e outros autores, parece que eles se originaram de uma prática comum do século XVI, de fazer algo como um 'livro de notas'de frases memoráveis e fragmentos de informações úteis".

Desde Montaigne, a constituição do ensaio como gênero passou a se configurar como uma "forma em prosa não ficcional que representa a perspectiva particular de um autor/intérprete que se dedica ao exame de um tema" (SILVA, 2010, p.5). Do ponto de vista etimológico, a palavra "ensaio", no sentido original do termo em francês, *essai*, designa uma prova, um experimento, uma tentativa – a partir de um "eu", de uma subjetividade que se constitui em ponto de partida para exploração do tema proposto. O próprio Ascendino fez menção a essa acepção do termo ao fazer referência a um dos volumes dos *Essais*, de Montaigne, registrando: "'Essais' igual à 'experiência'" (LEITE, 1989, p.397), ação que ele (Ascendino) procurou exercitar nesta outra nota sobre o ser escritor, em que se deixou enunciar por meio da atividade intelectual:

> O INTELECTUAL (o escritor) deve ser, no quanto possa, um erudito, não apenas pelo conhecimento que lhe possa decorrer da experiência dos livros, da sua frequentação do mundo dos outros, expresso nas obras que criaram e nos moldes artísticos (estéticos) em que as situaram.
>
> É fora de dúvida que o sentimento pessoal do escritor face às realidades indutivas ou objetivas que o impressionam, é o elemento fundamental da sua afirmação.
>
> Mas esta só estará completa na medida em que incorpore à sua expressão os valores da arte e da ciência, os resultados dos seus contatos com o universo, as coisas e as pessoas.
>
> Porque é na literatura que a vida se renova. [...] (LEITE, 1988, p.28)

Atente-se para o fato de que, nesta nota, a ideia do ser escritor fundamenta-se na figura do intelectual[36] (lembrando que o próprio ensaio resulta de um ato intelectivo), que surge em decorrência de alguns fatores, como: o seu contato com os livros produzidos sob a forma de uma expressão artística, a maneira de sentir do escritor frente às realidades que o impressionam e o conhecimento (valores da arte e da ciência, percepção do mundo) que buscará adequar ao compromisso com a função estética, ações que, para Ascendino, se concretizavam por meio da literatura, de que foi um exímio seguidor.

Embora tais fatores sejam importantes para antever a concepção de literatura defendida por Ascendino, é sobre a experiência do escritor com os livros, "da sua frequentação do mundo dos outros" que a nota me parece mais interessante, principalmente pela maneira como a leitura é pensada em relação à escrita, i.e., como o ser leitor, viajante sobre terras alheias (refiro-me à imagem De Certeau (2009) em relação aos leitores), é tomado

[36] Remeto a esta concepção de intelectual, defendida por Ascendino Leite, a "ideia do produtor de bens simbólicos envolvido direta ou indiretamente na arena política, o que caracteriza um número bem mais limitado de indivíduos", acepção que atribuiu ao termo Ângela de Castro Gomes (1993, p.3), num artigo intitulado "Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo".

pelo desejo de escrever, que, segundo Barthes (1984, p.36), se caracteriza como uma das *aventuras da leitura*:

> [...] existe uma terceira aventura da leitura (chamo aventura ao modo como o prazer vem ao leitor): é, se se pode dizer, a da Escrita; a leitura é uma condutora do Desejo de escrever (temos agora a certeza que existe uma fruição da escrita, embora seja ainda muito enigmática); não é, de modo algum desejarmos forçosamente escrever *como* o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é simplesmente o desejo que o *scriptor* teve de escrever, ou ainda: desejamos o desejo que o autor teve do leitor quando escrevia, desejamos o *ama-me* em toda a escrita.[...].

Para Ascendino, que foi frequentador de inúmeras obras, como a dos franceses Gide, Pascal e Montaigne (para citar apenas os autores comentados nesta seção), esse desejo de escrever (e de escrever como um intelectual, vale salientar) foi de tal forma almejado que o escritor desejava profissionalizar-se na arte da escrita, tal como já se considerava enquanto leitor. Na nota, a seguir, cita o escritor francês François Mauriac, expondo o desejo de transformar, como este, o prazer da leitura no ofício da escrita, mesmo achando-se modesto em sua posição como intelectual, o que não deixa de ser uma particularidade de quem deseja ter essa representação:

> Gostaria de transformar, como Mauriac, o meu prazer de leitor, por assim dizer profissional, no ofício de escrever sobre o que leio. Ainda que cercado de carências intelectuais, de falta de vivências corretas nas fontes inesgotáveis do culturalismo criador. [...]. (LEITE, 1989, p.95)

O fato é que, circulando sobre as obras de escritores franceses, Ascendino lia e conduzia-se ao trabalho de escrita de seu *Jornal Literário*, porque a leitura é, como afirmava Barthes (1984, p.36), verdadeiramente um apelo à produção: "O produto (consumido) é transformado em desejo de produção, e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escrita que engendra, até ao infinito". Na visão de Ascendino, seria o dever de realização de um trabalho, suscitando, nele próprio, "[...] uma inquietude não apenas moral, mas sobretudo intelectual", motivada pelo desejo de "Escrever todos os dias, por exemplo." (LEITE, 1988, p.18).

Nesse sentido, a necessidade de escrever a leitura se justifica, porque, sendo ela uma prática fugidia, vadia, pertencente ao campo da subjetividade (BARTHES, 1984), procede de um sujeito leitor que admitia escrever contra o esquecimento, contra o tempo que passa, corroborando a afirmação de De Certeau (2009, p.245), que "a escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução". O escritor funda, assim, um lugar próprio, simbolizado, no caso de Ascendino Leite, pelo próprio *Jornal Literário* que construiu ao longo de sua

trajetória, tomando notas, atribuindo sentidos para a realidade em que viveu, não sendo, em absoluto, definitiva, mas dada a ler, segundo o tempo e o lugar. O leitor, por sua vez, é um passante, posto que a leitura "não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido" (DE CERTEAU, 2009, p. 245).

Considerando o que foi discutido até agora, depreende-se que a formação do *Jornal Literário* de Ascendino Leite está ancorada no leitor que ele (Ascendino) se transformou ao longo de sua trajetória como indivíduo, tendo se inspirado principalmente na leitura do *journal* dos franceses, e, em particular, no diário de André Gide, onde encontrou motivação para desenvolver suas experiências de leitura na escrita do seu Jornal, não apenas pelo desejo de união entre arte e vida que Gide perseguia (afinal, o diário foi a suma de sua vida e de sua obra), mas também pelo diálogo intertextual que estabeleceu com livros (e autores) da literatura clássica lidos pelo escritor francês. E, mais, pelo reemprego de algumas particularidades do diário íntimo na construção do seu *Jornal Literário* – como se observou acima –, ao aproximá-lo do *journal* de Gide. Afinal, como afirma Chartier (2005, p.143):

> A leitura é sempre um pouco aleatória, ou seja, ninguém leu tudo. Sempre se apropria de fragmentos, de elementos, encontrados quando se tem a chance de ler um livro que ecoa com o que se está fazendo. O que se retém, talvez não seja o mais importante para o autor. Mas os leitores, tal como nós ao escrevermos, empregam o que leem em suas próprias perspectivas ou preocupações, isso é normal. Para mim, que leio os outros para escrever, a leitura está sempre relacionada com a escrita, mesmo quando aparentemente é feita por puro prazer.

Em uma de suas anotações da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, Ascendino advertiu: "Tudo o que se processa em mim está em função daquilo que me precedeu. Jamais fui um pensamento original." (LEITE, 1989, p.79). Para Ascendino, não seria diferente com o ser escritor, que era,"[...] em certo sentido, um imitador, quando não dos conhecimentos hauridos em suas aproximações com a experiência do passado, pelo menos dos modelos que o próprio curso da vida retocou, fabricou e sugeriu, em seu renovar contínuo e incessante.". (LEITE, 1988, p.28).

O que se deve observar nesse percurso que fez Ascendino como leitor do livro *Jornal Literário* (1960), de Valdemar Cavalcanti, e do *journal* de André Gide (com suas várias referências de leitura) são as operações e os usos (ações) individuais que ele realizou para compor seu *Jornal Literário*, arrebatando temas, vivências literárias e modos de pensar expressos nas obras desses autores, para seu reemprego num outro contexto de escrita, a partir de uma formalidade e inventividade próprias. São as *maneiras de fazer* que, segundo De

Certeau (2009, p.41), “constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”. Essas *maneiras de fazer* se caracterizam por serem de natureza tática. Nesse caso, trata-se de uma tática do leitor, que opera em cima de ocasiões, introduzindo uma “arte” que não é passividade, mas que se faz plural, criativa, transformando-a em estratégias escriturísticas.

De Certeau (2009, p.45) chama de *tática* “um cálculo que não pode contar com um próprio” (entendido como “o lugar do poder e do querer próprios” de um sujeito), “nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível”, sendo esse tipo de operação capaz de *utilizar*, *manipular* e *alterar* os espaços; já a *estratégia* representa “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças”, tendo em vista a existência de “um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio”, produzido, mapeado, imposto, sendo, pois, esse segundo movimento organizado pelo postulado de um poder. Ascendino criou esse lugar próprio quando produziu seu *Jornal Literário*, a partir das táticas que empreendeu enquanto leitor, habitando “terras alheias”, criando ali inventividades, e conseguiu, com um perfil de autodidata, estar, astuciosamente, onde ninguém esperava, participando ativamente das redes de sociabilidade, juntamente com outros escritores contemporâneos.

2.2 AS REDES DE SOCIABILIDADE

A formação do *Jornal Literário* de Ascendino Leite esteve ligada a outros pontos de apoio, como as redes de sociabilidade de que participou o escritor no Rio de Janeiro na década de 40/50, que eram construídas pelos suplementos literários, pelos espaços de encontro, debate e conversação com que os intelectuais mantinham contato na época. Para além da atitude de viver em sociedade, a noção de sociabilidade passou a ser entendida, sob o ponto de vista dos historiadores, como o estudo da dinâmica da vida associativa em um lugar e tempo definidos. Já o termo "rede", segundo Gomes (1993, p.64), está sendo usado para “definir os vínculos que reúnem o ‘pequeno mundo’ intelectual”, representado por evento, personalidade ou grupo particulares, especializados nos processos de criação e transmissão cultural, estando sempre esse “pequeno mundo” associado a uma tradição intelectual, de que ele é “herdeiro” ou “filho pródigo”:

> Ou seja, quer por vinculação, quer por ruptura, os intelectuais estão sempre ligados ao patrimônio de seus antecessores, ao “estoque" de trabalhos que integram o manancial simbólico que irão sustentar ou transformar com maior ou menor intensidade.

A ideia de sociabilidade que será sustentada aqui remete, num sentido restrito, a "um conjunto de formas de conviver com os pares, como um 'domínio intermediário' entre a família e a comunidade cívica obrigatória", tal como considerou Gomes (1993, p.64), fundamentada no trabalho do historiador francês Maurice Agulhon, para quem sociabilidade é "L'aptitude spéciale à vivre en groupes et à consolider les groupes par la constitution d'associations volontaires"[37] (AGULHON, 1988, p.61), permanentes ou temporárias, qualquer que seja o grau de institucionalização em que esses grupos escolham participar. De acordo com Agulhon,[38] a "sociabilidade moderna", que data do século XIX, constitui um fenômeno político ligado às ideias de civilização e de democracia, que eram próprias ao contexto da época.

Para Gomes (1993), a noção de sociabilidade, vinculada ao meio intelectual, se reveste de um duplo sentido[39], que interessa a este trabalho em particular. O primeiro sentido, que está atrelado à noção de rede, diz respeito às "estruturas organizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo", apresentando, entretanto, como ponto essencial o fato de se constituírem em locais de aprendizagem e trocas intelectuais. São exemplos desses polos de fermentação e circulação de ideias salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e até a correspondência de intelectuais. O segundo sentido, que se produz nesse espaço "geográfico" da sociabilidade, é o espaço "afetivo", que comporta tanto vínculos de amizade/cumplicidade quanto hostilidade/rivalidade e ciúme, estando, por vezes, presentes nessas redes, que estruturam as relações entre os intelectuais, o conflito e a competição.

2.2.1 Os jornais e suplementos literários: a participação de Ascendino no *Letras & Artes*

As redes de sociabilidade estabelecidas entre Ascendino Leite e os intelectuais se organizavam através de algumas formas de associação ou convivência do escritor com alguns espaços organizacionais por onde circulava a vida intelectual e política. O jornal foi um deles, considerado um dos importantes espaços de sociabilidade, a partir da cidade onde era editado. Segundo Gama (1988, p.125), "É uma característica não só de São Paulo, mas de todas as

[37] A habilidade especial para viver em grupos e consolidar os grupos através da criação de associações voluntárias **(tradução minha)**

[38] Citado por Gomes (1993), ao referir-se ao livro *Penitents et francs-maçons de l'ancienne Provence*. Paris: Fayard, 1968, do historiador francês Agulhon.

[39] Sobre essa dupla acepção do termo sociabilidade, ver SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ – FGV, 1996, p. 253.

cidades, a vida intelectual e política girar em torno das redações dos grandes jornais." No Rio, a participação de Ascendino no jornalismo esteve ligada não apenas ao seu papel como jornalista, realizando reportagens[40] e entrevistas, mas também como redator e/ou colaborador de suplementos literários de alguns jornais (*A manhã*, *Jornal do Comércio*), principalmente em uma época (década de 30/40) em que a literatura e outras formas de expressão artística ganhavam espaço e legitimidade na imprensa, uma vez que esta possibilitava, ao seu modo e de forma ainda tímida, politicamente, a presença de um circuito de críticos literários atuando em várias áreas (teatro, artes, cinema), que se consolidava por meio da aproximação de escritores com o contexto jornalístico – dos diários, revistas e periódicos especializados (GADINI, 2003, p.35). Agripino Grieco, Mário de Andrade, Antonio Cândido, Sérgio Milliet, Ruy Coelho foram alguns dos nomes que participaram de suplementos, páginas literárias ou de crítica cultural dos periódicos da época.

Com a participação de escritores e colaboradores na produção jornalística cultural, os suplementos literários dos jornais assumiram por muito tempo conteúdo literário (poesia, romance, crônica, ensaio, conto, resenha), além de contribuições à história da arte, temas relativos ao folclore regional, ao teatro, à música, ao cinema, sendo que sua origem se encontra nas páginas ou suplementos femininos, onde se mesclavam "receitas culinárias, moda, assuntos infantis e poesia"[41], conforme esclarece Abreu (1996, p.21). Mescla, segundo Gadini (2003), resultante do gradual surgimento da editoria de variedades, cuja noção[42] é anterior a dos suplementos literários, muitos dos quais criados nos anos 50, época em que também se fez presente, nas páginas desse segmento, a tradição da crítica literária.

Historicamente há a insinuação de que as páginas de variedades dos jornais brasileiros eram editadas para as mulheres, ao passo que o suplemento literário destinava-se, geralmente, aos intelectuais, homens interessados pelas páginas de política e economia. Situação que reflete o papel ocupado pela mulher e pelo homem no imaginário e cotidiano brasileiro. Àquela, cujo nível de profissionalização era bastante baixo, até meados dos anos 30, cabia os

[40] À época em que dirigia a sucursal do grupo Folhas, no Rio de Janeiro, as notícias eram transmitidas por telefone para São Paulo. O suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, foi um dos episódios ditados pelo jornalista, na ocasião. O relatório foi publicado integralmente nas Folhas e registrado posteriormente no seu livro *Passado Indefinido* (1996). (Cf. PEREIRA, 2002).

[41] A exemplo do *Jornal do Brasil*, do *Diário de Notícias* e do *Diário Carioca*.

[42] Nos anos 30, o surgimento das páginas de variedades dos jornais esteve, de certa forma, vinculado à ideia atribuída ao termo *futilidades*, já que a noção de cultura se associava "a certas levezas ou curiosidades da vida privada" (notas sobre colunáveis, horóscopos, entretenimentos), com vistas ao interesse do público feminino. Assim, as amenidades e temas afins compreendiam o conteúdo desse tipo de segmento editorial. (Cf. GADINI, 2003, p.55).

afazeres domésticos e servir de acompanhante ao homem; a este era reservada a função de intelectual, *doutor* ou profissional liberal, conforme registra Gadini (2003, p. 55).

Na década de 50, considerada referência no campo das transformações do jornalismo brasileiro (devido à criação de novos diários, reformas gráfico-editoriais, maior profissionalização dos jornais), os suplementos literários, que tinham edição semanal circulando aos sábados ou domingos, além de crítica literária, crônica, poesias, passaram a abrigar, segundo Abreu (1996), temas históricos e regionais, biografias de escritores, poetas e outras personalidades (músicos, juristas, personagens da história do Brasil e da história universal), como também artigos e ensaios sobre fatos políticos passados, mantendo um viés temático mais ou menos afinado de um suporte para outro.

Também é nessa época de ampliação de espaço, aumento de profissionalização, experimentados pelos suplementos literários, que se observa uma melhor caracterização destes (ou das páginas, seções literárias que traziam os jornais). Uma dessas caracterizações se voltava para aqueles suplementos que visavam à divulgação de ideias e temas relativos ao passado e à tradição (ABREU, 1996, p.47), e que integravam alguns jornais, como o *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *O Jornal* e *A manhã*. O suplemento cultural *Letras & Artes*, que pertencia ao jornal *A Manhã* [43], editado no Rio de Janeiro, formou, junto a outros suplementos, redes de sociabilidade para os intelectuais contemporâneos dos anos 50, entre eles Ascendino Leite, que, à época, já morava no Rio e colaborava com o suplemento citado. Importa lembrar que a existência das redes de sociabilidade em meio aos intelectuais já se configurava desde os periódicos de meados do século XIX.

O *Letras & Artes* compreendia um suplemento dominical criado pelo jornalista Jorge Lacerda, após a queda do governo getulista. Sua circulação teve início em 12 de maio de 1946, perdurando até 1953, chegando a contribuir para elevar o prestígio (até então sufocado com a crise no governo Vargas) do jornal *A manhã*, devido às tiragens massivas que obteve na época (DEMARCHI, 1992). Além de Ascendino Leite, o segmento contou com um significativo corpo de colaboradores, entre escritores e críticos literários, como Adonias Filho, Alcântara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Aníbal Machado, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Ciro dos Anjos, Jorge de Lima,

[43] *A manhã* caracterizava-se por ser uma folha governista, dirigida pelo escritor Cassiano Ricardo, fundada numa época em que o Governo de Getúlio Vargas preocupava-se com a propaganda política. O jornal, que surgiu em 1941, prolongando-se até o ano de 1953, representou, segundo Demarchi (1992, p.236), um "elemento da estratégia de Getúlio, que visava ao monopólio dos meios de comunicação de massa e também à censura, fiscalização e fechamento ou intervenção efetivadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP.".

Marques Rebelo, Manuel Bandeiro, Ledo Ivo, Mário Quintana, Murilo Mendes, Tasso da Silveira, Sergio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Octavio de Faria, entre outros.

O suplemento buscava, de acordo com Demarchi (1992), a modernização da linguagem, que transitava do modelo francês para o americano, em consonância com o que ditava o mercado cultural do período após-guerra, com enfoque principalmente para as imagens. Na avaliação desse autor, o espaço editorial do suplemento *Letras & Artes* tomou a feição de uma revista ilustrada de caráter mais erudito em relação ao que, normalmente, se observava em revistas populares, como *Revista da Semana* (1900), *Fon Fon* (1907), *Careta* (1908), *Cena Muda* (1921) e *Vamos Ler (1935)*[44]. O destaque dado às ilustrações, a realização de concursos literários, os aforismos e frases filosóficas (estes dois últimos recorrentes no *Jornal Literário* de Ascendino Leite), bem como a pluralidade de linguagens (fotografia, desenho, ilustração, reprodução de pinturas, xilogravuras ou esculturas) e o texto (constituído por contos, crônicas, poemas, reportagens, artigos...) formaram a base desse suplemento, que não se caracterizou apenas pelo caráter literário, como adverte Demarchi (1992, p.238):

> **L&A** dividiu seu espaço com a filosofia, as pesquisas folclóricas a arquitetura, a música erudita ou popular, como o jazz, as artes plásticas, o teatro, o cinema, a fotografia, o balé, a crônica de viagem e também o colunismo social voltado para os hábitos dos escritores, ao mesmo tempo em que procurava fazer frente às questões filosóficas e estéticas daquele momento.

Cabe ressaltar, ainda, a ligação do suplemento com a Academia Brasileira de Letras, que manteve nesse espaço editorial uma coluna intitulada "No Petit Trianon", editada pelo escritor Peregrino Júnior, que registava fatos rotineiros vividos nos círculos literários daquela instituição (a exemplo das sessões realizadas pela Academia, candidatura e posse de acadêmicos, oferta de livro à biblioteca da ABL, publicação e divulgação de obras, prêmios acadêmicos, etc.). A seguir, tem-se a coluna no modo como era formatada:

[44] Vale lembrar que Ascendino Leite colaborou para as duas últimas revistas, mas estas não serão objeto de estudo neste tópico, tendo em vista o enfoque que preferi dar aos suplementos literários dos jornais, em particular, ao "Letras & Artes", pelo nível de importância que esse segmento alcançou no que diz respeito à formação das redes de sociabilidade de que o escritor participou na época.

no petit trianon

ACADEMICOS E MODERNOS

HÁ TEMPOS, andou José Condé, perguntando aos acadêmicos o que pensam eles sôbre o velho desentendimento entre a Academia e os "modernistas". Eu, se fosse acadêmico, responderia assim:

— Êsse "velho desentendimento", de que você fala ,entre "acadêmicos" e "escritores modernos", é apenas inexistente. E é inexistente por um motivo muito simples: porque não ha mais "escritores modernos" no Brasil. O "modernismo", "agora, pertence ao passado. Foi superado. E está virtualmente extinto. Não seria justo negar-lhe a importância histórica. Mas êle, hoje, é inatual e obsoleto. Em todo caso, os seus frutos foram ótimos — e estão aí. O "modernismo" restaurou, no Brasil, o "espírito de mocidade". Largo tempo faltou-nos um "espírito de mocidade", de que tanto falava Graça Aranha. "Nasciam velhos os moços do Brasil... E os escritores — esses nasciam... "acadêmicos". Foi o "modernismo", com a sua atitude subversiva, demolindo esolutamente alguns tabus literários, que abriu caminho para a renovação da literatura brasileira. Sem o "movimento modernista", não haveria clima entre nós para a vitória dessa bela geração de romancistas, so-[illegible]oros e poetas que aí está, e tanto tem enriquecido e renovado a história de nossa cultura. E a Academia, que não aceitou o "modernismo", afinal de contas aproveitou-lhe a generosa sugestão: abriu o coração às alegrias da mocidade. Rejuvenesceu o seu quadro. Convocou para a sua companhia, não só muitos escritores jovens, mas tambem alguns dos "leaders" mais ilustres do próprio "movimento modernista". E hoje sorri, complacente, acolhedora e amavel, a todos os moços que lhe rondam as portas. Fomos, pessoalmente, simpáticos ao "modernismo" — e temos em alta conta o seu papel na história do nosso pensamento literário. Nunca fomos ovelha de nenhum rebanho. Nem aceitámos tampouco jamais a tutela de qualquer dos nossos caciquismos literários. Mantivemo-nos sempre à margem dos grupos, das escolas e das igrejinhas — solitarios e livres. Mas acompanhamos o "movimento moderno" com o interesse e o entusiasmo que êle merecia, reconhecendo-lhe a importância e a utilidade. Nega-lo, agora, seria ingenuo e vão. Mas repeti-lo seria tôlo e anacronico. A Academia certamente não vê hoje mais o que combater no modernismo — porque êste já passou . Mas para provar que ela, superior e serena, empenhou o seu alto sentido, lá dentro estão os valores mais ilustres do movimento: Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Mucio Leão, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida. E, por fim, acaba de transpor as portas da Casa de Machado de Assis, com alegre facilidade, um autêntico representante do "post-modernismo"; Viana Moog. Que melhor prova de compreensão e tolerância poderia dar a Academia diante das correntes novas? Isso pesa positivamen "desentendimento" de que você fala, meu caro Condé, não existe.

* * *

Para celebrar o centenário de Carlos de Laet, que passa êste ano, a Academia está elaborando um programa, que constará certamente de uma série de conferências e uma sessão solene.

* * *

Os "namorados" da Academia conservam-se atentos, vigilantes e amaveis. O sr. Paula Aquiles, por exemplo, ha pouco convidou dez acadêmicos para um almoço. Mas só dois compareceram... Isso certamente lhe ha de ter valido como uma lição e uma advertência. É preciso ser ao mesmo tempo prudente e malicioso, nos namoros com a Academia...

* * *

Alem do sr. Afonso Pena Junior e de dois escritore[illegible] samente desconhecidos, que já apresentaram suas candidaturas à vaga de Afranio Peixoto, enviaram telegramas e cartas de consultas aos acadêmicos os srs. Raul Machado e Wandenley de Pinho. Estes últimos, porém, até agora não se inscreveram.

* * *

A Academia está em férias. Fechou-se, assim, o *Café do Cesario*. Não têm os *imortais*, nas tardes amenas das quintas-feiras, onde *bater* o seu *papo* acadêmico. Mas as atividades culturais da Academia não se interrompeu: o Petit Trianon continua aberto. A Biblioteca e a Secretaria funcionam normalmente. Só o *lero-lero* amavel das quintas-feiras, com sorvete e chá com torradas, foi infelizmente interrompido. E nisto consistem as "férias acadêmicas".

* * *

Logo que recomecem as atividades normais da Academia serão lidos e julgados os pareceres dos Premios Literarios dêste ano. As comisswes julgadoras desta vez têm sua missão facilitada pela excelência de alguns candidatos: Ciro dos Anjos, Lêdo Ivo, Breno Acioly, R. Magalhães Junior.

Figura 16 – Visão da coluna **"**No Petit Trianon", publicada no suplemento *Letras & Artes.* Rio de Janeiro, 16 fev. 1947. Suplemento Dominical, p.11. (Adaptado). Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Além desses, outros registros sobre assuntos mais amenos eram feitos *No Petit Trianon*, como viagens de acadêmicos, visita a algum escritor enfermo, anedota sobre tema literário, ou alguma nota sobre as "férias acadêmicas", como esta, que destaca uma pausa nas redes de sociabilidade formadas no espaço da instituição:

> A Academia está em férias. Fechou-se, assim, o Café do Cesario. Não têm os imortais, nas tardes amenas das quintas-fei/ras, onde bater o seu papo acadêmico. Mas as atividades culturais da Academia não se interrompeu (sic): o Petit Trianon continua aberto. A Biblioteca e a Secretaria funcionam normalmente. Só o lero-lero amável das quintas-feiras, com sorvete e chá com torradas foi infelizmente interrompido. E nisto consistem as "férias acadêmicas".
> *Letras & Artes,* Rio de Janeiro, 16 fev. 1947, p. 11. Adaptado. Acervo: Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.

O suplemento *Letras & Artes* adquiriu um aspecto conservador oriundo da tradição representada pela Academia, além de estar vinculado ao jornal do governo e de contar com um grupo de escritores que se ajustavam a movimentos nacionalistas passados, ou presos ao movimento católico, como frisou Demarchi (1992), o que pôs em debate, no meio literário, a luta entre o clássico e o moderno (com a chegada de novos atores em busca de espaço),

instaurando, entre editores e colaboradores do *Letras & Artes*, o desvanecimento do modernismo.

Foi particularmente nesse ambiente propício à cultura escrita, ao debate acadêmico e às várias formas de linguagem que Ascendino Leite marcou sua participação nas redes de sociabilidade formadas por aquele suplemento literário, nos anos 40 e 50, interagindo com seus pares, à medida que representava, sob a forma da escrita e dos contatos que mantinha com os intelectuais, a vida literária da época, a defesa da cultura considerada clássica e a não diluição massificadora da obra de arte. Essa convivência esteve ligada à sua colaboração na escrita e tradução de contos, produção de reportagens[45], artigos ou notas críticas sobre escritores ilustres ou de prestígio e suas respectivas obras no meio literário, para o suplemento *Letras & Artes*. Também participou como entrevistado em uma enquete sobre "Que livro gostaria de ter escrito?", em meio à participação de alguns intelectuais, como Dinah Silveira de Queiroz, Xavier Placer, Aníbal Machado, Jorge de Lima, entre outros.

Os livros referidos nessa enquete são aqueles legitimados pela opinião de escritores que compunham o cânone literário ou que apreciavam a literatura clássica. Os títulos *Madame Bovary*, de Flaubert, e *O idiota*, de Dostoievski, são dois exemplos, que partilham o *status* de "Grande Literatura", expressão que, segundo Abreu (2006, p. 40), serve "para abrigar aqueles textos que interessam, separando-os dos outros textos em que também se encontram características *literárias*, mas que não se quer valorizar", ou que não são solidificados pelas chamadas "instâncias de legitimação" (universidade, revistas especializadas, suplementos de jornais, livros didáticos).

Ascendino Leite, embora não tenha tido a representatividade que muitos daqueles escritores alcançaram, talvez porque ficasse à margem do circuito de produção desse grupo, por pertencer a uma rede de escritores "menores", mas nem por isso menos importante, ocupou nessa enquete posição semelhante à de seus pares, demonstrando ser também um leitor clássico – sua escolha sobre o livro que gostaria de ter escrito é um exemplo disso:

> RESPOSTA DE ASCENDINO LEITE
> Ascendino Leite, consultado sobre o livro que gostaria de ter escrito, respondeu imediatamente:
> – "Recordações da casa dos mortos", de Dostoievski.
> *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1947. Suplemento Dominical, p.15. Adaptado. Acervo: Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.

A colaboração com a escrita de contos para o suplemento *Letras & Artes* foi, como assinalei acima, outra forma de Ascendino relacionar-se com as redes de sociabilidade,

[45] A título de exemplo, ver a reportagem *Conversa com um crítico e professor de filosofia*, publicada no suplemento *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 09 fev. 1947. Acervo: Academia Brasileira de Letras.

juntando-se, nessa modalidade literária, a escritores como Cecília Meireles, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, Aluizio Azevedo, Machado de Assis, e contistas estrangeiros (Guy de Maupassant), que também escreviam para esse segmento literário. Tome-se, por exemplo, o conto "Rosario" (ANEXO 6), publicado no suplemento nos anos 50, em que Ascendino lança um olhar sobre uma vila – Monte Orebe – e o teor de vida que esse lugarejo confere a um episódio envolvendo a personagem que dá título ao texto.

Sobre a participação de Ascendino na produção contista, há uma nota, no suplemento *Letras &Artes*, datada do dia 15.07.1951, anunciando que ele publicará um livro de contos, denominado *Rio gordo*, alguns destes já publicados no suplemento L&A, cujo conteúdo tratará de "flagrantes da vida de uma pequena cidade do interior"[46]. A nota faz menção, ainda, a duas publicações anteriores de Ascendino Leite: *Estética do Modernismo* (1936) e *Notas provincianas* (1942), apontando para as referências feitas por críticos ao primeiro livro, particularmente, por Mário de Andrade. Veja-se a nota transcrita a seguir:

> **Ascendino Leite vai publicar um livro**
>
> "Rio Gordo" intitula-se o próximo livro de contos de Ascendino Leite – Flagrantes da uma vida de uma pequena cidade do interior, alguns já publicados em "Letras e Artes". É uma série de novelas entrelaçadas tendo por ambiente a vila de Monte Orebe.
>
> Ascendino Leite publicou em 1943 (sic), "Notas Provincianas" crítica literária; em 1940 (sic) "Estética do Modernismo", um ensaio sobre o movimento modernista, que mereceu dois rodapés de Mário de Andrade além de outras referências de críticos conhecidos do país.
>
> Em "Rio Gordo" aparecem as figuras do juiz, do prefeito do vigário, as beatas, - a política e a vida religiosa.
>
> *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1951. Suplemento Dominical, p.2. Adaptado. Acervo: Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.

Tendo em vista a nota acima, deduz-se que a rede de convivência de Ascendino com os intelectuais da época esteve atrelada não apenas à sua produção escrita para o *Letras &Artes*, mas também à divulgação de suas obras nesse suplemento, mesmo sem obter o *status* de escritor consagrado pelo cânone literário, como ocorria com os literatos que ocupavam cadeira na Academia. Cabe lembrar, no entanto, que os suplementos "também possibilitavam lançamentos de novos escritores, ousados poetas, romancistas ou contistas que se arriscavam no meio literário", como afirma Gadini (2003, p.79).

O fato é que, nesta circunstância, Ascendino se fez notar pela crítica realizada por Mário de Andrade ao comentar o lançamento do seu ensaio *Estética do Modernismo* (1939),

[46] Não há, no entanto, informações de que este livro tenha sido publicado.

em que discutia algumas contradições e exageros do movimento modernista. Essa crítica foi publicada em rodapé no *Diário de Notícias* (1940), em que o crítico afirmou tratar-se de "um livrinho bastante injusto", acabando, no entanto, por incluir o artigo na coletânea *O empalhador de passarinho* (2002). O fato gerou uma polêmica importante do ponto de vista da literatura e da criação, conduzindo Ascendino à publicação do romance *O salto mortal*, no qual, ao trazer o tema da homossexualidade, reporta-se à figura de Mário de Andrade, representada pelo protagonista da narrativa (informação verbal).[47]

A seguir, tem-se, a título de exemplo, a introdução da crítica de rodapé, escrita por Mário de Andrade, comentando o livro *Estética do Modernismo* (1939), de Ascendino:

> INICIANDO estas crônicas de 1940, reparo um pouco angustiado que ainda tenho vários livros importantes de 1939 por estudar. Mas não quero me referir a eles, sem antes comentar o ensaio sobre a "Estética do Modernismo", que o sr. Ascendino Leite publicou recentemente na Paraíba (Ed. A Imprensa, 1939). Trata-se evidentemente de um livrinho bastante injusto, em que o escritor paraibano, com as suas afirmações categóricas e os seus juízos inapeláveis, de um dogmatismo totalitário, se demonstra curiosamente imbuído daquela mesma felicidade abundante e satisfeita de si, com que os modernistas de há vinte anos atrás afirmavam que Alberto de Oliveira era um trouxa e Camões uma besta. Depois, verificou-se de novo que nem Camões era uma besta nem Alberto de Oliveira um trouxa, e as afirmações grotescamente ofensivas e sem nenhum valor crítico ficaram apenas como cacoetes de alguns retardatários. Era razão para que o Sr. Ascendino Leite as fizesse renascer agora, dizendo do Modernismo, sempre contando no seu quadro figuras como Graça Aranha, Manoel Bandeira, Ronald de Carvalho, Tristão de Athayde, que chegou a ser uns tempos "a intolerância na imbecilidade"?... Se nesse momento o sr. Ascendino Leite tivesse conservado a isenção crítica que reponta noutros passos do seu ensaio, logo que lembrava que a imbecilidade não é caracterização de movimento coletivos, e os imbecis são de todos os tempos e escolas. [...].
>
> (ANDRADE, 1940, p.08)

Além de contista, Ascendino colaborou também como tradutor para o suplemento *Letras & Artes*, atividade habitual entre os escritores que escreviam para esse suplemento dominical, tocados certamente pela ideia de que a tradução é feita para o leitor comum, aquele que não tem proficiência em determinado idioma, mas que precisa ser educado em matéria de literatura estrangeira. Nesse sentido, o suplemento contava com a tradução de poemas e contos de autores clássicos da literatura universal, como o poeta alemão Rainer Maria Rilke, o escritor theco de língua alemã Franz Kafka, o poeta francês Rimbaud, o escritor boliviano

[47] Comentário do crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, na ocasião da defesa desta tese, em 21 de agosto de 2014.

Raul Botelho Gonçalvez, de quem Ascendino traduziu o conto "Sangue no trópico" (ANEXO 7).

Em outro texto, também publicado no suplemento *Letras & Artes*, Ascendino Leite prossegue como colaborador do segmento, ao produzir o artigo crítico "O poeta indormido" (ANEXO 8), a respeito do livro *Ode e elegia* do poeta e acadêmico Ledo Ivo. Nesse texto, Ascendino conduz o leitor à reflexão sobre o destino da poesia, motivado pela leitura que fez do livro de Lêdo Ivo nos anos 40: "Estaria morrendo a poesia ou seremos nós que estamos renunciando, já não dizemos ao seu cultivo mas ao seu fascínio?". Concomitante a essa reflexão, Ascendino comenta sobre a veia literária do poeta (também jornalista, romancista, contista, cronista e ensaísta) para a vitalidade de sentimentos, ao deixar transparecer no livro em questão o binômio "poesia e vida", exaltando-o como um "poeta indormido", de face ainda não fatigada, que busca o inefável como um prolongamento de si mesmo. Essa relação entre poesia e vida é ressaltada, no texto, através destas palavras de Ascendino:

> [...] Ora, a vida é criação. E nas mensagens que a poesia nos endereça, apenas diferentes na tonalidade, já se prefiguram as infinitas formas do universo humano, da vida aspirando uma ordem superior, "no tanto una vivencia, pero una voluntad de supervivencia"[48], como acentua Lanuza[49].

As notas críticas sobre temas relacionados à literatura e às artes, artigos ou reportagens a respeito de escritores ou artistas ilustres foram alguns dos gêneros que dominaram as redes de sociabilidade entre intelectuais do suplemento *Letras & Artes* nos anos 40, época em que se observava a avidez da massa sedenta pelo consumo do banal e a tensão experimentada pela pouca importância dada ao motivo "poesia". Ascendino Leite participou desse momento ao lado de outros escritores como Adonias Filho, Tristão de Athaíde, Tasso da Silveira, Murilo Mendes[50] e Jorge de Lima, este último, em artigo intitulado "Que coisa está apodrecendo? A

[48] Não é tanto uma experiência, mas uma vontade de sobreviver. **(tradução minha)**

[49] Referência a Cacilda Lanuza, atriz de teatro, cinema e televisão, que nasceu na cidade de Campina Grande (PB). Lanuza fez parte de um grupo feminino formado por Hebe Camargo, Wilma Bentivegna, Lourdes Rocha e Eloísa Mafalda que apresentava o programa "O mundo é das mulheres", na TV Paulista, criado e dirigido por Walter Forster, ator do rádio, cinema, teatro e televisão brasileiros, na década de 50. *Cacilda Lanuza* – Biografia de Cacilda Lanuza, para o museu da televisão brasileira. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografias/Cacilda%20Lanuza.htm> Acesso em: 01 set. 2013.

[50] Murilo Mendes colaborava com nota crítica de música, escrevendo sobre o compositor austríaco Mozart, o pianista brasileiro Arnaldo Estrella, o compositor alemão Beethoven, indo até a escrita de crônicas e sugestão de livro sobre o tema, como "Caminho de Música", de Andrade Muricy, obra que foi objeto de análise por Ascendino Leite em uma nota crítica publicada no suplemento *Letras & Artes*, na edição de 22 de setembro de 1946.

poesia ou a nossa época?"[51], instigava uma discussão sobre a incompreensão do fenômeno poético, afirmando que "a poesia é incorruptível. O tempo é que se degradou".

Vale ressaltar que os poetas Murilo Mendes e Jorge de Lima, referidos acima, foram alguns escritores de grande estima de Ascendino Leite, visualizados até como "santos", em nota no seu *Jornal Literário*, ao lado de outros, como Manuel Bandeira, Drummond, Nilo Aparecida Pinto e Cecília Meireles. No fragmento a seguir da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) II* , o escritor descreveu a imagem etérea dessas figuras, captando o registro de um tempo áureo, marcado, segundo Ascendino, pela presença de verdadeiros poetas – os "criadores de poesia":

> [...] Nas sublimes alturas a que foi elevado, o poeta Manuel Bandeira terá à sua direita um lugar reservado para o seu caro Drummond. Do lado esquerdo, não será difícil perceber-se, estará sentada a divina Cecília.
>
> Como se visiona um cenário celestial, há uma cortina imensa, resplandecente, duma beleza etérea e deslumbrante. Nas laterais, segurando-lhe as pontas, Jorge de Lima e Murilo Mendes, peregrinos da eternidade. E um pouco mais atrás seguindo-os o Nilo Aparecida Pinto.
>
> Nomes queridos de um tempo poético que ilumina a grande cena da nossa poesia contemporânea. [...]. (LEITE, 1989, p.337).

Nos anos 40, além da publicação de contos, era prática comum, no suplemento dominical *Letras e Artes*, a publicação de poemas de sonetistas da língua portuguesa (Gregório de Matos, João de Deus, Guerra Junqueiro, Castro Alves, Fagundes Varela, Augusto dos Anjos), além de poemas de escritores que colaboravam regularmente com o suplemento, como Jorge de Lima, Carvalho Filho, Alphonsus de Guimaraes Filho, Sergio Milliet, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, entre outros contemporâneos da época. Nesse período, precisamente no final dos anos 40, tem-se a publicação de dois poemas[52] de Ascendino Leite no suplemento *Letras & Artes*, denominados "Canção" e "Salão de baile" (ANEXO 9).

Do que foi descrito até aqui sobre a participação de Ascendino Leite no suplemento *Letras e Artes*, o que se pode deduzir é que a formação da rede de sociabilidade com os intelectuais da época objetivava a afirmação ou o reconhecimento de seu nome como autor, junto a outros que já dispunham desse *status*, cuja obra apresentava-se consolidada pelo mercado editorial, por um público consumidor e pela crítica literária. Ascendino, embora tenha sido um escritor importante, por sua contribuição fundamental no âmbito do sistema

---

[51] LIMA, Jorge. Que coisa está apodrecendo? A poesia ou a nossa época? *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1946. Suplemento Dominical, p.01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=114774> Acesso em: 01 set. 2013.

[52] Embora tenha publicado poemas no suplemento L&A, só após os 80 anos é que Ascendino enveredou de fato pelo domínio desse gênero literário, publicando seus primeiros livros de poesia na década de 90.

literário, não recebia apoio das editoras, ele próprio custeava seus livros e admitia ter poucos leitores, como se verá no terceiro capítulo.

2.2.2 Espaços de sociabilidade

Além desses modos de participação formal de Ascendino Leite no suplemento *Letras & Artes*, deve-se destacar também os locais de sociabilidade por meio dos quais o escritor construiu formalmente/informalmente associações com outros intelectuais, ou com os ambientes que estes frequentavam, sem regras pré-estabelecidas, criando, por vezes, um espaço "afetivo", definido em termos de amizade/cumplicidade ou de rivalidade e ciúme, conforme apontou Gomes (1993). Esses locais de sociabilidade eram cafés, livrarias[53], ruas, a casa de amigos, até o metrô que, juntamente com as redes de sociabilidade formadas pelo suplemento literário *Letras & Artes*, desempenharam papel essencial para a formação do *Jornal Literário* de Ascendino, pelos modos de agir desse leitor, pelas astúcias com que se reapropriou dessas redes de convivência no seu cotidiano, transformando-as em estratégias escriturísticas na produção do seu *Jornal Literário*.

Observe-se, neste fragmento, o registro que fez Ascendino sobre um encontro com o poeta Carlos Drummond de Andrade, na rua, sem que este o percebesse:

> Na altura da Assembleia com a Avenida Rio Branco, cruzo com Drummond: ele não me viu.
>
> Fui em frente, cuidando de que eu bem poderia tê-lo abordado.
>
> Deixou ele, não sei por que, de aparecer na São José, onde frequentemente nos encontrávamos. Agora raro vê-lo, raro encontrá-lo. [...] (LEITE, 1988, p.265)

Nesse registro, há uma referência à livraria São José, local que o escritor frequentava juntamente com outros intelectuais, a exemplo de Drummond, a quem fez menção na nota e um dos mais assíduos ao lugar. A São José, que teve sua fundação no ano de 1935, localizada à época no centro do Rio de Janeiro, hoje instalada na Rua Primeiro de Março, foi ponto de encontro de romancistas, poetas, cronistas, jornalistas e até políticos na década de 50, sendo a mais antiga casa em atividade no Rio.

Em estudo organizado sobre a história das livrarias cariocas no século XIX, o jornalista Machado (2012), reportando-se a um período de mais de três séculos e meio do Rio, desde o tímido comércio de livros na cidade às modernas livrarias, registra que estas casas não representavam apenas estabelecimentos comerciais, foram também palco da vida literária,

[53] Cf. MENEZES, José Rafael de. *O poder reflexivo de Ascendino Leite*. João Pessoa: Grafset, 1986.

termômetro da economia e central de intrigas e debate político, conferindo ao Rio de Janeiro o principal polo cultural do país, além do título de maior mercado livreiro. A vida literária nas livrarias surge, como traço marcante da cidade, em 1830, até então o encontro dos escritores se dava em boticas e saraus, sendo as livrarias dominadas por debates políticos. Com a chegada dos livreiros franceses ao Rio, "cordiais, sagazes, amigos do debate de ideias e da volúvel arte de jogar conversa fora", os estabelecimentos se transformam em estímulo aos intelectuais, propiciando a conversa entre os pares, a publicação de suas obras, a promoção de tarde de autógrafos, atividades cultivadas por livreiros que se tornaram protagonistas da vida cultural da cidade, cruzando, nesse ambiente de convivência entre escritores, vida literária e militância política.

Na década de 50, a livraria São José passa a ser um dos locais mais frequentados por intelectuais como Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Holanda, entre outros, onde, segundo Machado (2012, p.282), reinavam os bate-papos infindáveis, as fofocas sem conta, em meio a um ambiente de cumplicidade e, por vezes, de hostilidade entre os escritores:

> Apoiados nas estantes, os escritores conversavam durante horas. Muitas frases de espírito, risadas. Às vezes, se estabelece um ar de mistério, segredos cochichados ao pé do ouvido, sorrisos de sarcasmo. Há os que semeiam venenos abertamente, com esse sentimento de vingança tão peculiar aos plumitivos.

Outras livrarias como a Garnier e a José Olympio constituíram também ponto de encontro de uma geração de autores, tendo Ascendino Leite também transitado por essas casas atrativas à convivência de muitos intelectuais. A Garnier, que se localizava inicialmente à Rua da Quitanda, passando depois para a Rua do Ouvidor, era uma casa requintada do francês B.L. Garnier, que chegou ao Brasil trazendo um enorme acervo literário; a livraria José Olympio, inaugurada em 1934, na Rua do Ouvidor, gozava de grande prestígio, por reunir muitos escritores e editar títulos da maioria dos autores brasileiros do século XX, tornando-se um polo aglutinador de cultura. Na Garnier, Machado de Assis mediava o debate literário entre escritores e estimava conversas que mantinha ali com José de Alencar. Na José Olympio, conta-se que José Lins do Rego era o mais assíduo e barulhento, "com as suas risadas de trovão, e atitudes de figura napoleônica"; já Graciliano Ramos tomava lugar em um banquinho de madeira, fumando seu cigarro Selma e falando "com vagar, destilando pessimismo em cada palavra". (MACHADO, 2012, p.216). Ascendino Leite desfrutava, nessas livrarias, não apenas das conversas que mantinha sobre temas envolvendo literatura

com os intelectuais contemporâneos da época, como sugere este encontro com Manuel Bandeira, registrado no *Jornal Literário O Vigia da Tarde* (1982):

> Na São José. Vi Manuel Bandeira. Veio ao meu encontro, entregou-me a errata ao seu *Poesia e Prosa*, assunto de que tratei aqui, outro dia. Agradeci-lhe a atenção. Tive que falar muito alto, a surdez do poeta muito forte, o aparelho auditivo parecia não funcionar. [...] (LEITE, 1982, p.92-93)

A frequência às livrarias proporcionava também o encontro do escritor com editores ou diretores dessas casas, como esta ocasião, na São José, ao ser apresentado ao diretor da Editora Itatiaia, encontro que resultou na publicação compilada dos três volumes do seu *Jornal Literário – Passado Indefinido*, *Os Dias Duvidosos*, *O Lucro de Deus* (1966), depois de gerenciar, sem sucesso, naquela casa, contatos para a publicação do seu Jornal:

> ESTA manhã na São José, com Nilo. Ele me apresenta a Pedro Paulo, diretor da Itatiaia; encontro casual, inesperado. Grande cordialidade.
>
> Curioso: ele parecia ignorar as gestões que eu fizera junto a Edison, para publicação do meu jornal. Foi o que nos disse, ao ser informado por Nilo dos meus passos naquele sentido. Nem sequer chegara a ver os originais do volume que eu enviara a Edison na esperança de interessar a *Itatiaia*.[...]
>
> Disse-lhe, entretanto, que considerava encerrado o assunto. Afastara-o da minha mente.
>
> – Mas eu quero editar seu livro! – disse-me, com grande surpresa para mim. – Já está pronto? [...] (LEITE, 1982, p.72)

Segundo Vincent-Buffault (1996, p.80), há um vínculo entre o espaço de sociabilidade dos salões, dos cafés, e o discurso sobre a amizade, tratado nas conversas e nas publicações, favorecendo a exibição de um espetáculo da moralidade do espaço público literário, o que

> permite uma autocelebração desses "laboratórios" animados de sociabilidade, desses lugares não domésticos de encontro e de intimidade, em que assuntos são debatidos entre iguais. Mas essas trocas sofrem uma transformação: elas são promessa. À restrição mundana logo se opõe uma sociabilidade que iguala, desenhando círculos concêntricos de circulação do escrito. Daí o horizonte utópico em que se manifesta a generalização da amizade como prefiguração de um vínculo social livre das hierarquias e dos laços de dependência, de que a sociabilidade constituiria de certo modo a promessa.

Tal fato parece se estender também para as livrarias. Na José Olympio, Ascendino realizou algumas atividades literárias, como a relação de dedicatórias do seu primeiro *Jornal Literário*, *Durações* (1963), destinadas a alguns escritores que conhecia e a outros do círculo de relações do editor dessa casa, alimentando, desse modo, a rede de sociabilidade, com vistas à divulgação de seu livro e, por conseguinte, à busca de pares para legitimar a sua existência como autor entre seus contemporâneos. É o que se depreende do registro a seguir:

> "Julho, 4 – Na Livraria José Olympio, diligenciei o envio das *Durações* a Drummond, Cassiano e Menotti, dentre outros. Adalardo me põe ao alcance sua relação de críticos: meia centena mais de dedicatórias, inclusive a personalidades das relações de José Olympio." (LEITE, 1966, p.386)

Ainda na Editora José Olympio, Ascendino produziu, juntamente com os críticos literários Brito Broca e Wilson Lousada, um boletim bibliográfico e de propaganda, denominado *Vida dos Livros*, onde publicou uma biografia de Gilberto Freire (LEITE, 1982, p. 284). Acrescente-se que, além dessas atividades desenvolvidas na livraria José Olympio, o escritor teve dois de seus títulos editados pela livraria São José: o *Jornal Literário A Velha Chama* (1974) e o romance *O Brasileiro* (1962), o que se pode deduzir que a produção desses trabalhos tenha sido fruto das relações que construiu com os pares nessas casas, visando, por um lado, firmar-se como escritor e, por outro, erigir-se como autor. Chartier (1999b, p.44), citando o *Dictionnaire universel*, de Furetière, esclarece que, sob o ponto de vista literário, o termo "autor" distingue-se de "escritor" pelo fato de o primeiro estar relacionado a "todos aqueles que trouxeram à luz algum livro [...] que o fizeram editar", estando a existência do autor prevista pela circulação de suas obras entre o público, por meio da impressão; já o segundo, o escritor, diz-se, "também, daqueles que compuseram livros, obras", mas sem qualquer relação com a tipografia.

O envio de *A Velha Chama* (1974) a Rachel de Queiroz também sugere o compromisso com esse duplo objetivo, além de demonstrar o gesto de amizade pela escritora[54]: o livro foi objeto de uma crônica escrita pela autora e publicada na revista *O Cruzeiro* (1928), semanário em que Rachel colaborava como cronista exclusiva desde 1944. Ao tempo que lia o *Jornal Literário* de Ascendino, Rachel introduzia sua crônica nestes termos:

> Recebo aqui na fazenda, pelo trem da tarde, o novo livro do nosso querido Ascendino Leite: **A Velha Chama**. Agarro-me com ele, acaba a luz do dia, se acende o motor, e o enlevo da leitura me arrasta a uma maratona; passa da meia noite e só deixo o livro ao alcançar a última página, façanha rara para estes velhos olhos que já ressentem o esforço de longas horas de leitura. [...] (LEITE, 1991, p.7)

[54] Por ocasião da realização de um fórum sobre literatura do Nordeste, Rachel de Queiroz se hospedou na casa de Ascendino Leite, como afirmou a própria escritora em uma sessão ocorrida no dia 31 de outubro de 1991, na Academia Brasileira de Letras, ocasião em que também informou ter visitado a Academia Paraibana de Letras, onde foi concedido ao escritor o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Paraíba. (Cf. Viagem da acadêmica Rachel de Queiroz à Paraíba. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, v.162, ano 91, Anais de 1991/ julho a dezembro).

Para além das livrarias, onde se estabeleciam conversas e se firmavam atividades literárias, o passeio pelas ruas, por vezes articulado a essas casas, representou outro polo de conversação entre Ascendino e alguns dos intelectuais que conhecera na época. Note-se um desses momentos neste fragmento do seu *Jornal Literário*, em que o escritor, num passeio habitual pela rua São José, onde se localizava a livraria de mesmo nome, conversava com um amigo, provavelmente o poeta mineiro Nilo Aparecida Pinto, seu contemporâneo, sobre a força de certas frases:

> A PROPÓSITO da força de certas frases, Nilo me dizia esta tarde, no nosso habitual passeio pela rua São José:
> – A justiça é a consciência do julgador.
> Eu começara a conversação citando o conceito de Unamuno sobre a palavra, na carta a Teixeira de Pascoaes, conceito que transcrevi ontem neste caderno. Daí passamos a considerar as desigualdades dominantes em nossa época, a servidão e a miséria do homem. [...] (LEITE,1988, p.179)

A propósito deste momento constitutivo do cotidiano – o ato de passear a pé pela cidade – também o fazia Drummond todas as tardes pelo bairro de Copacabana e Ascendino pelas ruas do Leblon: "O QUE SEMPRE se me depara no meu vagabundear frequente, pelo Leblon, durante o dia: [...]" (LEITE, 1989, p.298); "BOA PARTE da manhã passeando pelas ruas do Leblon [...]" (LEITE, 1989, p. 348); "AINDA uma vez a flanar pelas ruas do Leblon [...]" (LEITE, 1989, p.374). Segundo Kujawski (1991), o passeio é um dos momentos a que se reduz o cotidiano comunal de todo homem, sendo os outros a habitação, o trabalho, a conversa, a culinária. Sobre a experiência reiterada do passeio e sua relação com o contorno, o autor argumenta que:

> No hábito de sair pelas ruas exclusivamente para ver e passear, balizamos nosso cotidiano de uma trama de referências e significados interpessoais, constituindo um circuito intraurbano fechado, que nos permite a grata satisfação do reconhecimento: reconhecer o contorno e ser reconhecido por ele; assim, ganhamos o papel e o argumento que nos estão reservados a nível do cotidiano.

Nos passeios realizados por Ascendino pelas ruas do Leblon, o escritor assimilava o cotidiano, entrava em sintonia com o contorno (ou com algum intelectual, ou transeunte, que se desse de cultivá-lo como amigo), incorporava-se à cena, ganhava, assim, identidade, produzindo-se historicamente. Neste fragmento do seu *Jornal Literário*, o passeio pelo Leblon é revelador de sua vivência na crônica cotidiana, contrapondo o viver dos velhos ao dos jovens, refletindo ele próprio sobre sua condição:

> LEBLON, onde os idosos preservam sua discreta leveza de ser. Este é Apolo, aquele Coríndon, causa de amores e de ódios.

> O luxo luminoso do cosmo sepulta na indiferença a miséria ambulante dos deserdados da vida – os pobres velhos tristes que vejo esperando a vez, à porta das padarias...
>
> E esse bando de jovens...
>
> Tenho uma certa raiva deles porque me fazem lembrar a idade que tenho e a vida que poderia ter tido quando tinha a idade deles. (LEITE, 1989, p.294)

Além das ruas, qualquer espaço parecia essencial às sociabilidades de Ascendino, até à saída do metrô, onde o escritor usufruiu de "alguns dedos de prosa" com o acadêmico Francisco de Assis Barbosa, autor da biografia *A vida de Lima Barreto* (2002), como se pode perceber através desta anotação presente em seu *Jornal Literário*, em que destaca a sede de conhecimento do acadêmico e a admiração pelo caráter do amigo:

> Com Francisco de Assis Barbosa, deixando o metrô, no Largo da Carioca, esta manhã.
>
> Alguns dedos de prosa. O acadêmico se encaminhava para a livraria *Leonardo da Vinci*. Sempre a se instruir, sabendo tudo. Já não bastava o enriquecimento da viagem no mais moderno e confortável dos nossos meios de transporte. [...]
>
> Chico: um amigo admirável.
>
> Vive cercado de pessoas que me não estimam mas isso em nada lhe alterou o sentido da camaradagem. Comigo, invariavelmente, duma atenção leal, afetuosa, de coração.
>
> Eu vejo. Eu sinto. Eu adivinho. (LEITE, 1988, p.480)

Outros contatos entre Ascendino Leite e os escritores de sua convivência no Rio de Janeiro, seus contemporâneos, como Lúcio Cardoso, Santos Morais, Adelino Magalhães, Antônio Carlos Villaça, entre outros, eram realizados por meio de conversação ao telefone, quase sempre voltada para temas relacionados à literatura, como mostra este registro apanhado do seu *Jornal Literário*:

> QUASE meia noite, telefonema do Antônio Carlos Villaça, certamente do seu hotel.
>
> Eu lhe bordara no *Visões* uma dedicatória:
>
> – "Foi Deus quem fez você".
>
> (Como na canção, um acidente muito especial, muito feliz).
>
> Exaltou-o no riso aberto, combinando com a agilíssima produção de frases, a inteligência, a humorada espiritualidade, a de quem não faz do saber uma carga miserável.
>
> – Foi Deus quem fez você, evidentemente! – repeti.
>
> Novas risadas.
>
> – Mas eu fui primeiro! – exclamei de cá, ao telefone.
>
> Villaça não terá mais que uns quarenta anos. (LEITE, 1988, p.421)

Para Kujawski (1991), a conversa será definida, provavelmente, como "a ocupação mais deleitosa e fecunda do cotidiano", já que remete, respectivamente, ao reconhecimento sem reserva das pessoas entre si e ao ganho de tempo à medida que completamos nossa

experiência com a do outro. No fragmento acima, o tom da conversa é a brincadeira com o verso da letra de uma música escrito como dedicatória, levando os dois escritores a se reconhecerem e a se divertirem: Ascendino elogiando a inteligência e a espiritualidade do escritor Villaça, e este se renovando em risadas. Esse comportamento é representativo da ideia esboçada por Kujawski de que

> A troca de experiências na conversação cotidiana nos ilumina novas perspectivas da realidade, com possibilidades e opções diferentes para fazermos nossa vida mais inventiva e mais livre. A palestra renova e potencia a dialética entre o público e o privado, a conversa na praça, na rua, no trabalho, no lazer entre amigos.

O almoço ou o jantar com os amigos (muitos deles escritores) também contribuiu para formação da rede de sociabilidade de Ascendino Leite. Ele que, segundo sua ex-secretária Ivonete Belarmino, gostava de sair sempre acompanhado para esse ato tão ritualístico, que é o comer humano (KUJAWSKI, 1991). Neste registro de um almoço de verão com Nilo Aparecida Pinto, Ascendino demonstra estar afeito a uma comida leve, ele que apreciava uma cozinha suculenta, à base de batata frita e carne (filé ao molho madeira, de preferência):

> ALMOCEI com Nilo. Almoço de verão, para enfrentar o calor, auxiliar o trabalho digestivo.
>
> Um pouco de melão, um pouco de presunto e água mineral: eis o que comem dois morigerados escritores brasileiros na segunda metade deste nosso atribulado século vinte. [...] (LEITE, 1988, p.309)

Como afirma Kujawski (1991), o homem em princípio pode comer de tudo, mas não come, certamente, de tudo, seleciona os alimentos de acordo com sua representação de mundo, orientação que deve ter fundamentado o almoço entre os dois escritores em pleno dia um dia de verão, situados na segunda metade do século vinte.

Nesse outro fragmento do seu *Jornal Literário*, Ascendino Leite registrou um almoço com o autor piauiense Permínio Asfora, que considerava melhor parceiro no "delicioso diálogo literário", ocupando-se, nesta conversação, de um tema íntimo da vida de certos escritores, a respeito do qual Ascendino articulou uma opinião:

> ALMOCEI com Permínio. Conversação sobre o domínio da libido na vida de certas de nossas celebridades literárias.
>
> Que direi delas?
>
> Se não caíssem, não se teriam criado as regras de moral, de polícia e de justiça, que Pascal tanto admirava.
>
> Os carnais não são apenas os ricos e os reis.
>
> Poetas e sociólogos, acadêmicos e simples escribas também têm a incomodidade do corpo – essas coisas que os empurram para fora e nem sempre se compatibilizam com as galas do espírito. (LEITE, 1988, p.499-500)

2.2.3 Dedicatórias e/ou ofertórios

A dedicatória – conhecida, segundo o dicionário de Carlos Ceia, como "breve texto em homenagem a alguém em particular, demonstrando admiração profissional ou pessoal, afecto ou gratidão por dívida intelectual, ou simples cortesia para com um amigo ou familiar" – tem, simbolicamente, um papel muito importante nesse contexto das redes de sociabilidade a que Ascendino esteve vinculado, já que pode representar o tipo de contato e associações estabelecidas entre os pares ou conhecidos (amigos ou familiares). Estas associações são concretizadas entre o dedicador, i.e., "que ou aquele que dedica"[55] (autor da dedicatória), e o dedicatário, "pessoa ou pessoas a quem é dedicada uma obra" (FARIA & PERICÃO, 2008, p. 224).[56]

A partir do sentido atribuído a esses termos, tomam-se as dedicatórias como homenagens escritas que simbolizam a troca de benefícios por prestígios e afirmação de poder entre soberano/mecenas e o autor/doador, cuja origem remonta desde os livros manuscritos na Europa medieva. Nestes, a dedicatória se manifestava em forma de ilustração, que circulava nos frontispícios dos livros, em que "o autor munido do livro aparece postado de joelhos na frente do dedicatário, geralmente uma pessoa altamente posicionada, rodeada pela sua corte, ou santo patrono, num ambiente que dá marcas da recepção favorável da obra" (FARIA & PERICÃO, 2008, p.224). Já no livro impresso, a dedicatória se apresentava em forma de texto que "circulava tanto na página de rosto, onde o autor fazia uma breve menção ao homenageado, ou imediatamente à folha que a sucede", referindo-se não apenas a um comportamento laudativo do dedicador diante do dedicatário, mas imprimindo também um valor sagrado, ao tomar o livro como fonte de inspiração divina (FREIRE, 2013, p.28-30). Tal como remete Chartier (2003, p. 56), ao fazer uso do termo, citando estes significados presentes no *Dictionnaire Universél*, de 1690:

> Dedicatória: consagração de uma igreja [...]. É também a Epígrafe preliminar de um livro endereçada àquele a quem é dedicado para implorar sua proteção; dedicar: consagrar uma igreja [...]. Significa também oferecer um livro a alguém para honrá-lo e enaltecê-lo[...].

O gesto da dedicatória está pautado em "relações de clientela ou de patrocínio", como acontecia no século XVII, no Ocidente, visto que um escritor deste século (quando não

[55] Cf. HOUAISS, Antonio. Dedicador. In: *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=dedicador> Acesso em: 10 set. 2009.
[56] O termo "dedicatário" não é dicionarizado, de modo que esta parece ser a única obra em que se encontra o registro dessa palavra.

dispunha de fortuna patrimonial) dependia, para viver, dos livreiros-editores, a quem entregava seus manuscritos, mas isso não representava garantia de rendas suficientes, sendo então obrigado a entrar naquele tipo de relação, por meio do qual recebia "uma remuneração não imediata de seu trabalho como escritor, sob a forma de pensão, de recompensa ou de emprego", como historia Chartier (1999a, p.39). A dedicatória surge como um gesto de reciprocidade, em que o autor oferece, por exemplo, um livro ao príncipe contendo um texto que escreveu e, em troca, recebe manifestações de benevolência (proteção, emprego ou recompensa), se bem que, de acordo com Chartier, essa reciprocidade se revela falsa, já que visa oferecer ao príncipe algo que ele já possuía – a intenção do livro, que já se encontrava no seu espírito.

Há que se destacar que, nessa época, o conceito de "função-autor" (FOUCAULT, 1992) não havia sido construído, sendo só posteriormente discutida a questão da condição de autor, articulada aos dispositivos que visam controlar a circulação dos textos ou dar-lhes autoridade (CHARTIER, 1999b).

A nota crítica, a seguir, registrada por Ascendino Leite, em seu *Jornal Literário*, comenta sobre a importância do editor e de seu papel para o círculo das relações literárias, através de uma referência feita a José Olympio (fundador da livraria de mesmo nome) e às pessoas de suas relações, deixando entrever a natureza dessas associações e também a força da clientela e patrocínio de um editor, que aqui se revela por meio do enaltecimento de sua figura:

> [...] Adalardo me põe ao alcance sua relação de críticos: meia centena mais de dedicatórias, inclusive a personalidades das relações de José Olympio.
>
> Este é, sem dúvida, um dos traços mais encantadores da singular estrutura humana do grande editor e um dos segredos da sua indiscutível regência pessoal sobre a vida intelectual brasileira: seus amigos terão que ser, forçosamente, nossos amigos. Eu sei, por exemplo, de experiência própria, que se, por acaso, no seu escritório, não se chegaram a estabelecer muitos laços afetivos duradouros entre as pessoas que o frequentam, é certo que muitas inimizades e desconfianças, tão comuns no mundo literário, tiveram aí o esvaziamento desejável e, não raro, a conveniente dispersão no amável ajuste do seu gênio conciliatório. (LEITE, 1966, p.386)

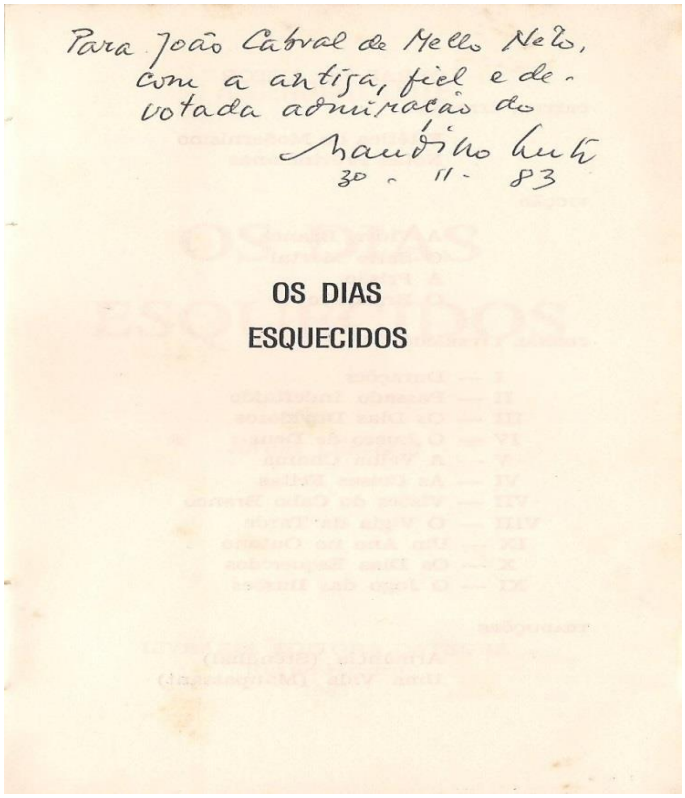
Se as dedicatórias destinadas ao círculo de personalidades do editor compreendem um ponto de apoio para a formação da rede de sociabilidade do escritor, tendo como objetivos obter respeito e conquistar interesses por meio do nome de um editor ou de nomes de autores que a ele se ligam, "como instrumento de classificação de textos", também se observa, nas dedicatórias manuscritas e impressas do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, o desejo deste

de se relacionar com os intelectuais, amigos e familiares, visando à socialização de suas obras e, por conseguinte, o prestígio, a existência ou a operatividade do seu discurso pessoal e profissional, assim como a sua demonstração de carinho ou admiração diante de seus dedicatários. De acordo com Freire (2013, p.38),

> A dedicatória manuscrita assumiu relevância no século XIX e se diferencia da impressa por ser um escrito geralmente presente apenas na obra do dedicatário, o que confere ao exemplar uma identidade única. A incidência da dedicatória manuscrita não significa o desaparecimento da impressa, que figura nas obras publicadas na atualidade. Enquanto a dedicatória impressa, de modo geral, apresenta um texto quase que protocolar, a manuscrita pode ser, por exemplo, uma poesia, uma pequena obra literária inserida no começo da obra propriamente dita.

Ascendino Leite se utilizou desses dois tipos de dedicatória[57] ao oferecer exemplares do seu *Jornal Literário* impresso a vários dedicatários, articulando, por meio de notas manuscritas, por exemplo, declarações de admiração a escritores com uma "função-autor" circunscrita numa dada sociedade, posto que ligada ao estatuto da *existência*, *circulação* e *operatividade* de seus discursos nessa sociedade. É o caso desta dedicatória de Ascendino, manuscrita na falsa folha de rosto em um dos seus exemplares de *Os Dias Esquecidos* (1983), ofertada ao escritor João Cabral de Melo Neto:

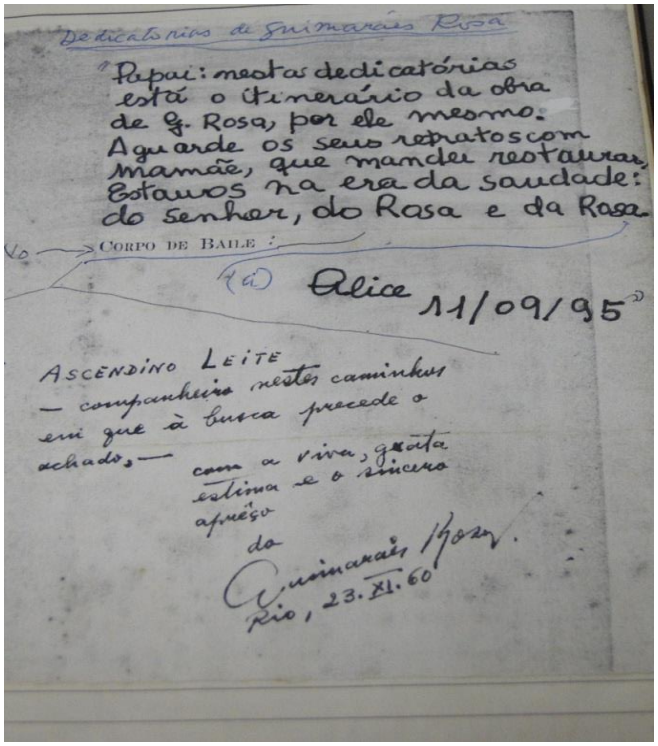
[57] É importante frisar que a dedicatória difere do autógrafo, termo que se origina da palavra grega *autógraphos*, e que significa "assinatura ou grafia autêntica do próprio punho, original." (FERREIRA, 1986, p. 203); "assinatura de pessoa célebre" (AUTÓGRAFO.In: Grande DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=aut%25C3%25B3grafo. Acesso em: 15 jun. 2014.).



Para João Cabral de Melo Neto,
com a antiga, fiel e de-
votada admiração do
Ascendino Leite
30-11-83

Figura 17 – Dedicatória manuscrita de Ascendino Leite a João Cabral de Melo Neto. Acervo: Arquivo pessoal da pesquisadora

Ascendino também recebeu dedicatórias manuscritas em três livros de Guimarães Rosa: *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) e *Primeiras histórias* (1962), como mostram as folhas de rosto a seguir, que foram lembradas e enviadas ao escritor pela sua filha Alice, com esta nota nostálgica: "Papai: nestas dedicatórias/ está o itinerário da obra de G. Rosa, por ele mesmo. Aguarde os seus retratos com mamãe, que mandei restaurar. Estamos na era da saudade: do senhor, do Rosa e da Rosa." Alice 11/09/95.

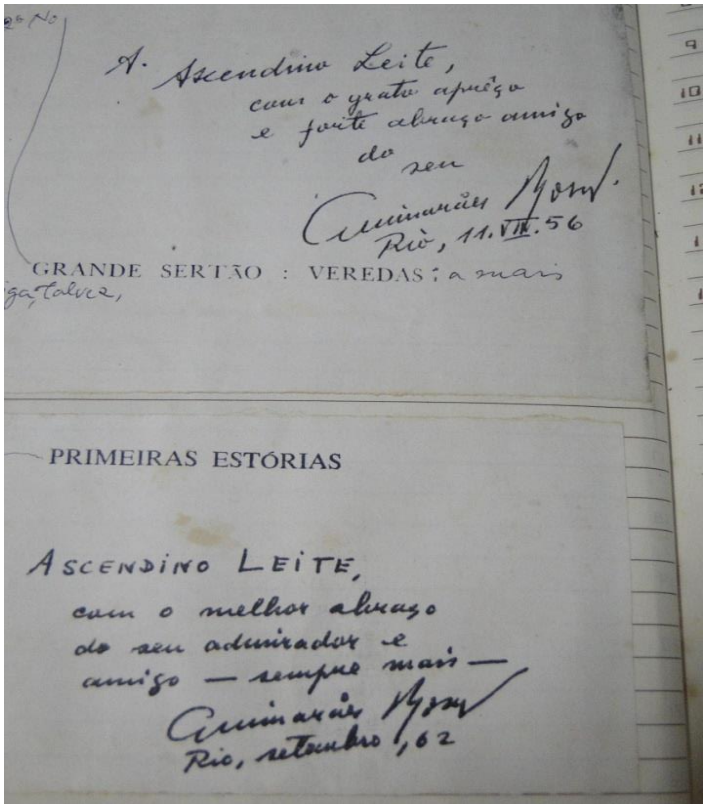


CORPO DE BAILE

ASCENDINO LEITE
– companheiro nestes caminhos
em que à busca precede o
achado, –
com a viva, grata,
estima e o sincero
apreço
do

Guimarães Rosa
Rio, 23.XI.60

Figura 18 – Dedicatória manuscrita de Guimarães Rosa, no livro *Corpo de baile*, a Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal de Ascendino Leite



GRANDE SERTÃO: VEREDAS

A Ascendino Leite,
com o grato apreço
e forte abraço amigo
do
seu

Guimarães Rosa
Rio, 11.VII.56

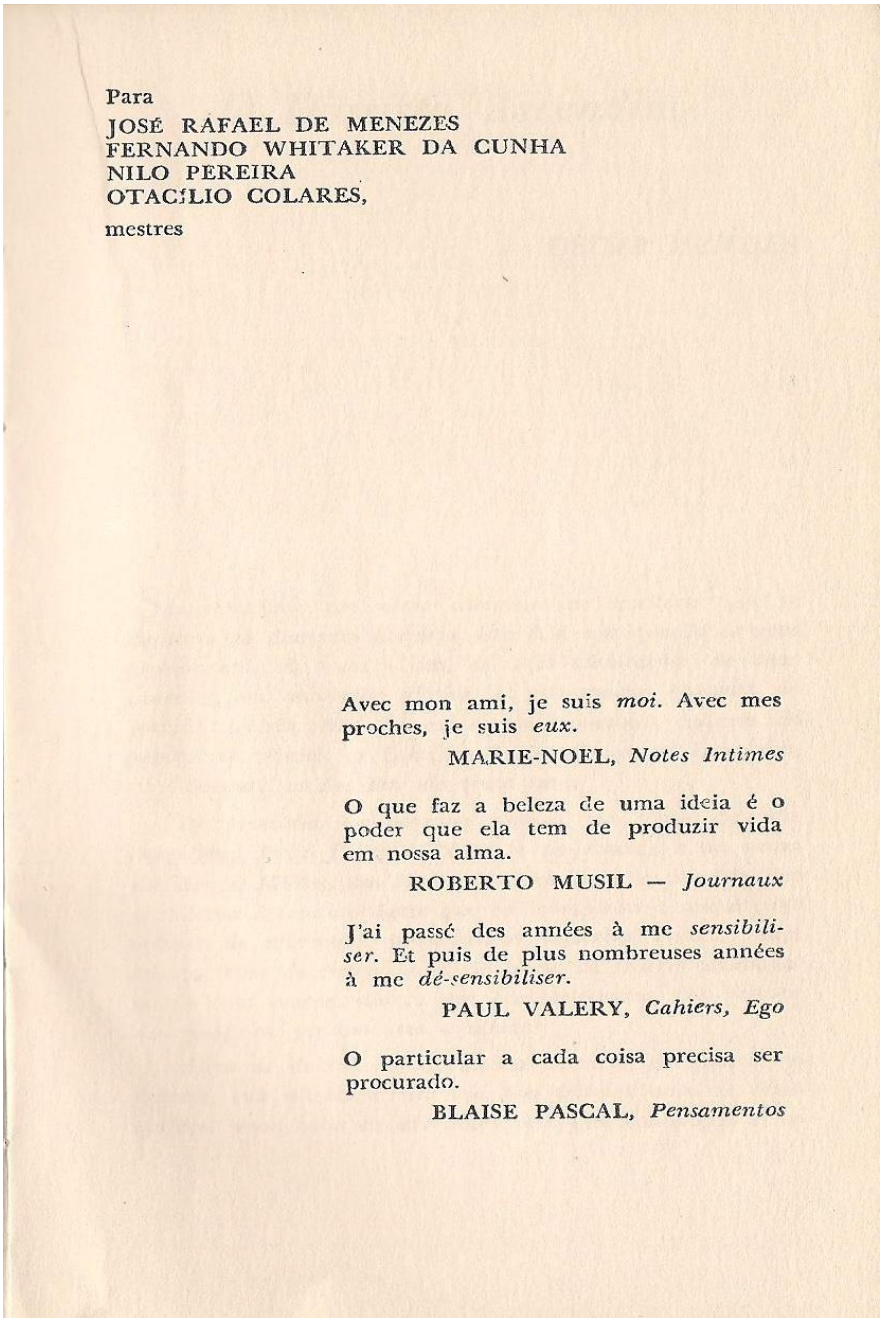
PRIMEIRAS ESTÓRIAS

ASCENDINO LEITE,
com o melhor abraço
do seu admirador e
amigo – sempre mais –

Guimarães Rosa
Rio, setembro, 62

Figura 19 – Dedicatória manuscrita de Guimarães Rosa a Ascendino Leite, nos livros *Grande sertão: veredas* e *Primeiras Estórias* Acervo: Arquivo pessoal de Ascendino Leite

Na dedicatória impressa, a seguir, o escritor ofereceu o seu *Jornal Literário*, *O Jogo das Ilusões* (1985), a quatro escritores, que define como mestres, embora não pareçam figurar no círculo dos grandes autores nacionais, reconhecidamente ligados aos sistemas legais e institucionais que determinam e articulam o domínio dos discursos, prevalecendo aqui, talvez, para o dedicador, o campo das relações de amizade, a natureza das atividades desenvolvidas por eles (e pelo próprio Ascendino que também participava do grupo), ou mesmo o indivíduo concreto e a anuência própria concedida a seus escritos:



Para
JOSÉ RAFAEL DE MENEZES
FERNANDO WHITAKER DA CUNHA
NILO PEREIRA
OTACÍLIO COLARES,
mestres

Avec mon ami, je suis *moi*. Avec mes proches, je suis *eux*.
MARIE-NOEL, *Notes Intimes*

O que faz a beleza de uma ideia é o poder que ela tem de produzir vida em nossa alma.
ROBERTO MUSIL — *Journaux*

J'ai passé des années à me *sensibiliser*. Et puis de plus nombreuses années à me *dé-sensibiliser*.
PAUL VALERY, *Cahiers, Ego*

O particular a cada coisa precisa ser procurado.
BLAISE PASCAL, *Pensamentos*

Figura 20 – Dedicatória de Ascendino Leite a alguns escritores que considerava mestres, com quatro epígrafes na parte inferior da página.
LEITE, Ascendino. *O Jogo das Ilusões*: jornal literário. Rio de Janeiro: EdA Edit., 1985.

Na sequência das dedicatórias visualizadas nesse ofertório, tem-se, primeiramente, o ensaísta e cronista José Rafael de Menezes, natural da cidade de Monteiro (PB), que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e das Academias Paraibana e Pernambucana de Letras (instituições às quais Ascendino Leite também se associou como membro ou sócio correspondente), tendo o ensaísta publicado ainda quatro livros focalizando a figura desse escritor: *O poder reflexivo de Ascendino Leite* (1986), *Três estetas paraibanos* (1992), *Amizades bibliográficas* (1999), *Antologia do Jornal Literário de Ascendino Leite* (2004). O segundo dedicatário, Luiz Fernando Whitaker da Cunha, refere-se a uma figura do cenário jurídico, tendo sido juiz, desembargador e professor universitário, desenvolvendo a maior parte de sua carreira jurídica no Rio de Janeiro. Foi *sócio correspondente* do IHGP nesse Estado. O terceiro dedicatário, Nilo Pereira, nasceu no Rio Grande do Norte, foi ensaísta, crítico literário, ficcionista, diplomado em direito, professor universitário, membro das Academias pernambucana e norte-rio-grandense de letras. Por fim, tem-se o cearense Otacílio Colares – poeta, ensaísta, cronista, crítico literário, jornalista, advogado e professor.[58]

Observa-se que as relações de sociabilidade estabelecidas entre Ascendino Leite e esses escritores se apresentavam por meio de um convívio formal, já que as associações entre os membros daquelas instituições (especialmente as Academias) tendem a se realizar através de reuniões organizadas segundo normas, regulamentos, estatutos, com caráter permanente e em local determinado. Um dos significados do termo "Academia", segundo o dicionário de Houaiss, diz respeito à "sociedade ou congregação, particular ou oficial, com caráter científico, literário ou artístico"[59], donde se pode inferir que tanto esse tipo de congregação quanto outras afins apontam para o que Agulhon (1979, p.81-91) denomina de *sociabilidades formais* – que, nesse caso, se caracterizam como *associações culturais*, em que se estabelecem laços, inclusive hierárquicos, entre os diversos membros que participam dessas associações. Os discursos compreendem um dos gêneros proferidos nesses espaços, quando da posse de um novo acadêmico, por exemplo.

As dedicatórias direcionadas a pessoas mais íntimas constituíram outra forma de ofertório adotada por Ascendino, como esta, em memória de seu pai, Manuel Cândido Leite, no *Jornal Literário Os Dias Memoráveis* (1987):

---

[58] Disponível em: < http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/> Acesso em: 01 out.2013.
[59] Cf. HOUAISS, Antonio. Academia. In: Grande DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=academia> Acesso em: 05 out. 2013.

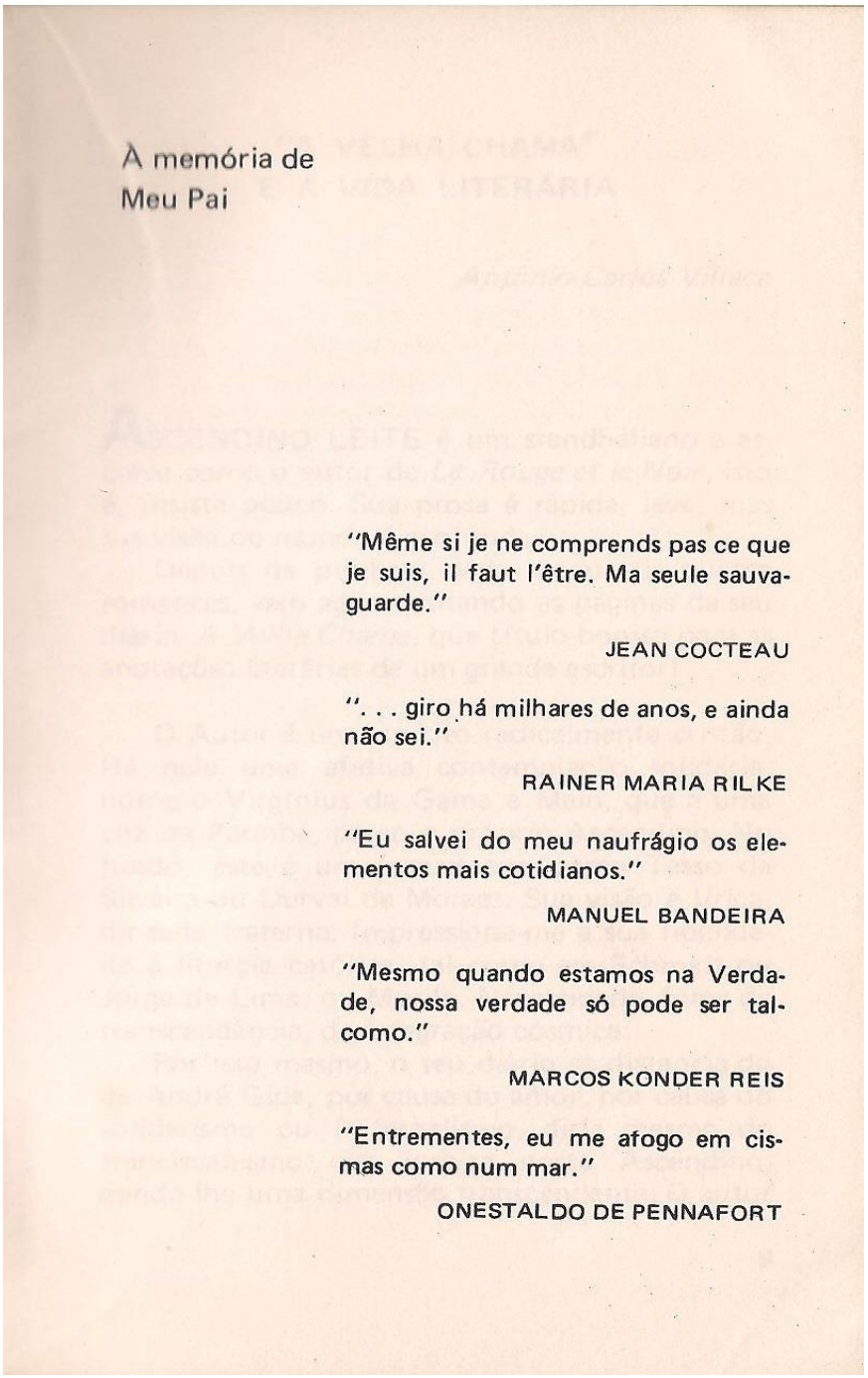
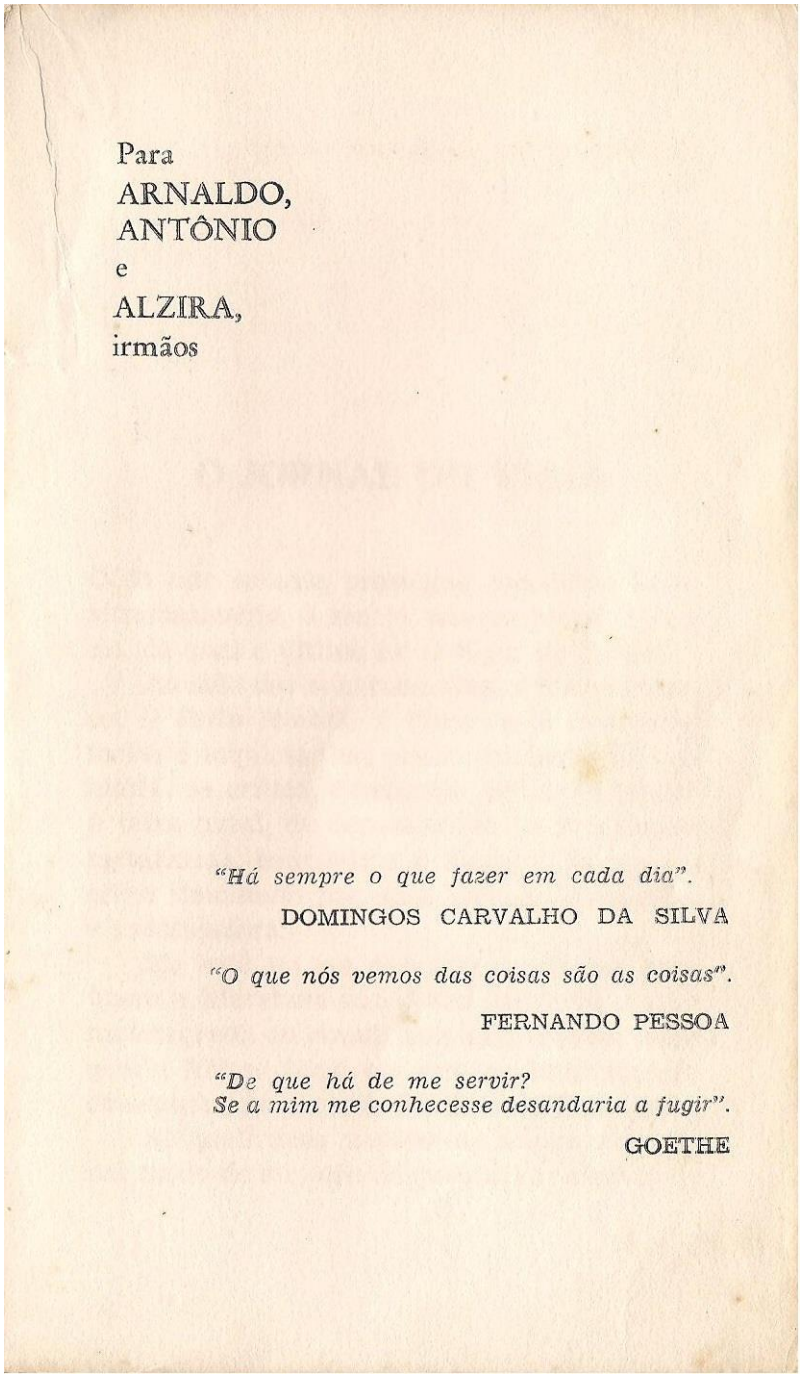


Figura 21 – Dedicatória de Ascendino Leite em memória de seu pai, seguida de cinco epígrafes na parte inferior da página.
LEITE, Ascendino. *Os Dias Memoráveis*: jornal literário. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1987.

Ou esta outra, que dedicou aos irmãos, como demonstração de afetividade, carinho ou consideração:


Para
ARNALDO,
ANTÔNIO
e
ALZIRA,
irmãos

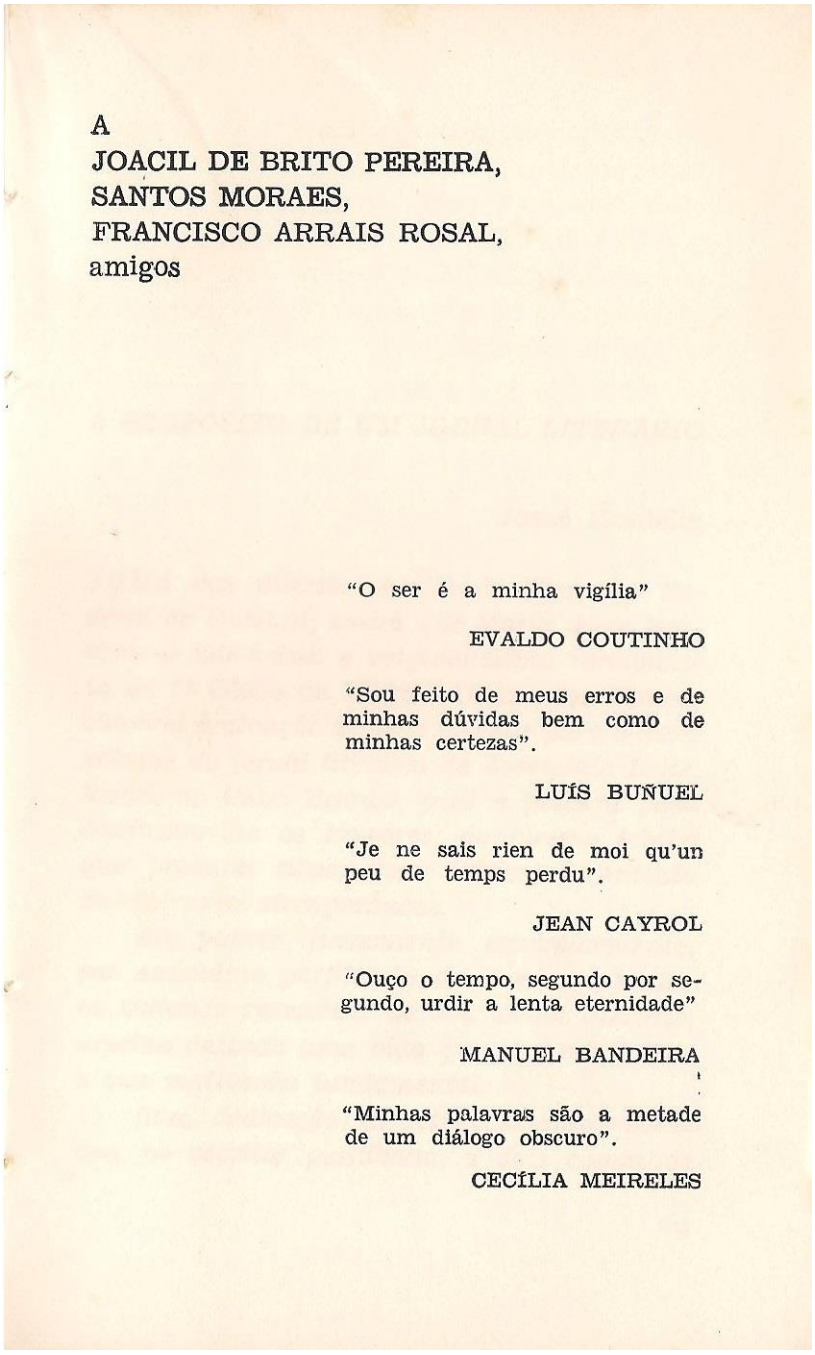
"Há sempre o que fazer em cada dia".
DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

"O que nós vemos das coisas são as coisas".
FERNANDO PESSOA

"De que há de me servir?
Se a mim me conhecesse desandaria a fugir".
GOETHE

Figura 22 – Dedicatória de Ascendino Leite aos irmãos, seguida de três epígrafes na parte inferior da página.
LEITE, Ascendino. *Um Ano no Outono*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1893.

Os amigos foram uma fonte inesgotável de dedicatória para o *Jornal Literário* de Ascendino, já que o escritor afirmava que escrevia livros para oferecer aos amigos, aos confrades, aos que lhe tinham estima, aos parentes e, às vezes, aos críticos. Veja-se esta dedicatória impressa presente no *Jornal Literário Os Dias Esquecidos* (1983), destinada a três amigos:



A
JOACIL DE BRITO PEREIRA,
SANTOS MORAES,
FRANCISCO ARRAIS ROSAL,
amigos

"O ser é a minha vigília"

EVALDO COUTINHO

"Sou feito de meus erros e de minhas dúvidas bem como de minhas certezas".

LUÍS BUÑUEL

"Je ne sais rien de moi qu'un peu de temps perdu".

JEAN CAYROL

"Ouço o tempo, segundo por segundo, urdir a lenta eternidade"

MANUEL BANDEIRA

"Minhas palavras são a metade de um diálogo obscuro".

CECÍLIA MEIRELES

Figura 23 – Dedicatória de Ascendino Leite aos amigos, seguida de três epígrafes na parte inferior da página.
LEITE, Ascendino. *Os Dias Esquecidos*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1983.

O primeiro dedicatário foi o escritor, político e jurista Joacil de Brito Pereira, membro e ex-presidente da Academia Paraibana de Letras, amigo de Ascendino Leite e seu biógrafo, tendo publicado o título *Ascendino Leite: escritor existencial – Ensaio biográfico* (2002), complementando-o, em seguida, com a publicação de outro livro – *Convívio literário de Ascendino Leite* (opiniões e testemunhos) (2005) – em que consta "parte principal da correspondência sobre a obra daquele polígrafo paraibano", como definiu seu organizador; o segundo dedicatário foi o poeta, romancista e jornalista baiano Antônio Santos Morais, que

conquistou o Prêmio de Romance do Instituto Nacional do Livro com o romance *Menino João* (1959); e o terceiro a quem Ascendino dedicou este *Jornal Literário* foi o advogado Francisco Arrais Rosal.

Muitas dedicatórias impressas aparecem, no *Jornal Literário* de Ascendino Leite, seguidas de epígrafes literárias extraídas de obras de escritores brasileiros e franceses, como se pôde observar acima, tendo em vista o hábito que tinha o escritor de fazer anotações ou citações de leitura – "LEITURAS. Já não me lembro o que me seduziu nelas. No entanto, trago à cópia estas anotações: [...]" (LEITE, 1989, p.250) – ao mesmo tempo em que pretendia demonstrar conhecimento em relação aos escritores citados.

Ainda sobre as dedicatórias aos amigos, é oportuno mencionar dois "ofertórios" que Ascendino dedicou ao escritor e amigo Jorge Amado e a sua esposa, em dois exemplares de seu *Jornal Literário* doados à Fundação Casa de Jorge Amado. Vale lembrar que o termo "ofertório", em vez de dedicatória, foi bastante usado por Ascendino Leite em seu Jornal Literário, sendo que a primeira acepção dessa palavra aparece no dicionário associada ao sentido religioso, à "seção da missa em que o padre oferece a Deus o pão e o vinho", já outra acepção estaria ligada ao sentido etimológico desse termo (do lat.medv. *offertorĭum*): ofertar como forma de "fazer sentir, inspirar um sentimento"[60]. No caso de Ascendino, essa ideia estaria representada pelo desejo do escritor em demonstrar um sentimento de amizade, admiração ou respeito à pessoa a quem escrevia a dedicatória, mas não se limitava a isso, uma vez que as dedicatórias também serviam para alimentar a rede de sociabilidade, a busca de pares para legitimar o ofício de escritor.

Nesse sentido estão os dois ofertórios dedicados a Jorge Amado e a sua esposa. O primeiro encontra-se em um dos volumes de *Passado Indefinido, Os Dias Duvidosos, o Lucro de Deus* (1966), com a seguinte dedicatória manuscrita: "Para Jorge,/Com o abraço cordial do velho espectador dos seus gloriosos feitos no mundo da ficção./Assinatura. Data: 16 ago.1966." (GILFRANCISCO, 2002, p.17). O outro texto manuscrito está em um exemplar do *Jornal Literário Passado Indefinido* (1983), com a seguinte declaração:

> Para Zélia e Jorge,/Com a velha, fiel e devotada admiração pelo que representam em nossa literatura, pelo dom da amizade e pela obra/ que realizam, já longínqua, em que se perde o velho/ Assinatura. Data: Rio, 25 out.1983. Endereço: Av. General San Martim, 1290 ap.501, Leblon – Rio, 22441. (GILFRANCISCO, 2002, p.27-29)

[60] Cf. HOUAISS, Antonio. Ofertório. In: *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: < http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=ofertorio> Acesso em: 01 out. 2013.

O registro da amizade com Jorge Amado ultrapassava as folhas de rosto das dedicatórias, indo parar nas páginas do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, que acolheu não só o escritor renomado, mas também o camarada, o Jorge comunista:

> JORGE AMADO me envolve, da Bahia, no que nele é substância de vida e afirmação moral. A grande camaradagem. Este, um dos lados mais expressivos de sua admirável personalidade.
>
> Não o desconhecem aqueles que o estimam ou dele se aproximam, por esta ou aquela razão, sobretudo as de ordem literária.
>
> Sempre foi assim. Desde que o conheço.
>
> E já se vão para mais de trinta anos. [...] (LEITE, 1988, p.486)

Na verdade, a prática do oferecimento de dedicatórias era uma preocupação de Ascendino, tanto que perpassou volume por volume a publicação do seu *Jornal Literário*: "Tantos os camaradas a homenagear!". O escritor distinguia alguns leitores que considerava especiais, a quem optava por destinar dedicatórias não convencionais, representativas de homenagens afetivas e até inventivas, criativas, do ponto de vista da linguagem, característica principalmente das dedicatórias manuscritas, conforme a relação do dedicador com o dedicatário. Zélia e Jorge Amado configuravam-se como esses leitores, pelo "solidarismo literário" e o "prestígio público e social" com que, segundo Ascendino, se apresentavam e se comprometiam afetivamente. Assim, pensando nesses leitores, que no *Jornal Literário* tratou pelas iniciais Z e J.A, o escritor concluiu: "Terei que ser diferente, a partir da folha de rosto; fugir ao trivialismo das dedicatórias convencionais, que já nascem feitas; usar variações e até inventar fórmulas fantásticas capazes de criar impressões inesquecíveis". (LEITE, 1989, p.355).

O escritor, por vezes, empolgava-se com a escrita dos próprios ofertórios, como deixa transparecer este registro aliterante, dedicado a um jovem casal de jornalistas que lhe visitara em sua casa de São Pedro da Aldeia:

> [...] Deito este ofertório no *Visões do Cabo Branco*:
>
> - "Visões nem só de coisas. Não só de pontas nem cabos. Visões de pessoas também. Visões de lagos e de ventos. Visões de São Pedro, o da Aldeia".
>
> E assinei: "o visionário" (LEITE, 1989, p.425)

Ascendino mostrava-se enfático ao discordar dos ofertórios no *Jornal Literário* que visavam à originalidade forçada, à frase de efeito, à força da impressão, preferindo a exatidão dos sentimentos, sem objetivos recíprocos ou promocionais:

> [...] Para mim, só visar à exatidão dos sentimentos: esta impõe naturalmente uma expressão breve, concisa, direta. E sobretudo o cuidado de não suscitar a suspeita de que, forçando uma intimidade aqui, um ditirambo extravagante mais além, o que pretendo é arrancar uma reciprocidade do

> mesmo peso, a crítica simpática, o julgamento favorável. (LEITE, 1988, p.193)

Contudo, não deixou de refletir sobre a sensação causada pelo lançamento de ofertórios de que ele próprio poderia estar cedendo a uma espécie de "carreirismo literário", o que, aliás, seria coerente se considerarmos a sua posição em meio à vida literária da época. Ou seja, embora publicando seu *Jornal Literário* num circuito dominado por autores ilustres e até afeitos a essa produção literária (ver capítulo 1), Ascendino gozava de pouco prestígio, porque sua representação como escritor (aquele que compunha obras) estava atrelada a um grupo de escritores (vale dizer, muitas vezes anônimos ou desconhecidos) não consagrados pelas instâncias legitimadoras da cultura escrita, que buscavam um lugar simbólico de autor, uma função-autor – para melhor dizer, usando a expressão de Foucault.

A formação da rede de sociabilidade de Ascendino, por meio das dedicatórias e/ou ofertórios, visava à construção desse lugar e, por conseguinte, o seu reconhecimento como autor, embora assegurasse que não tinha leitores à espera de seus livros, "apesar de uma dezena de títulos, completamente desconhecidos". Em uma de suas reflexões sobre o tema dos ofertórios, referindo-se ao "carreirismo literário", o escritor fez esta consideração: "[...] Subentende-se que me advenha dele alguma reciprocidade, sendo o louvor o mais natural das expectativas do espírito. Oh vaidade, tua doença mesmo é a presunção. [...]" (LEITE, 1989, p.398), remetendo ele próprio à condição de todo escritor – contendo-se, em seguida.

Do que foi exposto, pode-se afirmar que a formação do *Jornal Literário* de Ascendino Leite esteve associada à convivência do escritor com uma série de fatores, envolvendo desde a leitura que fez do *journal* dos franceses – sobretudo o de André Gide –, de quem se tornara em certo ponto discípulo, até a construção de uma rede de sociabilidade, marcada pelos diversos ambientes ou espaços literários que frequentou no Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, chegando ao lançamento das dedicatórias e/ou ofertórios com a publicação do seu *Jornal Literário*. Em meio a esse contexto literário, Ascendino criou maneiras de representar esse cotidiano a partir do seu *Jornal Literário*, na condição de um leitor que operava, astuciosamente, com a *formalidade das práticas* a que se viu exposto. Segundo De Certeau, (2002, p.160), por meio destas, "os homens e as mulheres de uma época apropriam-se, a sua maneira, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, ou então subvertem as regras aceitas para compor formas inéditas", criando aí maneiras de fazer dentro do campo de visão do outro.

A partir do convívio com essas práticas culturais e apropriando-se delas, Ascendino foi se inscrevendo, através da escrita do seu *Jornal literário*, num perfil particular de leitor (que será objeto de atenção no próximo capítulo), servindo-se dessa representação para construir uma interpretação da vida literária de que participou como observador e ator, com um olhar historicamente situado para um determinado momento e lugar. Por enquanto, fique o leitor com a terceira e última seção deste segundo capítulo, que tratará do caráter híbrido do *Jornal Literário* deste paraibano.

2.3 A ESCRITA MEMORIALÍSTICA E OS FRAGMENTOS DO EU EM *SEMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I* E *II*

Diário, memória, autobiografia compreendem, segundo Lacerda (2003), a trilogia clássica ou mais conhecida da memorialística – "o gênero literário das memórias" ou "conjunto de produções desse gênero", conforme define Ferreira (1986, p.1117) em seu *Novo dicionário da língua portuguesa*. No Brasil, a literatura memorial produzida é matéria pouco estudada, sem limites nitidamente definidos, por se apresentar, nos termos de Zagury (1982, p.14),

> talvez vítima de um purismo esteticista que a tenha desdenhado, por estar mais próxima de suas motivações sociais e psicológicas que o fascinante produto de transformação que são a poesia, a ficção ou o teatro – não por outras razões ainda detentores com exclusividade da denominação de *grandes gêneros*. **(grifo da autora)**

Antonio Candido (1987), em uma palestra intitulada *Poesia e ficção na autobiografia*, lembra que a presença do memorialista Pedro Nava na categoria de grandes escritores, entre eles Drummond e Murilo Mendes (que estamos acostumados a considerar), pode causar espanto a alguns, pelo fato de se tratar de um escritor de aparecimento recente em meio aos contemporâneos da época e de as pessoas ainda não estarem habituadas a admitir que um livro de memórias (*O baú dos ossos*, por exemplo) pode ter a altura das grandes obras literárias. Como se vê, a questão do pertencimento ao cânone e do gênero memorialística, considerado por alguns como *menor*, constitui, nessa passagem do texto de Candido, objeto de reflexão pelo crítico que, a certa altura de sua palestra, ao tratar dos escritores mineiros que se dedicaram à produção autobiográfica em geral, confere destaque especial ao livro *Minha vida de menina* (1998, p.4): "[...] nos últimos anos do século Helena Morley enchia os seus cadernos com essa flor de graça e verdade que é *Minha vida de menina*, uma das obras-primas

da literatura pessoal no Brasil.". Não foi sem razão que Ascendino Leite previra estar seu Jornal fora do gosto de um público maior, que não alguns poucos leitores:

> [...] Uma obra como esse jornal, num país que não tem o gosto da literatura de confissões, não chegará a interessar senão a meia dúzia de leitores, um magro público de curiosos, mais preocupados talvez em procurar aspectos excitantes geralmente aflorados em escritos de tal gênero [...]. (LEITE, 1988, p.213)

O tema da autobiografia ganha relevo na palestra de Candido à medida que desmitifica o teor marginal da escrita memorialística, ao mencionar, por exemplo, o diário de uma menina (Helena Morley), fruto de um caderno de anotações escrito à margem da literatura, e também quando discute três livros autobiográficos de cunho poético e ficcional, partindo de um gênero considerado pouco afeito à matéria literária ou distante da "denominação de *grandes gêneros*". Embora o meu interesse nesta seção não vise à discussão dessa questão, e sim à estrutura e configuração híbrida do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, o registro justifica-se pela possibilidade de realização de outros estudos que daqui possam advir com esse jornal, respaldados no que Antonio Candido avaliou como "algo tão contingente e particular que é em princípio a vida de cada um", que aqui se revela pelo olhar detido de um "narrador" que observa a si e aos outros situado em um determinado tempo e lugar.

Segundo Lacerda (2003), as formas literárias da memorialística – diário, memória, autobiografia – diferem basicamente de outras pelas marcas da escritura do eu e pelos modos de inscrição de si mesmo, resultando num pacto que Philippe Lejeune (2008) denominou de "pacto autobiográfico", ou "pacto de referencialidade", que pressupõe um compromisso de fidelidade entre autor e leitor em relação ao acontecido, isto é, o que se narra pretende ser realmente o que aconteceu e o fato apresentado submetido à comprovação, devendo o autor convencer o leitor de que ele próprio (o autor), narrador e personagem seriam uma só pessoa, a quem caberia a responsabilidade pela narração, estabelecendo-se, aí, um "princípio de identidade" entre essas três figuras. O problema estaria no estabelecimento dessa identidade, que Lejeune propôs tratar-se de um contrato selado pelo *nome próprio*. Em outro momento, o autor admitiu que, sendo o discurso autobiográfico fundado sobre a memória do sujeito, escapava às possibilidades de comprovação, concluindo que o texto autobiográfico extrai sua validade referencial do pacto que ele estabelece com seu leitor, portanto, da leitura que se faz do texto (LEJEUNE, 1980), considerando os indicadores presentes em sua publicação (prefácio, posfácio, quarta-capa, entrevistas).

É a partir dessa noção de pacto e do conjunto dos discursos sobre a escrita de si que situo o *Jornal Literário* de Ascendino Leite, pelo modo como essa escrita, conhecida como

memorialística, serviu para constituir esse sujeito que assinava o próprio Jornal, afirmando estar presente aí "toda a sua vida, toda a sua sensibilidade, todo o seu 'eu'" e o desejo de ser lido[61]: "[...] É em bom estado destes [dos humores] que inicio mais este caderno no qual hão de me encontrar, os que um dia o lerem, mais perto do que sou se me descrevesse em romance ou numa biografia formal. [...]" (LEITE, 1989, p.362). Revelou-se, sob a forma da autoanálise e da crítica, um leitor de si próprio, de inúmeras obras e de uma época, fazendo uso do hibridismo de gêneros na construção do texto. Expressão que se associa aqui ao conceito de *plurilinguismo*, definido por Bakhtin (2010, p. 127) como "o discurso de outrem na linguagem de outrem", podendo sua introdução e organização se apresentar por meio dos *gêneros intercalados.* Aplicando esse conceito ao romance, o teórico russo afirma que qualquer gênero (literário ou não) pode ser introduzido a essa narrativa, sem que se altere sua estrutura, autonomia e originalidade, seja estilística ou linguística, porém, há gêneros que, quando intercalados, acabam por determinar a estrutura do romance sem conservar sua totalidade, devido à sua força estilístico-composicional, é o caso da confissão, do diário, da biografia, da carta, entre outros.

A intercalação de gêneros na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino Leite, aponta não só para fragmentos do eu da escrita memorialística – diário, memória, autobiografia – que tem como traço primacial a evocação de fatos centralizados no próprio eu, sendo mais conhecida atualmente como escritas autobiográficas, de que também são aparentados os gêneros biografia, romance pessoal (ou autobiográfico), cartas/romance epistolar, relatos de infância, ficção biográfica de escritor, ensaio autobiográfico, autoficção (FIGUEIREDO, 2013), mas também para fragmentos de gêneros característicos de outros domínios discursivos, como a crônica, o ensaio ou a crítica, o perfil, o aforismo, em sua maioria voltados para observação e análise de temas literários ou para a leitura e a escrita literárias. Essa constelação de fragmentos, ora do "eu", ora de um observador (crítico) que se posiciona frente a um determinado tema, permite avançar quanto à natureza composicional desse *Jornal Literário*, situando Ascendino Leite como um escritor que se encontrava na fronteira entre o exercício pessoal e intelectual.

Convém lembrar que, para Ascendino, a escrita representava uma atividade indissociada da leitura, reconhecida na mesma medida que esta: "Ler e escrever são partes de um único efeito sobre o meu interior. Absorvem-me por inteiro [...] (LEITE, 1989, p.365)", ao

[61] Ivonete Belarmino relatou que, em conversa com Ascendino Leite, o escritor assim expunha a importância do *Jornal Literário* em sua vida: "Minha filha, se eu morrer, eu vou ficar conhecido por conta desse *Jornal Literário*, porque está tudo, a minha vida está aqui dentro. Toda a minha vida, toda a minha sensibilidade, todo o meu eu."

mesmo tempo que significava (juntamente com a leitura) um caminho para o conhecimento de si mesmo: "Lendo e escrevendo não faço mais que empreender uma singular e misteriosa viagem à procura do meu eu [...].", numa alusão ao princípio délfico – "Conhece-te a ti mesmo" – que consta no "Primeiro Alcibíades", de Platão. Neste texto, Sócrates, em diálogo com Alcibíades, advertia: "Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcibíades, o que é certo é que, conhecendo-nos ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecermos" (PLATÃO, 2007, p.275), o que mostra que o conhecimento da alma é anterior ao "cuidado de si" e o que, em princípio, deve reger as ações humanas, a conduta ética.

Ascendino demonstrou ter acolhido esse primado na escrita dos fragmentos de *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, admitindo como "o pior tipo de fracasso: o homem que destrói a própria relação consigo mesmo" (LEITE,1989, p.106). Na atividade escrita, tanto espiritual, quanto intelectiva, o escritor buscou o conhecimento e a reflexão[62] não apenas sobre si mesmo, mas também sobre pessoas com quem conviveu e sobre a literatura. O ato de escrever se revela, muitas vezes, como uma exigência do espírito para aplacar os humores, daí porque sentimento e pensamento caminham juntos na escrita do *Jornal Literário*: "[...] Digo-me: – se tenho um sentimento é porque vivo no hábito de pensá-lo [...]" (LEITE, 1989, p.105). Ascendino entendia a escrita como a busca pelo entendimento de si e da vida (incluindo a literária), de que logrou alguns conhecimentos que costumava aplicar à própria vivência (confessava à sua secretária que antevia os sinais de sua velhice e conhecia tudo o que estava experimentando nessa fase, a leitura de biografias de escritores dava-lhe esse esclarecimento). Pensava a escrita conforme registrou no fragmento a seguir:

> [...] Escrever, como pensar, é uma tática do espírito para nos descobrirmos no fundo de nossos próprios tumultos.
>
> Comigo, uma força maravilhosa, considerando o tempo que já vivi, e ainda sobrar algum para me esclarecer suficientemente sobre a melhor maneira de findar. (LEITE, 1989, p.362)

Foucault (2004), ao abordar a escrita dos movimentos interiores, na cultura greco-romana, argumenta que essa escrita é disciplinadora, à medida que contribui para o adestramento de si por si mesmo, induzindo ao autocontrole do corpo, do pensamento e do combate espiritual, com vistas à formação de si. A base desse pensamento de Foucault são as anotações de Santo Atanásio sobre a escrita espiritual, que desempenha o papel de um

[62] A esse respeito, ver MENEZES, José Rafael de. *O poder reflexivo de Ascendino Leite*. João Pessoa: Grafset, 1986.

companheiro, quando nos obrigamos a escrever, por suscitar "o respeito humano e a vergonha", atenuando os perigos da solidão:

> Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-nos dessa forma, poderemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo. (FOUCAULT, p.130)

De acordo com Foucault, entre todas as formas que tomou esse treinamento de si por si mesmo (*askesis*), relacionado à arte de viver (abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), parece não haver dúvida do importante papel desempenhado pelo ato de escrever para si e para outrem, já que, como exercício pessoal associado à prática do pensamento, a escrita constitui-se como uma etapa essencial no "processo de elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação" (p.134), operando, dessa forma, para a transformação da verdade em *ethos*. Os *hypomnêmatas* e a correspondência se apresentaram, nos séculos I e II, como representantes dessa escrita de si. Os primeiros se caracterizam como cadernos de notas individuais em que se registravam citações, fragmentos de obras, reflexões ou debates ouvidos ou oriundos da memória, oferecendo-se, como tesouro acumulado, à releitura e à meditação posteriores, visando à constituição de si. Ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros constituíam exercícios a que se destinava esse material que se buscava não somente ter à mão ou servir de simples auxiliar de memória, mas de poder utilizá-lo em prol de si próprio (ou do "cuidado de si"), sem, contudo, se tratar de uma narrativa de si mesmo, como os diários íntimos, que só aparecem na literatura cristã posterior, com valor de purificação. Já a correspondência, embora seja um texto por definição destinado a outrem, não se esquiva do exercício pessoal, uma vez que atua, pela leitura e releitura, tanto sobre aquele que a envia quanto sobre quem a recebe.

Para inserir a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino Leite, num campo mais amplo dos estudos da escrita de si, outras formas modernas, como a confissão, o diário, a autobiografia e a memória precisam ser revisitadas, considerando a construção da subjetividade em relação com a escrita e ainda o fato de esses gêneros, ou pelo menos fragmentos deles, estarem na composição dessa antologia.

É com o bispo de Hipona, Agostinho, e suas *Confissões* que a escrita de si aparece como uma das tradições mais antigas do Ocidente. Entendido como relato autobiográfico, de conversão, o texto de Santo Agostinho volta-se para a própria individualidade deste, com vistas a afirmar antes a divindade ou o louvor a Deus que o conhecimento de si mesmo, pois

se fundamenta numa verdade que já está posta: o conhecimento supremo é o do bem. Nesse sentido, a interioridade humana se apresenta no texto agostiniano face à onipotência divina.[63]

Leitor que foi do relato confessional de Santo Agostinho: "[...] E chego, a caráter, no fim da vigília pascal, ao livro VIII das confissões agostinianas, ótimo para sanar incredulidades [...]" (LEITE, 1989, p.389), Ascendino Leite também fez uso do gênero *confissões* – "narrativa autobiográfica em que o autor proclama com sinceridade os erros que em vida cometeu"[64] – como parte constitutiva do seu *Jornal Literário*. Ainda mais que foi um escritor cristão de tendência religiosa católica, não há, pois, que se admirar da presença de textos desse teor em seu Jornal, como o que se segue. Neste, após algumas indagações a R (sua esposa) sobre preocupações com I (provavelmente uma de suas filhas), o escritor torna-se solitário e confesso:

> [...] Preocupa-nos I. com os seus problemas íntimos, seus desgarramentos e bloqueios.
>
> Faço duas ou três indagações a R.; as coisas se tornam mais turvas. Melhor cancelar as inquietudes pela simples disposição de se negar a conhece-las. [...]
>
> Penso nos que eram maus e se tornaram bons, sem embargo dos bons que se fizeram danosos a uns e a outros. E vejo que a terra, que nos modelou e nos envolveu nas mesmas penas, não faz honra ao Senhor.
>
> Quanto a mim, talvez tenha sido mau por minha vez, e não suficientemente bom para merecer a ressurreição. E então?
>
> – É motivo para estar alegre, Senhor?
>
> Eis porque me vejo aqui a carpir o meu fadário, pois é bem o que me resta, já que estando morto desde a deserção da minha infância, Vós a vida me devolvestes.
>
> Ressuscitado estou.[...] (LEITE, 1988, p.482)

Fragmentos de diário aparecem como parte de outra modalidade de escrita autobiográfica em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino Leite. De acordo com Roger Bastide (1948, p.4), "o diário, como o nome indica, é obra escrita no decorrer dos dias e, pelo menos a princípio, escrita sem preocupação de publicação futura", com um caráter intimista ou introspectivo acentuado. Outros autores, como Blanchot (2005) e Lejeune (2008), também situam o gênero do ponto de vista do rigor cronológico, ainda que pareça, para o primeiro,

> [...] tão livre de forma, tão dócil aos movimentos de vida, capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo,

---

[63] Aprofundo essa questão em um artigo intitulado *O exercício da subjetividade em Confissões de Santo Agostinho*, publicado na *Revista Principia*: divulgação científica e tecnológica do IFPB. João Pessoa: IFPB. Ano 13, nº 18, jun.2011.

[64] Cf. HOUAISS, Antonio. Confissões. In: *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=confiss%25C3%25A3o> ACesso em: 01 nov. 2013

> acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser. (p.270)

Embora não escreva necessariamente todos os dias, há uma preocupação do diarista de marcar a passagem do tempo, devendo respeito ao calendário, "esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante", como assinalou Blanchot (2005, p.270). Para Lejeune (2008), a definição desse gênero cabe em poucas palavras: "uma *série de vestígios datados*" **(grifo do autor)**, cujo começo visa "apreender o tempo em pleno movimento, mais do que fixá-lo em um acontecimento fonte" (p.296). Em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, Ascendino Leite quebrou essa regra da escrita diarista (e praticamente em todo o conjunto do seu *Jornal Literário*), esquivando-se de apresentar datas nas entradas ou registros de suas anotações. Neste fragmento, tratou com indiferença a marcação do tempo em um dos seus volumes do Jornal: "Avancei alguma coisa no ordenamento dos registros para o volume *Um ano no Outono*./Em muitas, somente a indicação do dia da semana. Noutras, um número qualquer de um calendário impreciso e obscuro" (LEITE, 1988, p.463). Pode-se dizer que as datas, quando aparecem, tornam-se figurativas, porque, segundo registrou o próprio Ascendino:

> [...] Há notas que não correspondem ao instante em que foram escritas, de tal maneira estão defasadas em relação à data mencionada no jornal. Esta é uma das razões pelas quais nem sempre indico o dia, a semana ou o mês em que determinada situação deflagrou algum reflexo no meu espírito.
>
> As legítimas reações da sensibilidade independem das medidas circunstanciais. Sua intensidade dentro de mim é o seu limite, e este limite a sua duração. [...] (LEITE, 1989, p.328)

As anotações seguem, portanto, o registro dos dias significativos vividos à época pelo escritor, dependendo somente do "cronômetro das emoções", como definiu o romancista Permínio Asfora[65], ao se referir ao Jornal de Ascendino, corroborando com este registro: "[...] os dias memoráveis nem sempre são os melhores, mas os que não foram marcados, não tiveram datas. Os que mais se casam à essência da vida e acabam incorporando à nossa propensão para o excepcional. Os que são integralmente nossos, como as superstições [...]" (LEITE, 1989, p.296). O rigor cronológico, que no diário é traço recorrente, na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* foge a essa característica, destituindo esse escrito da natureza diarista típica daquele gênero. Ademais, Ascendino teve intenção de publicar seus escritos, como já comentei no capítulo 1, o que não representa um propósito dos diaristas. No máximo, o diário íntimo atende privilegiadamente ao universo temático da experiência

[65] Na "orelha" do livro *Visões do Cabo Branco* (LEITE, 1981).

pessoal e apresenta-se, dentre outras funções, como instrumento de acesso ao conhecimento de si, como um documento da memória destinado às gerações futuras ou como exercício de construção de uma obra (Cf. MACHADO, 1998; BARTHES, 2004).

A propósito desta última função, tem-se o caso dos diários de Virginia Woolf, que revelavam reflexões da escritora sobre seus próprios escritos, o processo de construção de suas obras, a ansiedade em relação aos lançamentos e às críticas[66]. O diário, assim representado, assume o valor de testemunha de leituras e de reflexões oriundas de leituras realizadas. Outro fato que fundamenta essa ideia, segundo Machado, Lousada & Abreu-Tardelli (2007), é que os diários íntimos dos escritores tendem a repercutir uns nos outros, tendo em vista o julgamento que estes faziam dos escritos de seus colegas, demonstrando, através da escrita privada, uma atividade que conduz ao desejo contínuo de escrever.

A heterogeneidade e a natureza literária dos conteúdos presentes na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino Leite, não permitem que se enquadre esse escrito no domínio de um diário privado, principalmente se se levar a sério o que afirma Blanchot (2005), que o interesse desse gênero está na sua insignificância, devido à banalidade do que é registrado, à exceção do exemplo de Virginia Woolf (mencionado acima) e do diário de Kafka, que parece conter "rastros anônimos, obscuros" de um livro que não chegou a desenvolver – realizando, talvez, um "diário da experiência criativa". Barthes (2004) também delibera sobre a missão do diário íntimo, associando-o basicamente às funções que podem aflorar o espírito, podendo se configurar em obra literária, o que transbordaria o território do íntimo.

Os fragmentos de *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* escapam à superficialidade de marcação do cotidiano, que é típica do diário íntimo, e estão longe de se configurar como registros de apontamentos para elaboração de uma obra do devir, já que, em muitos momentos, o escritor remete o leitor para reflexões sobre o processo de composição/revisão/reescritura/leitura do *Jornal Literário*, usando o próprio Jornal para realização dessa ação – o que traduz o caráter metalinguístico de algumas passagens do texto. É o que se observa neste fragmento, em que o escritor registra o momento de composição de textos para um de seus Jornais: "[...] Toda a manhã a compor os textos que irão constituir *A Velha Chama*, novo volume deste jornal literário./Desordenados, instintivos, só posso dizer que esses registros, se me exprimem as paixões, não raro delas me libertam." (LEITE, 1988, p.291).

[66]LIMA, Vera. Capítulo 1: A escritora Virginia. Disponível em: <http://www.virginiawoolf.pro.br/cap1_escritora_vw.html> Acesso em: 11.10.09.

Neste outro fragmento, registra-se um momento de revisão gramatical que Ascendino fazia do seu Jornal, acompanhado de uma reflexão sobre esse processo:

> Pela manhã, li numerosas páginas neste caderno.
> Procedi apenas a pequenos retoques em alguns registros: problemas de acentuação, principalmente.
> Não sendo eu nenhum ortógrafo consumado, vivo sempre em dúvida quanto à exata aplicação dos acentos graves e agudos a que me lanço no curso da escrita.
> Se, por esse lado, frequentemente me apanham em falta, por outro sinto merecer algum louvor, eis que costumo manter estes registros na forma e no tom originariamente concebidos, até na soma dos erros ortográficos. [...] (LEITE, 1988, p.508)

Se aqui parece não haver grandes preocupações com a correção gramatical, há outros fragmentos em que o cuidado com a forma se mostra visível, especialmente no que concerne ao estilo, aliado à expressão do sentir:

> [...] Folheio minhas notas anteriores, a ver se estão dentro do trabalho estilístico que me é habitual.
> Destruí umas poucas. De tão diferentes a minha pauta verbal e, mais ainda, de meu sistema de pensar, dos objetos que o levam a agir dentro das ansiedades que me devoram.
> Sempre irritado ao cabo dessas questões. Inconcebível que o trabalho reflexivo não se exprima com o mínimo de dignidade, no sentir e no fazer. (LEITE, 1988, p.478)

O processo de reescritura das notas do *Jornal Literário* de Ascendino Leite aparece, no fragmento a seguir, associado à fixação do instantâneo, do momento emotivo, tendo em vista a maneira como o escritor concebia o evento circunstancial, os fatos:

> RECOPIEI várias notas do meu jornal do ano passado.
> Algumas tinham sido redigidas penosamente; eu lhes suprimi um sem número de palavras supérfluas; o essencial escapou.
> Aí, o essencial é sinônimo de instantaneidade, já que as situações e os fatos correspondem a uma vivência imediata no meu espírito, no meu sentimento, digo mesmo, na minha natureza.[...] (LEITE, 1988, p.229)

O destaque dado à ancoragem do Jornal na leitura de textos alheios constituiu outro ponto de observação de Ascendino, ao refletir sobre a condução da leitura do seu *Jornal Literário*: "Eis como me sai a peregrinação neste jornal literário, confortada algumas vezes pela experiência sobre textos alheios. A lucidez que está neles e a percepção do saber – orgulho do homem. [...]." (LEITE, 1989, p.168).

Retomando o tema do diário íntimo, observa-se que nele não há reescrituras, rascunhos, já que nesse gênero "o homem dá testemunho da hora acabada de transcorrer", sendo constituído pelas experiências que o dia a dia vai propiciando ao diarista, ao contrário

do *Jornal Literário* de Ascendino, quase não marcado do ponto de vista temporal, visto que o escritor diz enunciar-se de maneira imediata, submetendo seus escritos à reescritura, já que tinha em vista a publicação. O que as anotações da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* guardam do diário íntimo é a estrutura fragmentária, descontínua, a tendência para o confessionalismo mais ou menos aberto e para a autoanálise. (LEJEUNE, 2008; REIS & LOPES, 2002).

A antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* compõe-se de anotações em forma de fragmentos distribuídos por blocos autônomos, que não seguem uma linearidade de conteúdo entre um bloco e outro, podendo o início da leitura dá-se em qualquer ponto do Jornal. Os acontecimentos e reflexões são registrados de forma intermitente, uma anotação de leitura e considerações/reflexões filosóficas sobre um tema (a morte, o medo, o sonho, a amizade, a velhice, o tempo, Deus, a literatura etc), uma invocação ou pensamento e um registro sobre a relação com as pessoas, com a natureza, com a escrita etc, sempre com a palavra ou expressão que dá início ao fragmento escrita em letras maiúsculas. Não raro essa descontinuidade temática se dá no interior do próprio fragmento, como neste exemplo, em que o escritor se mostra preocupado com questões concernentes à sua vida social e à interrupção de registros no caderno:

> O QUE me perturba é não ter, até agora, a chance de uma vida social, como qualquer burguês letrado. Vivê-la metodicamente debaixo de normas e sentenças, uma para cada dia, e um romance por semana.
>
> Um tempo para ser sério; outro para compor uma frase de espírito, a despeito de ser tão simples, tão modesto e tão pouco instruído.
>
> Há seis semanas, nada escrevo, nem avançando com o relato imaginário a que me propus, pensando na paixão da minha adolescência e na solidão sertaneja. (LEITE, 1988, p.23-24)

A presença da autoanálise no *Jornal Literário* de Ascendino Leite resulta do aspecto alusivo característico do diário, que, segundo Lejeune (2008, p.285), estaria relacionado à afirmação: "eu me compreendo", descrita nos seguintes termos: "qualquer escrita contém em suspenso, mas apenas para aquele que a escreveu, toda uma 'referência' à qual ele próprio, aliás, só tem acesso através dela e que não existe para nenhum outro leitor". Veja-se, neste fragmento do Jornal, o modo como o escritor exercitava a autocrítica, desencadeada, neste caso, a partir de uma opinião sobre a História:

> [...] É só ler a História para se concluir que, quase sempre ela se opera sem a participação de Deus. Quanto a mim, estou sempre de bem com as minhas culpas, tenho sempre uma razão para esquecê-las – o meio mais fácil de conviver comigo mesmo.
>
> O que, em verdade, me perturba são as culpas dos outros. Com estas, vai-se-me o equilíbrio moral e se acirra o espírito crítico.
>
> Ai de quem julga!

> É assim que, não raro, se chega à intolerância e se cria o desamor.
> Sofro sob a evidência dessa verdade e, intuitivamente, eis-me em rixa com minha própria consciência. (LEITE, 1988, p.13)

A representação de um destinatário também é característica da escrita do diário, podendo seu estatuto ser modulado de diversas formas, ora com destinação ao próprio narrador, ora a algum outro destinatário, sendo que a autenticidade desse tipo de escrita passa preferencialmente pela desejada autodestinação (REIS & LOPES, 2002). No caso da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, Ascendino às vezes procedia como esse autêntico destinatário, outras vezes entregava sua escrita a um público leitor, como neste fragmento, em que se dirige aos leitores do Jornal para sugerir a leitura de uma obra de um romancista por ele elogiado: "NA RUA São José, encontro o romancista João Clímaco Bezerra, um perfeito escritor. Dos muitos que nos manda o Ceará seguidamente./Leram o *A Vinha dos Esquecidos*? /É dele, obra dum mestre. [...]." (LEITE, 1989, p.80). Os destinatários se configuravam também como amigos (ver seção sobre as dedicatórias): "[...] Creiam, amigos, que opero na sombra o claro que a recorta e nela busco a minha personalidade. [...]" (LEITE, 1989, p.150), ou como leitor enredado pelas histórias e/ou personagens do Jornal:

> NÃO VÁ, caro leitor, pelo que você possa pensar das relações entre Marcelline e a Amiga Vigilante.
> Nenhuma intriga de amor aí, mas simples afinidades eletivas, naturais e espontâneas, que nem elas mesmas chegam a perceber. Uma servindo a outra, na boa ou na má fortuna. [...] (LEITE, 1989, p.327)

De acordo com Lacerda (2003, p.44), são as marcas textuais dos diários, como a recorrência de datas (que não aparece na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, de Ascendino), "a identificação de pessoas, de lugares, os níveis de detalhamento dos fatos do cotidiano", responsáveis por estabelecer uma forma de interlocução com o leitor. No caso do *Jornal Literário* de Ascendino, essas características transitam entre o real e a incorporação de situações imaginárias (ver fragmento acima), o que distancia esse texto (como venho defendendo) da classificação de diário íntimo, expressão que, segundo Martins (1995, p.483), já é uma "impossibilidade ontológica".

As notas autobiográficas, presentes ao longo do *Jornal Literário* de Ascendino, parecem apontar, aos olhos do leitor, para um equilíbrio composicional, em muitos momentos, deixado de lado pelas descontinuidades e/ou interrupções de assunto no interior dos fragmentos. Essa percepção fundamenta-se, a princípio, no fato de a autobiografia referir-se a uma narração que ocorre sempre depois de concluída a história e de conhecido (ou previsto) seu desfecho, como explicam Reis & Lopes (2002, p.106), no *Dicionário de*

narratologia. Lejeune (2008), por sua vez, inspirando-se em alguns verbetes de dicionários (*Larousse*, de 1886 e *Vapereau*, de 1876) diz tratar-se de "uma narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (p.14).

Costa e Silva (2011, p.237), em artigo publicado na *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras, cunha o termo destacando a base documental em que se apoia essa escrita autobiográfica: "Autobiografia é uma história que, baseando-se nos documentos, alguém escreve sobre si próprio. Escreve sobre si próprio a olhar-se como se fora um outro, de quem narra a história para justificar-se ou explicar-se" e até para se autolouvar. A propósito, a tendência exibicionista, na forma de adoração de si mesmo, é uma característica da escrita autobiográfica.

Mas é a ideia de completude a grande questão que ronda esse gênero, já que não há como abarcar uma existência, ainda mais com a missão de descrever fielmente todas as suas fases. Alguém que escreve sobre a história de sua própria vida tende a selecionar, distorcer e interpretar os fatos que narra, de modo que estará distante de produzir um relato idêntico à experiência vivida, ainda quando se sabe que sua vida e sua escrita continuarão. Isso porque, segundo Costa e Silva (2011), "uma autobiografia não é uma vida. Uma autobiografia é uma reinvenção do vivido" (p.238). Costa Lima (1986) discute a noção de autobiografia como gênero literário a partir da noção moderna de indivíduo, situando seu aparecimento com as *Confissões*, de Rousseau.

No fragmento autobiográfico a seguir, extraído da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, observa-se a seleção de uma etapa significativa na vida de Ascendino, narrada e interpretada por ele próprio para servir de objeto a esta nota autobiográfica: a infância atrelada à morte do tio Urubá (de quem acompanhou o enterro quando tinha cinco anos de idade) e ao episódio posterior da sua prisão, aos 15 anos, por causa de questões políticas, rememorados a partir de um dezessete de junho de um ano indeterminado, que só o registro de 21 de junho de 1915, data precisa do seu nascimento, permite identificar:

> QUASE ao fim deste caderno (o décimo-terceiro), com meia página ainda em branco, que não desejo aproveitar. 17 de junho. De hoje a quatro dias completo quarenta e sete anos. É toda a minha vida?
>
> Tenho que descontar aquela parte que se perdeu no mundo da minha infância, aquela em que o fim único e exclusivo seria precisamente de não ter fim nem objeto.
>
> Sem dúvida que o tempo entrava nela, mas não tinha explicação; esta é a defesa do indivíduo na moldura das incertezas. É como uma frase que começa e não se sabe como vai terminar, dela só restando o esboço que lhe atribui a memória, grudada aos registros febris da consciência governada pelos instintos.

> Que frenesi de vidências espantadas, de curiosidades táteis, olfativas, seminais, na solidão informe e, todavia, positiva, das origens do meu ser!
>
> Estarei aí ao natural, com dias estupendos de sol e pobrezas lancinantes.
>
> Numa curva negra, a morte do meu tio Urubá, cercada de longe por sugestões espectrais, na mais condenada das regiões da terra.
>
> Um pouco mais tarde, a irrupção das injustiças, apelando precipitadamente para um tipo de instinto que creio só existir na criatura humana. Como o riso, ele será contraditoriamente um aributo de nossa racionalidade.
>
> Eu falo aqui do instinto de "revanche".
>
> Narrei um dia, num romance (*A Prisão*), como sua garra afiada caiu feroz sobre meus centros nervosos, minha pobre infância terminando num círculo de sangue e de dor, naquela noite de ódio. [...] (LEITE, 1988, p.78-79)

Nesta nota, o caderno, que é garantia de continuidade (LEJEUNE, 2008), não é completado até o fim, por opção do escritor, compreendendo um período proporcional à história de sua vida, que também se mostra incompleta, animada apenas por um movimento contínuo de episódios relativos à infância para início da adolescência, mas ainda com algumas descontinuidades: "Tenho que descontar aquela parte que se perdeu no mundo da minha infância, aquela em que o fim único e exclusivo seria precisamente de não ter fim nem objeto". Esse e outros momentos estão de tal forma relacionados à nossa trajetória de vida que, neste fragmento, o escritor, às vésperas de completar quarenta e sete anos, se perguntou: "É toda minha vida?", minimizando, assim, a promessa de unidade.

No campo da escrita autobiográfica, a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* comporta ainda as memórias, ou melhor, as evocações memorialistas, que, diferente da autobiografia, são mais abrangentes, por contar fatos que podem ser alheios ao narrador, recriando um mundo social composto por "outros narradores, personagens, lugares e fontes bibliográficas que conferem maior valor, confiabilidade e veracidade às lembranças" (LACERDA, 2003, p.7). Porém, de acordo com o posicionamento de Figueiredo (2013, p. 48), "na prática, muitas vezes é difícil classificar as obras, que misturam a linha linear da autobiografia clássica com memórias sociais e familiares, traçando perfis de amigos e ancestrais, descrevendo o ambiente em que viveram".

Nas memórias, o autor, não tendo a ambição de reconstruir a vida do personagem que é ele próprio, tem por interesse o que lhe volta naturalmente à lembrança. Nesse sentido, a sua ambição, segundo Costa e Silva (2011), é de refazer liricamente o que lhe coube no passado. Acrescenta o acadêmico que as razões pelas quais se escrevem livros de memórias não são as mesmas com que se escrevem autobiografias, e enumera algumas:

> Para acalmar saudades, como nos poemas memorialísticos de Carlos Drummond de Andrade, em *Boitempo* e *Esquecer para lembrar*. Para refazer o tempo, como foi o caso de Pedro Nava, na série de livros que começa com

> *Baú dos ossos*. Para vingar-se, para tirar a forra dos que lhe oprimiram a meninice, como Humberto de Campos, no primeiro volume de suas *Memórias*, Graciliano Ramos, em *Infância*, Antonio Carlos Villaça, em *O Nariz do Morto*. Também se escrevem memórias para abrandar remorsos, para dar um desenho e um sentido à vida. E para dar testemunho de sua época, como as *Memórias* de Raul Brandão, que refazem o Portugal do fim do século XIX e das primeiras décadas do XX. (COSTA E SILVA, 2011, p.239)

No fragmento transcrito a seguir, o episódio memorial associa-se a uma retrovisão que Ascendino faz de experiências vividas na infância e juventude no papel de alguém que olha para trás e encontra conforto em um tempo que "já supunha esgotado", deixando transparecer para o leitor o compromisso com o próprio prazer de evocar:

> Bastante fria a manhã.
>
> Acordei cedo, fiquei um instante a rolar no leito, meio sonolento, as reflexões acudindo-me como fragmentos de sonhos, trazendo-me certas visões – sinais dum tempo que eu já supunha esgotado em seus efeitos sobre minha memória, coisas da infância, da juventude.
>
> O amanhecer nas pequenas cidades do interior, por exemplo; as primeiras caras; os primeiros passantes na rua; as cidadezinhas despertando, entrando em movimento, recomeçando seu labor quotidiano e o cheiro de pão quente.
>
> Evocando-as e sentindo, e nisso encontrando um grande consolo, uma grande dose de revigoramento moral. (LEITE, 1988, p.267)

A intercalação de gêneros da escrita autobiográfica em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* demonstra que estamos diante de um texto híbrido, formado por um mosaico de fragmentos de temática variada, mas que não se caracteriza em sua totalidade como um documento autobiográfico. A verdade é que, para além da denominação de diário, o que se tem é vida literária – união entre arte e vida – sob a forma de um *Jornal Literário*, afinal "[...] Ele o é, independentemente do seu conteúdo, por sua natureza intrínseca, no ato mesmo em que o redijo – um ato literário, quaisquer que sejam as suas motivações" (LEITE, 1989, p.342), produzido por um leitor/escritor atento aos fatos, às coisas e às pessoas de uma determinada época e lugar.

3 ASCENDINO LEITE NA ANTOLOGIA *SEMENTES NO ESPAÇO (1938-1988) I* E *II*

Partindo da noção de representação, segundo a qual o mundo é "moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam", de maneira que o que se tem é uma "realidade contraditoriamente construída pelos diferentes grupos" (CHARTIER, 1990, p.23), é meu interesse neste capítulo analisar o modo como a representação desses discursos, aqui relacionados ao produto cultural consumido (as leituras realizadaspor Ascendino) e à vida literária em atividade na época contribuiram para a representação de Ascendino como leitor e para a configuração temática do seu *Jornal Literário*, representado neste trabalho pela antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. De tal modo que as modalidades de recepção dessas representações permitam visualizar o perfil que se foi formando daquele leitor e a significação construída em torno de temas da vida literária, a partir da realidade que, pluralmente, era dada a ler, ou historicamente produzida pelas práticas que constroem as suas figuras, conduzindo a uma nova ordem de compreensão do próprio escritor, da época e do lugar.

O "onde" e a forma como Ascendino lia, as anotações de leitura, a imagem que construía de seus leitores e editores, tudo isso combinado com o comportamento do ser leitor na vida privada, e com o que ficou guardado em alguns de seus arquivos, como a relação de livros de sua biblioteca particular, sua correspondência ativa e passiva, cartões, fotos possibilitaram construir a representação do perfil desse leitor e as ações operadas na construção temática de sua antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. São o "onde" e o "como" da leitura assim como os usos individuais do material cultural consumido que apontaram para a natureza da experiência de Ascendino com a leitura e do seu *Jornal Literário*, tornando a construção desse leitor e a temática do seu *Jornal Literário* objeto deste capítulo.

3.1 DA REPRESENTAÇÃO DO "SER LEITOR"

3.1.1 Os espaços de leitura e as maneiras de ler: entre o público e o privado

Valendo-se das anotações de Philippe Ariès sobre o processo de privatização que caracterizou as sociedades ocidentais, entre os séculos XV e XVIII, Chartier (2009, p. 128) afirma que a "'privatização' da prática da leitura é incontestavelmente uma das principais

evoluções culturais da modernidade", isto é, a leitura que é praticada na intimidade de um espaço subtraído à comunidade, estando, pois, essa prática associada à maneira de ler – no caso, à leitura silenciosa, usual no século XV. Na visão de Ariès, essa foi uma das transformações que se configurou como decisiva para traçar os gestos culturais do foro íntimo e os da vida coletiva, apontando para uma nova consciência do próprio indivíduo e dos outros. As formas de privatização no âmbito da modernidade que incluem práticas novas, como a da leitura silenciosa, sem que se eliminem as antigas, assim como o estudo dos espaços privados, objetos e o acesso à escritura íntima articulam-se, entre outras abordagens, àquela atribuída à oposição dos termos *civilidade* e *intimidade*:

> O espaço governado pela civilidade é o da existência coletiva, da sociabilidade distintiva da corte e dos salões, ou do ritual social em sua íntegra, cujas normas obrigatórias devem aplicar-se a todos os indivíduos, seja qual for sua condição. A intimidade, ao contrário, exige locais isolados, espaços apartados onde encontrar solidão, recolhimento, silêncio. O jardim, o quarto (porém mais ainda a alcova e a ruelle), o gabinete, a biblioteca oferecem tais refúgios, que, juntos, escondem o que já não deve ou não pode ser mostrado (os cuidados com o corpo, as funções naturais, os gestos de amor) e abrigam práticas associadas mais que antes ao isolamento, tais como a prece ou a leitura. (CHARTIER, 2009, p.164)

Sendo a leitura uma das práticas constitutivas da intimidade individual, a contextualização do leitor em seu espaço fornece a possibilidade de observá-lo em estado de reflexão interior, dando indícios sobre a natureza de sua experiência, da relação consigo mesmo e com o mundo. Montaigne, por exemplo, refugiou-se em sua biblioteca, no terceiro pavimento de uma torre redonda, consagrando-a como um lugar destinado à liberdade, à tranquilidade e ao ócio para o estudo. E se, como afirmou Burke (1981), no século XVI era perfeitamente normal as pessoas se considerarem velhas aos 40 anos, com Montaigne não foi diferente, que se via adentrando a velhice poucos anos depois dos 37, e presenciando a morte de companheiros em plena juventude. O retiro de Montaigne sugere, pois, uma forma de se preparar para a morte, longe da vida pública, tanto que a "arte de morrer bem" é um dos principais temas de seus ensaios, decorrente da característica de sua época.

Na intimidade de sua biblioteca seria o lugar onde provavelmente o leitor encontraria o escritor Ascendino Leite, se ainda estivesse vivo, sentado defronte a sua escrivaninha, tendo os livros como seus companheiros privilegiados desse refúgio íntimo, "local por excelência do retiro, do estudo e da meditação solitária", como denominou Chartier (2009, p.137). No fragmento que segue, extraído de *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, a biblioteca, criada por Ascendino, toma ares de um ambiente altamente pessoal, propício à arrumação de livros e, por extensão, a uma visão de si:

> O DIA me encontra a arrumar livros na estante nova que chegou ontem: arranjo-me uma espécie de escritório, de biblioteca.
> Crio-me um ambiente.
> Nesse ambiente, estão os meus mitos e talvez as minhas verdades.
> Só de ver a ordem em que os volumes se dispõem nas prateleiras, de alto a baixo, arranco-me de um caos brutal para um estado pessoal de plenitude: não me é possível lembrar-me de mim nesse estado, senão raras vezes na vida que já vivi, de modo esquivo e sufocado.
> Que perdure por largo tempo ainda... isto que custa tão pouco e enobrece tão alto um espírito anônimo. (LEITE, 1988, p.58)

Manguel (2006, p.44) concebe a arrumação de livros como uma atividade reveladora, já que nesta há indícios que remetem a visões dos lugares onde esteve e de experiências que viveu:

> [...] um bilhete esvoaçante saído de um livro aberto, lembrava um trajeto de bonde em Buenos Aires (os bondes saíram de circulação no final dos anos 1960), quando li *Moira*, de Julien Green, pela primeira vez; um nome e um número de telefone anotados numa folha de rosto traziam consigo o rosto do amigo, perdido havia muito tempo, que me dera um exemplar dos *Cantos* de Ezra Pound; um guardanapo com o emblema do Café de Flore, dobrado no interior de *Sidarta*, de Herman Hesse, atestava minha primeira viagem a Paris, em 1966; uma carta de um professor, dentro de uma antologia de poesia espanhola, me fez pensar nas aulas distantes que ouvi falar pela primeira vez em Góngora e Vicente Gaos. [...].

No caso de Ascendino, a experiência de estar entre os livros e de vê-los arrumados possibilitava uma certa ordem interior – "[...] arranco-me de um caos brutal para um estado pessoal de plenitude [...]" –, instaurando uma espécie de intimidade, proveniente da maneira como se dá a disposição dos livros, visto que, sendo essa organização de natureza pessoal, o que é uma vantagem da biblioteca privada, pode provavelmente servir de fim particular para o leitor: "[...] Crio-me um ambiente./Nesse ambiente, estão os meus mitos e talvez as minhas verdades.[...]". O refúgio da biblioteca permite essa visão de relance da própria condição de quem a frequenta. O escritor norte-riograndense Costa (1982, p.15-16), no aprazível *A biblioteca e seus habitantes*, adverte para a função vital, anímica das bibliotecas:

> [...] É que, tornadas, por sua condição, lugares à parte nas moradas dos homens, – caracterizados por certas predeterminações ao retiro e ao silêncio, da leitura, do trabalho intelectual, – das prateleiras de suas estantes, em que o sagrado e profano convizinham, emana, no entanto, para toda a casa, uma espécie de corrente, de sopro do espírito, que nem todos percebem, vinculando-se ao ambiente, à maneira de uma presença incorpórea, impalpável, mas ao mesmo tempo dominadora, polarizadora, valorizadora.

O local de leitura e da meditação solitária também acolhe objetos que revelam a vontade de exprimir-se de maneira íntima e/ou de deixar registrada a existência como leitor e escritor. O escritório ou a escrivaninha, mesa destinada à leitura e ao ato de escrever,

denominada também de "gabinete de estudo"[67], é um deles, e compunha o mobiliário da pequena biblioteca de Ascendino Leite, onde costumava ler e escrever. Esse objeto é significativo pelo poder de lembrar a relação que Ascendino mantinha com a prática da leitura e da escrita ou com a imagem que as pessoas poderiam ter dele como um homem de letras. Afinal, como afirma Piglia (2006, p.98):

> A figura do sujeito que lê faz parte da construção da figura do intelectual no sentido moderno. Não só como letrado, mas como alguém que enfrenta o mundo numa relação que em princípio é medida por um tipo específico de saber. A leitura funciona como um modelo geral de construção do sentido.

A escritora e artista plástica Mercedes Cavalcanti, de descendência brasileira e espanhola (conhecida como Pepita), professora do Curso de Letras da UFPB, constituiu uma dessas pessoas que associava a figura de Ascendino à de um intelectual. Mercedes conhecera Ascendino na Galeria Gamela, em João Pessoa (PB), nos anos 80, e, desde então, lançara-se a uma amizade contínua com o escritor, que revelou ter sido contemporâneo do pai da escritora (Antônio Ribeiro Pessoa), no Liceu Paraibano, e de quem recebera estímulo para ir ao Rio de Janeiro. Estabelecida a convivência entre Mercedes e Ascendino, ambos passaram a trocar ideias sobre literatura, como demonstra esta foto, legendada por Ascendino, que aparece em companhia da escritora:

Figura 24 – "Eu e Mercedes, falando de literatura e outros temas". Foto: arquivo pessoal do escritor.

[67] Cf. ESCRITÓRIO. In: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Editora Objetiva Ltda, dez. 2001.

A natureza do contexto em que se deu a apresentação de Ascendino, o modo como sua imagem foi construída para a escritora Mercedes Cavalcanti – "Você conhece o maior romancista vivo do Nordeste?" e, a partir daí, a convivência que se estabeleceu entre o par (escritor/escritora) apontam para a dimensão que, pelo menos naquela época e naquele lugar, expôs-se a figura de Ascendino como escritor, tanto que Mercedes Cavalcanti passou a dedicar-lhe alguns de seus livros, entre os quais uma coletânea de versos que integra a obra *Cores da paixão* (2011), em homenagem à memória de Ascendino, e associar, quando esteve no Chile, a lembrança do amigo à foto de uma escrivaninha, enviando-lhe este cartão postal:

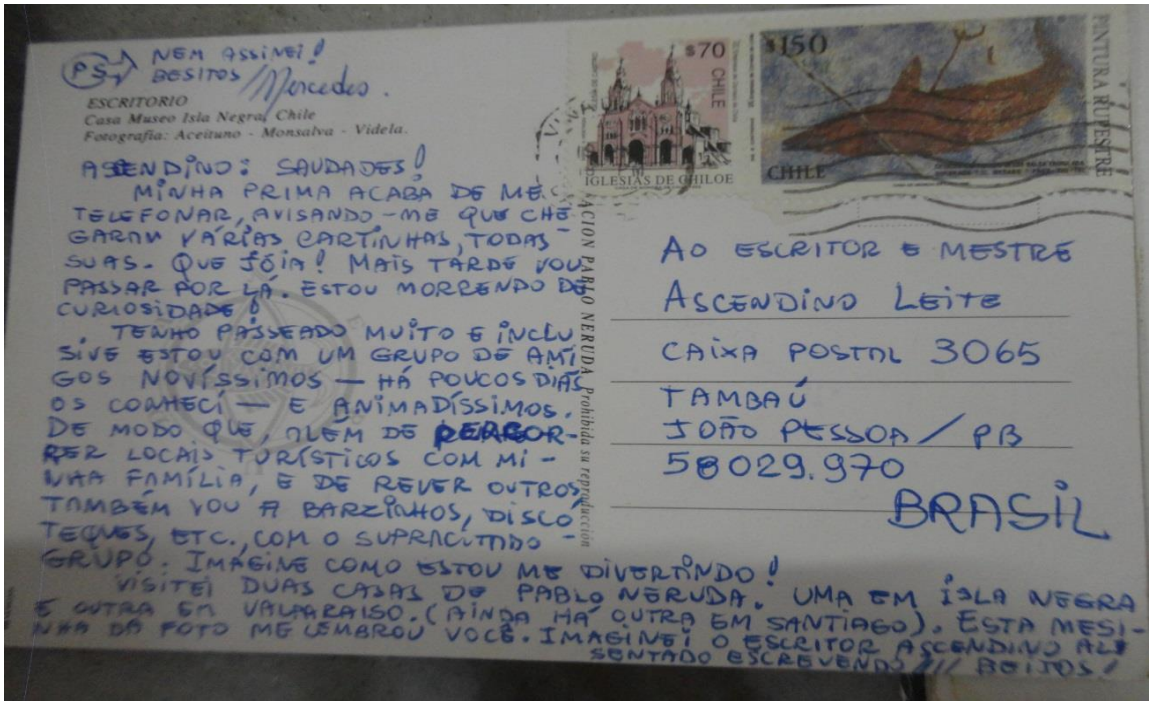


Figura 25 – Verso do cartão postal de Mercedes Cavalcanti para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

Ascendino demonstrava um admirável gosto pela música clássica e seu escritório acabou revelando-se não apenas um local destinado à leitura e à escrita, mas também lugar de distração desse escritor, que José Rafael de Menezes (2004) denominou de "um ser musical". Schumann, Mozart, Bach, Schubert, Sibelius, Chopin, Debussy, Scarlatti, Haydn, Haendel são alguns dos compositores cujas músicas povoavam a mente de Ascendino, muitas vezes, no ato da leitura ou do trabalho da escrita. Ao lado dos compositores clássicos prediletos, Mozart e Bach, também se destacaram o cantor e músico de jazz norte-americano Nat King Cole e os compatriotas Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Elis Regina, Zizi Possi e Rita Lee. Em sua biblioteca particular, quase já desfeita, na casa de Ivonete, ainda se encontra, de uma coleção

de mais de 400 CDs (desfalcada por algumas pessoas que visitavam o escritor), um significativo número de *compact disc* (APÊNDICE A) do homem que dizia amar naturalmente a música dos clássicos. No fragmento a seguir, da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, a visão da personagem Marcelline, adentrando o escritório de Ascendino, representa um apanhado do local de trabalho e deleite do escritor:

> [...]
> A velha amiga, fugitiva algumas vezes, por questões profissionais! [...]
> Veio naturalmente ao meu escritório, ao mesmo tempo pequeno estúdio musical, onde trabalho e espaireço. Logo pôs um pouco de ordem nos livros e papéis acumulados em minha mesa; conversou ouviu música, recolheu-se depois ao quarto de I., preparado para ela. [...] (LEITE, 1989, p. 291)

O sentido da música para Ascendino relacionava-se à possibilidade de conduzir o homem a sua espiritualidade, revelando-se em registros como estes: "[...]Senhor, musicai os corações e as almas serão vossas. [...]." (LEITE, 1989, p.59); "[...] Tristes daqueles aos quais não soou o sentido da música. [...]." (ibid, p. 150), ou à própria educação do ser, ao prazer, ao embevecimento: "[...] – Momentos de grandes significações musicais. Educo-me. Romantizo-me. Ouvindo Schumann até a hora de dormir." (ibid, p.183). O fato é que o cotidiano do escritor corria paralelo à experiência com a literatura e à vivência com a música, emitida de sua vitrola portátil, do rádio ou de uma fita magnética. A música, em volume alto, não raro, o acompanhava quando estava lendo ou escrevendo, como confidenciou sua ex-secretária Ivonete, imagem que também sugere este fragmento do seu *Jornal Literário*: "Boa parte da manhã, lendo e ouvindo música. Pela terceira vez creio, a *Kreisleriana-8*, *Fantasias*, 6p. 16 (Schumann), numa dolorida tessitura introspectiva, composta em 1838. [...]." (ibid, p.14).

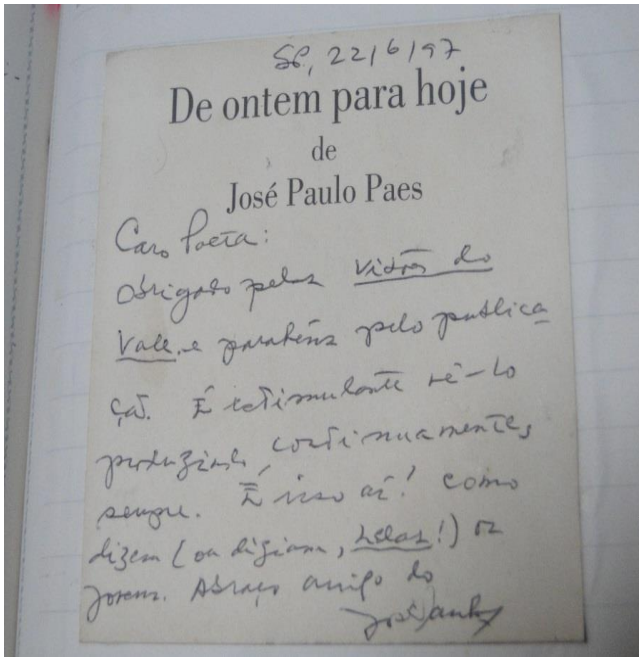
A apreensão do mundo melódico e sua relação com a arte, particularmente com a linguagem expressa pela literatura, são demonstradas neste registro de *Sementes no Espaço (1938-1988) I*:

> HAENDEL. Bach. Sibelius.
> Duas horas a ouvir a grave e por vezes arrebatadora magia de um mundo melódico forçosamente espiritual.
> Nele, o eco de todas as vozes, em timbres e nuances bastante definidos que, por pouco não exprimiram atitudes, projeções, movimentos, objetos de arte.
> Haendel, a face feliz. Bach, a energia interior. Sibelius, um coração justificado.
> Mas foram os sons tristes, os compassos melancólicos, o que mais amei em cada um. (LEITE, 1988, p. 183)

O que se observa nessa dedicação do escritor à música é que o "ser musical" não esteve distanciado do perfil do intelectual que foi sendo construído, do indivíduo autodidata à representação do homem de letras de gosto requintado, que lia obras de escritores franceses ao

mesmo tempo em que apreciava a música clássica, produzindo, assim, uma imagem de si mesmo destinada à cena pública – tanto para aqueles que o conheciam quanto aos interessados em conhecê-lo, como a própria autora desta tese.

Nesse sentido, havia uma curiosidade em desvendar tudo o que cercava a imagem desse leitor-escritor que foi se constituindo nos fragmentos da antologia *Sementes no Espaço* (1938-1988) *I* e *II* em análise, passando, também, a observá-lo do ponto de vista de sua intimidade doméstica, a partir de testemunhos que o revelassem como tal e que, segundo Marques (2012), caracterizariam a *hipervalorização do homem de letras*, expressa sob diferentes formas de documentação (biografia, entrevista, correspondência na imprensa etc). A esse respeito, observe-se o cartão a seguir que Ascendino recebeu do poeta, tradutor e ensaísta José Paulo Paes, agradecendo pelo envio do seu livro de poemas *Visões do Vale* (1993), oportunidade que o poeta usou para elogiar a produtividade do escritor e a obra:



Caro poeta:
Obrigado pelo Visões do Vale e parabéns pela publicação. É estimulante vê-lo produzindo continuamente sempre. É isso aí! como dizem (ou diziam, belas!) os jovens. Abraço amigo do
José Paulo Paes

Figura 26 – Cartão do poeta José Paulo Paes para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

No texto a seguir, tem-se uma pequena carta endereçada a Ascendino do acadêmico e lexicógrafo brasileiro Antonio Houaiss, que agradece o envio e o convite para a leitura do livro *Poemas outonais*, pelos quais externa admiração, destacando, por fim, a vitalidade da linguagem do escritor. O texto encontra-se também em versão reproduzida, certamente a pedido de Ascendino, devido à letra ilegível do acadêmico.

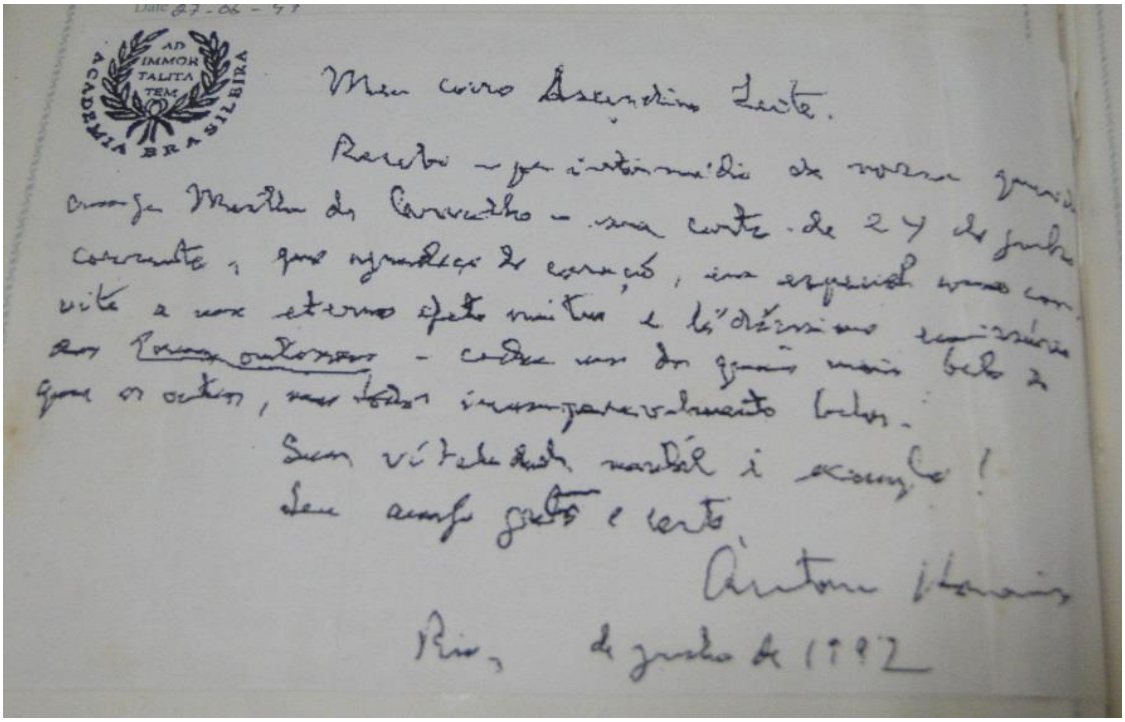
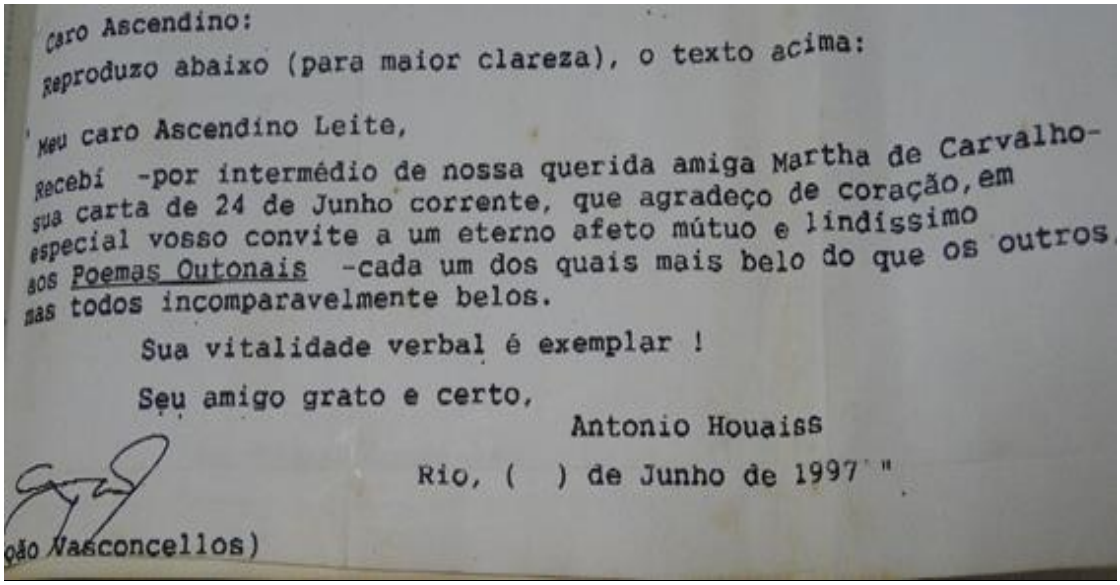


Figura 27 – Carta de Antonio Houaiss para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor.



Caro Ascendino:
Reproduzo abaixo (para maior clareza), o texto acima:

Meu caro Ascendino Leite,
Recebi -por intermédio de nossa querida amiga Martha de Carvalho- sua carta de 24 de Junho corrente, que agradeço de coração, em especial vosso convite a um eterno afeto mútuo e lindíssimo aos Poemas Outonais -cada um dos quais mais belo do que os outros mas todos incomparavelmente belos.
Sua vitalidade verbal é exemplar !
Seu amigo grato e certo,
Antonio Houaiss
Rio, ( ) de Junho de 1997 "

ção Nasconcellos)

Figura 28 – Reprodução da carta de Antonio Houaiss para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor.

A disseminação da figura pública do intelectual, revelada por meio desses e de outros testemunhos, não para por aí. Veja-se, por exemplo, esta carta do poeta Carlos Drummond de Andrade, publicada na impressa paraibana, em uma coluna de um jornal intitulada "Correspondência íntima de Ascendino Leite". Nesta carta, Drummond, agradece ao escritor pelo oferecimento do seu *Jornal Literário As Coisas Feitas* (1980), emitindo um julgamento

sobre o livro e mostrando-se enaltecido e emocionado com as alusões relativas à sua pessoa. Ao final, o poeta inscreve Ascendino como "velho companheiro de escrita".

Correspondência
íntima de
Ascendino Leite
Carta de Drummond

"Fiquei embandeirado com aquela referência à minha bela gravata de seda pura".

Rio, 3 de agosto de 1980.

"Caro Ascendino Leite:

Fico-lhe muito grato pelo oferecimento de "As coisas feitas". Sou de opinião que o seu "jornal literário" é das fontes mais preciosas para se conhecer e interpretar, no futuro, a vida intelectual brasileira do nosso tempo, quer na aparência quer na substância, que os seus livros desvendam com a segurança e a vivacidade da coisa vista, ouvida e sentida por uma testemunha de grande perspicácia.

Fiquei embandeirado com aquela referência à minha "bela gravata de seda pura", que dessa maneira se incorpora à matéria a ser apreciada pelos vindouros.

De resto você me faz outras alusões generosas, que muito me tocam.

O abraço amigo do velho companheiro de escrita.

Ass. Carlos Drummond de Andrade".

Jornal *A União*, João Pessoa, 09 abr. 2003.

Publicada na mesma coluna, "Correspondência íntima de Ascendino Leite", tem-se esta outra carta, do poeta Manoel de Barros, agradecendo o *Jornal Literário Caracóis na Praia* (2001), enviado por Ascendino.

Ascendino Leite:
Correspondência íntima

Carta do poeta Manoel de Barros

Campo Grande, 04/05/11.

Caro poeta Ascendino Leite.

Recebi os "Caracóis da Praia" com uma dedicatória que me alcandora; mas no fim a dedicatória me diz: quero te dizer adeus. Fui ao Aurélio: adeus é despedida. A mim soou fúnebre esses adeus. Mas não pode ser, eu me disse. O Ascendino está renascido – como ele mesmo declarou à jornalista. Voltou ao Cabo Branco para renascer. E renasceu. Estou vendo pelas

> páginas deste Caracóis. Acabei de ler o livro e vi o artista e o homem renascidos. "Bom é escrever e esquecer", como está no seu livro.
>
> Muito obrigado pelo presente e parabéns por muitos anos. Abraço fraterno do amigo velho.
>
> As. Manoel de Barros.
>
> Jornal *A União*, João Pessoa, 10 jun. 2003.

Marques (2012, p.64) ressalta que essa consagração da imagem do escritor, apresentada por meio dessas formas documentárias, que constituem fontes importantes para a produção de variadas representações dos escritores,

> transcorre no contexto de afirmação da vida privada, do individualismo burguês, para o que haverão de contribuir as práticas de leitura e da escrita incrementadas pelo mundo moderno, cujo exercício solitário solicita o isolamento do leitor-escritor, seja do meio social, seja do ambiente familiar, abrigado no recesso do escritório ou do quarto.

A apropriação da atmosfera de leitura, cultivada na intimidade da biblioteca ou do escritório, foi de tal forma revelando o prazer de Ascendino pelos livros que, segundo revelou sua ex-secretária Ivonete Belarmino, o escritor não gostava de ser interrompido quando estava lendo, absorvido em si mesmo, em seus pensamentos ou em suas emoções, subtraído da sociabilidade do convívio, da relação com a família, com a casa, com os amigos. No fragmento a seguir, extraído de *Semente no espaço I* (1988), Ascendino, preparando-se para a leitura de um livro, teve seu prazer frustrado com a chegada de visitas:

> [...] À noite, preparava-me para conhecer *Les sept couleurs*, de Robert Brasillac, na edição "Livre de Poche" que adquiri, vai para dois meses, numa banca de jornais da ponta do Calabouço.
>
> Mas esse propósito acabou tolhido no nascedouro, não sem certa decepção da minha parte, que não sei bem se pude ocultá-la das visitas, depois que chegaram.
>
> É assim que se frustram os prazeres: violada a hierarquia que os condicionam no nosso campo espiritual, a única saída é protegê-los discretamente no exato lugar que eles ocupam no nosso universo instintivo. [...]. (LEITE, 1988, p.138)

No espaço da intimidade com os livros, em que se dá o recolhimento para a leitura, observa-se, por meio desse fragmento, que Ascendino buscava o conhecimento associado ao prazer de ler, um prazer mediado pela reflexão, pelo reconhecimento do saber que impunha à leitura, constituindo o ato de ler comparação e julgamento para esse leitor, como atestará, mais adiante, os registros de leitura que fazia em seu *Jornal Literário*. Para Batteux (apud ABREU, 1999, p. 224), "a leitura é uma das atividades do espírito e aí só o conhecimento pode levar à percepção plena da matéria". Além disso, não se deve esquecer que *ler* origina-se do latim *legere* que expressa o ato de escolher, remetendo, assim, à ação de eleger, avaliar.

A valorização do conhecimento estava no modo particular como Ascendino construía sua imagem de leitor: "Sou aqui um leitor que se lança no plano da existência reflexiva; que conta por que leu um livro e por que esse livro não é uma circunstância fortuita em sua vida [...]" (LEITE, 1988, p.340). Essa ideia é perceptível no fragmento a seguir de *Sementes no Espaço (1983-1988) II*, em que o escritor refletia sobre a leitura de um texto pascaliano, quando foi interrompido, mais uma vez, com a chegada de visitas, momento em que toma ciência de que a "civilidade existe", e para a qual todos sentem necessidade de se reportar:

> [...] Um texto pascaliano.
> Veio-me, como já registrei aí atrás, pela mão de um bispo e grande pensador católico, dom Epaminondas.
> História de uma conversão e de um debate sobre a consciência religiosa, a que eu terei de voltar muitas vezes para reforço de minhas próprias crenças e esperanças, no instante certo em que envelheço penosamente.
> Chegam visitas e eu tenho que interromper aqui minhas reflexões.
> Ah, a civilidade existe.
> Não é apenas um item no manual da convivência. Às vezes, acode à atração dos vínculos fraternos, impondo a troca de ideias e compromissos – tudo isso em que se assenta a projeção prática do humanismo.
> Na verdade, estamos todos fugindo da ideia de ser crucificados no mundo de nossa solidão. (LEITE, 1989, p. 279)

Nesse registro, nota-se a oposição entre o espaço governado pela intimidade do privado, que é o do retiro para a leitura, e o da civilidade, que, no fragmento acima, o escritor associa ao inevitável interesse pelos vínculos fraternos, ou melhor, ao esforço para submeter-se às normas da civilidade – às "exigências do comércio social" –, ajustando o comportamento do indivíduo à imagem que este quer produzir de si mesmo. No caso de Ascendino, tem-se a representação de um leitor compenetrado em sua intelectualidade, mas também afeito às relações sociais e, portanto, exposto à aprovação das visitas. A civilidade, que é regida pela racionalidade, é, assim, nos termos de Chartier (2009, p.165), "acima de tudo uma arte, sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros, um modo estritamente regulamentado de mostrar a identidade que se deseja ver reconhecida".

A propósito, não se deve esquecer que Ascendino foi um homem habituado à vida pública, por ter sido jornalista e escritor: almoços, jantares, lançamentos de livros eram momentos em que costumava exercer sua sociabilidade, aliada ao desejo de ver sua identidade de leitor e escritor reconhecida pelos amigos que o prestigiavam. Ao mesmo tempo, na ocasião de lançamento de seus livros, por exemplo, confessava-se solitário, triste, quando questionado por Ivonete se estava feliz: "Minha filha, eu estou na maior tristeza, porque não sei se vou ver toda gente que estava ali". Se por um lado essa fala vem revelar o estado espiritual de Ascendino em relação ao fato de estar envelhecendo e de, talvez, não ter mais

tempo para rever seus conhecidos, amigos e confrades, devido à expectativa da morte; por outro, também expressa o sentimento de tristeza do escritor pelo fato de não ter mais a certeza de que participaria de eventos como aquele, em que costumava receber a aclamação do público seleto, contribuindo para a representação que gostaria que os outros tivessem de si, i.e., de um homem das letras, de um intelectual, prestigiado por todos que faziam parte do seu círculo de amizade.

Ainda que, em seu *Jornal Literário*, quisesse apresentar a figura de uma outra pessoa, livre dessa condição de "autoridade", preferindo cultuar a posição de autodidata, ou, no limite, de um literato (escritor) cuja imagem estivesse afastada do *status* acadêmico comum a muitos escritores de sua época, atitude que transmite, certamente, um juízo falso de si, admitido como verdade, visto que esconde um certo ressentimento do escritor pelo fato de não ter tido o reconhecimento da Academia. Esse *fingimento retórico* apresenta-se no fragmento, a seguir, de *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, mostrando-se o escritor até orgulhoso de sua posição:

> [...] "Considera o que te dizem, sem atender a quem o diz."
> "... não desejes nunca o nome de letrado." – Imitação, Livro I-V.
> Porque vivo de ler, acho que esse texto não me poderia ser mais grato à reflexão.[...]
> Não sou um letrado: passo-me por muito menos. [...]
> Venho de ser um literato, no mais nefasto dos seus anacronismos, embora eu nunca me tenha olhado assim, até este momento. [...]
> Mas não me custa imaginar que eu tenha um certo orgulho disso; isto é, de ser apenas um literato, sem *status* acadêmico e questões a colocar, como se diz hoje. (LEITE, 1989, p.314).

O espaço para a realização da leitura não se limitava à biblioteca particular do escritor, embora fosse o local privilegiado para essa prática. No Rio de Janeiro, habituara-se a ir à Biblioteca Nacional, para realizar leituras e fazer as costumeiras anotações sobre o que lia, como demonstra este registro de *Sementes no Espaço (1938-1988) I*:

> LEITURAS na Nacional. Anotações em consequência, acumuladas e em desordem, algumas sem nenhum interesse.
> a) *Lettres à sa Niece*, de Flaubert.
> b) *O Jardim de Bérenice*, de Barrés.
> c) *Os grandes processos da História*, de Henri Robert, apenas dois volumes.
> d) Uma centena de páginas no *Journal* dos Goncourt.
> Percebo que consumi uma semana em tais leituras, nem sempre correspondido na curiosidade, embora não me possa gabar de duma boa escolha.
> O que significa que estou longe de ser um bom leitor. (LEITE, 1988, p.25)

Mais uma vez, observa-se que a concepção de leitura para Ascendino estava no domínio da escolha, da seleção e, portanto, da avaliação, assemelhando-se esse procedimento à perspectiva da "crítica", que, etimologicamente, remete à arte de julgar, de decidir, de

avaliar[68], e em virtude de, nessa situação de leitura, não ter feito um bom julgamento, admitia estar "longe de ser um bom leitor", o que pode soar como uma falácia ou, no mínimo, como uma falsa modéstia, tendo em vista que seu *Jornal Literário*, representado aqui pela antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, encontra-se enriquecido com centenas de notas críticas, avaliação de obras de escritores brasileiros e estrangeiros (como se verá mais adiante), demonstrando que estava em pleno exercício como leitor crítico.

A ida à Biblioteca Nacional também se destinava à realização de algum tipo de pesquisa: "[...] Irei amanhã à Nacional pois em minha estante não há dicionários" (LEITE,1989, p. 305). A afirmação condiz com a aversão que o escritor demonstrava ter pelos dicionários, uma atitude, porém, mais representativa da imagem que construíra em torno de si mesmo – de bom escritor –, daquele que dispensa o uso do dicionário, porque se identifica como o próprio repositório de conhecimentos e de vocábulos adequados à expressão de seus desejos e/ou pensamentos, distanciando-se, portanto, da maneira de dizer dicionarista, opaca aos leigos, porque ao gosto do academismo, para se aproximar do uso literário que fazia dos termos, logo, da criação. Entre os significados atribuídos ao "dicionário" está o de uma "série de unidades léxicas memorizadas numa máquina de traduzir."[69] , um contraponto com o que pensava o Ascendino leitor/escritor:

> [...] Comigo, só os de língua estrangeira.
> Dicionário de língua portuguesa para me orientar, nenhum.
> Em meu idioma, para escrever o que quero, sou suficiente, vou com meu vocabulário próprio, comum, o de toda gente que sabe ler.
> Se tenho dúvidas quanto ao emprego correto de uma palavra, se desconfio que possa confundir ou parecer extravagante, largo-a, deixou-a de lado, passo para outra, a que melhor puder ajudar-me na expressão do que sinto, do que penso, do que desejo afirmar.
> Escritor que me obrigue a ir a dicionários, para mim é escritor condenado.
> Não o leio. (LEITE, 1988, p.206)

Com a privatização da prática da leitura, associada à reflexão solitária e instalada seja no refúgio de uma biblioteca particular ou do quarto, seja num espaço coletivo, onde há outros presentes, a leitura silenciosa, habilidade difundida entre os séculos XVI e XVIII, passou a constituir uma maneira de ler que possibilitou a interiorização imediata da leitura pelo indivíduo, atingindo diretamente seu íntimo (CHARTIER, 2009). Ascendino Leite fez uso habitual dessa maneira de ler, desse silencioso exame da página, constituindo-se um leitor solitário e absorto, não raro, demonstrando admiração pela forma escrita dos textos,

---

[68] Cf. HOUAISS, Antonio. Crítica. In: *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=cr%25C3%25ADtica > Acesso em: 01 fev. 2014.

[69] HOUAISS, Antonio. Dicionário. In: *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=dicion%25C3%25A1rio> Acesso em: 05 de fev. 2014.

descobrindo prazer em cada palavra, numa nítida referência à concepção de literatura como trabalho com a linguagem, ou motivado pelas necessidades interiores, ao buscar a leitura silenciosa como alimento espiritual:

> UM PERÍODO bem marcado, à vista da ordenação destes registros. Umas tantas leituras estimulantes.
> Roland Barthes nos *Essais Critiques*, quase sempre admirável pela visão dos acordos estruturais da linguagem literária.
> Seria mais crível, não fora o culto adonisado do poder da palavra sobre os grupos sociais – o excesso das generalizações sociológicas.
> Reler Rilke neste momento foi um acaso paralelo às necessidades espirituais, o que fiz sobre as *Elegias de Duino*, em tradução já antiga de Dora Ferreira da Silva. (LEITE, 1988, p.429)

Ao contrapor a leitura em voz alta à silenciosa, a partir da circunstância por meio da qual santo Agostinho descreve como solitário o ato de leitura de Ambrósio – "Quando ele lia, seus olhos perscrutavam a página e seu coração buscava sentido, mas sua voz ficava em silêncio e sua língua quieta.", Manguel (1997, p.67-68) esclarece que:

> Com a leitura silenciosa, o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções delas, permitindo comparações de memórias com outros livros deixados abertos para consulta simultânea. O leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons – ele sabia agora – podiam ecoar tanto dentro como fora. E o próprio texto, protegido de estranhos por suas capas, tornava-se posse do leitor, conhecimento íntimo do leitor, fosse na azáfama do *scriptorium*, no mercado ou na casa.

Sentado à frente de sua escrivaninha ou deitado em sua cama, no seu quarto, Ascendino Leite realizava o que denominou, no seu *Jornal Literário*, de "leituras intermitentes": "NESTAS últimas semanas, leituras intermitentes, pois não sou de aferrar-me a um único texto./*Les Carnets de la drôle de guerre* (Sartre)./ A ilusão literária (Frieiro) [...]" (LEITE, 1989,p.134). Lia três, quatro livros de uma vez, selecionando partes de um, partes de outro, como informou Ivonete Belarmino, estabelecendo, com esse gesto, comparações entre as leituras realizadas, apreciações relativas à linguagem (como se verificou acima) e, ao mesmo tempo, colhendo material para a produção do seu *Jornal Literário*. O uso frequente de citações, por exemplo, denuncia esse último gesto do leitor no escritor, como se verá mais à frente. Aliado a isso estava o ato de sublinhar frases nos livros que tomava para leitura, o que se caracterizava para esse leitor como uma estratégia que visava dar suporte à memória, evitar o esquecimento, buscando reter as leituras que fazia. É o que mostra o fragmento a seguir, extraído de *Sementes no Espaço (1983-1988) II*:

> AS FRASES que vivo a sublinhar nos livros que leio...
> Correspondência do que sinto, do que por vezes tenha pensado passar adiante – uma sentença poética, um preceito moral, uma norma de arte?
> Deliciosa mania esta.
> Adoto-a como uma estratégia de leitor inseguro do seu poder de retenção: procuro-a, porque me leva a companhias admiráveis.
> Com elas, posso tornar mais claras as veredas por onde faço passear minha memória. (LEITE, 1989, p.390)

A tentativa de Ascendino de reter a escrita ou, quiçá, os próprios sentimentos, através da sublinha de frases dos livros, que o levaria à companhia de escritores, induz a pensar a relação da escrita com a memória como ambas marcadas pelo esquecimento, por isso o hábito (ou a mania, no caso desse leitor) de marcar, de destacar o que lia, para relembrar ou anotar de cor quando quisesse, principalmente quando o registro literário se supunha associado à própria vida – como se intelecto e sentimento caminhassem emparelhados. Para Chartier (2007), a memória pode se apresentar tanto como um traço durável do passado, a exemplo do que acontece com o jovem Cardênio da narrativa de Cervantes, quando decide abreviar a narrativa de seus infortúnios, por ser uma busca dolorosa, quanto algo vulnerável, efêmero, apagável, passível de ser esquecido, donde o uso da estratégia da sublinha de frases por Ascendino, o que permitiria, até mesmo, voltar às páginas dos livros para lembrar. Copiar e citar constituíram, assim, duas ações decorrentes dessa estratégia de leitor, utilizadas com frequência no seu *Jornal Literário*:

> LI EM Schmidt, na segunda parte do *Galo Branco*, algumas reflexões admiráveis. Copio:
> – "Em poesia só o antigo é grande e nobre. Só o antigo é novo. Só do mundo antigo vem essa palpitação, esse rumor de água correndo". (LEITE, 1988, p.348-349.)

> "O QUE se puder escrever em duas linhas, nunca escrever em três" – Marques Rebelo.
> Cito de cor, está num dos volumes do *Espelho Partido*.
> De certo modo, imita Stendhal, que tinha horror a frases de cinco linhas. (Ibidem, p.349)

Sobre a capacidade de memória, Manguel (1997) toma mais uma vez o exemplo de Agostinho que, ao escrever sobre um colega de escola, refere-se a sua extraordinária memória, surpreendendo-se com esta, tanto quanto a possibilidade de ler em silêncio do orador Ambrósio, referida anteriormente. O que chama a atenção nessa observação de Agostinho é a reflexão que Manguel faz sobre a memória, associando-a a uma técnica ou mesmo a um dom, conforme descreve a seguir:

> Lendo em silêncio ou em voz alta, esse homem era capaz de imprimir o texto (na expressão de Cícero que Agostinho gosta de citar) "nas tabuletas de cera da memória", para relembrá-lo e recitá-lo quando quisesse, na ordem que

> escolhesse, como se estivesse folheando as páginas de um livro. Ao recordar o texto, ao trazer à mente o livro que um dia teve nas mãos, esse leitor pode *tornar-se* o livro, no qual ele e outros podem ler. (p.75) **(grifo do autor)**

Ascendino aparece em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* como esse leitor transformado em livro, não só pelas frases que marcava e posteriormente copiava ou citava (muitas vezes, de cor) no *Jornal Literário*, mas também através da apreciação/julgamento de obras e autores que reuniu ao longo desse Jornal, constituindo essas formas de ler diferentes maneiras de escrever a leitura. Ora, é justamente por meio dessas cenas de leitura que Ascendino (personagem de sua própria obra) nomeava-se, citava-se, enquanto leitor crítico. De acordo com Piglia (2006, p.24), a literatura individualiza o leitor por meio da fixação dessas cenas de leitura, nomeando-o, quando normalmente o leitor tende a ser anônimo e invisível. Paralelamente à figura do leitor crítico, quando "o nome associado à leitura remete à citação, à tradução, à cópia, às diferentes maneiras de escrever uma leitura, de tornar visível que se leu", tem-se reveladas as situações de leitura com suas características de propriedade e formas de apropriação.

A apropriação das leituras que Ascendino fazia, registradas em *Sementes no Espaço* (1938-1988) *I* e *II*, apontava quase sempre para a construção de reflexões em torno de temas como o medo, a mentira, a coragem, a velhice, a morte, o tempo, a literatura, a própria condição íntima, entre outros assuntos que habitavam a mente do escritor. A citação de um verso de Augusto dos Anjos, extraído do soneto "A árvore da serra", é um exemplo disso, pois Ascendino imprimiu-lhe um sentido, tomou a citação para si, ao relacionar essa referência à representação de sua própria imagem:

> "ESTA árvore, meu pai, possui minh'alma" (Augusto dos Anjos).
> Ai de mim que estou em todas as árvores e todos os bosques: uma forma de ter mil almas e mil possibilidades de rolar no fundo do abismo.
> Na verdade, a dor está no meu tronco. (LEITE, 1989, p.180)

Ao deslocar o verso de Augusto dos Anjos para outro contexto – o do *Jornal Literário*, instituindo outro modo de leitura, diferente do poema, cuja estrutura fundamenta-se numa sequência dialogal entre pai e filho, a produção de sentido apresenta-se como uma relação móvel, dependente da competência específica do leitor e das variações do próprio texto, como a passagem – da citação – de um gênero para outro (poema – *Jornal Literário*) e da modalidade da sua leitura (silenciosa e letrada, no caso de Ascendino), conduzindo à instauração de uma nova significação (CHARTIER, 1990).

A maneira como os discursos afetam o leitor é revelada neste outro fragmento de *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, em que Ascendino fez uso de uma citação de Julien

Green como base para a criação de um aforismo próprio sobre o tema da simplicidade na escrita, reproduzindo, a bem dizer, uma espécie de diálogo imaginário com seu "par", ou buscando igualar-se a este, talvez, até, superá-lo na citação:

> [...] Sobre a arte do verdadeiro escritor, Julien Green tinha esta definição, que cito de memória:
> – "Escrever é escolher, expurgando o que é inútil, o que soa muito bem".
> Arte, não artifício.
> Acrescento, de minha parte, esta singela reflexão repetitiva, no fim do fragmento:
> – O difícil num escritor não é chegar à facilidade. É ser simples por natureza. (LEITE, 1989, p. 375-376)

O fato é que Ascendino Leite vivia do interesse e da necessidade de ler, como ele próprio afirmou em seu *Jornal Literário*, constituindo-se um leitor disperso e adepto do movimento cíclico da leitura, que se repete num certo ritmo, gozando da liberdade no uso dos textos, semelhante ao leitor inventado por Borges, que Piglia (2006, p.26) definiu como:

> [..] alguém perdido numa biblioteca, alguém que passa de um livro a outro, que lê uma série de livros e não um livro isolado. Um leitor disperso na fluidez e no rastreamento e que tem todos os volumes a sua disposição. Vai atrás de nomes, fontes, alusões; passa de uma citação para outra, de uma referência para outra.

A imagem concentrada de Ascendino lendo muito à noite causava preocupação a uma antiga empregada doméstica que esteve com o escritor durante dez anos. Ao observar esse outro do leitor, i.e., aquele que olha quem lê, constrói-se uma outra forma de representação da leitura, fixada na prática de um exercício solitário e sem controle, prática que, segundo Chartier (2007), se apresentava no século XVIII, conduzindo ao estímulo exagerado da imaginação, à recusa da realidade em favor da quimera, e oferecendo, como se imaginava na época, perigo para a saúde, pois o esforço continuado de intelecção de um texto poderia acarretar males relacionados aos olhos, ao cérebro, aos nervos, ao estômago, como salientou Tissot (apud ABREU, 1999). Não seria demais imaginar que pelo menos um desses efeitos físicos da leitura tenha justificado a preocupação da empregada de Ascendino em relação ao apego que esse escritor tinha pela leitura. Considerando as palavras de Piglia (2006) sobre as representações extremas da presença do leitor na literatura, estaríamos, talvez, diante de um "leitor puro", que não conseguia deixar de ler e estava sempre desperto, concebendo a leitura como uma forma de vida.

3.1.2 Tipologia de obras e autores: do *Jornal Literário* à biblioteca pessoal

Além dos espaços de leitura e das maneiras de ler, a investigação em torno do perfil do leitor Ascendino Leite também esteve vinculada ao acervo de obras e autores referidos ao longo da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, permitindo observar a esfera literária (Bakhtin, 1992), com seus respectivos gêneros, obras e autores (APÊNDICE B – Quadro 1 e Quadro 2), que dominaram o universo de leitura desse escritor, somando-se a isso algumas variações encontradas na catalogação de livros de parte do acervo de sua biblioteca localizada na Fundação Casa de José Américo, na Paraíba. Em relação a esse aspecto, vale lembrar o que afirma Darnton (1990, p.152), que o catálogo de uma biblioteca particular pode apresentar o perfil de um leitor, ainda que a posse de livros não implique necessariamente sua leitura e que esta muitas vezes se realize com livros que nunca compraremos, porque podem ser tomados de empréstimo. Assim, o estudo das bibliotecas particulares favorece, como declara o autor, a oportunidade de unir "*o quê" com o "quem" da leitura*.

Considerando as influências e motivações que recebeu Ascendino Leite para a leitura, oriundas inicialmente da formação familiar (do pai particularmente, que possuía biblioteca no sertão), passando por outros pontos de apoio, como o Padre Mathias Freire, amizade construída na época dos estudos no Liceu Paraibano, e que nutriu a vocação literária do Ascendino (ver capítulo 1), até a participação nas redes de sociabilidade no Rio de Janeiro (ver capítulo 2), pode-se afirmar que esse escritor não só intensificou seu perfil de autodidata como se transformou em um leitor de formação intelectual e clássica. De modo que suas práticas de leitura identificavam-se com as manifestações da cultura letrada do lugar e da época em que viveu – o Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, demonstrando, porém, esse leitor certas reservas em relação a alguns autores consagrados (o caso de Euclides da Cunha), regozijando-se, por outro lado, com os talentos jovens e com os autores desconhecidos (ou não reconhecidos pela crítica da época), como se verá mais adiante.

O fato é que Ascendino constituiu-se um leitor instruído, lendo tanto intensivamente quanto extensivamente obras nacionais e estrangeiras pertencentes a diferentes gêneros, segundo o panorama cultural, os interesses pessoais e de sua época, perspectiva que toma por base a "revolução da leitura" que ocorreu no final do século XVIII. O que se denominou de "revolução da leitura" refere-se à dicotomia apresentada pelo historiador Rolf Engelsing, ao propor, num determinado momento da história europeia, um modelo de leitura intensiva (quando se tinha um corpo limitado de textos, lido inúmeras vezes, geralmente em voz alta e em grupos, memorizado e recitado) e, noutro momento, a leitura extensiva, que evolui em

termos quantitativos, quando se passa a consumir mais impressos com avidez e rapidez. (CHARTIER, 2007).

Segundo Darnton (1990, p.155), a leitura não evoluiu apenas extensivamente, i.e., do ponto de vista da variedade de impressos, não se apresentando, com isso, menos intensa, razão pela qual, para esse autor, não caberia dizer que houve uma "revolução da leitura":

> Ela [a leitura] assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em épocas diversas. As pessoas liam para salvar suas almas, refinar suas maneiras, consertar suas máquinas, seduzir os namorados, informar-se sobre as atualidades e simplesmente para se entreter.

De acordo com Chartier (2007, p.267), são as mudanças na produção impressa e nas condições de acesso ao livro que permitem e impõem a mobilização de múltiplas maneiras de ler e,

> Para os leitores mais instruídos, as possibilidades de leitura parecem expandir-se, propondo práticas diferenciadas segundo os tempos, lugares e gêneros. Cada leitor é, assim, sucessivamente, um leitor "intensivo" e "extensivo", absorto ou desenvolto, estudioso ou distraído.

Coube a Ascendino ser esse leitor, tradicional e ao mesmo tempo moderno, às vezes submetido à autoridade do texto, outras vezes (as mais das vezes, a bem dizer) de olhar distanciado e crítico. Ou seja: tratava-se de um leitor que valorizava tanto a leitura oral (incluindo aí a memorização e cópia de fragmentos), como se observa no fragmento a seguir, extraído de *Sementes no espaço I* (1988), em que, depois de tecer algumas considerações a respeito de um livro de Ernest Legouvé (provavelmente *L'Art de la lecture*), sobre a parte técnica da arte da leitura, queixa-se da ausência dos círculos de leitura e critica o esvaziamento da oratória acadêmica, justamente ele, que era tão afeito à audição e à produção de discursos, por ocasião de ter sido membro da Academia Paraibana de Letras e estabelecido contato com os discursos de acadêmicos da Academia Brasileira de Letras:

> [...] Não temos círculos de leitura. As famílias não mais se reúnem para ouvir o seu leitor privado, como antigamente.
>
> A não ser que se considerem como tais os cursilhos sócio-religiosos nas nossas comunidades eclesiais de base, ninguém lembra a importância da arte de ler, orar e perorar.
>
> Nossos mestres nesse campo serão inegavelmente os locutores de rádio e os apresentadores de televisão – os Roberto d'Ávila, os Sérgios Chapelin, os Cid Moreira, os F. Barbosa Lima que, no meu entender, lendo ou improvisando, impressionam.
>
> A oratória acadêmica, mais adequada como exemplo tendo em vista a arte da leitura, chegou a zero. [...] (LEITE, 1988, p.459)

Como também era partidário da leitura de diferentes livros (além da disposição para a escrita de cartas), dedicando-se algumas horas à atividade leitora, tomando notas, aplicando-lhes uma expressão analítica, reflexiva, em conformidade com seus interesses e com a cena da época: "[...] Há registros aí atrás, na extensão destes cadernos, que me projetam numa clara disposição para a correspondência com os amigos, escrevendo ao correr da pena cartas e mais cartas. E lendo intensamente livros e mais livros. [...]". (LEITE, 1989, p.268).

A leitura dos dois volumes da antologia *Sementes no Espaço*: fragmentos de um Jornal Literário permite catalogar mais de duzentos e cinquenta títulos (APÊNDICE B – Quadro 1 e Quadro 2), a partir de um referencial de obras citadas e/ou comentadas ao longo dessa antologia, relacionado preferencialmente à esfera literária, intercalando-se com alguns livros da Bíblia, concernentes à esfera religiosa cristã. As obras incluem-se entre os mais diferentes gêneros escritos por autores brasileiros e estrangeiros: textos teatrais, romances (o epistolar, inclusive), relatos, pensamentos, poemas, contos, ensaios, diários, memórias, autobiografias, biografias, sátiras, críticas, discursos. Nota-se, curiosamente, que dentre essa relação estão, além dos livros lidos (incluindo os preferidos e os que caíram no esquecimento dos leitores de sua época), aqueles que não foram lidos integralmente, ou sequer abertos, ou porque o leitor Ascendino não os conheceu, ou porque apenas os folheou, ou porque deles apenas ouviu falar, e, ainda assim, sentiu-se capaz de comentá-los. Segundo considerou Bayard (2007, p.29), essa particularidade da não-leitura remete ao número de livros existentes, em que há necessariamente uma escolha a ser feita entre a visão de conjunto e cada livro separadamente, prevalecendo a ideia de totalidade, segundo a qual sugere-se que

> a verdadeira cultura deve tender à total abrangência, não devendo se reduzir à acumulação de conhecimentos pontuais. E a busca dessa totalidade conduz, por outro lado, a que se dirija um olhar diferente sobre cada livro, ultrapassando sua individualidade para se interessar pelas relações que ele mantém com os outros.

Portanto, não ler um livro inteiro, ou nem sequer conhecê-lo, não inviabiliza o fato de ser leitor ou de expressar uma opinião a respeito desse objeto, já que é o domínio da *biblioteca coletiva*, expressão cunhada por Bayard para designar que a maioria das "trocas sobre um livro não diz respeito a ele, apesar das aparências, mas a um conjunto muito mais amplo, que é o de todos os livros determinantes sobre os quais repousa uma certa cultura em um momento dado" (p.32), que está em funcionamento nos discursos acerca de livros.

Dentre os livros lidos e tomados como importantes para o leitor Ascendino, destacaram-se *Germinal* (1885), de Émile Zola, e *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco, sobre os quais fez o seguinte registro em seu *Jornal Literário*:

> Dei-me conta de mim no tempo em que li o *Germinal*. Na verdade, nasci no momento em que acabei a leitura desse livro.
>
> E espero não morrer sem ler mais uma vez – a quinta ou a sexta – o *Minha Formação*, de Nabuco. (LEITE, 1988, p.494)

Ascendino considerou *Germinal* (1885) como uma armadilha, na qual afirmou ter caído de corpo inteiro, pois projetara em sua mente o fogo das revoltas sociais, embora *A metamorfose* (1915), de Kafka, "o tenha excedido na gravidade da criação psicológica". No domínio das memórias, além de *Minha formação* (1900), que avaliou como sendo esplêndido no estilo e no modelo de índole, outros livros do gênero chamaram sua atenção, como *As amargas, não* (1954), de Álvaro Moreyra, cuja sensibilidade e talento Ascendino exaltou em seu *Jornal Literário*:

> [...] Álvaro não foi um diurnalista; porém, tinha tudo para o ser. Era um observador minucioso.
>
> Muita sensibilidade. Muito talento. Muito ao natural, falando, dizendo coisas, todos os dias. Um cronista fino e espiritual. E que frase.
>
> Corria tudo no estilo telegráfico. Mas com que força!
>
> Se não redigiu um diário, deixou-nos mais que um equivalente: um dos livros mais belos de nossa literatura de intimidades, obra-prima, esse *As Amargas, não*...
>
> Já o li por mais de uma vez. Todo. De ponta a ponta. Com um prazer de coisa nova que, por bela, corre sempre do sediço.
>
> Álvaro escrevia limpando o céu. O que chegava ao chão era como rutilâncias de estrelas.
>
> Então, por que o esquecem? Por que não o reeditam? (LEITE, 1989, p.8.)

A menina do sobrado (1994), do romancista mineiro Cyro dos Anjos, é outro livro de memórias a que Ascendino fez referência em seu *Jornal Literário* e, mais uma vez, para dedicar-se à análise do estilo, a um olhar sobre a construção da prosa desse autor por ele mesmo:

> [...] Li muito, ultimamente.
>
> Uma boa parte nas memórias de Cyro dos Anjos, que tenho comigo, no volume *A menina do sobrado*, com ofertório do autor, datado do natal de 1981.
>
> Reencontro nele o belo *Explorações no tempo*, revisto e adaptado às novas exigências de gosto do escritor, no prosseguimento de sua memorialística.
>
> A prosa de Cyro, como sempre, excelente. Recupera o passado sem envelhecê-lo. Antes, conferindo-lhe a novidade da vida atual, consagrada no estilo e no clima do depoimento.
>
> O singular nesse mineiro é que ele escreve como se não fosse o autor de seus textos mas como seu leitor crítico: está sempre diante da própria frase em atitude de quem censura o que acabou de escrever.
>
> Se lhe suspeita (na frase) alguma dissonância, entra em pânico. Ele retoca. A frase experimenta efeitos de tal disciplina, no ritmo e n poder argumentativo. [...]. (LEITE, 1988, p.481)

Sobre o *Memorial de Ayres* (1944), de Machado de Assis, outra referência no *Jornal Literário* de Ascendino, registrada em *Sementes no espaço* II (na verdade, quatro referências em páginas seguidas), o escritor se mostrava incisivo em relação ao autor e à obra, notadamente em uma conversa registrada com o amigo Permínio:

> AINDA o *Memorial de Ayres*, relendo-o ao acaso, saltando páginas, por atração de fragmentos. Como quem remexe uma lixeira: o pequeno monturo em que o romancista atira as cinzas das pobres almas que visionou nesse melancólico panteão.
>
> O curioso é que me alcance, com isso, um certo prazer malévolo. Comento o caso com o caro Permínio, com quem, mais de uma vez, converso pelo telefone.
>
> Machado, para ele, um deus. Ninguém o suplanta na arte de ver por dentro o homem e a sociedade que conheceu; muito menos no estilo com que os analisou e descreveu. Vai nisso muito do que penso e sinto sobre o Machado.
>
> Grande ele o é ainda, sobretudo ajudado pelas medíocres projeções literárias com que nos defrontamos atualmente.
>
> Digo para Permínio:
>
> – Enorme, particularmente à vista das medidas do seu tempo. O maior, até hoje, como visionista das almas. Porém nunca um criador de mundos, como Balzac e Sthendal, estes com uma fabulosa população de tipos e caracteres, coletiva e individualmente, uma súmula da humanidade. Machado lidando com modestos quadros existenciais, alminhas sem relevo, modestos figurantes duma sociedade talvez mais modesta do que as suas partes.
>
> Esse homem, portanto, não me entusiasma, não me cria amor, não me gera paixão. Simplesmente se faz admirável, o que é diferente em termos de gosto, de prazer, de emoção. Diante de mim um monumento. É certamente impressionante, nas suas linhas e nos seus penduricalhos, mas não posso trazê-lo para dentro de minha casa e entronizá-lo.
>
> Machado nunca me fez chorar.
>
> Alencar, sim. No *Tronco do Ipê*.
>
> Mas eu sou um leitor romântico. (LEITE, 1989, p.320-321)

Nesse fragmento, Ascendino, ao tratar do autor do *Memorial de Ayres*, examina-o a partir da imagem que fora construída em torno de sua "sacralização", inclusive pelo amigo Permínio ("Machado, para ele, um deus"), o que parece se estender, também, como uma crítica ao processo de "canonização" de outros escritores de sua época, cujas obras passavam pelo crivo de um seleto grupo da Literatura, a julgar pelo que afirmou sobre Machado: "[...] sobretudo ajudado pelas medíocres projeções literárias com que nos defrontamos atualmente". Embora tenha admitido o valor da prosa do acadêmico, pelo fato de ter sido "o maior, até hoje, como visionista das almas", Ascendino não perde o tom mordaz do comentário, ao repelir o processo de criação de mundos de Machado em relação ao de outros escritores – franceses – vale salientar. Ao final do texto, focaliza a predisposição para a emoção que gera a leitura de uma obra de José de Alencar, ao contrário do que ocorre com Machado, postura a respeito da qual, em tom de humor fino, mas com leve ironia, declara: "Mas eu sou um leitor romântico".

Segundo Figueiredo (2013), muitos livros de memórias produzidos por escritores foram publicados tanto na França como no Brasil no século XX, o que, certamente, despertou o interesse do leitor Ascendino pelo gênero. A certa altura de *Sementes no espaço II* (1989, p.356), o escritor fez o registro de duas obras que, segundo ele, estariam no melhor da nossa memorialística, são elas: *Minha vida diplomática*: coisas vistas e ouvidas (1972), de Heitor Lyra, e *Chão da vida*: memórias (1985), de Jayme de Barros, "para citar apenas as que, com maior prazer, coube-me ler ultimamente", acrescentou Ascendino. São livros que remetem respectivamente às memórias sociais, voltadas para depoimentos exclusivamente políticos e históricos, porque "mais do que a função literária, a memória opera também como função social, uma vez que dá a seus leitores uma paisagem.". (LACERDA, 2003).

O nariz do morto (1970) e *O livro de Antônio* (1974), ambos de Antônio Carlos Villaça, e pertencentes ao domínio das memórias, constituíram outras leituras que marcaram o leitor Ascendino. Mesclando vários temas – inquietações religiosas e estéticas em meio à construção de perfis de personalidades (literárias, políticas e eclesiásticas), caso de *O nariz do morto*(1970); ou, n'*O livro de Antônio* (1974), o encontro de Villaça com o filósofo francês Jacques Maritain, dentre outros acontecimentos, esses livros revelavam o gosto de Ascendino pelo gênero, mas, principalmente, oportunizavam o exercício do leitor crítico diante da expressão literária. É o que demonstra a anotação deste registro, feita no seu *Jornal Literário*, sobre *O livro de Antônio*, no exato momento em que o tomava para leitura:

> DESPERTO pela madrugada. Tomo *O Livro de Antônio*, vou lendo: parecia tudo determinado para ser assim, como um envolvimento.
>
> Da base para o espírito. Deste para o coração.
>
> Milagre das palavras? Ou do conhecimento admirável que o autor, Antônio Carlos Villaça, possui dos alcances da expressão literária, seus alvos certos, seletos, seguros?
>
> Ambas as hipóteses, e o texto a projetar o belíssimo espetáculo da comunicação pela crítica. [...] (LEITE, 1988, p.299)

Saindo desse núcleo temático de memórias e partindo para as memórias de infância, que surgem no Brasil na década de 40, e constituem, segundo Zagury (1982), um dos sustentáculos da prosa lírica brasileira, tem-se o *eu* em primeiro plano, levando o leitor Ascendino ao encontro com o indivíduo que se volta de preferência para si mesmo, sem se furtar do testemunho da experiência com o mundo circundante. É o caso da sugestão de leitura do livro *A casa do meu avô* (1976), de Carlos Lacerda, que Ascendino indica ao leitor do seu *Jornal Literário*, mostrando-se honrado pelo fato do autor, considerado uma "celebridade", ter lhe ofertado esse livro:

> AMIGO, leste por acaso este *A casa do meu avô*, do Carlos Lacerda, o grande polemista?

> Eu, que não leio por acaso, que faço da leitura um ato de vida, já o li por duas vezes.
> Estou agora na terceira, na bela edição que ele me mandou no lançamento, com este ofertório singular:
> – "A A. L., seu amigo fiel (a) Carlos Lacerda".
> Quando o amigo é grande, uma celebridade; quando o cercam as admirações de um país todo; e o de cá não tem tamanho, por modesto e insignificante, a fidelidade deixa de ser uma virtude.
> É uma concessão que honra o amigo menor e exalta o seu agente com nobreza.
> Então, leitor amigo, se acaso ainda não leste aquele livro, vai depressa, corre.
> Abre a cortina e tira de lá, para teu gozo, a grande arte de escrever, caindo n'alma. (LEITE, 1989, p.31)

Ao comentar sobre o livro que lhe dedicou o então governador do Estado da Guanabara (Carlos Lacerda), de quem fora amigo, Ascendino colocava-se na condição de indivíduo inferior, insignificante, que não desfrutava do mesmo prestígio que o amigo e político, enxergando o gesto do ofertório como algo que ultrapassa os limites da amizade, definida enquanto virtude, para se revestir de honradez para com o amigo considerado "menor", a propagar a excelência daquele. Como se assim também quisesse que o leitor se sentisse: "Então, leitor amigo, se acaso ainda não leste aquele livro, vai depressa, corre". Neste fragmento, o convite do leitor e do crítico Ascendino para a leitura se dá, mais uma vez, em função da escrita literária: "Abre a cortina e tira de lá, para teu gozo, a grande arte de escrever, caindo n'alma.".

Chama a atenção o fato de na antologia *Sementes no Espaço* não figurar o livro de memórias de Pedro Nava, *Baú dos ossos*, editado em 1970, apesar de Ascendino ter demonstrado uma admiração pelo estilo de Nava, expressa em seu Jornal. Escritor memorialista por excelência e estimado pela crítica brasileira, Pedro Nava recupera, nesse livro, a genealogia dos seus antepassados e os primeiros anos de sua infância, abrindo com essa obra e *Balão cativo* (1973) o percurso de suas memórias. Sua morte por suicídio talvez explique o silêncio que Ascendino conferiu ao livro do memorialista, porque, sendo católico, desaprovava a prática suicida. No fragmento a seguir, em que comenta sobre a morte de Pedro Nava, Ascendino concebe o ato cometido pelo memorialista como uma desfeita:

> MORTE, por suicídio, de Pedro Nava.
> Nada indicava que algo o oprimisse, a não ser a própria carga da velhice: em julho completaria oitenta e oito anos.
> Estupor: deu um tiro na têmpora direita. Um só. Rapidíssimo, mortal.
> Acho que foi um momento de sintonia entre sua lógica descrente e sua incapacidade de viver sem crença.
> Fechou-se o círculo fatal: matou-se como quem encerra uma história banal.
> Morreu ao pé de uma árvore, a alguns passos de sua residência na Glória, por volta de meia noite, sob um tempo ligeiramente cálido e úmido.

> Muitos lamentos por aí.
> Quanto a mim, um pouco de amargura irada. Na verdade, apenas sei que me ofendeu. (LEITE, 1989, p.166)

A mesma impressão demonstrou ter em relação a Raul Pompeia (outro suicida), registrada na antologia *Sementes no espaço* II (1989), ao afirmar, arrependido, que nunca leu *O Ateneu* (1888), tendo iniciado a leitura dessa obra só naquele momento, em que "o autor e suas fórmulas de arte" já não estavam mais em vigor. Como justificativa, acrescentou: "No fundo, porém, acho que foi o suicídio do seu autor que me indispôs com o seu romance e até mesmo com as suas letras./ Os suicidas nunca me fascinaram." (LEITE, 1989, p.363). Trata-se de uma atitude reveladora de um padrão moral relativo à reprovação de uma prática que desestabiliza convenções religiosas, sociais e culturais em que se pautam os indivíduos. Conforme definem Wadi e Souza (2009, p.93-94),

> O suicídio – ato pelo qual o indivíduo provoca a própria morte, de forma consciente, deliberada e intencional – é um fenômeno universal e atemporal, registrado em lugares e tempos diversos, praticado por indivíduos de diferentes etnias, gêneros, classes, gerações, religiões etc., ou mesmo por grupos inteiros. *É julgado, interpretado, ora compreendido, ora não. Relacionado com a morte – única e inexorável certeza da vida humana –, é marcado por tabus diversos*. **(grifo meu)**

Na linha da escrita autobiográfica, os diários representaram outra fonte de leitura para Ascendino Leite (APÊNDICE B – Quadro 1) e para a construção do seu *Jornal Literário*, especialmente os dos escritores estrangeiros, por cujos idiomas (italiano, inglês, italiano, espanhol) tinha uma predileção, na verdade, gostava de ouvi-los em pessoas com as quais afirmava ter encontrado ao longo da vida. Quanto ao francês, considerava uma língua admirável e demonstrava ter domínio da leitura desse idioma: "À exceção do francês, que leio muito melhor do que falo, os demais integram uma escala particular na minha sensibilidade auditiva". (LEITE, 1988, p.280).

Certamente esse conhecimento contribuiu para a atitude leitora de Ascendino em relação às obras francesas, particularmente, aos diários íntimos, a exemplo do *journal* de André Gide, que, em 1939, publica em vida, abrindo caminho para a nova postura como gênero no início do século XX (FIGUEIREDO, 2013). De acordo com Martins (1995, p.483), existia um fascínio dos intelectuais brasileiros sobre a figura de Gide e de sua obra, de modo que, "ao tempo em que se lia André Gide, lia-se o *journal* por causa de André Gide; numa segunda fase, muitos começaram a ler André Gide por causa do *Journal*". Ascendino costumava colher do diário desse escritor frases, citações, conceitos do ofício literário,

opiniões sobre temas quase sempre ligados à literatura. Por vezes, registrava fatos pitorescos, como esta nota sobre o cão de Gide:

> TOBY, o cão de Gide. Morto, mereceu-lhe uma página pouco amena. Está no diário.
> No entanto, durante anos, esse Toby ocupou largo espaço no lado afetivo e no instinto de observador de Gide.
> Era um cão misógino. Tinha horror às cadelas. Particularmente, a que fora presenteada a Gide por Jacques Coupeau, exatamente para o esperado acasalamento.
> Certo é que se excitava freneticamente só com a sua aproximação. Ficava nisso.
> Em se tratando dos conhecidos hábitos do dono, também misógino, é bem possível que o velho cão apenas o imitasse. (LEITE, 1989, p.143)

Abeberava-se também da leitura de outros diários íntimos na linhagem dos autores estrangeiros, como o dos irmãos Goncourt, o de Henri-Fréderic Amiel, Julien Green, Jules Renard, Paul Léautaud e o das escritoras Anais Nin, Elisabeth Leseur, para citar alguns, nutrindo-se da mesma busca de reflexões filosóficas, conceitos ligados à arte, citações, ou para apreciar a linguagem do artista, no que ela tem de aliciante.

Neste fragmento sobre o *Diário íntimo* de Amiel, cujo início regular inicia-se com o fim do ano de 1847, com o escritor contando, então, 26 anos, Ascendino revelava-se atento ao pensamento e, sobretudo, à simplicidade da forma com que o escritor francês expressava suas ideias:

> AMIEL, sempre. *Diário íntimo*.
> Eu levaria uma vida inteira a correr-lhe o veio sentencioso, o caminho do pensamento consciente, das conclusões entendidas e subentendidas.
> Tudo parece tão simples, tão elementar, como as necessidades. Bastar-me-ia para o que quero, consideradas essas lições nos estritos limites de um julgamento pessoal.
> Mas toda a potencialidade do pensamento de Amiel projeta-se na sua simplicidade. E, aí, sua universalidade, a força com que nos atrai, indistintamente.
> Ninguém mais coerente com o que enunciava:
> – O grande artista é um simplificador. (LEITE, 1988, p.199-200)

Essa anotação como que dialoga com esta entrada do dia 9 de setembro de 1850 do *Diário íntimo* (1947, p.26) de Amiel, em que o diarista defende, com avidez, a imagem que tinha de si próprio, de crítico, de pensador, buscando compreender todos os pontos de vista, tudo o que é universal e não particular. Percebe-se uma defesa apaixonada da capacidade de domínio do pensamento, da compreensão de tudo, o que conduz ao bem-estar individual do diarista, que procurava se apoiar em um estilo simples para comunicar o pensamento:

> *9 de setembro de 1850*. – Minha força é sobretudo crítica: quero ter a consciência de tudo, a inteligência de tudo. O que há de mais notável, em minha maneira de ser, é a elasticidade, a educabilidade, a força de

> assimilação e de penetração. Meu bem-estar, – e hoje o reencontrei – é sentir viver, em mim, o universo, ver em todos os progressos da ciência e das artes progressos pessoais, sentir todos os talentos, os gênios, todos os homens como meus mandatários, meus órgãos, minhas funções, viver da vida universal, e consequentemente esquecer-me a mim próprio. Sou objetivo e não subjetivo, sou mais contemplativo do que ambicioso; a finalidade para mim é compreender, e produzir é somente um caminho para melhor compreender. Sou mais consciência que vontade. Meu verdadeiro nome é pensador. [...].

Certamente por apropriação ou por influência da leitura do diário íntimo desse escritor, Ascendino construiu, em outro fragmento mais adiante de *Sementes no espaço* I (1988), uma definição própria do que acreditava ser o estilo literário, almejando alcançar tal ideia em seus escritos íntimos e lançar a reflexão para os literatos da época em que viveu:

> ESTILO não é apenas arte, trabalho, consciência. É sobretudo sentimento, fluência, instinto, espontaneidade.
>
> O verdadeiro estilo supõe uma certa imunidade às ortodoxias formais, à sofisticação e ao perfeccionismo.
>
> Não raro, são os exageros o caminho mais fácil da banalidade. (LEITE, 1988, p.228)

Embora a preferência leitora de Ascendino tenha se voltado para os diários íntimos de escritores estrangeiros, notadamente os franceses, a escrita diarista de alguns brasileiros chamou a sua atenção, principalmente se atentarmos para o fato de que, a partir dos anos 1960, houve um crescimento na publicação de diários no Brasil, particularmente os de autoria feminina, época também do lançamento do livro *Durações* (1963), uma experiência de "diário" daquele escritor. Entre as publicações femininas desse período encontram-se o *Diário de Cecília de Assis Brasil* (1983), o *Diário de uma garota*, de Maria Julieta Drummond de Andrade (1980), o *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado (que ganhou duas publicações, a primeira em 1966 e a segunda em 1979) e *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus (LACERDA, 2003), para citar apenas alguns exemplos.

Convém lembrar que, desde o século XIX, a prática da escrita diarista fez parte do cotidiano das moças, os diários representavam mais uma prática social do que um gênero de escrita, apresentando-se como "obras de moças, como os seus bordados, os seus cadernos de estudos" (LEJEUNE, apud CUNHA, 2000, p.160). Essa prática era estimulada pelas famílias, confessores e educadores, com vistas à educação de sentimentos, conforme assinala Vincent-Buffault (1996). O diário *Minha vida de menina* (1998), de Helena Morley (pseudônimo da escritora mineira Alice Dayrell Caldeira Brant), publicado pela primeira vez em 1942, foi produzido sob esse contexto e, embora não apareça entre as referências de leitura que constam na antologia *Sementes no espaço*, é mencionado como objeto de leitura de Ascendino no

Jornal Literário As durações – Passado Indefinido, Os dias duvidosos, O lucro de Deus (LEITE,1966, p. 41):

> [...] – Chego, no meio da noite, ao fim desse delicioso *Minha vida de menina*, de Helena Morley (pseudônimo?). É o primeiro livro brasileiro, em forma de "diário", que me vem aos olhos.
>
> Direi, sem querer diminuí-lo, que se narram aqui as prendas do lar. Mas, com que justeza observadora e fina perspicácia ela as anota! Certifico-me, porém, de que a autora tem ascendentes ingleses; já é uma explicação, se temos em vista a literatura confessional.
>
> Arte e engenho, todavia, são virtudes espirituais: exprimem-se sem condições.

Note-se, aqui, que a apreciação do livro-diário, *Minha vida de menina* (1998), por Ascendino se apresenta através da observação do olhar vivo e inteligente da mocinha Helena, que, no diário, narra sua vida em Diamantina, combinando com a arte ou o talento com que o livro foi escrito. A referência à descendência inglesa de Helena torna-se interessante para o leitor Ascendino no que o idioma inglês representava para ele: "uma língua de poetas", em que se deve observar "a reflexão espirituosa", como afirmou, respectivamente, em fragmentos de *Sementes no Espaço* (1938-1988), nos volumes I (1988, p.280) e II (1989, p.44).

No caso dos diários íntimos escritos por intelectuais brasileiros, observa-se, em *Sementes no Espaço*, uma atenção para o diário de Lúcio Cardoso, Nilo Pereira e, em especial, para o diário de Jorge de Lima. Do diário dos dois primeiros escritores, Ascendino dedicou-se a recolher frases para registar e comentar em seu *Jornal Literário*, como esta, de Nilo Pereira: "Eu fico só com a minha lembrança que é u'a memória sem data". Em relação ao diário de Jorge de Lima, com quem teve uma amizade de mais de dez anos, Ascendino chegou a escrever um diário de leitura (tema de que tratarei mais adiante), destacando a "emoção fortíssima" que sentiu com a leitura do texto.

Autobiografias e biografias também fizeram parte das escolhas de leitura de Ascendino Leite e foram registradas em seu *Jornal Literário*. Na linha da autobiografia, estão principalmente as *Confissões*, as duas, a de Santo Agostinho e a de Rousseau; já no gênero da biografia, há uma referência especial à biografia de Lima Barreto, escrita por Francisco de Assis Barbosa, cujo estilo foi exaltado por Ascendino:

> [...] Chego à noite, ansioso de leituras, de belos textos. Vou à biografia de Lima Barreto, escrita por Francisco de Assis Barbosa.
>
> Prosador admirável, ele cria um mundo de frases: é a arte do dizer com parcimônia. E cerca de beleza um monumento literário, que é o seu biografado. Sai da mágica estilística de um artista que tem senso harmonioso do verbo e da linguagem. Por isso está na Academia. (LEITE, 1989, p.385)

Até aqui, o que se perfila é a imagem de um leitor que se mostrava apto para apresentar suas opiniões literárias, incorporando a imagem de um crítico, na acepção etimológica que Houaiss (2001) dá para o termo: "do gr. *kritikós* 'que julga, que avalia e decide'", embora a legitimidade de seus argumentos pudesse ser contestada, não sendo Ascendino um escritor consagrado pelo cânone, mas, por outro lado, reconhecido pelo seu papel importante no domínio do sistema literário.

Dentre algumas obras lidas, havia algumas que, segundo Ascendino, foram esquecidas no Brasil ou "de que ninguém fala mas existem", provavelmente porque não foram consagradas pelos leitores e críticos da época, o que, segundo Abreu (2006), remete a uma questão de *valor*, que tem pouca relação com os textos, mas principalmente com posições políticas e sociais. São elas: os romances de Eduardo Frieiro, dois ou três de José Vieira, o livro do mineiro Osvaldo Alves (cujo título Ascendino não menciona), o de Barreto Filho (*Sob o olhar malicioso dos trópicos*), *Bolsos vazios*, de Alyrio Wanderley, o *Cangerão*, de Emil Farath (LEITE,1988). Segundo o crítico literário Wilson Martins (1995), tais julgamentos serviriam para entender o espírito do escritor, as concepções estéticas, o estabelecimento de um padrão de gosto.

Ascendino chamou a atenção do leitor para o livro *O cabo das tormentas*, de Eduardo Frieiro, que, segundo ele, constituiu-se um verdadeiro achado, merecendo mais que um fragmento em seu *Jornal Literário*. Neste, refere-se a Frieiro como "escritor de feitio especial, merece a honra de não ser popular, – a vantagem que todos têm de não se nivelar pela vulgaridade, que é a pátria feliz da mediocridade triunfante. [...] ninguém maior que Frieiro entre os escritores vivos de Minas Gerais". (LEITE, 1988, p.416). Tem-se acima, na relação de escritores desconhecidos, mencionada por Ascendino, dois nomes de paraibanos: José de Araujo Vieira (nascido em Mamanguape), de quem registrou, em outros momentos de seu Jornal, as obras O *Bota-abaixo*, O *livro de Thilda* e *Vida e aventura de Pedro Malasartes*, e Alyrio Wanderley (nascido em Patos), autor do romance *Bolsos vazios*, "ambos, autor e obra estiolados num silêncio inexplicável". (LEITE, 1989, p.35). Além destes, o escritor cita outros livros e autores esquecidos e, segundo ele, sistematicamente ignorados: *O professor Jeremias*, de Leo Vaz, *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos e *Carta à minha filha em prantos*, de José Geraldo Vieira.

Ascendino não foi o único a refletir sobre o silêncio ou o "preconceito" (como preferiu chamar) em torno dos nomes de alguns autores e obras não legitimadas pelas instâncias culturais da época (indústria livreira, críticos literários). Atento ao que lia nos jornais, quando

alguém se propunha a comentar o fato, registrava-o em seu *Jornal Literário*, como se observa nesta nota, ao referir-se ao articulista Alfredo Mesquita:

> ALFREDO MESQUITA, num jornal de São Paulo, fala do estranho silêncio em torno do livro *Mina R.*(Roberto Mello de Souza), mal distribuído e ignorado por livreiros e críticos, desde 1973.
> Pequeno em número de páginas. Grande pelo conteúdo.
> Não o li. Mas deve ser bom.
> Ponha tudo no "talvez". Jogo na simpatia: a que me inspiram certos livros perseguidos pelo desdém, ou preconceitos semelhantes, tendo, entretanto, o essencial para uma existência em situação inversa [...]. (LEITE, 1989, p.110)

Ao trazer para o seu *Jornal Literário* autores e livros esquecidos, com o intuito de instalar o reconhecimento do mérito dessas obras e de seus autores, Ascendino também parecia se colocar nessa posição, objetivando ser visto, como esse pequeno número de escritores, de pouca ou nenhuma popularidade, um representante de fato do que acreditava ser em verdade uma literatura, ao mesmo tempo que denunciava uma situação vivida pelos autores considerados "anônimos", como ele. Com efeito, mostrava-se insatisfeito e, algumas vezes, incisivo em relação à prosa de ficção da época, registrando essa posição em seu *Jornal Literário*:

> O QUE responde pela extrema debilidade de nossa atual prosa de ficção: a quase absoluta escassez de metafísica, em favor do domínio quase total da fisiologia sensorial.
> Diante desse quadro desolante e pouco criador, romances como *A Menina Morta*, de Cornélio Pena, o *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho, e o *Crônica da Casa Assassinada*, do Lúcio Cardoso, são admiráveis monumentos de transcendência espiritual. [...] (LEITE, 1989, p.334)

A antologia *Sementes no Espaço*: *fragmentos de um Jornal Literário* (1938-1988) traz registros de algumas obras que Ascendino não leu ou que não chegou a realizar a leitura por completo, abandonando-as pela metade, como os romances *O senhor embaixador*, de Érico Veríssimo, e o *Auto da fé*, de Elias Canetti, que, ao contrário da autobiografia *A língua Absolvida: história de uma juventude*, desse mesmo autor, não lhe trouxe o menor atrativo:

> [...] De um para outro, a sensação de obras de autores diferentes – um, com muito espírito, uma grande carga de humanismo e poesia. O outro, dum patético bracejar sobre uma torrente de paradoxos em torno dos paroxismos do nosso tempo.
> Abandonei-o pela metade.
> Prosseguir seria atirar-me a uma espécie de atrocidade intelectual. Um mau exemplo, mesmo em desespero de textos de certa espessura literária.
> Sempre, neste particular, me condicionei a ser um leitor feliz. (LEITE, 1989, p. 416)

A leitura do romance *A morte de Virgílio*, de Herman Broch, apresentado sob o status de uma obra prima, foi outro livro que Ascendino deixou pela metade, devido, segundo o

próprio escritor, à prosa erudita, prolixa e arcaicamente construída, distanciada da linguagem poética do contexto ocidental:

> [...] uma perfeita sensaboria nas primeiras cem páginas, que acabo de vencer.
> Tentei-as, pela manhã.
> Entrou a noite, ataquei-as.
> Em confronto com as de outros livros, valeram-me um período de leitura bem penoso.
> Emprego maior de tempo irei ter daqui por diante se meu gosto literário resistir.
> [...]
> Vou acabar antes da morte de Virgílio. Desertarei da ação de ler antes do fim.
> O poeta, aliás, morre prolixamente. [...] (LEITE, 1989, p.49)

Vale lembrar o que diz Pennac (2008, p. 136) sobre as razões pelas quais o leitor tem o direito de não terminar um livro, particularmente quando se trata da resistência à leitura de um grande romance:

> O grande romance que nos resiste não é necessariamente mais *difícil* do que outro... Há entre ele – por grande que seja – e nós – por aptos a "compreender" que nos estimemos – uma reação química que não se opera. Um belo dia *simpatizamos* com a obra de Borges que até então nos mantinha à distância, mas continuamos toda a vida estranhos à de Musil. **(grifo do autor)**.

Ascendino confiava a si próprio o direito de não terminar um livro, caso não apreciasse o estilo literário ou não se estabelecesse o prazer da leitura (a *reação química* de que fala Pennac), vislumbrado no pacto do leitor com a obra, o que, inversamente, ocorrera com a leitura do livro *O homem que amava cavalos*, de Laury Maciel. A simpatia por essa história conduziu o escritor a escrever ao autor do livro contando-lhe sobre um carneiro que tivera quando menino, chamado Tupá, nome atribuído a um cavalo no livro de contos de Maciel.

> [...] Outro poderia ser o nome do cordeiro: "Tupã; parecido mas não adequado. Mais próprio para cães de bom porte. E assim o era nos costumes do meu sertão paraibano, há mais de meio século.
> Meu carneiro chamou-se mesmo Tupá. Extraviou-se um dia dos meus cuidados, ganhou a estrada, acabou a vida debaixo de um velho Ford, olhando para mim tragicamente.
> Esqueci-me dele até este momento. Não fora esta lembrança, é de se duvidar que até o tivesse possuído.
> Dói-me acabar a novela vendo o cavalo Tupá deitado num caminhão, morto, tal qual o descreve Laury?
> – Laury. Laury.
> – Por que te chamas Laurè? [...] (LEITE, 1989, p.140-141)

A rememoração da leitura do livro *Crianças mortas*, de Enéas Ferraz, outro autor considerado desconhecido, representou mais um exemplo de empatia entre a obra e o leitor Ascendino, induzindo-o à curiosidade pelo livro, que se instaurou não somente no plano da crítica, mas, principalmente, no domínio da emoção, como se, no momento presente, lembrasse ao escritor sua infância e a consciência de um tempo que não voltaria mais:

> ASSIM como as almas, temos leituras inesquecíveis..
> Há anos incontáveis, um *As crianças mortas*, creio que do Enéas Ferraz, tomava-me alguns instantes à curiosidade, que não era tão somente crítica, porém, antes, emotiva.
> Havia um tom pungente, exemplar, nos visionamentos delicados, sensíveis, positivos, dos pequenos seres em sua vida maior, embrenhada numa candura dolorosa.
> Já não me lembro mais.
> Quem sabe se neles não estava também a minha infância que de vez em quando rebenta nos interstícios do que sou atualmente. [...] (LEITE, 1989, p.11)

Note-se, neste fragmento, que o livro a que Ascendino fez referência – *As crianças mortas* – apresenta-se como uma leitura inesquecível, mas, ainda assim, não avivada completamente na memória do leitor Ascendino (seja em relação à autoria da obra – "creio que do Enéas Ferraz" –, seja no que diz respeito ao tom do texto: "Já não me lembro mais."). Esse movimento de esquecimento, contudo, não implica em uma não leitura, i.e., um livro esquecido (ou em parte esquecido) continua sendo um livro lido, pois, como afirma Bayard (2007, p.78),

> O fato de os livros não estarem ligados somente ao conhecimento mas também à perda de memória, até mesmo de identidade, é um elemento que deve permanecer presente em toda reflexão sobre a leitura, pois, sem isto, ela só levaria em conta o lado positivo e acumulativo da convivência com os textos. Ler não é apenas se informar, é também – e talvez sobretudo – esquecer, e, portanto, chocar-se com aquilo que em nós é esquecimento de nós.

A leitura de outros gêneros, além dos referidos acima, foi cultivada por Ascendino Leite e mereceu algum registro em seu *Jornal Literário*, como os poemas de Jorge de Lima, Cecília Meireles (seu poeta preferido), Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, para ficar entre os poetas mais estimados pelo escritor. Afirmou, em seu Jornal, que não tinha a aptidão do leitor clássico de poesia: "[...] na verdade eu não a leio. Eu *sinto* poesia. [...]" (LEITE, 1988, p.508). Sabe-se, no entanto, que, nos anos 80, enveredou pelo caminho da poesia, incentivado pela amiga e companheira de escrita Mercedes Cavalcanti, que, na época, não publicava, mas já escrevia poemas, por cuja estrutura Ascendino se interessou. A partir daí, escrevia poemas e os enviava pelos Correios para

Mercedes, sendo, posteriormente, esses textos publicados no livro *Jardim Marítimo* (1995), segundo me relatou a escritora, a quem Ascendino dedicou este poema:

> **Poeminha ambicioso**
>
> A Mercedes Cavalanti
> (na rua da casa redonda)
>
> Pena não haver em frente à tua casa
> uma praça e um banco.
>
> E em toda ela, árvores podadas
> e nada de limites.
>
> Senão eu, ao olhar o que está livre em ti,
> - o todo, que sabemos enlevado no que somos
> sans peur, silenciosos,
> sem preceder as coisas que tememos.
>
> (LEITE, Ascendino. *Poesia ou morte*. João Pessoa: Ideia, 2006, p.53)

Também o texto dramático, o relato, a novela, o pensamento, o ensaio, a crítica, a sátira, a carta, o discurso e o principal livro da esfera religiosa cristã, a Bíblia, fizeram parte do círculo de leitura de Ascendino, como aponta a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* (APÊNDICE B – Quadro 1 e Quadro 2), o que implica dizer que se estava diante de um leitor eclético, ou, pelo menos, de um indivíduo que desejava infundir esta representação, a de alguém que, como Amiel, queria ter a consciência de tudo, a inteligência de tudo, visando com isso o poder de reflexão e, por conseguinte, a compreensão. Veja-se este fragmento em que Ascendino, descrevendo uma viagem aérea que fez a Macapá, estabelece um intertexto com o livro de Gênesis, com as imagens de certos capítulos da Bíblia, visto não encontrar palavras para descrever o cenário visualizado, recorrendo, assim, à própria criação divina, sob a forma da palavra de Deus e de seu poder para elevar a compreensão humana:

> [...] Então, nossa inteligência sucumbe no reino das impossibilidades:
> a natureza, aqui, é inatingível às definições, não só na sua unidade compacta, espetacular, como nos reflexos de sua expressão sobre a nossa alma.
> Vieram-me, porém, as invocações do Gênesis, a majestade descritiva de certos capítulos da Bíblia; estes planos colossais, este mundo ciclópico, sendo as coisas criadas por Deus, só pela palavra de Deus podem altear-se ao precário instrumento de compreensão do homem. É preciso ver para crer que hajam obras primas assim ao alcance da nossa pequenez, de maneira a suprimir todas as formas de incredulidade. (LEITE, 1988, p.52-53)

Por fim, convém assinalar, nessa seara de leituras disseminada em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, alguns livros que Ascendino sequer leu, mas dos quais ouviu falar, como *Tendências filosóficas contemporâneas*, que gostaria de ter lido, do judeu e político Horácio Láfer, por quem revelou ter admiração e amizade, e *A arte de furtar e seu autor*, do acadêmico Afonso Pena Junior. Lamentava-se por não ter lido livros do dramaturgo grego Aristhofanes, o que caracterizaria, no dizer de Bayard, tanto estes quanto aqueles como livros hipotéticos, a partir do que falamos a nós mesmos sobre eles ou em diálogo com outras pessoas, com ou sem a espera do tempo da leitura.

Cruzando esse referencial de leitura, disseminado na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, com a catalogação de livros de parte do acervo da biblioteca particular de Ascendino Leite (APÊNDICE C)[70], localizada na Fundação Casa de José Américo, na Paraíba, foi possível observar algumas particularidades que revelam um outro lado do leitor que foi Ascendino. De acordo com o bibliotecário Assis que, na época do desenvolvimento desta pesquisa, realizava um trabalho de catalogação de livros da biblioteca desse escritor, chamou a sua atenção o fato de a data da maioria dos títulos listados, até aquele momento, situar-se a partir do ano de 1964 (período de instauração do regime militar no Brasil) em diante. Tomando esse viés, observou-se que, na lista concedida pelo bibliotecário, há a referência a apenas dois títulos (*Histórias grotescas: presepadas de militares e de vendedores de drogas* e *Camillo de Hollanda: médico, militar e político*) que sinalizavam o acolhimento de Ascendino pela literatura militar. Há ainda este registro: *O livro negro do Comunismo:* crimes, terror e repressão, de Stéphane Courtois e outros autores. Referências dessa natureza e certamente de outros domínios temáticos aparecerão em outros títulos ainda não catalogados pelo bibliotecário e poderão, quem sabe, lembrar a imagem construída pelo escritor mineiro Eduardo Frieiro ao atribuir a um de seus ensaios o título *O diabo na livraria do Conego*, referindo-se à biblioteca do Cônego da Sé de Mariana (COSTA, 1982). A questão é que Ascendino demonstrava mesmo ter apreço pela leitura de livros daquela área, o que não admira, tendo em vista ter ocupado o cargo de chefe de censura no governo de Carlos Lacerda (ver INTRODUÇÃO). Em *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, o escritor deixou registrado seu lado cívico, estendendo seu gosto pela leitura de livros de cunho militar:

> [...] Escrevo a Aurélio de Lyra Tavares por seu excelente livro sobre Cabrita, herói da nossa engenharia militar.
>
> Folheei-o antes de dormir; impreterivelmente, cheguei-lhe ao fim. E eram duas horas da manhã.

[70] Agradeço a gentil colaboração do bibliotecário Francisco de Assis Vilar, da Fundação Casa de José Américo, pelas informações prestadas sobre o tema desta pesquisa e por ceder esta catalogação de parte do acervo da biblioteca particular do escritor Ascendino Leite.

> Sou um ser cívico por excelência. Até para gostar de literatura militar.
> Por exemplo, vivo à espera de uma boa biografia de Caxias. Ainda está para ser escrita.
> As que existem comprometem o seu nome, distanciam-no da admiração popular, do nosso orgulho cívico. Pois em geral aparecem escritas por comandantes de companhia. [...] (LEITE, 1988, p.462)

Na catalogação dos títulos da biblioteca particular de Ascendino, há um conjunto significativo de obras que tratam da história de vida de personalidades políticas, estadistas e autores de grande projeção nos cenários paraibano, nacional e estrangeiro (APÊNDICE C), entre eles José Alkimim, João Ribeiro, João Pessoa, Augusto dos Anjos, João do Rio, Thomas Mann, Balzac, Descartes, o que justificava, em parte, o interesse do escritor pelas biografias e autobiografias, i.e., por leituras relacionadas à formação moral, tendo em vista o seu caráter de "exemplo", conceito que remete aos primórdios da narrativa biográfica, ou à chamada biografia clássica –, que incidia mais sobre o caráter político, moral ou religioso do biografado do que na singularidade da pessoa (BORGES, 2005).

Nessa linha, encontram-se, ainda, outras obras que tematizam a história e geografia de alguns estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraíba) e cidades paraibanas (Campina Grande, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia), bem como a história de algumas instituições culturais paraibanas (Academia Paraibana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano), relacionadas à formação geral do indivíduo, podendo também a leitura dessas obras ser interpretada como condição para o processo de (auto) construção do escritor ou intelectual, além de situá-lo, pelo menos a princípio, como um leitor "local". Os interesses de Ascendino por essas informações poderiam ser revertidas para a produção de seus próprios livros, a exemplo dos Jornais Literários *Sol a Sol Nordestino* (1987), *Visões do Cabo Branco* (1981) e *O Velho do Leblon ou Novo Retrato do Artista quando Velho* (1988). Incluem-se também nesse grupo títulos sobre viagens e dois dicionários temáticos: *Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba,* de Marcus Odilon, e o *Dicionário de nomes, origens e significados dos municípios brasileiros*, de Ademilson Antonio Macedo.

Já outros dicionários, que aparecem como obras de referência, relacionam-se, em sua maioria, à área de literatura, como o *Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos,* de Neto Adrião, o *Dicionário biobibliográfico de membros da Academia Brasileira de Letras*, de Mário Ribeiro Martins, e o *Dicionário literário da Paraíba*, de Idelette Muzart Fonseca dos Santos, além da Enciclopédia da Literatura Brasileira, editada pela Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, referências que demonstravam a afeição de Ascendino pelos assuntos literários. Um exemplar do *Michaelis:*

moderno dicionário da língua portuguesa e quatro volumes *do Novo Michaelis – Dicionário ilustrado* também fizeram parte da estante de sua biblioteca na Paraíba, embora tenha admitido, em *Sementes no Espaço (1938-1988) I*, objeção aos dicionários, pelo menos para orientá-lo, negando até a presença desse tipo de obra em sua prateleira de livros.

Há ainda os títulos envolvendo atas, correspondência de acadêmicos, antologia, discursos de posse, anuário, obras literárias – editados pela Academia Brasileira de Letras, que, de certo, contribuíam para a formação e atuação profissional do escritor Ascendino. Os livros de poesia (editados pela editora Ideia, presente neste acervo) ocuparam um lugar considerável em sua biblioteca na Paraíba, notadamente os de autores locais, inseridos na rede de escritores pouco conhecidos que, junto com outros, produtores de contos, crônicas, biografias estariam não apenas cumprindo a função utilitária de alimentar a rede de sociabilidade do escritor (dependendo da relação que Ascendino mantinha ou buscava manter com aqueles escritores, da forma de aquisição das obras), mas também colaborando para a sua formação como escritor. A presença, no acervo bibliográfico, de editoras oriundas do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Vitória, Fortaleza, São Luís, Brasília, Porto Alegre, etc., parece refletir o contato que Ascendino mantinha com autores e obras provenientes de vários lugares do país, movimentando sua rede de sociabilidade. Ele, que recebia numerosos livros:

> [...] Poucos os dias há no mês em que me não cheguem exemplares ofertados.
>
> Tenho o mínimo dever de conhecê-los.
>
> Em grande parte, – a não resistir a atração dos temas, à qualificação do autores, à minha própria curiosidade intelectual aberta para as surpresas da sabedoria, sem fronteiras, – manuseio-os. [...] (LEITE, 1988, p. 385)

Ascendino demonstrava ter uma admiração especial pelo estilo dos escritores mineiros (Drummond, Eduardo Frieiro, Pedro Nava, Cyro dos Anjos, Vivaldi Moreira, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, entre outros), maranhenses (Josué Montello) e cearenses (João Clímaco Bezerra, Francisco Carvalho), conforme deixou registrado na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* do seu *Jornal Literário*. Na poesia, esse interesse pode ter resultado da leitura de antologias organizadas pelo escritor piauiense Assis Brasil, constitutivas da Coleção Poesia Brasileira, relacionada ao século XX, como se observa em alguns títulos da catalogação (APÊNDICE C).

Sobre a leitura de obras pertencentes à escrita autobiográfica, o acervo conta com um pequeno número de livros de memórias sociais e alguns de cunho pessoal. *O Menino grapiuna* (1981) e *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que*

jamais escreverei (1992), de Jorge Amado, aparecem no acervo da biblioteca de Ascendino, mas não são mencionados em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, talvez porque o escritor não os tenha julgado como títulos dos mais representativos da obra daquele autor, ao contrário dos seus romances. Em *Navegação de cabotagem* (1992), livro de memórias atípico às configurações tradicionais do gênero, dada a sua escrita não linear, em forma de fragmentos, Jorge Amado rememora sua vida, refletindo, entre outros aspectos, sobre seu entusiasmo com o partido comunista e a convivência com os amigos, entre eles está Ascendino Leite, a quem dedicou estas linhas, em que perfila um retrato controverso do homem público, ao mesmo tempo em que enaltece a figura do escritor:

> [...] Se alguém merece a Academia Brasileira de Letras é Ascendino, pelos romances e mais ainda pela série de volume de seus Diários, que cobre a literatura e a vida literária brasileiras contemporâneas. Obra singular em nossas letras, tão pobres de diários e memórias.
>
> Polêmico, discutidor, brigão, Ascendino passou a vida comprando barulhos e desafetos, mas nas horas decisivas comportou-se sempre de forma correta e generosa. Assim agiu durante as perseguições de sessenta e quatro, após o golpe militar, defendendo inimigos, assumindo a liberdade de pensamento e de expressão, o oposto do que dele disseram e afirmaram. Escritor de primeira, confrade de primeiríssima.
>
> Respiro aliviado quando Luiz esclarece o engano: Ascendino não é candidato à Academia, ainda não é, espero que o seja um dia para eu que tenha o prazer de lhe dar meu voto [...]. (AMADO, 1992, p.225-226)

Alguns diários de caráter íntimo (*Diário e cartas*, de Katherine Mansfield), literário (*Os diários de Virginia Woolf*), de guerra (*Diário da guerra do Paraguai*, de José Campello d'Albuquerque Galvão) e de leituras (*Teatro alquímico: diário de leituras*, de Marco Lucchesi) figuram na lista de títulos da biblioteca, além do *journal* dos franceses Paul Claudel e Jean Cocteau, os quais reafirmam o interesse de Ascendino pela escrita diarista, propagado em seu *Jornal Literário*.

É significativa, também, neste acervo, a presença de livros sobre cartas, gênero em que Ascendino revelou-se leitor e escritor assíduo, e que serviu para animar, dar vida, a sua rede de sociabilidade, fortalecendo os laços com seus amigos e confrades, como se verá mais adiante. A esse respeito, Sucupira Filho (1968, p.16), em seu livro *A arte de escrever cartas e os meios de adquirir um bom estilo*, observa:

> Não seria demais lembrar que uma carta deve responder a uma utilidade ou, pelo menos, obedecer a u'a motivação imperiosa que nos impulsione a transmitir a pessoas de nossa eleição projetos de vida, sonhos muito íntimos, diretrizes ou conselhos, etc., ou buscar, concomitantemente, através do veículo missível igual reciprocidade de sentimentos ou de ideias. "A comunicação e a busca do tu. O **eu** e o **tu** tendem ajuntar-se na unidade do nós". **(grifo do autor)**

Entre os títulos que constam no acervo da biblioteca, relacionados ao gênero carta, há o livro de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib, *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*, e o de Elizabeth Bishop, *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, e outros que tratam da correspondência de (ou entre) escritores, como este de Francisco de Assis Barreto: *Intelectuais na encruzilhada: a correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado*, cuja leitura poderia refletir o propósito de Ascendino de não somente captar a expressão testemunhal dos autores (ações, confidências, julgamentos, impressões), como também conhecer e dominar a escritura do texto epistolar de cunho artístico.

3.1.3 Registros de leitura: notas críticas, diários de leitura, citações

Não raro as referências de leitura, mencionadas ao longo da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, estão acompanhadas de registros que Ascendino fazia sobre sua atividade leitora, sob a forma de notas críticas, diários de leitura e citações das obras lidas. As notas críticas referem-se a escritores, obras, pintores, à leitura de artigos jornalísticos, a matérias veiculadas na TV, aos próprios registros do *Jornal Literário*, a temas relacionados ao ofício literário, por vezes com característica de pequenos ensaios, já que, para estes, como afirma Soares (2007, p.66), não há um tema predominante: "vai desde a impressão causada no artista por sua própria personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas, e pode também se limitar à descrição de fatos.".

Veja-se esta nota crítica sobre os besteséleres americanos, em que Ascendino demonstra ter sido um escritor afeito à tradição literária, à noção de *Grande Literatura*, interpretada por Abreu (2006, p.39) como sendo "simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível", a literatura vista sob o critério da *literariedade* imanente aos textos, portanto, como um ato de seleção e exclusão, que separa *algumas* obras de *alguns autores* do conjunto de textos em circulação:

> QUAL o segredo dos besteséleres americanos?
> O de não integrarem a literatura. De serem apenas narrativas. De irem direto aos fatos, dando o nome real das coisas, dos personagens, – nomes de toda gente, de todas as coisas, como os conhecem o povo, os indivíduos, as pessoas de uma sociedade que se identifica com o normal dos próprios costumes.
> Quem escreve tais narrativas manipula apenas singelos aspectos do comportamento. Tudo o mais é uma reprodução do que ocorre entre grupos e indivíduos, nas suas expressões naturais.
> Sua arte.

> Ou com a ordenação expositiva da faculdade de se comunicarem com palavras – os substantivos definidores do sistema de vida e dos compromissos que os unem na usura do convívio comunitário.
>
> Transformada em livro, a narrativa mostra a aptidão da porta aberta que só tem um estilo: o de seu próprio esquadro.
>
> Faria parte da literatura por necessidade de definição – mas numa corrente de subproduto ou reprodução intelectual subsidiária.
>
> A literatura é o grande navio dos cérebros promíscuos em viagem mais ou menos imaginativa.
>
> Por isso não me causa espécie encontrar nesse barco um elenco de histórias como *E o vento levou* e o nunca assás conhecido e divulgado repositório das *Confissões de Moll Flanders*.
>
> Passageiros do mesmo navio nunca estão na mesma classe. (LEITE, 1988, p.297-298)

Nesta outra nota crítica, Ascendino refere-se a um artigo de Tristão de Athayde publicado no *Jornal do Brasil* (s.d), com o título "Remorso" (ANEXO 10)[71], ocasião em que o crítico admite o reconhecimento tardio da obra de Ascendino, motivado pela leitura do seu *Jornal Literário As Coisas Feitas* (1980):

> NESSE artigo *Remorso*, de Tristão de Athayde, que leio no *Jornal do Brasil*, tudo me impressiona.
>
> No nosso meio literário, quase sempre estreito e desigual, desejar-se a lógica e a equidade em julgamentos de valor, é uma esperança com escassas possibilidades de confirmação.
>
> Vem o mestre e, neste caso, transmite alento extraordinário a certa alma desiludida que, entretanto, não desespera quando clama, quando insiste, no seu tom e na sua arte.
>
> Apanhou-me nessa atmosfera pessoal muito menos pelo que disse do meu mundo de coisas feitas.
>
> Abalou-me, sobretudo por esse lado que de si mesmo revelou.
>
> A consciência superior, forrada de lucidez e sabedoria, ser subitamente transformada em singela emoção espiritual, causada unicamente por umas tantas reflexões dum homem comum. (LEITE, 1988, p. 400)

Nessa nota, observa-se que Ascendino, num aparente gesto de modéstia, acolhe o comentário de Tristão de Athayde valorizando a sua atitude pessoal diante das reflexões de um homem comum, sem, contudo, suplantar a autoridade que representava a opinião desse crítico na época, para alimentar ou mesmo legitimar sua imagem como autor. Ascendino trata-o como "mestre", dotado de "consciência superior, forrada de lucidez e sabedoria", capaz, portanto, de afastá-lo do confinamento a que foi lançada sua literatura, tanto que, em outro registro de seu *Jornal Literário*, admitiu: "Até aquele artigo, toda a minha literatura fora um voo cego na indiferença". (LEITE, 1989, p.116). Trata-se, entretanto, de uma frase de efeito, ou de um "instante luminoso no céu do meu anonimato", como admitiu o próprio

[71] O texto *Remorso* prefacia dois títulos do *Jornal Literário* de Ascendino Leite: *Surpresas na Partida* (1999) e *Euísmos* (1997).

Ascendino. Afinal, não apenas neste, mas em outros momentos da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* (alguns já referidos neste texto), é notória a insatisfação e, muitas vezes, um certo ressentimento decorrente da pouca visibilidade dada a sua literatura.

Os diários de leitura constituíram outra forma de registro realizada por Ascendino para refletir sobre o que lia, sendo uma das práticas de escrita constante em seu *Jornal Literário* e constitutiva da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. De acordo com Machado, Lousada & Abreu-Tardelli (2007), dentre os argumentos apontados pelos gregos para incentivar a associação da leitura à escrita de reflexões sobre o que liam estava o fato de a leitura se apresentar como uma prática indispensável para a busca no outro dos princípios orientadores das próprias ações, ao passo que a escrita estaria para a forma mais adequada de apropriação da leitura. Sobre a associação entre essas duas práticas, as autoras são enfáticas, quando concluem que

> a escrita sobre a leitura permitiria a "*digestão*", a incorporação no sujeito – de forma unificada e transformada – daquilo que fora lido, constituindo-se, dessa forma, em um princípio de ação racional. O jogo entre as diferentes leituras escolhidas e a escrita permitiria a formação da própria identidade, na qual as diversas vozes que a constituíram poderiam encontrar uma certa unidade. (p.115).

Essa referência é importante na medida em que ela estabelece uma relação com o objetivo dos diários de leitura, que é o de estabelecerem um verdadeiro diálogo com o texto, como se aí vigorasse uma réplica do leitor ao autor – uma *compreensão responsiva ativa* (BAKHTIN, 2000, p.298) –, que, no caso de uma obra, visa a resposta do outro (dos outros), adotando várias formas, dentre as quais: "exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica" sobre o que está sendo lido etc. O diário de leitura compreende um gênero de discurso que é produzido à medida que se lê, momento em que o leitor, utilizando-se de referências explícitas a si mesmo ou da terceira pessoa, dialoga com o autor, registrando suas reflexões, posicionamentos, impressões pessoais, dúvidas, dificuldades de compreensão, relações estabelecidas entre o texto lido e outros textos/objetos culturais ou experiências de vida, etc., reunindo com isso propriedades da escrita diarista de cunho pessoal (MACHADO, 1998; MACHADO, LOUSADA & ABREU-TARDELLI, 2007).

Ao longo da antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, é perceptível o gosto que Ascendino Leite revelava ter pela produção de diários de leitura como prática constitutiva de sua atividade leitora, gerando no leitor a "digestão" do que fora lido, conforme destacaram as autoras acima. Os conteúdos expressos por esses diários relacionam-se, nessa antologia, à

experiência com a leitura de obras brasileiras e estrangeiras, incluindo diários, crítica literária, poema, romance, podendo, não raro, incorporar digressões do leitor despertadas pelo que o texto nele provoca, como se observa neste diário de leitura sobre o romance *As velhas*, de Adonias Filho.

> LENDO *As velhas*, de Adonias. Que bela a perspicácia com que o ficcionista adapta os recursos da frase à arte de nos fazer perceber a misteriosa essência das almas, sua melancolia íntima e, ao mesmo tempo, seu destino patético!
>
> *Havia um silêncio enorme em torno de mim. Não era inventado. No meu próprio interior operativo – pensamentos e palavras que mais o ressaltavam no que eu via e percebia*.
>
> Aí, todo o extremo poder da arte literária. Os textos não sendo apenas vagas projeções problemáticas mas afirmações altas, acima dos silêncios. *Com o sentido direto da própria moral da vida e suas necessidades sobre a intimidade de nossas misérias.*
>
> Não sei por que – e só o romancista mo esclareceria – acabei vendo na vida de cada um desses velhos seres, desmascarados pela ficção, um certo quociente decisivo de desinteresse e abnegação. Até de felicidade.
>
> Às vezes, é bem provável, inferno e paraíso são feitos do mesmo material; as medidas é que se contrapõem nos índices finalísticos e divinos, – as sanções sobrenaturais que marcam os escolhidos. (LEITE, 1988, p.335, **grifo meu**).

Aliada a essa interação entre leitor e autor, marcada pela ligação com o universo da experiência pessoal e pelo interesse literário, ganha relevo, em alguns diários de leitura produzidos por Ascendino, as reações às traduções das obras, aos intertextos, aos aspectos estruturais, à tessitura dos textos, levando o escritor do diário de leitura, por vezes, a recriar o mundo romanesco de algum escritor, como se observa com a releitura do livro *O idiota*, de Dostoiévski:

> RELEIO *O Idiota*, em excelente tradução portuguesa, que adquiri faz uma semana.
>
> A leitura combina tão adequadamente com esta atmosfera sem luz, sem sol, que me projeta numa espécie de tormento maléfico, até que a noite desce sobre as discórdias do mundo dostoievskiano, restaurado outra vez dentro de mim.
>
> Que estranhos mortos-vivos, que enigmas, que ambiciosos seres humanos, que tumultuosos pensamentos, que interminável e devastadora marcha de fantasmas vem direta ao meu espírito, por meio desta narração espantosa!
>
> São portas que se abrem, são reposteiros que se levantam, são sudários que se erguem: vejo, no plano seguinte o rosto glacial da humanidade, eu não sei se trabalhado por Deus ou desfigurado pelo Diabo, à custa de indescritível suplício.
>
> O espetáculo tem de tudo: é cômico e trágico, é vil e cavalheiresco, é irreligioso e espiritual, é belo e é horrendo.
>
> Há papéis para todos. Porém os atores são mais que homens: são profetas, em todas as direções em que as vidências se transformam em alimento e explicação da vida, sobre o passado e o que há-de vir, enquanto não soar a hora do juízo final.

> Admirável Muickine, príncipe da treva e da luz, não importa a tua insanidade ou a frialdade da tua lógica! Tudo isso, é evidente, tem um significado moral, e é assim que te devo interpretar. (LEITE, 1988, p.122-123)

As impressões e reflexões do leitor Ascendino acerca da leitura de diários, atividade que não apenas fez parte da formação do seu *Jornal Literário*, mas, sobretudo, o enriqueceu, também colaboraram para marcar a associação da leitura à escrita, configurando-se, no caso de alguns diários lidos, como uma forma de exercício pessoal, associada à meditação, em conformidade com o conteúdo desses textos, como sugere este fragmento do diário de Jorge de Lima:

> EMOÇÃO fortíssima lendo hoje, no começo da noite, páginas do diário que Jorge de Lima começou a escrever nos quatro ou cinco meses que precederam sua morte.
>
> Plena integração (dele) no sentimento de Deus: cada frase é um protesto ardente de abandono à misericórdia divina. [...].
>
> Algumas passagens deste diário têm uma vibração sálmica, um tom elegíaco por vezes, e quase sempre vai em transcurso, por assim dizer volutuoso, aberto para uma vasta e singular amplitude. [...]. (LEITE, 1988, p.110-111).

Já a citação de frases de autores brasileiros e, principalmente, estrangeiros aparece, também, com muita frequência no *Jornal Literário* de Ascendino Leite, prática motivada, inicialmente, pela vontade que o escritor tinha de anotar e de tornar visível o que lia, podendo essa maneira de escrever a leitura ser interpretada como uma forma de apropriação, como foi vista anteriormente, ou servir de elo entre o passado e o presente, de modo a evidenciar, ao mesmo tempo, como determinado autor se posiciona em relação a este passado (OTTE, 1996).

Ascendino confessava que não escrevia para ser lembrado, embora a existência do seu *Jornal Literário* prove o contrário. E completava: "na realidade, escrevo contra o esquecimento. Escrevo contra o que está passando." (LEITE, 1988, p. 150). Nada mais natural que fizesse uso das citações para sustentar esse posicionamento, principalmente em relação à literatura dos autores clássicos, que admirava e com a qual tinha afinidade. Citou, entre outros autores, Valery, com seu conceito de poesia: "Poesia: esta hesitação prolongada entre o som e o sentido.". (LEITE, 1988, p.60); Julien Green, que assim se posicionou sobre o papel do romancista: "– 'Le rôle du romancier est de voir et dire ce qu'il vu. S'il veut "penser" qu'il le fasse ailleurs que dans um roman'."[72]. (1988, p.166); Mauriac, sobre o trágico da vida: "... Le

[72] "O papel do romancista é ver e dizer o que ele viu. Se quer "pensar", que o faça em outro lugar que em um romance." **(tradução minha)**

tragique de la vie c'est d'aimer ce qui est èphémere."[73]. (Ibidem, p.336); Amiel, que defendia este conceito de arte: "A arte não é senão o ato de por em relevo o pensamento obscuro da natureza.". (LEITE, 1989, p.201).

Segundo Otte (1996), a citação não se limita à repetição literal de algum fragmento, pois, sendo parte de um todo, serve para evocar todo o texto de origem, conduzindo o leitor à totalidade deste. É através da citação que "o texto do passado dá provas da sua presença permanente", sem que isso resulte de algum esforço da memória, mas de uma relação que se estabelece entre o texto presente (no caso, o *Jornal Literário* de Ascendino Leite) com um texto do passado (os fragmentos de citação presentes no Jornal), de modo que dessa combinação pode surgir, conforme ventilou Otte (1996, p.218), "um potencial de afinidades que se concretiza graças à 'presença de espírito' do autor, cujo papel consiste em "fixar" as afinidades existentes, que, evidentemente, vão muito além do próprio fragmento citado".

Na acepção de Ascendino, criar frases era um vício universal, cuja leitura o divertia, alcançando também os escritores brasileiros (inclusive ele próprio, que foi autor de vários aforismos). Citou, em sua antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) II*, frases como esta, de Eduardo Frieiro, sobre a originalidade: "– Ninguém tem como seu senão aquilo que disse como ninguém" (LEITE, 1989, p.136); do poeta Mário Quintana registou estes versos sobre o envelhecer: "É preciso muito, muito cuidado/para que a alma possa nascer normal/ na outra vida". (Ibidem, p.237). De Marques Rebelo anotou a seguinte citação, extraída do livro *O trapicheiro*, em que destaca a paixão como ingrediente da vida: "– A vida precisa ser paixão para ser vida, calada ou faladora. O meio-termo cabe às almas medíocres, prudentes, formalistas." (Ibidem, p.30). Confessando-se impressionado com as palavras de Frieiro, aproveitou, na mesma nota, para refletir sobre o sentido da paixão em sua vida: "A paixão é o meu alimento em cada ato do viver; em certo sentido, é ela que me arma contra as investidas do desespero. (Seria melhor dizer: da desesperança)".

3.1.4 Dos poucos leitores aos editores

Pode-se considerar a ideia de que Ascendino compunha, no Rio de Janeiro, uma rede de "pequenos escritores" que ficava à margem do circuito considerado "legítimo" de produção, constituindo, como ele próprio afirmou, um escritor de poucos leitores. O seu *Jornal Literário*, embora tenha sido representativo em termos de produção do gênero aqui, no

[73] "O trágico da vida é amar o que é efêmero." **(tradução minha)**

Brasil, teve, aos olhos do escritor, publicação limitada: "[...] quase todos os volumes do meu jornal não excederam este modesto nível de edição: nada mais que mil (exemplares), cada tomo. Um, para cada leitor de minha escolha. [...]". (LEITE, 1989, p.386). Esse número vem demonstrar a crítica que Ascendino imprimia à falta de apoio ou à indiferença dos editores no que se refere à publicação de seus livros, já que estes eram publicados com recursos do próprio escritor, trazendo no suporte a especificação EdA – "edições do autor", e, em geral, produzidos com menores cuidados editoriais, se comparados a outros gêneros classificados como de maior prestígio[74]. Havia, ainda, por trás desse número, certo ressentimento por parte do escritor, pelo modo como sua literatura era vista, mesmo admitindo que escrevia por prazer e para aqueles do seu círculo de amizades, incluindo, por vezes, os críticos, porém, com alguma reserva:

> [...] Não sou um escritor de grande público.
> Não tenho leitores à espera dos meus livros. A despeito de uma dezena de títulos, completamente desconhecido.
> Não faço sequer Literatura, a Literatura com L grande. Mas a literatura com este l, o pequeno, porque a faço todos dos dias, pagando eu mesmo as edições. Tiragens mínimas.
> Para oferecer aos amigos, aos confrades, os que me estimam, os parentes e às vezes aos críticos, a ver no que vai dar.
> Vou chorar por isso?
> Vou rasgar meus originais?
> Deixar de escrever, não. Nunca.
> Só tenho prazer. Só me dá prazer. E a indiscutível sensação de que sou livre. [...] (LEITE, 1988, p.417-418)

A carta, a seguir, datada do ano 1941, de Daniel J. Pereira, irmão do editor e livreiro José Olympio, levanta alguns indícios de que o escritor estaria com a razão. A carta foi enviada a Ascendino Leite com o intuito de convidá-lo para integrar a linha dos que faziam, na época, a publicidade dos livros da editora, desejo, aliás, antigo do escritor.

> Rio, 4 de Novembro de 41.
>
> Prezado sr.
> Ascendino Leite.
>
> Temos acompanhado com interesse seus esforços em prol da divulgação do livro nacional, e temos recebido, também, a indicação de seu endereço para a remessa de nossas edições. A contra-gosto, vimo-nos até agora forçados a não incluir seu nome na nossa linha de publicidade, porque,

[74] Em alguns exemplares do *Jornal Literário*, percebe-se a correção dos erros de impressão, de ortografia, de concordância, de pontuação, de acentuação que Ascendino realizava nos textos depois de publicados, alterando a materialidade dos exemplares e, por conseguinte, os significados da leitura.

> dado o grande número de jornalistas e críticos constantes de nossa lista, nos tem inteiramente impossível fazê-lo. Uma boa oportunidade se oferece, agora, e venho por isso propor-lhe a remessa regular de todas as nossas publicações, como era de seu desejo. Junto a cada livro novo, irá uma pequena notícia, que o sr. publicará, enquanto lê com vagar a obra, para seu comentário. Mandar-lhe-ei, também, como fazia com a anterior direção d' A União, colaborações literárias diversas.
>
> Aguardando sua breve resposta, com a indicação de seu atual endereço, subscrevo-me cordialmente,
>
> Daniel J. Pereira.
>
> Nota – Coincidindo com esse nosso desejo, recebi hoje uma carta de nosso comum amigo Ivan Bichara, que me sugeriu fazê-lo dando boas informações suas, confirmadas, aliás, pessoalmente aqui, no escritório, pelo Raul de Goes.
>
> Acervo Ascendino Leite
> Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

O que chama a atenção nesta missiva e reforça o que se vem afirmando é o modo como Daniel Pereira justifica a ausência, até então, do nome de Ascendino na lista de publicidade da editora, como mostra este fragmento da carta: "a contragosto vimo-nos até agora forçados a não incluir seu nome na nossa linha de publicidade, porque, dado o grande número de jornalistas e críticos constantes de nossa lista, nos tem sido inteiramente impossível fazê-lo". Outro detalhe é a nota ao final da carta, que sugere ter sido o nome do escritor indicado por um amigo (Ivan Bichara, político, escritor e diretor dos jornais *O Norte* e *A imprensa*, em que Ascendino trabalhou) e não um desejo da editora, que estaria sendo concretizado, como frisou o correspondente.

Outro fato que evidenciou o anseio (ou seria a luta?) de Ascendino por delimitar um espaço em meio às grandes editoras foi o que ocorreu com a Companhia das Letras, que devolveu um exemplar do seu livro *Aforismos para o povo instruído* (1998), doado à editora juntamente com o livro de Rilke que ele traduziu – *Cartas à amiga Veneziana* (1997). O gestou ocasionou uma resposta do escritor que entregou de volta o livro *Aforismos para o povo instruído* (1998) à editora, acompanhado de uma carta em tom de modéstia e sutil ironia, que pode ser interpretada como um pedido para que a editora se retratasse:

> [...] Compreendo e agradeço seu gesto, transparente no texto de sua amável carta a este modesto intelectual da província, pobre e distante dos cenários promocionais do livro, como o das chamadas "bienais" a que nunca fui, por óbvias circunstâncias. Devo, no entanto, significar a V.Sa. que, ao enviar-lhe

> aqueles livros, não o fiz em "consulta", isto é, no intuito de obter-lhes inclusão deles em seus planos editoriais. Quis apenas homenagear sua editora com a singela oferta de nossos livros, aqui produzidos com nossos próprios recursos e supondo que eles pudessem merecer guarda em sua biblioteca institucional, como ocorre, ou ocorria, por exemplo, com a Editora José Olympio, no Rio.
>
> Deem-me, então, o crédito de haver agido, no caso, com o maior apreço por sua casa, de que há muito tempo sou cliente ou consumidor de seus prestigiosos lançamentos. Continuarei a sê-lo, com o mesmo interesse e proveito, não obstante minha idade avançada e a extrema exiguidade das minhas disponibilidades financeiras.
>
> Fiel a essa norma de comportamento intelectual, e apenas por isso, restituo-lhes o "Aforismo" acima mencionado, autorizando V.Sa. a dar-lhe o destino que melhor condiga com sua tradicional dedicação aos destinos da produção livresca no Brasil. Rogo ainda que me receba, com os três outros volumes mais recentes de minha autoria, cópia xerografada de uma carta que acabo de receber do eminente crítico literário francês, prof. Jean Subirats, da Universidade de Strasbourg, tão honrosa para nós, que fazemos literatura. [...] (Fragmento transcrito do arquivo pessoal do escritor)

Vista de outro ângulo, observa-se, também, nessa carta, que Ascendino procurou não perder o contato com a editora Companhia das Letras, com o intuito de fazer parte da rede de sociabilidade de escritores acolhidos por essa casa, agindo, para tanto, com certa diplomacia e de forma tática (atente-se para os elogios dirigidos à editora), a ponto de o escritor, sem manifestação de embaraço, enviar mais três livros de sua autoria. Não é por acaso a referência, no final do texto, à cópia da carta do crítico literário francês, Jean Subirats, dirigida a Ascendino, já que, pela "autoridade" que assumia em meio à comunidade literária, acaba por atribuir "legitimidade" ou, ao menos, aprovação à literatura de Ascendino e à figura do escritor. Ascendino tenta, assim, conquistar o reconhecimento junto à editora, que responde à carta com um breve pedido de desculpas, na forma deste cartão:

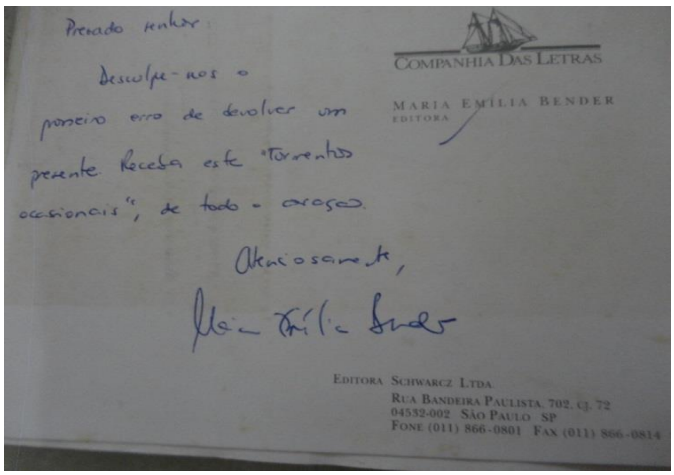


Figura 29 – Cartão de Maria Emília Bender, diretora editorial da Companhia das Letras, para Ascendino Leite. Acervo: arquivo pessoal do escritor

Prezado senhor

Desculpe-nos o grosseiro (?) erro de devolver um presente. Receba este "Tormentos ocasionais", de todo – coração.

Atenciosamente,

Maria Emília Bender

A persistência de Ascendino parece ter sido em vão, pois, em 1997, o escritor recebe a carta a seguir do editor Schwarcz, da Companhia das Letras, e se mostra indignado com a atitude excludente da Editora em relação à publicação das obras brasileiras, o que, obviamente, incluía as suas. Comenta o fato acrescentando, na parte superior do papel timbrado, uma nota manuscrita:

> Do editor Shwarcz (Companhia das Letras) esta carta, no mínimo inexplicável, para não dizer espantosa, quanto ao processo descriminatório envolvendo as letras nacionais – autor, livro, literatura.
>
> No meio editorial, dominado por grupos estrangeiros, o que produzimos não vale nada. Não chega que preste para as celebérrimas bienais do livro – a alegria dos magnatas abrangidos nesse festim faustoso.

São Paulo, 12 de março de 1997.

ASCENDINO LEITE
caixa postal 3065
João Pessoa – PB
58039-050

Prezado senhor:

Antes de mais nada, queremos agradecer o envio do livro e as doces palavras dirigidas à editora.

Diante de vários fatores limitadores, porém, devemos declinar da oportunidade de editar algum original de sua autoria. A editora tem se dedicado primordialmente à publicação no Brasil, tanto quanto possível simultânea ao lançamento nos grandes centros, de obras – tanto de ficção como de ensaio – de destaque no cenário internacional. Com isso boa parte de nossa programação é ocupada por título ainda por lançar, muitas vezes mesmo em fase de elaboração por seus autores. Também internamente costumamos fazer isso, comprometendo-nos antecipadamente, com vários autores que nos submetem seus projetos, a publicar seus livros. Na área de ficção brasileira, nossa proposta é ampliar o cenário da boa leitura abrindo espaço para autores iniciantes. Por outro lado, consideramos um compromisso publicar as novas obras dos autores da casa.

As matérias enviadas permitem que se conclua do interesse de seu trabalho. Por isso acredito que o senhor encontrará uma editora com características diferentes das da Companhia das Letras que poderá dedicar às suas obras a atenção merecida.

Atenciosamente.

Companhia das Letras

Acervo: arquivo pessoal do escritor.

3.2 O "SER LEITOR" E A REPRESENTAÇÃO DA VIDA LITERÁRIA

Os temas que compõem a antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* são objeto de estudo desta seção e estão pautados na experiência de Ascendino Leite enquanto leitor. Referem-se, em sua maioria, à vida literária, recortada, em parte, dos anos 40, 50 e 60, época em que o escritor residia no Rio de Janeiro e convivia com autores consagrados pelas instâncias de legitimação, como a Academia Brasileira de Letras, os suplementos e jornais da época. Nesse período, Ascendino efetuou operações de interesse próprio, com vistas a marcar sua existência como autor, operações estas que poderiam ser definidas como "gestos hábeis do 'fraco' na ordem estabelecida pelo 'forte'" (DE CERTEAU, 2009, p.98), visto que participou, astuciosamente, das redes de sociabilidade e de algumas práticas de escrita do jornalismo da época, como se observou no capítulo 2.

A reflexão sobre temas do ofício literário, a construção de perfis de escritores e a criação de personagens, as correspondências e as amizades literárias, a criação de aforismos, além de outros temas relacionados às inquietações do ser humano, como vida, morte, tempo, infância, velhice – que não serão objeto de estudo neste trabalho – aparecem com frequência em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, combinando arte e vida. Representam as maneiras ou as artes de fazer de um leitor que esteve engajado à cena literária de um determinado tempo e lugar, utilizando-se dessas artes para, através do seu *Jornal Literário*, refletir sobre a literatura, o cotidiano da época e sobre si mesmo, a fim de tornar essa participação uma oportunidade para conquistar o estatuto de autor junto à comunidade de intelectuais com que se relacionou. Afinal, a escrita, por ser uma atividade que resiste ao tempo, porque acumula, estoca – como afirmou De Certeau (2009) –, confere à figura do autor o papel de ser ele o fundador de um lugar próprio.

Diante disso, Ascendino construiu alguns conceitos literários imprimindo-lhes uma interpretação veiculada à noção de literatura como uso *artístico* da linguagem na sua relação com o significado, em que prevalecem as características estéticas do texto, oriundas da criatividade do escritor. Nestes termos, a literatura passa a ser vista em função do valor interno consagrado à obra e não como um fenômeno cultural e histórico, dependente, segundo Eagleton (2003, p.22), dos juízos de valor que a constituem e que "têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos exercem e mantêm o poder sobre outros". A presença de alguns conceitos literários, no *Jornal literário* de literário de Ascendino Leite, repousa, antes, em uma concepção de literatura de natureza escrita, pautada no emprego

peculiar da linguagem, no conjunto dos desvios da norma, que os formalistas russos defendiam, e que, na concepção de Eagleton (2003, p.3), configura-se como "um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exibe sua existência material".

3.2.1 Temas do ofício literário

A escrita literária constituiu um dos temas mais comentados por Ascendino na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, não raro associado a sua relação com a atividade de escrita no *Jornal Literário*, já que para esse escritor a escrita representava uma necessidade de vida, tal como ocorria com a leitura, duas atividades que o absorviam por inteiro. Ascendino concebia a escrita como criação artística: "Escrever! Um sistema de segurança que é precioso ao homem no que ele é capaz de conceber: o esforço criativo. [...]", ao mesmo tempo em que refletia "– a forma dita o fundo e uma obra só será conceituada se se exprime num estilo apropriado [...]." (1989, p. 118), sendo o esforço criativo motivado pela inspiração: "[...] Tenho que esperar o instante, o acaso. A imaginação é instantânea: não costuma avisar, vem de surpresa, e então reúne o que há de disperso em nós. [...]". (LEITE, 1988, p.318). Porém, por trás dessa espera está, segundo Sartre (2004), um dos principais motivos da criação artística: a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo, conforme demonstrava Ascendino com a escrita do seu *Jornal Literário*. Essa relação entre escrita e existência, entendida como um ato não só de estar no mundo, mas também de operar ações, conduzia o escritor a construir conceitos como estes: "[...] Escrever é o ato do meu ser nascendo. Há momentos em que escrever é como fornicar." (LEITE, 1989, p.393).

Para Ascendino escrever não implicava apenas uma busca por si mesmo, mas também pelo leitor, uma conquista permanente de ambos, ora do autor, ora do leitor, de modo que a arte de escrever apresentava-se para ele como "o instrumento da compreensão. Pode fazer feliz: autor ou leitor. É o preço de toda arte, se mais não seja para ajudar o homem a viver." (LEITE, 1988, p.487). Nesses termos, escrever e ler são, pois, operações que se completam, tal como afirmava Sartre (2004, p.37), ao tratar da criação artística, que, segundo ele, só pode encontrar sua realização final na leitura:

> O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse

> objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem.

Ascendino justificava sua relação com a escrita literária assumindo uma atitude típica do escritor, postulada em uma igualdade generalizada, que vê o ato criador nos seguintes termos: "Se nos atiramos a escrever é que nos aborrece o instante imediato; procuramos sair do pântano atual; queremos imagens novas mas colhidas no sentimento do tempo, aquele com o qual erguemos nossas esperanças." (LEITE, 1988, p.325). Ora, segundo Chartier (1999, p. 9), "o escritor cria, apesar de tudo, na dependência" em face das regras que definem a sua condição. Dessa forma, para esse historiador:

> Toda a criação, ao contrário, inscreve nas suas formas e nos seus temas uma relação: na maneira pela qual – em um dado momento e em determinado lugar – são organizados o modo de exercício do poder, as configurações sociais ou a economia da personalidade.

Em muitos momentos, Ascendino, ao longo do seu *Jornal Literário*, adotava a postura de analista ou crítico de alguns fenômenos literários, conceituando ou tomando notas relativas ao romance, ao autor e seus personagens, à linguagem, bem como a aspectos relacionados à poesia, desde a construção ou citação de conceitos, a crítica aos poetas modernistas, até a apreciação sobre a arte de ler e declamar poemas, gestos que respondem ou se opõem às configurações sociais da época relativas à vida literária.

Sobre o romance, por exemplo, emitiu a seguinte opinião: "é a reparação imaginária daquela realidade que não nos contentou." (LEITE, 1988, p.427); já em relação à reprodução da linguagem literária de certos personagens em determinados romances, Ascendino registrou a nota crítica a seguir, concordando, ao final, com uma máxima de José Américo de Almeida sobre sua concepção de escrita:

> ESSES romances que reproduzem a prosódia dos ignorantes, dos tabaréus, dos marginais urbanos, não alfabetizados: repelem-me de plano.
>
> Não são verdadeiros os escritores que os concebem.
>
> Se ousassem mesmo descer ao fundo da questão, descobririam que esses personagens têm sentimentos bem menos terra-à-terra que as palavras de seu vocabulário natural; sentimentos que o escritor tem o dever de exteriorizar na forma de arte que aqueles ignoram – a linguagem literária e o estilo narrativo servindo de suporte à perfeita transmissão dos seus quadros de vida.
>
> Toda a moralidade estética do problema definiu-a admiravelmente o escritor paraibano com este axioma lapidar:
>
> – "Escrever é disciplinar e construir".
>
> O contrário desse pensamento é para mim um sintoma de incultura, senão ignorância ou incompetência. (LEITE, 1988, p.330)

Referindo-se à poesia, Ascendino não raro buscava reflexões em autores como Schmidt, no seu *Galo branco*: "Em poesia só o antigo é grande e nobre. Só o antigo é novo. Só do mundo antigo vem essa palpitação, esse rumor de água correndo" (LEITE,1988, p.349), ou recorria às definições de escritores franceses, como Valery – "Poesia: esta hesitação prolongada entre o som e o sentido." (ibidem, p.60) e Anaïs Nin: "A prosa é pedestre. A poesia é alada." (ibidem, p.421). Diante da leitura de tantos livros, decepcionava-se com a falta de poesia, aludindo ironicamente ao retorno da poesia clássica: "Poesia... poesia... Tantos livros... e nenhuma. Não seria melhor se voltássemos logo à métrica latina, ao verso concebido e medido numa fórmula única, algo como o verso alexandrino?" (LEITE, 1989, p.333).

Em nota sobre o livro *Dimensão das coisas*, que recebeu do poeta cearense Francisco Carvalho, Ascendino Leite, ao tecer algumas palavras de elogio sobre a maioria de seus poemas, utilizou-se da oportunidade para fazer uma crítica ao Modernismo, censurando o fato de não se ter mais poetas e sim "escritores" de poesia.

> [...] Poesia moderna.
> Consequentemente, algumas extravagâncias, simples jogo de palavras, a maioria dos poemas, entretanto, bem acima do que se publica atualmente, muita coisa me tocando o espírito, versos que li mais com a mente do que com o espírito.
> Pois não é dessa forma que a moderna arte de compor a ficção poética pretende chegar ao nosso entendimento?
> Aí, o sentimento é menos importante que a palavra, o rigor filológico mais precioso que as sutilezas do coração, a intenção formal mais valiosa que a intensidade dos movimentos internos.
> O poema sai assim como uma estrutura em massa em lugar de ser o resultado natural da emoção, da febre imaginativa, do impulso criador fluindo de dentro do espírito para a expressão da imagem sensível, estados de intimidade que se manifestam espontaneamente, acima de qualquer preparação.
> Hoje não temos mais poetas, senão predominantemente "escritores" de poesia, laboristas do verso [...]
> A Francisco Carvalho que, pelo jeito, me parece bem jovem, acabo de expedir algumas linhas de simpatia. (LEITE, 1988, p.387)

Ascendino não se considerava um leitor clássico de poesia, porque, segundo ele, mais sentia que lia poesia. Acreditava, assim, que "A poesia é a divina aparência da nossa subjetividade íntima" (LEITE, 1988, p. 466), podendo ser encontrada em poetas como Murilo Mendes, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, entre outros. Considerava Cecília Meireles seu poeta preferido: "sua massa é o pó das almas". Aliás, a escrita feminina também foi objeto de admiração de Ascendino Leite, notadamente a das

escritoras Virgínia Woolf e Anaïs Nin, das quais leu, avidamente, os diários. Sobre esta última, confessou:

> "[...] fascinação por tudo o que ela escreve. Fascinação pela mulher. Fascinação pela sua consciência de artista. Não há um só momento em que ela não exprima uma condição, ao mesmo tempo carnal e espiritual, no seu compromisso de arte: - tudo dentro da vida. Participando e discriminando. transcendendo o vulgar e aplicando-lhe as conclusões apontadas pelo sentimento, através da magia dos símbolos: "a realidade iluminada pela arte". (LEITE, 1988, p.394)

3.2.2 Perfis de escritores

Outro tema constante na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* é a construção de perfis de escritores elaborados por Ascendino Leite, dado o interesse que demonstrava ter pela vida e personalidade de alguns autores contemporâneos de sua época. Vilas Boas (2002, p.93), caracterizando o perfil jornalístico, diz tratar-se de

> um texto biográfico curto (também chamado *short-term biography*) publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer).

Nestes termos, "o perfil é a escavação de uma personalidade", como definiu o jornalista Julio Villanueva Chang. O que interessa destacar aqui é o caráter curto e "instantâneo" desse tipo de narrativa, no que ele pode elucidar, indagar ou apreciar sobre a vida de alguém num dado instante. (VILAS BOAS, 2003, p.20). É basicamente essa perspectiva que parece ter orientado a criação de perfis de escritores por Ascendino, contribuindo não apenas para defini-los como indivíduos, como também universalizá-los dentro de sua comunidade. Veja-se este perfil do escritor Viriato Correia, cuja obra Ascendino não chegou a ler, mas, por ocasião de sua morte, o perfilou.

> AO CAIR da noite, numa casa de saúde do Rio de Janeiro, morreu Viriato Correia.
>
> Escreveu perto de meia centenas de livros: peças de teatro, romances (?), contos, crônicas, poesias. Teve prestígio, atuou na política, chegou a deputado, fez jornalismo, foi estimado na sociedade.
>
> Tentou oito vezes a Academia: acabou vencendo. Pela pertinácia. Pelo modo de agradar. Pela insensibilidade à zombaria, aos que riram dele por causa da sua cor (era mulato), do seu físico, mas terminaram votando em seu nome.
>
> Jamais o li, não sei sequer o título de qualquer de seus livros.

> Vi-o uma única vez: na casa de Adonias, no dia da eleição deste para a vaga de Álvaro Moreyra. Impressionou-me seu físico diminuto: um metro e cinquenta, não mais.
>
> Um de suas singularidades: gostava de crianças e adorava as prostitutas. Para as crianças, escreveu livros, histórias infantis, o forte de sua literatura. Quanto às prostitutas, recebi-as em casa, sem outro interesse, dizem que por puro humanitarismo: ouvia-lhes as misérias, penalizava-se delas, enternecia-se, emprestava-lhes dinheiro, avalisava-lhes letras.
>
> Ouso pensar que um grande número delas irá amanhã ao seu sepultamento. (LEITE, 1988, p.306)

A morte de escritores constituía quase sempre motivo para que Ascendino os perfilassem, um comportamento que, talvez, se justificasse pelo desejo de demonstrar que conhecera os escritores, o caráter que os governava, suas particularidades, ainda que os tivesse visto uma única vez, como ocorrera com Viriato Correia. De acordo com Julio Villanueva Chang, para a construção de um perfil, o ideal é que o personagem alcance a estatura de um símbolo. O jornalista lembra, ainda, que o ponto de vista de quem escreve um perfil não é neutro, podendo, no ensaio de suas explicações, das ideias, configurar-se o seguinte plano: "ir da simpatia à irreverência. Buscar o equilíbrio entre ambas é um trabalho de dissimulação. Os extremos oscilam entre a adulação e a maledicência. O autor de um perfil caminha sobre uma corda-bamba cujos extremos são a piedade e a crueldade".

No fragmento a seguir, tem-se perfilado um retrato de Clarice Lispector, a partir de um encontro, por alguns instantes, que Ascendino teve com a escritora, encontro que se define como uma tentativa de explicação do modo de ser de Clarice, através do olhar que lançou sobre a escritora, cuja imagem monopolizou sua atenção, por se apresentar como irreal, enigmática, inexplicável:

> NA RECEPÇÃO dos Mauritônio Meira, fiquei por alguns instantes ao lado de Clarice Lispector, cuja presença muito me perturbou.
>
> [...]
>
> Algumas senhoras presentes.
>
> Eu a vi, recortada no fundo da sala, o corpo contra a luz, a vidraça amainando a claridade vinda de fora, parando em meio ao recinto. Uma certa obscuridade, a partir dessa linha indecisa, dúbia, indefinida, envolvia-a.
>
> O rosto dela, quando dava de mexer-se em seu lugar para responder a algum interlocutor mais próximo, parecia bem o de um ícone, numa longínqua e misteriosa projeção de misticismo, de exotismo racial, coisa estranha, que me acuava para uma curiosa situação negativa.
>
> Decidi que essa pessoa não fazia parte das minhas admirações plausíveis, que tudo nela me detinha, não no sentido de desdenhá-la mas na incapacidade inexplicável de entender todo o seu arcabouço físico e psíquico.
>
> Poderia eu abordar a questão com alguém? Digamos, com o Lúcio Cardoso? Nesse movimento mesmo de repulsão não haveria alguma tendência inconsciente para afinal aceitá-la, admirá-la?

> Oh, senhor, até que não é feia. Mas esse pouco, esse mínimo de beleza, me transmite uma curiosa impressão de irrealidade.
> Eu quero demais, certamente.
> Do contrário, seria preciso um pouco de consentimento – o gesto sensível, cordial, aberto, que configura o crédito social e a perfeita relação humana. (LEITE, 1988, p.228-229)

3.2.3 Marcelline: uma personagem, um caráter

Nas conversas com os amigos, Ascendino imbricava realidade e ficção, intercalando um tema do domínio real com outro da esfera imaginária, sem qualquer aviso aos interlocutores, conforme me confidenciou sua amiga e escritora Mercedes Cavalcanti. Se acontecia de cruzar com uma pessoa cuja característica física, por exemplo, lhe chamasse a atenção, transformava esse acontecimento em inspiração para a criação literária. Foi o que ocorreu com *O nariz de Cintia* (1998), título de um dos seus livros de poemas, que surgiu por ocasião de o escritor ter se deparado, em um restaurante, com uma mulher de nariz avantajado. Não é de se estranhar, portanto, que esse comportamento tenha se estendido para a criação de algumas personagens femininas do seu *Jornal Literário*, como é o caso de Ulyl e Marcelline, a segunda bastante citada na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*. Provavelmente inspirada em alguém que o escritor conheceu com o caráter da personagem, podendo representar, também, uma espécie de alter ego do autor, um "outro eu", que se expressa pelo fato de o escritor não estar muito convicto de suas certezas, de seus ideais, como conjecturou o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho.

No *Jornal Literário*, Marcelline, representada por um "ser de papel", que adquire vida na literatura, é uma agente de turismo um tanto estabanada, com cabelos mesclados, do ruivo ao grisalho, sua idade, uma incógnita, porém, velha amiga de Ascendino, com quem ele dialoga, troca ideias, sente-se à vontade para falar de si, como demonstra este encontro registrado em seu *Jornal Literário* da personagem com o escritor, no restaurante Real Astoria, inaugurado em 1959, no Leblon, no Rio de Janeiro:

> À NOITE, saio. Solitário e meio faminto.
> No *Real*, aqui no Leblon, mal me sento para jantar, vem-me ao encontro a Marcelline, para fazer exatamente a mesma coisa.
> – Também só? – pergunto.
> – Às vezes – vai dizendo –; como agora, é um milagre. E Rosa?
> Somos servidos no que pedimos e a conversa segue sua linha empírica. Ela fala, descartando uma agenda de compromissos mais ou menos triviais, seu meio de vida com o corpo.
> Uma pausa nas suas lides de agente de turismo: deixara há pouco um grupo de argentinos à porta do hotel, viera andando a pé, buscando um bar, dera comigo ali, verdadeiro acaso.

> [...]
> Amigos de tantos anos!
> Jamais pude esconder-lhe certas opiniões e dúvidas, até mesmo meus estados de espírito menos favoráveis, os pequenos infortúnios do escriba desativado em que acabei me transformando. [...] (LEITE, 1989, p.288)

Marcelline transita por vários fragmentos que compõem o *Jornal Literário* de Ascendino, opinando sobre assuntos diversos, entre eles, literatura, eleição na Academia, suas leituras literárias e as do amigo Ascendino, julgamento sobre os humores ou estado de espírito do escritor, sua escrita no Jornal. Veja-se este fragmento em que a personagem se mostra insatisfeita em relação ao fato de Mário Quintana ter perdido a vaga à Academia Brasileira de Letras.

> Minha cara amiga Marcelline, na maneira pela qual costuma viver o dia a dia da nossa comédia literária, chegou-me aqui no mais triste dos humores.
> Chegou, dizendo palavrões.
> Quando se zanga dá para esses desabafos vulgares, num vocabulário de estiva.
> – Essa Academia! Desdenhar assim o pobre do Quintana...
> E completa:
> – Se o Bandeira fosse vivo, isso não teria acontecido.
> Não sei em que ela se baseia para semelhante afirmação.
> Do que conheço do poeta, não tenho a menor dúvida: votaria sem hesitação no pupilo cabralino. (LEITE, 1988, p.407)

É sabido que Mario Quintana tentou três vezes ocupar uma das cadeiras na ABL, porém, perdeu, respectivamente, para Eduardo Portella, ex-ministro da educação do General Figueiredo, depois, para Arnaldo Niskier, acadêmico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e, finalmente, para o jornalista e escritor Carlos Castelo Branco, o Castelinho. Através dos registros em seu *Jornal Literário*, observa-se que Ascendino se mostrava informado sobre o tema das eleições para a Academia, lamentando a falta de apoio a algumas candidaturas (como se observou acima) ou colaborando com o processo, como se verá na seção a seguir, através de uma carta trocada com José Américo por ocasião da candidatura deste à ABL.

Marcelline movimenta a escrita do *Jornal Literário* pela habilidade com que Ascendino parecia transformar a personagem em uma pessoa viva, através dos diálogos, por vezes, acirrados e/ou divertidos mantidos com o escritor, da referência às qualidades da personagem e até de um registro sobre a morte de seu pai. O tratamento do escritor frente a essa personagem surpreendente, dramática, parece de tal forma verossímel no Jornal que um casal desejou conhecê-la, ao que Ascendino respondeu:

> – Impossível! – disse, só de pensar no que a cara amiga representa para mim. – Querem saber?

> – ??
> – Tudo. Coisas, pessoas. Do livro ao jornal. Das conversas literárias aos cursilhos eclesiais. Das crônicas sociais à coluna do Castelo.
> Não me foi difícil entretê-los com evasivas, já que me guiei pela regra impessoal:
> – Marcelline adora o incógnito. Marcelline é um caráter. (LEITE, 1988, p.470)

3.2.4 Correspondências de amigos e as amizades literárias

Ascendino registrou em um dos seus cadernos: "Escrever é buscar afinidades", máxima que trago aqui para lembrar o duplo pacto que se estabelece no colóquio entre dois ausentes na escrita de cartas (TIM, 2005, p.112), gênero que o escritor cultivou assiduamente, escrevendo e referindo-se várias vezes às mensagens epistolares em seu *Jornal Literário*. É na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa, na Paraíba, que se encontra arquivado o epistolário do escritor, compreendendo as cartas escritas entre os anos 40 e 60, que recortei para este trabalho, sendo em número maior a sua correspondência passiva (para mais de 150 cartas) se comparada com a ativa, que se restringe, praticamente, às missivas enviadas a José Américo de Almeida, António de Souza-Pinto, José Lopes de Andrade (Chefe da Casa Civil do governador José Américo de Almeida) e a Virginius da Gama e Melo. Entre as correspondências recebidas, tem-se cartas dos escritores Cyro dos Anjos, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, José Américo, Otto Lara, José Vieira, Érico Veríssimo, Adelino Magalhães, Otto Maria Carpeaux, Virginius da Gama Melo, Cassiano Ricardo, Fábio Lucas, Lúcia M. de Almeida, Theophilo de Andrade, Xavier Placer, Ênio Silveira, Cosette de Alencar, Jorge Amado, Gilberto Mendonça Teles, Marques Rebelo, Sergio Milliet, Roger Bastide, Armindo Trevisan, entre outros. Além dos escritores, constam também no acervo cartas de religiosos, como Monsenhor Pedro Anísio, Frei Clarêncio e políticos, como Celso Mariz, Aliomar Baleeiro. (APENDICE D)

Segundo Moraes (2009, p.115), a carta é, antes de tudo, uma "partilha", como anunciou Philippe Lejeune, na crônica "A quem pertence uma carta?", apresentando diversas faces: "é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o 'eu', o 'ele' e os outros), um texto (que se pode publicar)". Como carta/objeto conduz, entre outros aspectos, aos suportes e a seus significados; no sentido de ato, coloca "personagens" em "cena", e como texto interessa a diferentes áreas do conhecimento (história, psicologia, sociologia, filosofia, entre outras), cujos estudos têm por objetivo "captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas". (p.116). O conteúdo das cartas

firma o sentimento entre os correspondentes ou trata de algum assunto de interesse dos missivistas, visando buscar o interlocutor ausente, reclamando-o, ou tornando o escritor "presente" para aquele que recebe a missiva (FOUCAUT, 2004, 156), como se o corporificasse diante deste. Tal como pensava Sêneca:

> Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo. (TIM, 2005, p. 24)

No caso das cartas recebidas por Ascendino, a "presença" do signatário se revelava pelos significados que o suporte representava para o escritor: não permitia que Ivonete abrisse as cartas, gostava, ele mesmo, de manusear o envelope, abrindo-o com uma tesoura, para não danificar o invólucro. Abertas as cartas, gostava de sentir a caligrafia, talvez no papel estivesse guardado o perfume ou o cheiro de quem as escreveu, ou alguma nódoa de quem as manuseou, alguém que, por exemplo, se emocionou e deixou cair uma lágrima, derretendo uma letra[75].

Para Ascendino, sua correspondência representava sempre um dia de amigos, imaginada como se fosse uma conversa, especialmente quando o cultivo dessa escrita convergia para o retorno dos sentimentos comuns, notabilizando os valores da província:

> ESCREVI algumas cartas. Trato desta correspondência como se o fizesse ao meu jardim.
>
> O certo é que não me aborreço, antes me educo. Os destinatários põem-me a falar, entro no compromisso de não me ocultar nem mesmo nas minhas fraquezas.
>
> Sinto-me completo no seu cultivo.
>
> Tenho o retorno dos sentimentos comuns. E eles me mostram, no cenário da província, as faculdades simples da inteligência, que cria e mantém vivos os valores originais da nossa cultura.
>
> Minha correspondência, em tais termos, é sempre um dia de amigos. (LEITE, 1989, p.197-198).

Além do duplo pacto que aproxima os ausentes dos presentes, a escrita de cartas se concretiza, também, com vistas a fortalecer as amizades literárias, bem como alimentar a rede de sociabilidade entre Ascendino e os demais escritores face à produção literária da época, à acolhida dada a seus livros, aos favores relativos ao ofício de escritor, aos assuntos relacionados à Academia Brasileira de Letras, à política provinciana, às relações amistosas

[75] Estas informações foram concedidas por Ivonete Belarmino e Mercedes Cavalcanti em conversa sobre a relação do escritor com sua correspondência.

com os amigos e confrades, passando pela relação com os editores (aspecto comentado acima).

Entre os conteúdos que abrangem a correspondência passiva de Ascendino, pode-se destacar, principalmente, agradecimentos pela oferta de livros, notícias e favores dos confrades, pedidos de colaboração para revistas e/ou jornais, envio de recortes de jornais sobre temas do domínio literário, além de comentários de obras publicadas pelo escritor, incluindo, especialmente, os primeiros volumes do seu *Jornal Literário*, seu livro de ensaios *Notas provincianas* (1942) e alguns de seus romances. Sobre esse último tema, constante nas cartas, trago, aqui, alguns textos para ilustrar.

Inicio com esta carta de Cassiano Ricardo, em que o poeta comenta a leitura do *Jornal Literário Durações* (1963), apreciando não apenas o estilo adotado por Ascendino Leite neste livro, como também o olhar que o escritor lança sobre ele próprio enquanto indivíduo e artista.

> Meu caro Ascendino Leite:
>
> Encantado com "Durações".
> É o que lhe quero dizer, a respeito do seu último livro.
> Observação segura, senso poético, confissão leal e lúcida crítica, eis as belas coisas que ele me ofereceu. Tudo num tom persuasivo, verdadeiramente original, que faz bem a quem o lê. Um meio feliz de se por a sua alma em contato com a dos seus admiradores, através de um sedutor estilo.
> Não é só o que v. diz; é o jeito, que me pareceu familiar, socrático, no melhor sentido, com que as coisas são ditas. De modo a nos informar e convencer, não só pelas anotações rápidas mas agudas como também pela tranquilidade com que nos revela as venturas e os desencantos de que é tecida a sua admirável sensibilidade de homem e de artista.
> Meus parabéns, Ascendino, por este "diário", uma nova e surpreendente faceta de seus espírito.
> E um grande e afetuoso abraço do – como sempre –companheiro e admirador, gratíssimo,
> Cassiano Ricardo
>
> S. Paulo, 19 de julho de 1963
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Nessa carta, a representação de Ascendino como escritor determinado, seguro de sua pena, constrói-se diante da acuidade que demonstra ter para a escrita, assegurada pelo discurso de Cassiano Ricardo. Já nesta outra missiva, de Sergio Milliet, enviada a Ascendino Leite, prevalece o discurso epistolar de agradecimento, pelo envio de um dos livros do escritor e pela referência crítica que Ascendino fez a seus trabalhos.

São Paulo, 28.07.42

Prezado amigo.

Muito grato lhe fico pelo seu livro e pelas referências a meus trabalhos. Gostei muito de sua crítica inteligentíssima. Estamos vendo surgir no Brasil, e amadurecer, uma mentalidade nova que me entusiasma pelo seu amor à verdade e a sua serenidade de julgamento. Adeus arroubos tropicais! É a hora da peneira.

Mais uma vez obrigado e um abraço de Sergio Milliet.

Alameda Lorena 183
São Paulo

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Na mesma linha, segue esta outra carta do escritor e crítico literário Virginius da Gama e Melo, agradecendo o envio do *Jornal Literário Durações* (1963), sobre o qual tece um elogio, e a referência feita por Ascendino aos seus trabalhos, em João Pessoa, ao mesmo tempo em que informa, entre outros assuntos, sobre uns recortes que está enviando a respeito do romance *O brasileiro* (1962), de Ascendino Leite, incluindo um artigo publicado no *Jornal do Comércio* (1919) do Recife.

João Pessoa, 30 de Junho de 1963

Meu caro Ascendino Leite:

Recebi, e agradeço, seu primeiro "Durações". Comecei a lê-lo e já me espanto com a fabulosa documentação do que é a literatura em sua vida.

Era para lhe ter escrito há tempos, respondendo sua carta. Mas a província tem ainda dessas coisas – a suprema negligência. Agradeço suas referenciais compreensivas a respeito dos meus trabalhos aqui, como também o interesse que demonstrou pelo caso da hospedagem dos meus alunos. Vamos esperar que as coisas melhorem.

Mando-lhe alguns recortes sobre "O Brasileiro". O artigo maior, publicado no "Jornal do Commercio", do Recife (o suplemento literário está em nova fase) saiu com numerosos erros de revisão, inclusive pequeno empastelamento. Você, com boa vontade, acredito, irá completando e sanando os defeitos mecânicos.

Recebi convite para a Segunda Semana da Paraíba. Aceitei e espero abraçá-lo em Agosto próximo, quando conversaremos melhor. Um abraço do seu amigo e admirador.

Virginius da Gama e Melo

Rua Batista Leite, 201
João Pessoa - Paraíba

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

A amizade literária, consolidada pelo mútuo conhecimento e admiração recíproca entre Virginius da Gama e Melo e Ascendino Leite, certamente conduziu esses escritores a serem correspondentes ativos nos anos 60. Na carta acima, associado aos temas abordados, se espelha o desejo do signatário de estar junto do destinatário, para dar continuidade à troca de ideias iniciada na correspondência em questão: "Recebi convite para a Segunda Semana da Paraíba. Aceitei e espero abraçá-lo em Agosto próximo, *quando conversaremos melhor*. Um abraço do seu amigo e admirador..." **(grifo meu)**. Tanto nesta carta quanto nas anteriores, percebe-se como Ascendino constrói-se diante de seus interlocutores, como escritor astuto, crítico (caso das referências feitas aos trabalhos de Sergio Milliet e Virginius da Gama), amigo, confrade, quer pelo envio de seus livros endereçados a esses escritores, quer pela apreciação que fazia das obras desses intelectuais.

Além do *Jornal Literário*, outras obras de Ascendino Leite foram tema do seu epistolário, como a carta, a seguir, sobre o livro *Notas provincianas* (1942). A missiva, datada de 1944, é do escritor e sociólogo francês Roger Bastide, que escreveu ao escritor comentando a leitura que fez do livro, não sem algumas reservas em relação às opiniões de Ascendino expressas na obra lida:

S.Paulo, 18 de abril de 1944

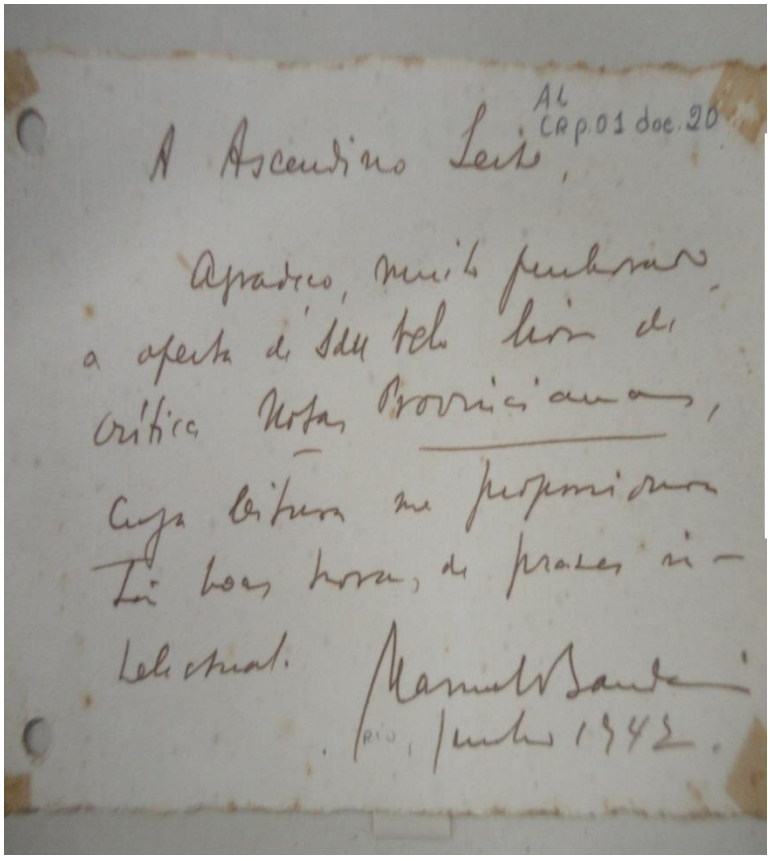
Prezado Senhor,

Acabada a leitura de suas Notas Provincianas, pareceu-me que continuávamos as nossas agradáveis conversações de João Pessoa. Nessa "Notas", cheias de gestos e de finura, a França não foi esquecida, pois que nelas encontrei, entre outros, um estudo substancioso sobre "Les Fleurs du Mal" de Baudelaire. Quer dizer que eu esteja sempre de acordo consigo? Não, sem dúvida, pois me parece que o Senhor valoriza certas obras em detrimento de outras que, pessoalmente, julgo mais interessantes, como por limitar-me a um exemplo, os contos de Mario Neme. A razão se encontra sem dúvida numa diferença de temperamento ou, talvez, de ideal estético. No entanto, mesmo quando não me encontro completamente de acordo consigo, não posso deixar de admirar a sua sinceridade de julgamento e a força de sua argumentação.

> Estive até agora preso por trabalhos atrasados; é porque só agora me foi possível ler o seu livro. Espero poder começar brevemente a redigir o livro que prometi sobre o Nordeste.
>
> Queira transmitir as minhas lembranças à todos os nossos amigos da Paraíba e aceitar, o Senhor, um abraço cordial de
>
> Roger Bastide.
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Roger Bastide introduz a carta acima valorizando as *Notas provincianas* (1942), segundo ele, "cheias de gosto e de finura", que trazem, entre outros, um estudo proveitoso sobre "As flores do mal", numa referência a França, seu país, demonstrando que este não fora esquecido pelo escritor. Por outro lado, Bastide deixa claro sua divergência em relação a algumas ideias de Ascendino apresentadas nessa obra, espelhando uma representação do escritor como um crítico que seleciona e exclui: "[...] Quer dizer que eu esteja sempre de acordo consigo? Não, sem dúvida, pois me parece que o senhor valoriza certas obras em detrimento de outras que, pessoalmente, julgo mais interessantes [...]". Demonstra, no entanto, admiração pela sinceridade de julgamento e pela força da argumentação de Ascendino, afirmando tratarem-se as diferenças de questões relativas ao temperamento ou ideal estético.

Ainda sobre *Notas provincianas* (1942), Manuel Bandeira escreveu a Ascendino este cartão, agradecendo-lhe o livro e comentando sobre o prazer que obteve com a sua leitura.



A Ascendino Leite,

Agradeço, muito penhorado, a oferta de seu belo livro de crítica Notas provincianas,
cuja leitura me proporcionou
tão boas horas, de prazer intelectual.

Manuel Bandeira
junho 1942.

Figura 30 – Cartão de Manuel Bandeira a Ascendino Leite.
Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

A escritora Lygia Fagundes Telles também escreve a Ascendino, em 1952, para comentar, entusiasmada, a leitura do seu livro *A viúva branca* (1952), que recebeu das mãos do marido, quando estava em uma fazenda. Colocando-se, inicialmente, na posição de amiga do escritor e, em seguida, de leitora intimamente persuadida, escreve:

> São Paulo, 16 de setembro de 1952.
>
> Ascendino, bons dias:
>
> Eu ainda estava enfurnada numa fazenda, de onde voltei há uma semana, quando Godoffredo para lá levou o seu livro. E Godoffredo que é um homem sóbrio e comedido nos elogios, como você sabe, foi logo dizendo: "O Ascendino escreveu um livro diferente e marcante que você precisa ler". E então interrompi o meu trabalho – reescrevo o romance "Ciranda de Pedra" – e comecei a ler o seu livro e sem interrupção; empolgada pelo enredo e pelo estilo, só me detive quando cheguei à última linha da última página. Ah, Ascendino, que fácil e que bom a gente gostar do livro de um amigo! Chega-se a sentir até uma espécie de gratidão, "o livro dele é tão bom, que alívio agora poder escrever-lhe para dizer exatamente isso!". Quando uma pessoa amiga nos manda uma obra medíocre, sobre a qual devemos nos expressar, você sabe, Ascendino, chega a ser doloroso tomar a caneta e dizer meia dúzia de palavras embaçadas, ditadas exclusivamente pelo coração que em seguida se entristece, pesado por não ter podido ser

> sincero. E com o seu romance, que bom e que fácil foi tudo. E agora, quem lhe escreve, não é mais a amiga e sim a leitora. E a esta pergunto: "gostou?". E a resposta é entusiasticamente afirmativa. "A Viúva Branca" é um livro psicológico, rico de emoções e de sensibilidade; os diálogos são naturais, e a forma trabalhada, e a linguagem flue assim com a simplicidade pura de uma água corrente. – Godoffredo e eu estamos lhe enviando o nosso caloroso abraço. Lygia.
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Na carta, a seguir, datada de 1945, Cyro dos Anjos escreve para agradecer uma entrevista concedida a Ascendino Leite, aprovando a edição do texto efetuada pelo escritor, mas retificando a característica dada pelo então jornalista a sua casa, citada no texto da entrevista.

> Belo Horizonte, 28 de novembro de 1945.
>
> Prezado Ascendino Leite,
>
> Gostei muitíssimo da entrevista, e venho trazer-lhe os meus agradecimentos.
> As modificações feitas deram-lhe mais "oralidade", tirando o tom grave que, sem querer, comunicamos à palavra escrita.
> Apenas devo esclarecer que "não tenho uma bela casa no bairro de Lourdes..." A casa pertence-me, de fato, mas é bem modesta...
> Com um afetuoso abraço do
> Cyro dos Anjos
>
> Endereço Rua Tomaz Gonzaga 531
> Bh
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

A troca de favores entre escritores é notada nesta carta, de 1965, que Murilo Mendes enviou, de Roma, a Ascendino Leite, para atender-lhe um pedido e, ao mesmo tempo, solicitar um favor, gesto provavelmente fundamentado na admiração e respeito que o poeta demonstrava ter pelo escritor:

> Roma, 15.1.65
>
> Caro Ascendino Leite,
>
> Atendendo ao seu pedido aqui lhe envio meu artigo sobre o saudoso Ruben Navarro.
> Notam-se no mesmo erro de revisão, mas é difícil corrigi-lo, pois o espaço entre as linhas do jornal não o permite. Assim eu lhe pediria o favor de me enviar, se não for possível a prova datilográfica (*), ao menos o texto datilografado para revisão. Entre outras coisas _____ (?), saiu impresso um resto da _____, em ___ (?) de rosto.
> Ser-lhe-ia grato se me mandasse duas linhas acusando o recebimento desta.

Cordial abraço do seu
velho
Murilo Mendes

(*) Digo – tipográfica

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Nesta outra carta, enviada de Montevidéu, Gilberto Mendonça Telles dirige-se a Ascendino preocupado com a falta de notícia deste sobre alguns livros que lhe enviara, reclamando a atenção do amigo, que sempre acusava o recebimento de suas obras. Procura sensibilizá-lo, referindo-se à possibilidade de estar sendo esquecido pelos amigos no Brasil:

Montevidéu, 14 de junho de 1968.

Meu caro Ascendino,

Desculpe-me se venho tomar-lhe algum tempo. Mas como até agora não recebi nenhuma carta ou notícia de que você recebeu os meus livros, fiquei preocupado, principalmente porque você me acusava imediatamente os livros que lhe remetia. Ao desejo de receber a sua opinião sobre meus poemas se junta agora a preocupação de saber se pelo fato de não estar no Brasil estou sendo esquecido pelo amigo, sobretudo a quem dedico a minha melhor simpatia e admiração. Você foi um dos primeiros escritores brasileiros a que remeti meus trabalhos literários do ano passado, mas é talvez um dos poucos que ficaram calados, sem ao menos agradecer a remessa. Será que as várias e várias greves dos correios uruguais (ou algum obscuro admirador) não deixaram os livros chegarem às suas mãos? Como tenho certeza de que dois brasileiros e um argentino também não os receberam, comecei a preocupar-me com a sorte de alguns outros exemplares de "Sintaxe Invisível" e de "La Palabra Perdida" que distribuí a escritores sul-americanos, e dos quais não recebi ainda nenhuma notícia. É certo que muitos escritores não acusam recebimento de livros, mas como estou acostumado com a sua rápida e simpática manifestação, acabei por sentir a falta e resolvi escrever-lhe. Em janeiro estive no Rio e cheguei a telefonar para sua casa; parece que você estava, se não me engano, em Santa Catarina. Passei antes pelo seu trabalho e apenas disseram que você não se encontrava no Rio. Quando tenha tempo, aqui estou para ler suas cartas.

Aí vai um poema que lhe dediquei e que fará parte do meu próximo livro. Como se trata de um poema novo, possivelmente o modificarei nalguma coisa, mas de um modo geral a minha sensação de morte permanecerá entre algumas palavras bastante novas.

Gostaria que me fizesse o favor de me remeter o endereço de Nilo Aparecida Pinto, para mandar-lhe meus livros.

Temos na biblioteca do Instituto alguns livros seus.

Receba um abraço amigo do

Gilberto M. Teles

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

A eleição e a entrada de escritores para a ABL constituíram outros temas comentados por Ascendino Leite em seu *Jornal Literário* e por seus correspondentes nas cartas, incluindo aí desde os acordos e/ou contatos entre os literatos, o descaso relativo a algumas candidaturas, até a morte de acadêmicos e a referência a seus sucessores. A indiferença da Academia em relação à candidatura de Jorge de Lima foi um dos momentos que causou a indignação de Ascendino: "A Academia por três ou quatro vezes recusou-o; uma vergonha irreparável" (LEITE, 1989, p.26).

Para análise desse tema, reporto-me, aqui, a uma troca de cartas entre Ascendino Leite e José Américo de Almeida, quando da candidatura deste à Academia Brasileira de Letras. Resguardadas as outras cartas de Ascendino Leite que não chegaram ao arquivo da Fundação Casa de José Américo (as que pertencem ao acervo pessoal ou familiar do escritor), pode-se deduzir, a partir de sua correspondência ativa e passiva (APÊNDICE D), que José Américo foi o autor com quem Ascendino se correspondeu com maior frequência. Conversava, por meio das cartas, com José Américo sobre vários assuntos, entre os quais, pesquisas, estudos encomendados por estes, obras enviadas e pleito na Academia Brasileira de Letras.

Na carta a seguir, datada de 1966, Ascendino escreve do Rio de Janeiro a José Américo, informando-lhe como anda a movimentação em torno da candidatura deste à vaga na Academia Brasileira de Letras. O assunto da carta refere-se particularmente aos contatos que Ascendino estabelecia, na época, com alguns acadêmicos comunicando, através de telegramas, a candidatura do amigo e solicitando votos para ele. Entre os autores mencionados estão Assis Chateaubriand, Gilberto Amado e Viana Moog, além de outros que haviam se engajado à candidatura, como Jorge Amado, Magalhães Júnior e Viriato.

Rio, 19 de julho de 1966.

Caro Sr. José Américo

A candidatura vai de vento em popa. Conforme sua autorização radiográfica através do Reinaldo, passei telegrama a todos os acadêmicos, comunicando a candidatura e solicitando votos. Confirmei com o Josué Montello e o Adonias o texto desses telegramas. Houve um texto especial para o seu amigo Assis Chateaubriand com uma referência à Paraíba e um fecho assim: "afetuoso abraço". Gilberto Amado e Viana Moog estão fora do país; mesmo assim mandarei os telegramas para os respectivos endereços

> aqui no Rio. Não obstante, peço-lhe que através de carta aérea o caro amigo escreva urgentemente aos dois confirmando o pedido de voto feito por telegrama. O endereço de Gilberto Amado é Hotel Continental – 3, Rue de Castiglione – Paris. O do Viana Moog é Embaixada do Brasil, Paseo pela Reforma, 445 – México. Peço-lhe também telegrafar daí, dentro de uns dez dias, ou mais precisamente no dia 2 ou 3 de agosto, ao Afrânio Coutinho (Rua Paul Redfern, 41 – Ipanema) pedindo o voto. Foi o único a quem não passei telegrama porque ele se acha em excursão em vários países da América do Sul, só regressando aquela data. Pode usar expressões mais amigas: ele é um dos seus reais ardorosos votantes. Passe também um telegrama ao Afonso Pena Júnior (Rua Pereira da Silva, 728 – Laranjeiras). Este não vota. É apenas por cortesia à família que às vezes comunica à Academia os telegramas desse tipo por ele recebidos.
>
> Estive ontem na Academia entregando a carta ao Austregésilo, formalizando a inscrição. No momento, estão inscritos apenas o Antonio Houaiss, um tal de Frois, e o Celso Kelly. Este anda amuado com os acadêmicos e diz que não retira a candidatura. Pior, se persistir, terá apenas três ou quatro votos (Rebelo, Aurélio Buarque, etc) O Joracy Camargo anunciou da Europa que era candidato. Não sabe do movimento em torno do seu nome. Os que estavam com ele (Jorge Amado, Magalhães Júnior, Viriato) já estão com a sua candidatura. O Magalhães pediu-lhe para lhe escrever dizendo isto. A impressão (quase certeira) é que dentre os 36 acadêmicos votantes o senhor terá na pior das hipóteses entre 29 a 30 votos. Mas até o pleito, é convicção de que os demais candidatos sairão como já saíram o Antonio Olinto e o Herberto Sales. Até lá, isto é, até a eleição, teremos um silêncio compreensível em torno do assunto. Os acadêmicos não costumam responder ao candidato sobre os pedidos de voto. A resposta é dada na urna no dia do pleito. E depois irão todos a Getúlio das Neves abraçar o novo <u>imortal</u>.
>
> Grato pelas expressões da sua carta. Quem imaginou e escreveu <u>A Bagaceira</u> tem direito a coisa muito mais seria e mais alta que a simples amizade, a admiração dum escritor menor, como este seu velho amigo. <u>A Bagaceira</u> e o seu autor são o romance brasileiro.
>
> Remeto a lista dos acadêmicos. Esperamo-lo aqui no fim de setembro. Por enquanto, receba o abraço do Ascendino.
>
> PS - Bandeira intitula-se "coordenador oficial" da sua votação. Ele, o Tristão, o Arinos, o Adonias, o Montello, o Afrânio, etc, na mesma ordem.
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Nessa carta, Ascendino se mostra ardiloso, ao orientar José Américo para que telegrafe a outros acadêmicos, como Afrânio Coutinho e Afonso Pena Júnior, pedindo votos ou comunicando a sua candidatura. Essa atitude revela ter sido Ascendino um experiente mentor do processo de eleição de José Américo à Academia Brasileira de Letras, incentivando o amigo nestes termos:

> Pode usar expressões mais amigas: ele [Afrânio Coutinho] é um dos seus mais ardorosos votantes. Passe também um telegrama ao Afonso Pena Júnior (Rua Pereira da Silva, 728 - Laranjeiras). Este não vota. É apenas por cortesia à família que às vezes comunica à Academia os telegramas desse tipo por ele recebidos.

Em meio a essas notícias, Ascendino também faz saber a José Américo a possiblidade de outros candidatos à Academia desistirem da vaga, fato que favoreceria a candidatura do autor de *A bagaceira* (1928), como assim o fizeram Antonio Olinto e Herberto Sales. Ao final da carta, Ascendino enaltece a figura do futuro acadêmico, seu conterrâneo, por ter sido o autor dessa obra, que o levaria à Academia, estabelecendo, em seguida, um contraponto com sua amizade a José Américo, num discurso que se encaminha para a modéstia, e que tende a refetir na sua invisibilidade junto aos demais escritores, ao intitular-se "escritor menor".

Nesta outra carta, José Américo responde a Ascendino, agradecendo o apoio dado a sua candidatura, ocasião em que reconhece o trabalho do amigo, dando-lhe ao mesmo tempo outras notícias, como a resposta ao pedido que lhe fizera de telegrafar a outros acadêmicos e sobre o recorte de uma entrevista que estava lhe enviando.

> João Pessoa, 19 de julho de 1966.
>
> Caro Ascendino:
>
> Recebi sua última carta. Que trabalheira! Tudo por obra da amizade que sempre foi um sentimento muito seu.
> Deve ter recebido uma carta de pedido de inscrição endereçada para seu apartamento, via aérea, expressa e registrada.
> Telegrafei a todos os acadêmicos da relação que me enviou, menos ao Marques Rabelo que não se dá comigo, e aos dois que residem no estrangeiro. Hoje, estou me dirigindo ao Chateaubriand e Jorge Amado. Depois escreverei ao Adonias, agradecendo seu prestigioso esforço.
> O pedido de voto foi uma espécie de circular, tudo nos mesmos termos, para não despertar emulações. Depois agradecerei em carta aos maus dedicados. Magalhães Junior já confirmou apoio.
> Causou-me grande estranheza a posição de Macedo e de Carneiro Leão, ambos meus amigos.
> Remeto-lhe um recorte de "O Norte" com uma espécie de entrevista dada de um jato. Deverá sair também no "Jornal do Comércio ", do Recife.
> Recomende-me aos seus. Com um grande abraço agradecido
>
> José Américo
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

Na carta a seguir, escrita em 1966, José Américo escreve ao conterrâneo Ascendino Leite com o objetivo de compartilhar com o escritor a vitória que obteve na Academia Brasileira de Letras e buscar, mais uma vez, seu apoio quanto à escolha do acadêmico para recebê-lo na referida casa.

Joao Pessoa (Tambaú) 6.11.1966

Caro Ascendino:

Afinal ocorreu sua vitória, mais sua do que minha, pelo seu desejo de me ver na Academia.

Já telegrafei ao Austragesilo indicando o nome de Alceu Amoroso Lima para me receber com a justificação de ter sido ele meu patrono desde o lançamento de A BAGACEIRA. Quanto a Adonias, faço-lhe a seguinte ponderação: reconheço ter sido ele o campeão mais eficaz de minha candidatura, um pouco por mim e muito por você. Tenho ainda a maior admiração por ele. Perguntaria, porém, se o fato de ter ele prestado esse concurso notório não dá outro sentido à opção. Não faltaria oportunidade para prestar-lhe a homenagem a que tem direito.

Pensei em adotar um critério. Sendo o Alceu um prosador, o Acadêmico a quem caberia a imposição do colar poderia ser um poeta, por exemplo, Manuel Bandeira.

Mande-me uma resposta decisiva.

Recebi um telegrama de Antonio Olinto solicitando apoio para seu nome. Como se portou ele?

Aceite cordial abraço.

José Américo

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

No conjunto do *Jornal Literário* de Ascendino Leite, algumas cartas aparecem em sua forma completa, ou, em sua maioria, editadas, respondidas, ou com trechos transcritos. Na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, observam-se algumas referências às cartas movidas pelo sentimento de amizade, entendida, aqui, como sendo as relações de simpatia e amistosidade pelas pessoas com as quais nos sentimos bem e que procedem moralmente bem conosco e nós, por nossa vez, também procedermos com um comportamento ético análogo, recíproco. (ALBERONI, 1989). Os amigos são escolhidos porque guardam alguma afinidade conosco no sentir ou no pensar, podendo essa afinidade estender-se ao domínio das relações literárias. É o que se observa neste registro feito por Ascendino Leite em relação a uma carta da amiga Cosette de Alencar:

CARTA da minha cara amiga Cosette, como sempre bem escrita, cheia de coisas interessantes, sum agradável sabor literário. Tocando-me aqui o sentimento da idade:

–"Cá estou tentando – diz ela – afugentar meus fantasmas nem sempre com êxito. Penso que estou atravessando aquele vale das sombras de que não escapamos nesta caminhada: pois, indubitavelmente, se sombras existem é

> na caminhada dos vivos, depois que chegam a certa altura. Já cheguei a esta altura: reconheço que a ascensão está longe de ser recreativa".
>
> Dito por mulher, não deixa de ser admirável. Daí que suas cartas me são sempre agradáveis; nunca as leio sem um real encanto, um prazer verdadeiro.
>
> E como escreve bem! Se tivesse acesso à grande imprensa, se tivesse num grande centro, se deixasse a pequena cidade mineira onde nasceu, onde vive, seria decerto nome nacional. [...] (LEITE, 1988, p.363)

Cosette de Alencar foi romancista e cronista, que nasceu na cidade de Juiz de Fora–MG, autora de um único romance publicado, *Giroflê-Giroflâ* (1971), premiado pela Academia Mineira de Letras, escritora de quem Ascendino recebeu várias cartas, dentre as quais esta, do ano de 1967, a que pertence o fragmento anterior, comentado pelo escritor, e que reúne, entre outros temas, o agradecimento pelo envio do romance *A prisão* (1960), a apreciação crítica em torno dos enredos e da linguagem do ficcionista, a comunhão que se estabelece entre os escritores, quanto ao trabalho com a escrita, consolando-os do tédio da existência.

> Prezado Ascendino:
>
> obrigada pela remessa de A PRISÃO, cuja leitura me encheu uma noite de insônia, obrigando-me a fugir de tristes pensamentos, agora obsessivos nesta fase negra que vou atravessando. Você é senhor de seus temas, trabalha-os com desenvoltura em que não parece haver o menor suor. Também dá a impressão de ter noção exata de medida, sabendo conter sua linguagem e refrear qualquer tentativa de loquacidade. Tudo isto é difícil, requerendo tarimba e disciplina. Admiro principalmente seu talento em criar a atmosfera que convém a seus enredos: dela é que se escapa, segundo penso, este fluido que estabelece, de saída, entre autor e leitor uma singular comunicabilidade. A gente vai lendo, vai fugindo de si mesmo, de seu próprio círculo de giz, ganhando dimensão nova, apreendendo que outros mundos existem, além do mundozinho cotidiano em que nos movemos como perus prisioneiros. Grata sensação, ainda que se trate, como no caso deste Arnaldo, de um mundo opressivo, repleto de armadilhas silenciosas, onde tudo pode acontecer – e acontece mesmo. Também tenho refletido que já fabricou sua linguagem particular, onde há sineta de minerador da língua: ela parece refletir seu próprio jeito de pensar, flexível e sinuoso, não raro brusco, sempre sedutor. É linguagem onde há encanto, capaz de fazer-nos sorrir às vezes, sem jamais deixar de nos provocar curiosa emulação. E poesia antes lhe sobre do que lhe falta. Asa arisca, é certo, mas de vôo seguro: tudo está em lhe captarmos a mensagem nem sempre esquiva. Um bom ficcionista eis o que você é. Admira-me que não o seduzam outros temas, tanto é certo que lhe será facílimo colhê-los à sua volta, onde não devem faltar. Suponho que, de repente, você se deixará seduzir por um convite menos desdenhável e retomará a charrua. Como cantou Camões? "Ó lavradores bem-aventurados..." Isto mesmo. É só o que pode consolar-nos do

> tédio da existência, o trabalho, principalmente o trabalho do espírito. Que vale o resto? Dir-me-á que isto são ideias negras, e não estará errado. E as ideias negras, disse-o a vitoriosa Edmonde Charles-Roux, "on sait où cela commence, mais jamais où cela finit"... Já leu o romance desta moça, que obteve o Goncourt do ano passado? É obra de mensagem forte, a meu ver muito mais valiosa que as outras experiências do "roman nouveau". Não é romance novo, é romance de sempre, escrito com graça fresca, dando-nos o que queremos que nos dê um livro: uma visão particular da vida, não sei se também uma lição. Penso que as duas coisas. Não parece sintomático que uma mulher, não velha, estreante, tenha logrado esta láurea consagradora. Sinal dos tempos. A cidadela anti-feminista cai, tudo irá sofrer a influência desta queda: os que viveram mais um pouco terão muito a ver em matéria de mudança.
>
> Cá estou tentando afugentar meus fantasmas, nem sempre com êxito. Penso que estou atravessando aquele vale das sombras de que não escapamos nesta caminhada: pois, indubitavelmente, sombras existem é na caminhada dos vivos, depois que chegam a certa altura. Já cheguei a esta altura: reconheço que a ascensão está longe de ser recreativa.
>
> Recomende-me à sua mulher, às filhas – e mande suas ordens. Qualquer dia, faço-lhe a surpresa de convocá-lo, e aos seus, ao "apartamento" de Raul Pompeia, fechado há quatro anos. Está longe de ser mole manter aí um imóvel fechado: e eu agora trabalho aqui para sustentar este luxo equívoco...
> Com um abraço afetuoso, muito cordialmente Cosette
>
> Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

A leitura do epistolário de Ascendino Leite, ilustrado aqui por esse conjunto de cartas, permitiu observar a natureza dos contatos entre Ascendino e os escritores da época, contribuindo não apenas para fortalecer a rede de sociabilidade, por meio da discussão sobre assuntos relacionados à vida literária, e às amizades aí implicadas, à troca de favores, mas também para revelar a face do escritor que desejava ser reconhecido entre seus pares e no contexto da produção literária da época. É o que se nota, através da referência, nas cartas, à oferta de livros de Ascendino destinados aos correspondentes, para apreciação e/ou julgamento por parte destes (e vice-versa). Apesar de toda essa movimentação em torno da cena literária, Ascendino permanecia distanciado do apoio do mercado editorial, custeando ele próprio suas obras.

3.2.5 Aforismos

O Ascendino que surge das páginas do *Jornal Literário* é um escritor afeito a reflexões exortativas, muitas delas, poéticas e místicas, esboçadas por uma espécie de "pensador-

filósofo", cuja força do pensamento se cristaliza, na maioria das vezes, "em pequenas tomadas de reflexão que tende a convocar o leitor a refazer e contemplar os enigmas do cotidiano", como bem definiu Barbosa Filho (2008a, p.60). São sentenças produzidas em poucas palavras, que, originalmente, explicitam algum princípio de alcance moral. Tais sentenças começam a ser esquematizadas por Ascendino em seu primeiro *Jornal Literário, Durações* (1963), e vão repercutir, mais tarde, num condensado livro de máximas intitulado *Aforismos para o povo instruído* (1998). O volume está dividido em cinco blocos de sentenças – o primeiro, que dá título ao livro; o segundo, "As máximas e as mínimas"; o terceiro "As máximas de quem não é marquês"; o quarto "Aforismos para a sã peleja"; e o quinto "Axiomas para a hora do jantar". Outro livro, de Ascendino, pertencente a esse domínio temático é *Aforismos da precisão* (2003).

A prática leitora de Ascendino Leite certamente o conduziu ao exercício dos aforismos, ou como leitor de algum livro do gênero, como o que lhe presenteou o escritor Xavier Placer, do qual Ascendino citou os aforistas Lichtenberb e Chamfort, em *Sementes no Espaço (1938-1988) I* (LEITE, 1988, p.476), ou, ainda, como colaborador do suplemento *Letras & Artes*, nos anos 40. Na edição de 14 de setembro de 1947, o mesmo Xavier Placer publica uma seleção de aforismos de Nietzsche nesse suplemento, versando sobre vários temas, o que pode ter contribuído para desenvolver o gosto de Ascendino pelos aforismos.

Para compor a antologia *Sementes no Espaço (1983-1988) I* e *II*, Ascendino selecionou diversas máximas que construiu. Dentre os temas abordados, o tempo é um deles, a respeito do qual o escritor anotou: "O tempo não é o que passa mas o que está para vir. Não é a atualidade visível mas a essencialidade previsível" (LEITE, 1988, p.140). Veja-se este aforismo em tom de mandamento religioso: "Lembra-te de te confundir, uma vez por outra, com aquele que é o teu próximo. /E também de admitir que, no mesmo instante, esteja ele pensando como tu." (LEITE, 1988, p.500). Sobre a convivência com a velhice apresentou a seguinte reflexão: "A sublimação duma velhice consciente é ter ânimo bastante para viver seu presente efêmero." (LEITE, 1989, p.325). A leitura também foi matéria de reflexão: "Leitura, vício da inteligência. Tão forte quanto os vícios da carne" (Ibidem, p.261), assim como o exercício da *escrita:* "Escrever não é apenas um negócio artístico. É um fundamento de expressão moral. Só os indolentes não escrevem." (Ibidem, p.24). No que se refere à *morte*, anunciou: "Só há uma igualdade sem valor: a da morte. É como um atributo: não falta a nenhum ser da terra. É a aurora e o fim do seu valor." (Ibidem, p.160). Sobre o fazer literário, sentenciou: "Dizer as coisas literariamente mas eximir-se a todo custo de "fazer" literatura"

(LEITE, 1988, p.454). Para finalizar, este aforismo: "Que bela intriga é a inteligência do homem" (Ibidem, p.210).

Outros temas constituíram matéria de reflexão de Ascendino Leite na antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, compreendendo o conjunto do seu *Jornal Literário*, como vida, morte, tempo, que remetem à esfera existencial, além de outros assuntos, como amizade, velhice, infância, religião, porém, neste capítulo, e na tese como um todo, me reportei para as maneiras de fazer a vida literária a partir de uma representação do "ser leitor", que foi Ascendino Leite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta tese traçando minha experiência como leitora no campo das escrituras pessoais, até me deparar, na Pós-Graduação, com o *Jornal Literário* de Ascendino Leite, assumindo, desde então, esse sujeito e a formação do seu Jornal como objetos desta pesquisa. Instigava-me, sobretudo, a curiosidade de conhecer o Ascendino tido como autodidata, alguém que se instruiu como leitor por esforço próprio, e de que modo essa condição havia favorecido a produção do seu *Jornal Literário*, que, do ponto de vista do suporte, caracteriza-se por ser um texto repleto de fragmentos representativos da literatura intimista e da vida literária e cultural do país, dos quais selecionei para estudo os que compõem a antologia *Sementes no Espaço (1938 -1988) I* e *II*.

Não se sai a mesma pessoa depois de vasculhar esses fragmentos, associando-os à vida do escritor no Rio de Janeiro, nos anos 40, 50 e 60, aos vários suportes em que começou a escrever suas anotações, a sua filiação ao cargo de censor do governo Carlos Lacerda, às pessoas (amigos e confrades) com quem estabeleceu contato e dialogou, à leitura de seus arquivos pessoais, às redes de sociabilidade de que participou, às obras lidas e sobre as quais exercitou sua crítica, às difíceis relações com os editores, às correspondências enviadas e recebidas. Estava, agora, diante de um escritor que se esforçou para deixar inscrita sua existência como autor, ao fazer do conjunto de seu *Jornal Literário*, representado pela antologia em questão, um testemunho de si mesmo e do seu tempo, ao entrelaçar vida e literatura como dois eixos importantes do seu cotidiano.

Por isso o investimento na representação de um "ser leitor" que surge das anotações no bloquinho de notas aos cadernos de capa dura, passando, posteriormente, à escrita de crônicas nas colunas literárias do jornalismo brasileiro e criando, a partir daí, ações para chegar à formação de um *Jornal Literário*, constituído por um hibridismo de gêneros (diário, memória, autobiografia, confissão etc) em termos de estrutura. Foram as "maneiras de fazer", i.e., os "modos de proceder da criatividade cotidiana" por meio dos quais "usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção cultural" (DE CERTEAU, 2009) que fizeram de Ascendino um leitor confiante na sua mobilidade tática, para poder transitar e participar das redes de sociabilidades (espaços de convivência literária, prática de dedicatórias e/ou ofertórios) de escritores de sua época e de, assim, compor um *Jornal Literário* à semelhança do *journal* dos franceses, deixando, em vários momentos, apropriar-se da fórmula gidiana.

Com o olhar fixo nos fragmentos de *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II*, transverso pela apreensão dos discursos em torno da figura de Ascendino Leite e de sua produção literária, pelos espaços de leitura em que esteve compenetrado e pelas maneiras de ler, pelo acervo de livros presente em sua biblioteca particular e até pela indiferença dos editores em relação ao reconhecimento que almejava ter como autor, visualizou-se a representação de um leitor de formação clássica, comprometido não apenas com o prazer de ler obras variadas da literatura brasileira e estrangeira, como também com a vocação para a crítica, com entendimento para julgar e avaliar livros e as práticas relativas à vida literária da época e do lugar.

A antologia *Sementes no Espaço (1938-1988) I* e *II* configura-se como um símbolo material das operações intelectuais que Ascendino construiu enquanto leitor, durante parte de sua vivência no Rio de Janeiro. Nesta tese, busquei construir uma representação sobre a escrita intimista de Ascendino Leite e a vida literária da época, vista sob o olhar atento desse leitor, partindo do ponto de vista de que o que se *registra* é apenas uma realidade social construída, "pensada, dada a ler". Outros olhares poderão, a partir daí, ser lançados sobre o objeto desta pesquisa, havendo, ainda, outros temas a estudar.

Se por um lado algumas iniciativas confirmam, sem nenhum favor, o valor dos escritos de Ascendino Leite, por outro incitam o debate em torno de escritores que se encontram esquecidos pelas chamadas "instâncias de legitimação". Afinal, para ser visível é preciso ser visto por quem? Onde? E por que meios? Não se pode afirmar que Ascendino não buscou, com sua trajetória de vida no Rio de Janeiro, dar respostas a estas perguntas. Lançou-se, sim, à "caça", aproveitou as "ocasiões", arquivando a vida e a si próprio por meio da escrita do seu Jornal. Fica, no entanto, o convite para a leitura de sua obra e, em particular de seu *Jornal Literário*, em qualquer tempo e lugar. Algumas páginas desse arquivo já foram abertas.

Como últimas palavras, deixo este fragmento que guardei do escritor:

> ESPEREI setenta anos para me conhecer e tentar uma obra.
> Dei suficicientes cuidados ao meu cérebro. Preparei o meu espírito para muitas experiências e propulsões. Não forçaram o sucesso até agora.
> Não obstante, não me foi difícil, por trás dessa montanha de dias mortos e atos falhos, conservar um pouco de coragem e confiança.
> Que isto revele, pelo menos, a tenacidade com que tenho defendido, entre alternativas naturais de humor e temperamento, uma certa visão otimista do homem – é o que cabe deixar escrito aqui, na solidão deste final de ano, fechado no escritório, escrevendo neste caderno.
> Sei que será assim até o momento final.
> Não morrerei desconsolado, porque a literatura é mais velha do que minha ambição e está sempre recomeçando. (LEITE, 1989, p.305-306)

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 2002.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006. (Coleção paradidáticos).

_____. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. (Coleção História da Leitura).

AGULHON, Maurice. **Les chambrées em basse Provenc: histoire et ethnologie, Histoire vagabonde**. Paris: Gallimard, 1988, p.61.

_____. Sociabilité populaire e sociabilité bourgeoise ao XIX e siècle. In. POUJAL, G. et HABOURIE, R. **Les cultures Populaires**. Privat, Institut National d‟Education Populaire, 1979, pp. 81- 91.

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem:** apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 1992.

A MEMORIALÍSTICA de Ascendino Leite. João Pessoa: Ideia, s/d.

AMIEL, Henri-Frédéric. **Diário íntimo**. Tradução Mario D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro-PortoAlegre-São Paulo: Livraria do Globo, 1947.

ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinhos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_____. Vida literária – Modernismo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 07 jan. 1940, p.08. (Adaptado). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=as heroinas da retaguarda> Acesso em: 01 set. 2013.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p.9-34.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. Tradução A.F. Fernadini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 71-210.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **As coisas incompletas**: jornal literário 3. João Pessoa: Ideia, 2013.

_____. **Às horas mortas**: jornal literário. João Pessoa: Ideia, 2006.

_____. **As luzes sobre as coisas**: Ascendino Leite em foco. João Pessoa: Ideia, 2008a.

_____. **O escritor e seus intervalos**: jornal literário 2. João Pessoa: Ideia, 2008b.

_____. **Augusta** – revista semestral de poesia, João Pessoa, n. 2, p.7, 2000.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: livreiros e tipógrafos. In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.) **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 205 a 220.

_____. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano**: uma história. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

BARTHES, Roland. Sobre a leitura. **O rumor da língua**. Tradução António Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____._____. **O rumor da língua**. 2.ed. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

BASTIDE, Roger. Ensaio sobre o diário íntimo. Suplemento **Letras & Artes**, 18 jul. 1948, p.4.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Tradução Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203 – 232.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____. **Montaigne**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CAVALCANTI, Mercedes. **Cores da paixão**. João Pessoa: Ideia, 2011.

CAVALCANTI, Waldemar. **Jornal literário**: crônicas. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1960.

CEIA, C. (Org.). Dedicatória. In: **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt> Acesso em: 10 set. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobransky. Campinas, SP: Papirus, 1996. Coleção Travessia do Século.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CHANG, Julio Villanueva. **O crítico de pessoas**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/07/03/o-critico-de-pessoas-305126.asp> Acesso em: 30 abr. 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Tradução de Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999a. (Prismas).

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFGS, 2001.

_____. **Formas e sentidos** - *Cultura escrita*: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. (Org). **História da vida privada, 3**: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo Companhia das Letras, 2009.

_____. Entrevista especial – Roger Chartier. In: DIAS, Claudete Maria Miranda. **Línguas, Educação e Sociedade**, nº 13, jul/dez de 2005, Terezinha-PI: UFPI, p. 139-156. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Revista/N%2013/Entrevista.pdf>. Acesso em: 28/06/ 2012.

CHORÃO, João Bigotte. **Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura**: Edição Século XXI. Lisboa: Editorial Verbo, 1998.

COSTA E SILVA, Roberto da. Autobiografia, antibiografia e história. **Revista Brasileira**. Fase VII. Janeiro-Fevereiro-Março, 2011, Ano XVII, Nº 66.

COSTA LIMA, Luiz. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COSTA, Américo de Oliveira. **A biblioteca e seus habitantes**. Rio de Janeiro: Achiamé/Fundação José Augusto, 1982.

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor**: o caso José Condé. João Pessoa: UFPB, 2013. 294f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara e CUNHA, Maria

Teresa Santos (Org.). **Refúgios do eu***:* educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

DAVID, Luís Carlos. O diário de Ascendino Leite: a vida literária julgada sem meias palavras. **Jornal do Brasil**. 20 nov. 1963, p. 3. Caderno B.

DEFOE, Daniel. **As Aventuras de *Robinson Crusoé***. Porto Alegre: L&PM, 1996.

DELL'ISOLA, R. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DEMARCHI, Ademir. Letras & Artes, suplemento do jornal A manhã. **Travessia** Nº 25 – 1992.

DICTIONNAIRES Le Robert de Poche 2008 - SEJER. Paris: Robert ed le, 2007, p.400.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Isabel & PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro** - da escrita ao livro electrônico. Portugal: Almedina, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O que é um Autor?** 4.ed. Tradução António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Vega: Passagens, 1992.

_____. A escrita de si. **Ditos e escritos**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

_____. **Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de notas: Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank***:* edição integral. 9.ed. Tradução Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **Dedicatórias manuscritas**: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013. 406f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GADINI, Sérgio Luiz. **A cultura como notícia no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação. Série Estudos, v.8).

GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida**: produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940-1950. São Paulo: Ed. Senac, 1998.

GARCEZ, Lucília. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GILFRANCISCO. *Ascendino Leite por Gilfrancisco*. João Pessoa: Ideia, 2002, p.17.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 6, n.11, 1993, p.62-77.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A.C.V; BASTOS, M.H.C; CUNHA, M.T.S (Org.). **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 29-61.

_____. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 5.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p.39.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico HOUAISS da língua portuguesa**. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

KUJAWSKI, Gilberto Melo. Categorias típicas do cotidiano. **A crise do século XX**. São Paulo: Ática, 1991.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitores. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEITE, Ascendino. **Durações**. Petrópolis: Vozes, 1963.

_____. **I - Passado indefinido**. **II – Os dias duvidosos. III – O lucro de Deus**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

_____. **A velha chama**. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1974.

_____. **As coisas feitas**: jornal literário. Rio de Janeiro: Eda Edit, 1980.

_____. **Visões do Cabo Branco**. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1981.

_____. **O vigia da tarde**: jornal literário. Rio de Janeiro: Eda Edit, 1982.

_____. **Um ano no outono**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1983.

_____. **O jogo das ilusões**. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1985.

_____. **Os dias esquecidos**. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1987.

_____. **Os dias memoráveis**: jornal literário. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1987.

_____. **Sol a sol nordestino**: jornal literário. Rio de Janeiro: EdA Edit, 1987.

_____. **O velho do Leblon ou Novo retrato do artista quando velho**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.

_____. **Sementes no espaço (1938-1988) I**: fragmentos de um Jornal Literário. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.

_____. **Sementes no espaço (1938-1988**) **II**: fragmentos de um Jornal Literário. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Cátedra, 1989.

_____. **Momentos intemporais**. João Pessoa: Acauã, 1991.

_____. **Visões e reflexões do 3º Céu**: euísmos. João Pessoa: Ideia, 1993.

_____. **Euísmos**: jornal literário. Fragmentos. João Pessoa: Ideia, 1997.

_____. **Os pecados finais**: jornal literário. Fragmentos. João Pessoa: Ideia, 1997.

_____. **Aforismos para o povo instruído**. João Pessoa: Ideia, 1998.

_____. **Surpresas na partida**: jornal literário. Fragmentos. João Pessoa: Ideia, 1999.

_____. **Caracois na praia**: jornal literário. Fragmentos. João Pessoa: Ideia, 2001.

_____. **Vulgata**. João Pessoa: Ideia, 2001.

_____. **O princípio das penas**. João Pessoa: Ideia, 2003.

_____. **Aforismos da precisão**. João Pessoa: Ideia, 2003.

_____. **Os pesares**. João Pessoa: Ideia, 2004.

_____. **As pessoas**. João Pessoa: Ideia, 2004.

_____. **Na ciência dos fatos**. João Pessoa: Ideia, 2007.

_____. **Biografia crucial ou Os dias memoráveis**: jornal literário. João Pessoa: Ideia, 2008.

_____. **Notas provincianas**. João Pessoa: A União, 1942.

_____. **Estética do modernismo**. João Pessoa: Imprensa, 1936.

_____. **A viúva branca**. Rio de Janeiro: Simões, 1952.

_____. **O salto mortal**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

_____. **A prisão**. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1960.

_____. **O brasileiro**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.

_____. **Visões do vale**. João Pessoa: EdA Edit. Ideia, 1993

LEJEUNE, Philippe. **Je est um autre. L'autobiografhie de la littérature aux médias**. Paris: Ed. Du Seuil, 1980.

_____. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. (Org.) **Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa**. 2.ed. rev. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

LIMA, Vera. **Capítulo 1**: A escritora Virginia. Disponível em: http://www.virginiawoolf.pro.br/cap1_escritora_vw.html Acessado em 11.10.09

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____; LOUSADA, Eliane e ABREU-TARDELLI. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MACHADO, Ubiratan Paulo. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: Edusp, 2012.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita** – atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, nº 1, 2003, p.9-40.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: SOUZA, Eliana da Conceição Tolentino & MARTINS, Anderson Bastos (Orgs.). **O futuro presente**: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p.59-102.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista, 9**: crítica literária. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995, p. 486.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENEZES, José Rafael de. **Antologia do jornal literário de Ascendino Leite**. João Pessoa: Ideia, 2004.

_____. **O poder reflexivo de Ascendino Leite**. João Pessoa: Grafset, 1986.

_____. **Amizades bibliográficas**. João Pessoa: Ideia, 1999.

_____. **Três estetas paraibanos**: Álvaro de Carvalho, Mario Moacyr Porto, Ascendino Leite. João Pessoa: A união, 1992.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*: uma seleção. Org. M.A Screech. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTELLO, Josué. **Diário da noite iluminada –** 1977-1985. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MORAES, Eliana Melo Machado. **Anotações de aulas**: contribuições para a caracterização de um gênero discursivo e de sua apropriação escolar. 2005.189f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, José; NUNES, Angélica (Orgs.). **Ascendino Leite**: vida e obra. João Pessoa: Ideia, 2005.

OLINTO, Antonio. **2 Ensaios**: O "jornal" de André Gide - Jornalismo e literatura. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. João Pessoa: UFPB, 2009. 241f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Revista de estudos de literatura**. Belo Horizonte, v. 4, out. 1996, p. 211-223.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução Leny Werneck. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

PEREIRA, Joacil de Brito. **Ascendino Leite**: escritor existencial – ensaio biográfico. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2002.

_____. (Org.). **Convívio literário de Ascendino Leite** (opiniões e testemunhos). João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

_____. **Paraíba nomes do século** – Ascendino Leite. João Pessoa: A União, 2000. (Série Histórica 25).

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. *Fedro – Cartas*: o primeiro Alcibíades. 2.ed.Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém/PA: EDUFPA, 2007, p.275. (Diálogos).

PROSE, Francine. **Anne Frank**: a história do diário que comoveu o mundo. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2010.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. 7.ed. Coimbra: Almedina, 2002.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas à amiga Veneziana**. Tradução de Ascendino Leite. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura**. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Maria Célia Ribeiro da. A Experiência cotidiana a meio caminho da ficção: reflexões sobre o gênero diário a partir dos escritos de Helena Morley. In DIAS DA SILVA, Antônio de Pádua & RIBEIRO, Maria Goretti. (Org.) **Rumos dos Estudos de Gênero e de Sexualidades na Agenda Contemporânea**. Campina Grande: Editora UEPB, 2013, p.161- 171.

SILVA, Lindinei Rocha e SILVA, Andrea Targino da. A inscrição do ensaio nos gêneros literários. **Cadernos da FaEL, Volume 3, nº. 8, Mai./Ago. de 2010.** Disponível em: <http://www.unig.br/cadernosdafael/ > Acesso em: 09 ago. 2013.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ – FGV, 1996, p. 253.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SUCUPIRA FILHO, Eduardo. **A arte de escrever cartas e os meios de adquirir um bom estilo**. 6.ed. O livreiro LTDA: São Paulo, 1968.

TEIXEIRA, T. **Crônica política no Brasil -** um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo. 2003. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/teixeira-tattiana-cronica-politica-Brasil.html> Acesso em: 20 mar.2013.

TIM, Emerson (Org.). **A arte de escrever cartas**: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Roterdam, Justo Lípsio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2.ed. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VILLAÇA, Antonio Carlos. A Velha Chama e a vida literária. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 abr. 1974. Livro. Seleção da quinzena, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=A%20velha%20chama%20e%20a%20vida%20liter%C3%A1ria> Acesso em: 02 abr. 2013.

_____. Um diário. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1959. 1º cad., Notas religiosas, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015> Acesso em: 29 jun.2014.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

WADI, Yonissa Marmitt e SOUZA, Keila Rodrigues. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Angela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.93-94.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Acervo Ascendino Leite – CD's

(continua)

A Arte de Elis Regina
A Arte de Elis Regina (2)
A Bossa Eterna de Elizeth e Ciro
A Jazz hour with - Louis Armstrong What a wonderful Wordl
Amarilis de Rebuá - Saudades do Brasileiro
Árias de Ópera - Amarilis de Rebuá
Astor Piazzolla: Concierto para Bandonéon – Três tangos
Bach - Telemann (60 minutes)
Bach (70 minutes) The Welltempered Klavier, Vol. I - Pariita No. 6
Bach (Daniel Chorzempa)
Beethoven - Mozart (Berliner Philharmoniker & Wolfgang Schneiderban)
Beethoven - Quatuor op 132 - Brand Quartett (musique d'abord)
Beethoven Rarities for mandolin and piano - for violin and piano
Beethoven Symphonie No. 9 Karajan Berliner Philharmonike
Bach (Daniel Chorzempa)
Beethoven - Mozart (Berliner Philharmoniker & Wolfgang Schneiderban)
Beethoven - Quatuor op 132 - Brand Quartett (musique d'abord)
Beethoven Rarities for mandolin and piano - for violin and piano
Beethoven Symphonie No. 9 Karajan Berliner Philharmonike
Beethoven Symphonien 5 & 6 'Pastorale' Karajan Berliner Philharmoniker
Beethoven Symphony nº 6 - The Academy Of Anciente Music - Christopher Hogwood
Berlin Philharmonic Orchestra / Herbert von Karajan Strauss: An der schönen, blauen Donau
Billy Vaughn & His Orchestra Vol I
Bizet (60 Minutes)
Bläsermusik des Barock - Philip Jones Brass Ensemble
Cânticos Preces Súplicas - à Senhora dos Jardins do Céu na voz de Maria Bethânia
Chopin - Polonaises 1-9 - Adam Harasiewicz
Chopin Etudes op. 10 & op. 25 Nikita Magaloff
Chopin: Obra Completa para Piano e Orquestra – Vol III - Arthur Moreira Lima, Orquesta Filarmónica de Sofía & Dimitar Manolov

APÊNDICE A – Acervo Ascendino Leite – CD's

(continuação)

Classical Diamonds - Canon & Gingue
Cole Porter in concert
Cole Porter Night and day
Daniel Barenboim / Orcresther de Paris - Ravel : Bolero
Debussy Greatest Hits - Orquestra de Filadelfia
Debussy La Mer - Trois Nocturnes (Boston Symphony Orchestra - SIR COLIN DAVIS)
Dolores
Dvorak/Boccherini: Cello Concerto - Bruch: Kol Nidrei
Edith Piaf 65 Titres Originaux
EMI classics Red Line Beethoven (Yehudi & Jeremy Menuhin)
Essential Classics - Dimitri shostacovich & Sergei Prokofiev
Essential Classics - Beethoven - Piano Sonatas . Klaviersonaten
Essential Classics - Rachmaninov Piano Concertos nº 1 & 4
Essential Classics - Schubert - Schumann - Mendelssobn
Estrela da Vida Inteira - Manuel Bandeira - Olivia Hime
Filippa Giordano
Grad Gala - Johann. Strauss Jr. (1825-1899)
Grand Gala - Schubert (1797 -1828) Symphonies Nos. 6 & 8 'Unfinished'
Grand Gala Chopin (1810 - 1849) Waltzes
Grand Gala Greig - Schumann
Grand Gala Grieg - Tchaikovsky
Grand Gala Haydn
Grand Gala Ravel - Debussy
Grand Gala Tchaikovsky (1840-1893)
Great Movie Themes - Beautiful Music Collection The Strings Of Paris e Jean Paul de La Tour
Harold Sings Arlen (With Friend)
Haydn - London Trios Nos. 1-4 - Duets For Two Flutes
Haydn (60 Minutes) String Quartet Op. 1, Op. 64 'The Lark', Op. 76 'Emperor'
J. S. Bach Brandenburg Concertos nos. 1,2 & 3 - Capella Istropolitana - Bohdan Warchal
J.S.Bach 1987 Recording Playing Time

APÊNDICE A – Acervo Ascendino Leite – CD's

(continuação)

James Galway conduts Handel
Kammermusik für Trompete - Leipziger Bach-Collegium/Ludwig Güttler
Leopold Stokowski The Philadelphia Years
Lo mejor del romanticismo
Masters of Classic Music - Schubert - Vol 9
Mozart VER MELHOR
MPBaby música para pais e filhos - volume 6 - Chorinho
Nelson Freire - Frederic Chopin - Études, op 10 . Barcarolle, op. 60 . Sonata No. 2
Olivia Hime (definir)
Olivia Hime canta Chiquinha Gonzaga - Serenata de Uma Mulher
Olivia Hime mar de algodão - as marinhas de Caymm
Os Dias da MadreDeus
Piano Concertos Grieg - Schumann
Rachmaninov Etudes - Tableaux Op.33 - Op.39 Idil Biret
Rampal: The Entertainer – Scott Joplin
Retratos – Elizeth Cardoso
Richard Clayderman - Classic
Rimsky-Korsakof & Borodin - Scheherazade after 1001 Nights
Robert Schumann album for the youth
Marvin Gaye - Romantically Yours
Gioachino Rossini: La Cenerentola
Giuseppe Domenico Scarlatti (1685-1757) – 13 Sonatas
Franz Schubert - Strings Quartets No. 13 & 14 'Death and the maiden'
Schumann
Schumann - Chopin (60 Minutes)
Schumann - Schubert
Schumann (1810-1856) 60 Minutes
Schumann Scenes from Childhood
Sempre - Chiquinha
Shostakovich - Miaskovsky (Eugeny Mravinsky- Kirill Kondrashin)
Stravinsky (Modern Music Collection)

APÊNDICE A – Acervo Ascendino Leite – CD's

(continuação)

Tango - The ballroom dance orchestra
Tchaikovsks (60 minutes)
Tchaikovsky - The children's album - Serenade for Strings (Vladirmir Spikanov & Moscou Virtuosi)
The best of Haydn (60 minutes playing time)
The best of Schubert (60 minutes playing time)
The Best of Tchaikovsky
The Big Bands Las Grandes Orquestras Glenn Miller; Benny Goodman, Duke Eligton, Gene Trupa, Tommy Dorsey, Count Basie, Billy May, Artie Shaw, Ray Anthonye outros
The Classical Collection 44 - Handel: Instrumental Masterpieces - George Frederic Handel
The Greatest Classical Hits Schumann
Vladimir Horowitz - The Last Recording
Vivaldi - Concertos Pour Flute (Jean Pierre Rampal, I Solisti Veneti, Claudio Scimone)
Wagner Opera Classic recordings for the price
Yamandu & Dominguinhos
Yo Yo Ma - Simply Baroque
Yo Yo Ma - Soul of the Tango: The Music of Astor Piazzolla
Zizi Possi Passione
Zizi Possi Puro Prazer

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continua)

Esfera literária		
Gêneros	**Obras**	**Autores**
Drama	*Macbeth*	Shakespeare
Drama	*Balzac et son Oeuvre*	André Bellessort
Drama	Malibu	Henrique Pongetti
Drama	O inspector geral	Nicolay Vassílievitch Gógol
Drama	Rogério	Órris Soares
Drama	Render dos heróis	Cardoso Pires
Drama	Vestido de noiva	Nelson Rodrigues
Drama	Os 7 gatinhos	Nelson Rodrigues
Drama	Álbum de família	Nelson Rodrigues
Drama	Gonzaga ou a revolução de Minas	Castro Alves
Drama	Peer Gynt	Henrik Ibsen
Drama	Romeu e Julieta	Tradução Onestaldo de Pennafort
Drama (tragédia)	Esther	Racine
Drama	Comédias	Plauto
Romance (estrangeiro)	Sonata a Kreutzer	Tolstoi
Romance	O jardim de Bérenice	Maurice Barrès
Romance	*Le Rouge et le Noir* (livro II)	Stendhal
Romance	*La Chartreuse de Parme*	Stendhal
Romance	A montanha mágica	Thomas Mann
Romance	O mangue	Otávio Tavares
Romance	As três Marias	Raquel de Queiroz
Romance	Pussanga	Peregrino Júnior
Romance	Grande sertão: veredas	Guimarães Roa
Romance	Fogo morto	José Lins do Rego
Romance	Menino de engenho	José Lins do Rego
Romance	Doidinho	José Lins do Rego
Romance	A festa inquieta	Andrade Muricy

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Romance	Doutor Jivago	Boris Pasternak
Romance	Les Anges Noirs	François Mauriac
Romance	Oriente expresso	Graham Greene
Romance	O dia do juízo	Rosário Fusco
Romance	Os milagres do anticristo (tradução francesa)	Selma Lagerlöf
Romance	Judas, o obscuro	Thomas Hardy
Romance	*La femme Pauvre*	Léon Bloy
Romance	Terna é a noite	F. Scott Fitzgerald
Romance	O grande Gatsby	F. Scott Fitzgerald
Romance	O idiota (tradução portuguesa)	Dostoiévski
Romance	Lucíola	José de Alencar
Romance	Armance	Stendhal
Romance	Diva	José de Alencar
Romance	Til	José de Alencar
Romance	Cinco minutos	José de Alencar
Romance	O tronco do ipê	José de Alencar
Romance	Dados biográficos do finado Marcelino	Herberto Sales
Romance	Tufão	Joseph Conrad
Romance	A flecha de ouro	Joseph Conrad
Romance	*Ma Mère*	Georges Bataille
Novela	Adelaide	Conde de Gobineau
Novela	Metamorfose	Kafka
Novela	Morte em Veneza	Thomas Mann
Novela	Amantes, felizes amantes	Valery Larbaud
Novela	*Niebla*	Miguel de Unamuno
Novela	Benito Cereno	Herman Melville
Novela	Três vidas	Gertrude Stein
Novela	Les cenci	Stendhal
Romance	Marquesa de Santos	Paulo Setúbal

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Romance	O senhor embaixador	Érico Veríssimo
Romance	Dom casmurro	Machado de Assis
Romance	A viuvinha	José de Alencar
Romance	A sangue frio	Truman Capote
Romance	A última tentação de Cristo	Nikos *Kazantzakis*
Romance	Um animal de Deus	Walmir Ayala
Romance	Os corumbás	Amando Fontes
Romance	Rua do Siri	Amando Fontes
Romance	O relógio	Carlo Levi
Romance	O Anjo de pedra (Tragédia Burguesa, v. IV)	Octávio de Faria
Romance	Ângela ou as Areias do mundo (O anjo de pedra II)	Octávio de Faria
Romance	O anjo de pedra: (O senhor do mundo - I)	Octávio de Faria
Romance	O indigno	Octávio de Faria
Romance	Germinal	Émile Zola
Romance	O mundo e eu	João Mohana
Romance	Os miseráveis	Victor Hugo
Romance	Os trabalhadores do mar	Victor Hugo
Romance	O esperado	Plínio Salgado
Romance	O estrangeiro	Plínio Salgado
Romance	Bloqueio	Permínio Asfora
Romance	*Bagages de Sable*	Ana Langfus
Romance	*Aevum*	Jackson de Figueiredo
Romance	*La chute*	Albert *Camus*
Romance	Zorba, o grego	Nikos Kazantzakis
Romance	O cabo das tormentas	Eduardo Frieiro
Romance	O arara	Coelho Neto
Romance	Em cada **c**oração um pecado	Henry Bellamann
Romance	À leste do Èden	John Steinbeck

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Romance	Luzes acesas	Bella Chagall (trad. Clarice Lispector)
Romance	O trapicheiro	Marques Rebelo
Romance	E o vento levou	Margaret Mitchell
Romance	Confissões de Moll Flanders	Daniel Defoe
Romance	Água viva	Clarice Lispector
Romance	O amanuense Belmiro	Cyro dos Anjos
Romance	Terras do sem fim	Jorge Amado
Romance	O príncipe a vila	Cyro Martins
Romance	A vinha dos esquecidos	João Clímaco Bezerra
Romance	Vento Nordeste	Permínio Asfora
Romance	Vida e aventura de Pedro Malasartes	José Vieira
Romance	Sob o olhar malicioso dos trópicos	Barreto Filho
Romance	A morte de Virgílio	Herman Broch
Romance	A consciência de Zeno	Ítalo de Svevo
Romance	Inocência	Visconde de Taunay
Romance	Invenção a duas vozes	Maria José de Queiroz
Romance	Senilidade	Ítalo de Svevo
Romance	O vestido vermelho	Stig Dagerman
Romance	Em busca do tempo perdido 4: Sodoma e Gomorra	Marcel Proust
Romance	O tronco do ipê	José de Alencar
Romance	A casa noturna	Charles Dickens
Romance	Quarup	Antônio Calado
Romance	A menina morta	Cornélio Pena
Romance	A viagem maravilhosa	Graça Aranha
Romance	O bota-abaixo	José Vieira
Romance	Livro de Tilda	José Vieira
Romance	*La peste*	Albert Camus
Romance	*Madame Bovary*	Gustave Flaubert
Romance	*Ma mère*	Georges Bataille

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Romance	Crônica da casa assassinada	Lúcio Cardoso
Romance	Memorial do convento	José Saramago
Romance	O homem sem qualidades	Robert Musil
Romance	Auto de fé	Elias Canetti
Romance	Carmem	Prosper Mérimée
Romance	Cangerão	Emil Farath
Romance	Sinfonia dos quatros santuários	J. Guilherme de Aragão
Romance	Bolsos vazios	Alyrio Meira Wanderley
Romance	Cem anos de solidão	Gabriel Garcia Márquez
Romance	Os sete palmos de terra	Raimundo Sousa Dantas
Romance	Buddenbrook	Thomas Mann
Romance	Guerra e paz	Leon Tolstói
Romance	Dois metros e cinco	Cardoso de Oliveira
Relato	Holocausto da terra	Nathaniel Hawthorne
Relato	Vida de Jesus	Plínio Salgado
Relato	A cerimônia do adeus	Simone de Beauvoir
Relato	Os devaneios do caminhante solitário	Rosseau (trad. Fúlvia Moretto)
Narrativa épica	A retirada da laguna	Visconde de Taunay
Pensamentos	*Pensées*	Blaise Pascal
Pensamentos	Os marcos da emoção	Adelino Magalhães
Pensamentos e aforismos	*Parerga und Paralipomena*	Arthur Schopenhauer
Poema	Vaga música	Cecília Meireles
Poema	Mar absoluto	Cecília Meireles
Poema	Tempo e eternidade	Jorge de Lima e Murilo Mendes
Poema	A rosa do povo	Carlos Drummond de Andrade
Poema	Martim Cererê	Cassiano Ricardo
Poema	Dimensão das coisas	Francisco Carvalho

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Poema	Eu	Augusto dos Anjos
Poema	O exercício da morte	Santos Moraes
Poema	Bucólicas	Virgílio (tradução de Paul Valéry)
Poemas em prosa	*N'importe ou hors du mond*	Baudelaire
Poema	Lírica de Garcia Rosa	Garcia Rosa
Poema	Odes de Anacreonte e suas traduções por Almeida Cousin	Almeida Cousin
Poema	Notas íntimas (tradução portuguesa)	Marie Noel
Poema	Elegias de Duíno	Rainer Maria Rilke
Poema	O luar potiguar	Homero Homem
Poema	O agrimensor da aurora	Homero Homem
Poema	Horas de enlevo	Mauro Luna
Poema	*De* rerum natura	Lucrécio
Poema	Coração aberto	Rodrigo Otávio
Poema	Canções sem metro	Raul Pompeia
Poema	Odes, elegias e outros poemas	João Manuel Simões
Poema	Cais da eternidade	Edson Moreira
Poema	Apontamentos de história sobrenatural	Mário Quintana
Conto	Visões, cenas e perfis	Adelino Magalhães
Conto	O muro	Sartre
Conto	Sagarana	Guimarães Rosa
Conto	Lume e cinza: fantasmagorias – contos e recontos – fructos da terra.	Alberto Rangel
Conto	O alienista	Machado de Assis
Conto	Lado humano	Otto Lara Resende
Conto	Boca do inferno	Otto Lara Resende
Conto	O cão e o dono	Thomas Mann (versão portuguesa por João Gaspar Simões)
Conto	Feliz Ano Novo	Rubem Fonseca
Conto	Massacre no km 13	Hélio Pólvora

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Conto	Sete agonias	Marcos Konder Reis
Conto	Tropas e boiadas	Hugo de Carvalho
Conto	Sábado e domingo	Francisco Domingues Cabral
Conto	Crianças mortas	Enéas Ferraz
Conto	O homem que amava cavalos	Laury Maciel
Conto	Noite na taverna	Álvares de Azevedo
Conto	Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas	Alberto Rangel
Crônica	O menino da mata: crônica de uma comunidade mineira	Vivaldi Moreira
Crônica	O conde e o passarinho	Rubem Braga
Carta	*Lettres à mês niece* Carorine	Gustave Flaubert
Carta	*Saveurs* de Lettres	V.H. Debidour
Carta	Carta a minha filha em prantos	José Geraldo Vieira
Romance epistolar	*Lettres persanes*	Montesquieu
Romance epistolar	*Les Liaisons dangereuses*	Choderlos de Laclos Pierre
Ensaio	Ensaios	Fidelino de Figueiredo
Ensaio	O poder reflexivo de Ascendino Leite	José Rafael de Menezes
Ensaio	Elogio da loucura	Erasmo de Roterdã
Ensaio	*Essais*	Montaigne
Ensaio	Ensayos pascalianos	Guilhermo Francovich
Ensaio	*Essais critiques*	Roland Barthes
Ensaio	Entre lógicos e místicos	Hildon Rocha
Ensaio	O meu mestre imaginário	Autran Dourado
Ensaio	A brevidade da vida	Seneca
Ensaio	A cidade de Deus	Santo Agostinho
Ensaio	Aproximações	Charles du Bos
Ensaio	A ilusão literária	Eduardo Frieiro
Ensaio	*La province*	François Mauriac
Ensaio	Os devaneios do caminhante solitário	Jean-Jacques Rousseau

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Ensaio	O poder reflexivo de Ascendino leite	José Rafael de Menezes
Ensaio	O terceiro instante	Roberto de Paula Leite
Ensaio	A moral do futuro	Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda
Ensaio	A arte de furtar e seu autor	Afonso Pena Junior
Ensaios e palestras	Tradição e humanismo	Veríssimo Melo
Aconselhamento e proposições morais	O amor	Jules Michelet
Diário íntimo	*Journal*	Edmond de Goncourt e Jules de Goncourt
Diário	*Journal intime*	Henri-Frédéric Amiel
Diário	*Journal intime*	Benjamin Constant
Diário	*Journal intime*	André Gide
Diário	*Mês cahiers*	Maurice Barrès
Diário	*Journal d'um intellectuel em Chômage*	Denis de Rougemont
Diário	*Journal*	Claudel
Diário	Diário íntimo	Tolstói
Diário	Diário	Katherine Mansfield
Diário	Diário	Marie – Alain Couturier
Diário	*Journal*	Julien Green
Diário	*Journal*	Jules Renard
Diário	*Journal*	Kierkgaard
Diário	Diário íntimo	Jorge de Lima
Diário	Diário	Miguel Torga
Diário	*Journal*	Elisabeth Leseur
Diário	*Carnet intimes*	Maurice Blondel
Diário	*Carnets de la drôle de guerre*	Sartre
Diário	*Journal*	Stendhal
Diário	*Journal*	Eugene Delacroix

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Diário	Diário do sr. Ypsilante (tradução portuguesa)	André Kédros
Diário	*Journal littéraire*	Paul Léautaud
Diário	*Journal sans date*	Gilbert Cesbron
Diário	Diário	Lúcio Cardoso
Diário	Diário	Vergílio Ferreira
Diário	Em psicanálise	Ruth Bueno
Diário	Diário íntimo	Miguel de Unamuno
Diário	*Carnets*	Antoine de Sainte-Exupéry
Diário	*Journal*	Anais Nin
Diário	*Journal*	Virgínia Woolf
Diário	Jornal íntimo	Nilo Pereira
Diário	*Journal*	Maine de Biran
Diário	*carnets intimes*	Maurice Blondel
Diário	*Les carnets de la drôle de guerre*	Sartre
Diário	Diário e carnês	Tolstoi
Diário	Novo diário	Eduardo Frieiro
Diário	*La bouteille a la mer - journal*	Julien Green
Diário	*Journal secret*	Alfred Fabre-Luce
Diário	Diários	Lewis Carroll
Confissão	Minha fé	Joaquim Nabuco
Memórias	*Mémoires intérieurs*	François Mauriac
Memórias	Minha formação	Joaquim Nabuco
Memórias	As amargas, não	Álvaro Moreyra
Memórias	Voz de Minas	Tristão de Athayde
Memórias	Imagens do Ceará-Mirim	Nilo Pereira
Memórias	A menina do sobrado	Cyro dos Anjos
Memórias	A casa do meu avô	Carlos Lacerda
Memórias	Memorial de Ayres	Machado de Assis
Memórias	Minha vida diplomática: coisas vistas e ouvidas	Heitor Lyra

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Memórias	Confiteor	Paulo Setúbal
Memórias	Memórias de Lázaro	Adonias Filho
Memórias	Chão da vida: memórias	Jayme de Barros
Memórias	Memórias (estas minhas reminiscências)	Oliveira Lima
Memórias	Memórias de uma menina católica	Mary McCarthy
Memórias	Memórias secretas	Louis de Bachaumont
Memórias	O livro de Antônio	Antônio Carlos Villaça
Memórias	O nariz do morto	Antônio Carlos Villaça
Memórias	Galo branco	Augusto Frederico Schmidt
Memórias	Companheiros de viagem	Alceu Amoroso Lima
Relato autobiográfico	Commencements d'une vie	François Mauriac
Autobiografia	*Souvenirs d'Egotisme*	Stendhal
Autobiografia	Autobiografia filosófica	Roland Corbisier
Autobiografia romanceada	Memórias de Adriano	Marguerite Yourcenar
Autobiografia	*Mille Chemins ouverts*	Julien Green
Autobiografia	**O professor Geremias**	Léo Vaz
Autobiografia	Confissões	Santo Agostinho
Autobiografia	Confissões	Rousseau
Autobiografia	A língua absolvida: história de uma juventude	Elias Canetti
Autobiografia	Meu último suspiro	Luis Buñuel
Biografia	Biografia de John Keats	Albert Erland
Relato biográfico	Um belo domingo	Jorge Semprun
Biografia	A vida de Lima Barreto	Francisco de Assis Barbosa
Biografia	Daumier e Pedro I	Álvaro Cotrim (Alvarus)
Biografia	*La jeunesse de Shelley*	A. Koszul
Biografia	*Mon dernier rêve sera pour vous: une biographie sentimentale de Chateaubriand*	Jean d` Ormesson

APÊNDICE B

Quadro 1- Esfera literária: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

(continuação)

Biografia	Vilagran Cabrita e a engenharia de seu tempo	Aurélio de Lyra Tavares
Journaliers	*La malmaison*	Marcel Jouhandeau
Journaliers	*Le bien du mal*	Marcel Jouhandeau
Sátira	Gracejando...	Martim Francisco III
Sátira	Rindo	Martim Francisco III
Sátira	Viajando	Martim Francisco III
Sátira	Contribuindo	Martim Francisco III
Crítica literária	*La vie des livres*	Robert Kemp
Crítica	Textos e pretextos	Alberto Rangel
Crítica	*Paradoxe sur le roman*	Kléber Haedens
Crítica	*Histoire du roman moderne*	R.-M. Alberes
Crítica	Cosmovisão do romance nordestino moderno	Hilário Henrique Dick
Crítica	Estética do direito	Mário Moacyr Porto
Crítica	Nossos grandes em ceroulas	Ricardo Pinto
Crítica	Satã no mundo atual	Anton Böhm
Crítica	*Saint-Beuve et le dix-Neuvieme siècle*	André Bellessort
Discurso	*Chateaubriand et son groupe littéraire sous l' empire*	Sainte-Beuve
Discurso	Discursos de seu tempo	José Américo

APÊNDICE B

Quadro 2 - Esfera religiosa: gêneros, obras e autores em *Sementes no espaço I* e *II*

Esfera religiosa		
Gêneros	**Obras**	**Autores**
Conselho (Eclesiastes)	Bíblia	Salomão
Narrativa (Gênesis)	Bíblia	Moisés
Relato	Bíblia	Livro de Ruth
Profecia (Evangelhos)	Bíblia	Marcos, Lucas, João e Mateus

APÊNDICE C - Acervo Ascendino Leite – LIVROS

01. ABATH, Guilherme M. **Nietzsche e a medicina.** Recife: Editora Universitária da UFPE. 1998.
02. ABREU, Alberto de. **Homenagem.** Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda, 1998.
03. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ivan Junqueira.** Rio de Janeiro: ABL, 2000.
04. _____. **Roberto Campos.** Rio de Janeiro: ABL, 1999.
05. ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS. **Dorgival Terceiro Neto.** João Pessoa: APL, 1999. 02 ex.
06. _____. **José Loureiro Lopes.** João Pessoa: APL, 1999.
07. _____. **Luiz Nunes Alves.** João Pessoa: APL, 1995.
08. _____. **Sérgio de Castro Pinto.** João Pessoa: APL, Ed. Universitária da UFPB, [s. d.].
09. ACAIABA, Cícero. **Homem com a faca no peito.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1989.
10. ADERALDO, Mozart Soriano. **A praça.** Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tiprogresso Ltda, 1989.
11. ADONIAS FILHO. **Corpo vivo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. (Coleção Vera Cruz, 33).
12. _____. _____. 20 ed. São Paulo: Difel, 1984.
13. _____. **O largo da palma.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. (Col. Vera Cruz, 325).
14. _____. **Memórias de Lázaro.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. (Coleção Vera Cruz, 28).
15. _____. **As velhas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Vera Cruz: Literatura Brasileira, 173).
16. AGUIAR, André Ricardo. **Alvenaria.** João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1997. 02 ex.
17. AGUIAR, Cláudio. **Os anjos vingadores** (uma fábula Badzediana). Recife: Bagaço, 1994.
18. AGUIAR, Flávio. (org.). C**om palmos medida:** terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Boitempo Editorial, 1999. 03 ex.
19. AGUIAR, Wellinghton Hermes Vasconcelos de. **A velha Paraíba nas páginas de jornais.** João Pessoa: A União, 1999.
20. ALBEE, Edward. **Quem tem medo de Virgínia Woolf?** São Paulo: Abril cultural, 1977.
21. ALBERONI, Francisco. **Enamoramento e amor.** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
22. ALCÂNTARA, Beatriz; SARMENTO, Lourdes (orgs.). **Águas dos trópicos:** ensaios e seleta de poemas contemporâneos - 2. Recife: Bagaço, 2000.
23. _____. **Amores nos trópicos:** ensaios e seleta de poemas contemporâneos. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 2000. (Coleção Alagadiço Novo, 242) 02 ex.
24. ALCÂNTARA, Lúcio. **Administração:** tempo e modo. Brasília: Senado Federal; Gabinete do senador Lúcio Alcântara, 2000. (Caderno de debates: Coleção Idéias, 4).
25. _____. **Poder local:** gestão municipal. Brasília: Senado Federal; Gabinete do senador Lúcio Alcântara, 2001. (Caderno de debates: Coleção Idéias, 8).

26. _____. **Por uma cidade sustentável.** Brasília: Senado Federal; Gabinete do senador Lúcio Alcântara, 2000. (Caderno de debates: Coleção Idéias, 5).
27. _____. **Processos de gestão compartilhada de políticas públicas:** a questão dos conselhos. Brasília: Senado Federal; Gabinete do senador Lúcio Alcântara, 2000. (Caderno de debates: Coleção Idéias, 7).
28. ALENCAR, Carlos Magno L. de. **O que é orgasmo** (aspectos gerais quanto ao orgasmo na masturbação e no ato sexual pênis-vagina). João Pessoa: L & M Editora, 1998.
29. ALENCAR. Expedito Ramalho de. **Eralén história de um menino sem malícia.** Campinas: Editora Komedi, 2001.
30. _____. **História do estado de São Paulo carro-chefe as nação**: aspectos geográfico, histórico, político, monumental, cultural, turístico e picaresco. A capital. Os símbolos paulistas. Anexos. Campinas: Editora Komedi, 2001.
31. _____. **Paraíba onde raia a liberdade.** Campinas: Editora Komedi, 1996.
32. _____. **Poetas contemporâneos de Campinas** tomo 1. Campinas: Editora Komedi, 2000.
33. _____. **Recordações da Paraíba.** Campinas: Editora Komedi, 2001.
34. ALENCAR, Hunald de. **Vassalagem das pedras.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
35. ALENCAR, Ivanilde Baracho de. **Folhas de outono.** Campinas: Editora Komedi, 2000.
36. _____. **Sonhos de primavera.** Campinas: Editora Komedi, 2001.
37. ALENCAR, Joaquim Urias de Carvalho. **Com um pelotão na FEB:** roteiro evolutivo. João Pessoa: [s. n.], 1993.
38. ALMANDADE, pseudônimo de Antônio Luiz M. de Andrade. **Arquitetura de algodão.** Salvador: SCT, FUNCEB, EGBA, 2000.
39. ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande.** Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1962.
40. ALMEIDA, Ignez Freitas de, ALMEIDA, Doris Freitas de. **Marcas do tempo.** João Pessoa: O Forte - Sistema de Comunicação, 1998.
41. ALMEIDA, Maurílio Augusto de. **Eram seis as pétalas da rosa.** João Pessoa: Ideia, 1998. 02 ex.
42. _____. **Lembrando Pedro Augusto de Almeida no seu centenário.** Natal: Editora Art Print Ltda, 1994.
43. ALMEIDA, Ronaldo Monte de. **Tecelagem noturna.** João Pessoa: Editora Universitária, 2000.
44. ALVAREZ, Reynaldo Valinho. **O continente e a ilha.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
45. _____. **O sol nas estrelas.** São Paulo: Editora Três, 1982.
46. ALVES, João Guilherme Bezerra, FIGUEIRA, Fernando. **Doenças do adulto com raízes na infância.** Recife: Bagaço, 1998
47. ALVES, José Ronaldo Viega. **Telas e teias.** Rio de Janeiro Libra, 2001.
48. ALVES, Políbio. **O que resta dos mortos.** João Pessoa: A União, 1983.
49. _____. **Varadouro.** João Pessoa: Almeida, 1989. 02 ex.
50. ALVIM, Francisco. **Elefante.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
51. AMADO, Jorge. **O menino grapiúna** Rio de Janeiro: Record, 1981.

52. _____. **Navegação de cabotagem:** apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 1992.
53. AMARAL, Luiz. **Esses repórteres.** 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
54. AMBROSE, Stefhen. **O dia d, 6 de junho de 1944:** a batalha culminante da segunda grande guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
55. AMNERES, **Razão do poema.** [s. l, s. n.], 2001
56. _____. **Rubi.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
57. ANACLETO, Aládia de Almeida. et. al. **Coletânea poesia e prosa 1999.** Rio de Janeiro: Taba Cultural, 1999.
58. ANDERSON, Chester G. **James Joyce.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
59. ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. (Coord). **José Américo visto pelos caricaturistas.** João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1989.
60. ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
61. _____. **La visita:** a cura di Luciana Stegagno Picchio. Milano: Libri Scheiwiller, 1996.
62. ANDRADE, Jeferson de. **Anna de Assis:** história de um trágico amor. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1987.
63. ANDRADE, Manuel Correia de. **História das usinas de açúcar de Pernambuco.** Recife: FUNDAJ; Editora Massangana, 1989
64. _____. **Mineração no Nordeste:** depoimentos e experiências. Brasília: CNPQ, 1987. (Coleção recursos minerais: estudos e documentos, 3).
65. _____. **Nordeste:** alternativas de agricultura. Campinas: Papirus, 1988.
66. ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Minha vida.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
67. ANDREAS-SALOMÉ, Lou, RILKE, Rainer Maria. **Correspondência amoresa.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.
68. ANJOS. Augusto dos. **Eu e outras poesias.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.
69. ANJOS, Cyro dos. **A menina do sobrado.** 2 ed. Rio de Janeiro; Brasília: José Olympio; INL. 1979.
70. APOLLLINAIRE, Guillaume. **O bestiário ou cortejo de Orfeu.** São Paulo: Iluminuras, 1997.
71. _____. **Escritos de Apollinaire.** Porto Alegre: L&PM, 1984.
72. APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. **O rei-máquina:** espetáculo e política no tempo de Luis XIV. Rio de Janeiro, Brasília: José Olympio, Edunb, 1993.
73. ARAÚJO, Eulajose Dias de. **Dilúvio de palavras**: antologia poética dos cincoent'anos. João Pessoa: A União, 1982.
74. _____. **Maresia dos poemas ou notas poemáticas de um barbeiro.** João Pessoa: A União, 1979.
75. ARAÚJO, Getúlio, **De Paris a São Saruê.** Goiânia: Kelps, 2001.
76. ARBAN, Dominique. **Dostoievski.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Coleção Escritores de sempre).
77. ARENDT, Hannah, **Hannah Arendt-Martin Heidegger:** correspondência 1925 / 1975. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
78. _____. **Entre amigos:** a correspondência de Hannah Arendt Mary e McCarthy. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

79. _____. **Rahel Varnhagen:** judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
80. ARIÈS, Philippe. **Um historiador diletante.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
81. ARNAUD, Gizelda Carneiro. **Palavras que despertam e iluminam.** João Pessoa: Fundo Espírita Paraibano, 2001.
82. ARNAUD, Marília Carneiro. **Os campos noturnos do coração.** João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
83. _____. **A menina de cipango.** João Pessoa: A União, 1994.
84. _____. S**entinela marginal.** João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1987.
85. ARNOLD, Matthias. **Henri de Toulouse-Lautrec 1864-1901:** o teatro da vida. Colónia: Benedikt, 1991.
86. ARRUDA, Eunice. **À beira.** Rio de Janeiro: Blocos, 1999.
87. _____. **Risco.** São Paulo: Nankin, 1998. (Coleção janela do caos: poesia brasileira).
88. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Uma por outra.** Porto Alegre: Paraula, 1994.
89. ASSIS, Yolanda Queiroga de. **Estepe.** João Pessoa: Fênix, 1991.
90. _____. **Palco de meu eu.** João Pessoa: Ideia, 1998. 02 ex.
91. _____. **Poesias disfarces do destino.** João Pessoa: Gráfica Pentágono, 1998.
92. _____. **Sombras.** João Pessoa: Ideia, 1998. 02 ex.
93. ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E LITERÁRIA "A PALAVRA DO SÉCULO XXI". **Coletânea de obras do II concurso literário da Associação Artística e Literária "A palavra do século XXI".** Cruz Alta: Gráfica Pe. Berthier, 1999. 02 ex.
94. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FOTÓGRAFOS DE PUBLICIDADE. **Anuário da ABRAFOTO.** São Paulo: Takano Editora Gráfica Ltda, [s. d.].
95. ASSOCIAÇÃO SÃO-LUIZENSE DE AUTORES. **Seleta de versos e contos vol. 10.** São Luiz Gonzaga, Durantis, 1998.
96. _____. **Seleta de versos e contos.** São Luiz Gonzaga, Durantis, 1999.
97. ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito.** Florianópolis: Secretaria de Estado da Cultura e do Esportes, 1988. 02 ex
98. _____. **O cavalo inveja e a mula manca.** Camboriú: Minarete, 2001.
99. _____. **Fazer o Piauí:** crônicas do Meio-Norte. Camboriu: Minarete, 2000.
100. _____. **Fiapos de vida: q**uarenta e tantos causos nanicos. Blumenau: Minarete, 1996.
101. AUDEN, W. H. **Poemas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
102. AUGUSTO, Cid. **Daltonismo.** Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, 1997. (Coleção mossoroense, vol. 915).
103. _____. **Escóssia.** Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, vol. 989).
104. _____, I**ntrospecção:** crônicas e contos não-selecionados**.** Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, 1996. (Coleção mossoroense, vol. 886).
105. ÁVILA, Carlos **Bissexto sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção signos, 25).
106. AZEVEDO, Carlos. (coord.). **Concurso literário da API versão 1999/2000.** João Pessoa: API. 2000.
107. AZEVEDO, Fernando de. **Jardins de Sallustio.** São Paulo: Livraria do Globo; Irmãos Marrano Editores, 1924.
108. AZEVEDO, Genilda. et. al. **Letr@ viv@.** João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

109. AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo:** os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: A União, 1984.
110. AZEVEDO, Sânzio de. **Cantos da antevéspera.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1999. 02 ex.
111. BACCA Ademir Antonio. (org.). **Poesía de Brasil.** volumen 2. Bento Gonçalves: Poyecto Cultural Sur/Brasil, 2000.
112. BACH, Anna Magdalena. **Pequena crônica de Anna Magdalena Bach.** São Paulo: Veredas, 1988.
113. BADARÓ, Murilo. **José Maria Alkimim; uma biografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
114. BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga:** povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado de Direitos Humanos, 1999.
115. BALLARIN Oswaldo. **As línguas divertem:** uma visão não convencional. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.
116. _____. **Um "rei brasileiro" na África.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.
117. _____. **Viajar encanta:** notas e crônicas de viagem.São Paulo: Siciliano, 1999.
118. _____. **Vie d'une indiennne** Éditiones L'Harmattan, 1997.**de l'Amazonie:** l'ange brun de la forêt. Paris:
119. BARBOSA Filho, Hildeberto. **Arrecifes e lajedos:** breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
120. _____. **Ascendino Leite:** a paixão de ver e de sentir. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1985. (Col. Literatura Viva).
121. _____. **Caligrafia das léguas.** João Pessoa: Manufatura, 1999.
122. _____. **As ciladas da escrita.** João Pessoa: idéia, 1999.
123. _____. **A comarca das pedras:** fantasias poéticas para uma cidade perdida. João Pessoa: Manufatura, 1997.
124. _____. **Os descenredos da criação:** livros e autores paraibanos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.
125. _____. **Desolado lobo.** João Pessoa: Ideia, 1996.
126. _____. **O exílio dos dias.** João Pessoa: ideia: 1994.
127. _____. **Ira de viver:** e outros poemas. João Pessoa: Edições Varadouro, 2000. (Coleção literatura paraibana hoje, 3).
128. _____. **Literatura:** as fontes do prazer. João Pessoa: idéia, 2000.
129. _____. **Namoro com a doce banalidade.** João Pessoa: idéia, 1998.
130. _____. **Ofertório dos bens naturais.** João Pessoa: Manufatura, 1998.
131. _____. **Sanhauá:** uma ponte para a modernidade. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
132. BARBOSA, Marcos. (Dom) **Poemas do reino de Deus.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
133. BARING, Maurice. **Daphné adeane.** Paris: Librairie Stock, 1930.
134. BARRETO, Adauto. **Formas vivas de meu pensamento.** Recife: Indústrias Gráficas Barreto Ltda, 1992.
135. BARRETO, Lázaro. **Memorial do desterro:** (1754-1930). Divinópolis: Diocese de Divinópolis, 1995.

136. BARRETO, Francisco de Assis. **Intelectuais na encruzilhada:** correspondência de /Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado (1927-1933). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. (Coleção Austregésilo de Athayde, 3).
137. BARROS, Manoel de. **Ensaios fotográficos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
138. _____. **O livro das ignorãças.** Rio de Janeiro: Record, 1993. (coleção mestres da literatura brasileira e portuguesa.
139. BARROS, Maria de Paes. **No tempo de dantes.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.
140. BARROS, Ozildo Batista de. **Etc & tal:** verso e reverso. 2 ed. Teresina: Cirandinha, 1999.
141. BARROSO, Antonio Girão; CAMPOS, Moreira; MAIA, José Barros. **Roteiro sentimental de Fortaleza.** Fortaleza: UFC/NUDOC/SECULT, 1996.
142. BARROSO, Ivo. **A caça virtual e outros poemas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
143. BARTHELMESS, Arthur. **Cantares atlânticos.** Curitiba: Kingraf, 2000.
144. _____. **Historias dantanho:** fastígio, glória e servidão na costa do mar. Curitiba: Kingraf, 2000.
145. BARTHES, Roland. **Michelet.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
146. BASÍLIO, Astier. **Baião de doi2:** peleja de Zé Limeira com o vate Augusto dos Anjos. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.
147. _____. **Searas do Sol:** cantoria de um tempo inacabado. João Pessoa: Ideia, 2001.
148. BASTOS, Augusto Roa. **Hijo de hombre.** 7 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1960. (Col. Biblioteca clásica e contemporânea).
149. BATISTA, Juarez da Gama. **As fontes da solidão:** ensaios literários. João Pessoa: A União, 1994.
150. BATISTA, Oduvaldo; RALLE, Roselis Batista. **Compromisso com a verdade:** meio século de jornalismo. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.
151. BATISTA, Paulo Nunes. **Chamego, o urubu.** Goiânia: Kelps, 1997.
152. _____. **De mãos acesas.** Anápolis: Walt Disney, 1981.
153. _____. **O sal do tempo.** Goiânia: Kelps, 1997.
154. _____. **O vôo inverso.** João Pessoa: Ideia, 2001. 09 ex.
155. BAUDELAIRE, Charles. **Um comedor de ópio.** Rio de Janeiro: D.E.L., 1996. (Coleção clássicos econômicos Newton).
156. _____. **O poema do haxixe.** Rio de Janeiro: D.E.L., 1996. (Coleção clássicos econômicos Newton).
157. BAUDRILLARD, Jean. **Cool memories II:** crônicas 1987-1990. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
158. _____. **Cool memories III:** fragmentos 1991-1995. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
159. _____. **Senhas.** Rio de Janeiro: Difel, 2001.
160. BECKETT, Samuel. **Proust.** São Paulo: L&PM, 1986.
161. BECON, Tito. **Na saudade todo mundo é craque.** [s. l., s. e., s. d.].
162. BÉCQUER, G. A. **Rimas y leyendas.** [s. l.]: Biblioteca Edaf de Botsillo, [s. d.].
163. BELARMINO, Joana. **Associativismo e política:** a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena. João Pessoa: idéia, 1997. 02 ex.

164.BENEVIDES, Aldenor. **Colhendo recordações.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1999.
165._____. **É lendo que se aprende.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1998.
166._____**. Merendando crônicas.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1999.
167._____. **Minha antologia.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 2000.
168._____. **Minha antologia III volume.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 2000.
169._____**. Miscelânia literária.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1998.
170._____**. Navegando na literatura.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1998.
171._____. **Penso e digo.** Juazeiro do Norte: [s. n.], 1998.
172.BEVEVIDES, Artur Eduardo. **Elegia setenta e outros poemas de entardecer.** Fortaleza: ABC Fortaleza, 1996.
173._____. **Escadarias na Aurora.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1997.
174._____. **A noite em Babylônia e outros relatos ao eterno.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998.
175._____**. Poemas de amor a Fortaleza.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2000.
176._____**. Quarenta e cinco anos de literatura:** homenagem ao príncipe dos poetas cearenses, Artur Eduardo Benevides. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.
177._____**. O santo graal e a literatura fantástica da idade média.** Recife: [s. n.], 1992. 02 ex.
178.BERNARDI, Cecília di, **Reflexos de minha vida.** [s. l.: s. n.], 1996.
179.BERNIS, Prates Yeda. **À beira do outono.** Belo Horizonte: Phrasis, 1994.
180._____. **Encostada na paisagem.** Belo Horizonte: Phrasis, 1994.
181.BESOUCHET, Lídia. **Pedro II e o século XIX.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
182.BETHENCOURT, João; CARNEIRO, Waldir de Luna; PIMENTEL, Altimar. **Duas comédias e um drama histórico.** Rio de Janeiro: MinnC/Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1988.
183.BEZERRA, Paulo. **Cartas dos sertões do Seridó.** Natal: Lidador, 2000.
184.BEZERRA, Ricardo. **Olhos do tempo**. João Pessoa: Ideia, 2000.
185.BILHARINHO, Guido. **Romances brasileiros:** uma leitura direcionada. Uberaba: Instituto Triagulino de Cultura, 1998.
186._____. **Situações.** Uberaba: Instituto Triagulino de Cultura, 2001.
187.BISHOP, Elizabeth. **Uma arte:** as cartas de Elizabeth Bishop. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
188._____. **Esforços do afeto e outras histórias.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
189._____**. Poemas do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
190.BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória:** de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
191.BOCKEMÜHL, Michael. **Rembrandt 1606-1669:** o mistério da aparição. Lisboa: Benedikt Taschen, 1993.
192.BÖLL, Heinrich. **Opiniones de um payaso.** Barcelona: Barral Editores, 1974.
193.BOMFIM, Paulo. **50 anos de poesia.** 2 ed. São Paulo: Green Forest do Brasil, 2000.
194._____. **O caminheiro.** . São Paulo: Green Forest do Brasil, 2001.
195.BONA, Dominique. **Gala:** a musa de Éluard e de Dalf. Rio de Janeiro: Record, 1996.

196. BONALD Neto, Olímpio. **Bacamarte, pólvora & povo.** Rio de Janeiro: Edições Arquimedes, [s. d.].
197. _____. **Uma noite no castelo.** Recife: Fundação de Cultura Cidade de Recife, 1985. (Col. Recife, 39).
198. BONAVIDES, Paulo. **O tempo e os homens.** 2 ed. Patos: Fundação Ernani Sátiro, 1997.
199. BONNEFOY, Yves. **Obra poética.** São Paulo: Iluminuras, 1998.
200. BOOS Júnior, Adolfo. **Presenças de Pedro Cirilo.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.
201. BORGES. Adolfo Ribeiro. et. al. **Antologia:** livro de prata 25 anos da Editora do escritor.São Paulo: Editora do Escritor, 1995.
202. BORGES, Haroldo Escorel. **Retalhos da vida**. João Pessoa: Paraibana, 2004.
203. BORGES, José Elias Barbosa; ALMEIDA, Humberto. (Org.). **100 anos de Elpídio de Almeida 1893-1993.** Campina Grande: EPGRAF, 1995. 02 ex.
204. BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
205. BOUCHARDEAU, Huguette. **George Sand:** a lua e os tamancos. São Paulo: Martims Fontes. 1991.
206. BOULANGER, Daniel. **L'été des femmes.** [s. l.]: Gallimard, 1985.
207. BRAGA Lúcia Navarro. **Tempo de viver, tempo de contar.** João Pessoa: A União, 1996.
208. BRAGA, Roberto Saturnino. **Conto do Rio:** filosofia do Rio em sete dimensões. Rio de Janeiro: Record, 1999.
209. BRANDÃO, Adelino. **A viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferrira à Amazônia.** Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. 1999.
210. BRANDÃO, Octávio. **Canais e lagoas.** 3 ed. Maceió: EDUFAL, 1999. (Coleção Nordestina, 8).
211. BRASIL. **Constituição (1988).** Senado Federal, 2001.
212. BRASIL, Assis. **Bandeirantes:** os comandos da morte. vol. 1. Rio de janeiro: Imago, 1999.
213. _____. **Jeová dentro do Judaísmo e do Cristianismo:** sonâmbulos e cegos nas vias tortuosas para a volta ao paraíso. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
214. BRASIL, Assis. (org.). **A poesia cearense no século XX:** antologia. Rio de Janeiro: FCF/Imago, 1996. (Coleção poesia brasileira).
215. _____. **A poesia maranhense no século XX:** antologia. São Luiz: SIOGE, Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Coleção poesia brasileira).
216. _____. **A poesia mineira no século XX:** antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998. (Coleção poesia brasileira).
217. _____. **A poesia piauiense no século XX:** antologia. Rio de Janeiro: Imago; Teresina: FCP, 1995. (Coleção poesia brasileira).
218. BRASIL, Assis. **O sol crucificado.** Rio de Janeiro: imago, 1998.
219. _____. **A vida pré-humana de Jesus:** o mistério da imortalidade. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
220. BRASIL, Felipe Moura. (org.). **IV Festival Universitário de Literatura:** Contos. São Paulo: Cone Sul, 2001.

221.BRASIL, Jaime Vaz. **Os olhos de Borges.** Porto Alegre: WS; Maredi, 1996.
222.BRITO, Glauco Flores de Sá. **Poesia reunida** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.
223.BRITO, José Augusto de. **Canções do entardecer.** João Pessoa: Ideia, 1996
224._____. **Sem água, sem rio, sem verde.** João Pessoa: idéia, 2000.
225._____. **Vidas paralelas.** João Pessoa: idéia, 1993.
226.BRITTO, Bugyja. **A história da Inglaterra do pequeno Artur.** Rio de Janeiro: ERCA Editora e Gráfica Ltda, 1989.
227.BRITTO, Lemos. **Colônias e prisões no rio da Prata:** breve exposição apresentada ao governo do estado da Bahia, em 5 - 8 - 1916. Bahia: Livraria Catilina, 1919.
228.BROCA, Brito; BARBOSA, Francisco de Assis; SENNA, Homero. **Três escritores de Guaratinguetá.** São José dos Campos: Edições "O Discípulo", 1996.
229.BROMBERT, Beth Archer. **Edouard Manet:** rebelde de casaca. Rio de Janeiro: Record, 1998.
230.BURNS, Robert. **50 poemas.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
231.BUSS, Alcides. **Cinzas de Fênix & três elegias.** Florianópolis: Insular, 1999.
232.BUTLER, Robert N; LEWIS Myrna I. **Sexo e amor na terceira idade.** São Paulo: Summus, 1985.
233.CAGIANO, Ronaldo. **Canção dentro da noite.** Brasília: Thesaurus, 1999.
234._____. **Palavracesa.** Brasília: Cataguases, 1994.
235. _____. **Prismas:** literatura e outros temas. Brasília: Thesaurus/Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, 1997.
236.CAIRU, José da Silva Lisboa. (Visconde de Cairu). **Constituição moral e deveres do cidadão com exposição da moral pública conforme o espírito da constituição do império.** João Pessoa: Editora Universitária, 1998.
237.CALDAS, Dorian Gray. **Canto heróico:** arte & texto. Natal: EDUFRN/Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, 1999.
238._____. **Os dias lentos:** poemas. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1999.
239._____. **Geografia do medo:** gravura e texto. Natal: SESC, 2001.
240.CALDEIRA, Almiro. **Uma cantiga para Jurirê.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. (Col. Ipsis Literis).
241.CALIANDRA. **Poesia em Brasília - antologia.** Brasília: André Quicé Editor, 1995.
242.CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias.** Fortaleza: UFC, 1999. (Coleção nordestina).
243.CAMINHA, Edmílson. **Inventário de crônicas.** Brasília: Thesaurus, 1997.
244._____. **Lutar com palavras.** Brasília: Thesaurus, 2001. 02 ex.
245._____. **Palavra de escritor.** Brasília: Thesaurus, 1995.
246._____. **Villaça:** um noviço na solidão do mosteiro. Brasília; Thesaurus, 1998.
247.CAMÕES, Luís de. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.
248.CAMPOS, Eduardo. **O escrivão das malfeitoras.** Fortaleza: Edigraff, 1993.
249._____. **Gustavo Barroso:** sol, mar e sertão. Fortaleza: EUFC, 1988. (Coleção Alagadiço novo).
250.CAMPOS, Fernando. **A casa do pó.** 10 ed. Lisboa: DIFEL, 1997.
251.CAMPOS, Moreira. **Obras completas:** contos I. São Paulo: Maltese, 1996.
252._____. **Obras completas:** contos II. São Paulo: Maltese, 1996.

253.CAMPOS, Natércia. **A casa.** Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1999.
254._____. **Por terras de Camões e Cervantes.** Fortaleza: UFC, 1998.
255.CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba:** crônicas líricas e existenciais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
256._____. **Brasil brasileiro:** crônicas do país, das cidades e do povo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
257. CAMUS, Albert. **Estado de sítio; o estrangeiro.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.
258._____. **O primeiro homem.** 2 ed. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1994.
259.CANETTI, Elias. **O jogo dos olhos:** história de uma vida: 1931-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
260._____. **A língua absolvida:** história de uma juventude. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
261._____. **Uma luz em meu ouvido:** história de uma vida: 1921-1931. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
262.CARDOSO, Paulo. **Cactos e corais.** Recife: Ed. do Autor, 2000.
263._____. **Coroas do mar e do sertão.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.
264._____. **Vigília.** Recife: Ed. do Autor, 2000.
265.CARNEIRO, André. **Pássaros florescem.** São Paulo: Scipione, 1988.
266.CARNEIRO, Caio Porfírio. **Contagem progressiva:** reminiscências da infância. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998.
267._____. **Mesa de bar:** quase-diário. São Paulo: Toda Prosa, 1997.
268._____. **A partida e a chegada:** contos e narrativas. São Paulo: Toda Prosa, 1995.
269.CARNEIRO, Carmem. **Poemas escolhidos.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996. (Coleção Farol do Saber).
270.CARNEIRO, Joaquim Osterne. **Recursos do solo e água no semi-árido nordestino.** João Pessoa: A União, [1998].
271.CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios reunidos 1942-1978.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
272.CARPENTIER, Alejo. **O músico em mim.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. (Coleção Oficina Interior).
273.CARVALHO, Francisco. **A concha e o humor.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2000. (Coleção Alagadiço Novo).
274._____. **Os Exílios do homem.** [s. l.: s. n., s. d.].
275._____. **Galope de pégaso.** Rio de Janeiro: Zas Gráfica e Editora, 1994.
276._____. **Girassóis de Barro.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1997. (Coleção Alagadiço Novo).
277._____. **Raízes da voz.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1996. (Coleção Alagadiço Novo).
278._____. **Rascunhos e desenhos.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 2001. (Coleção Alagadiço Novo).
279._____. **Romance da nuvem pássaro.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1998. (Coleção Alagadiço Novo).
280._____. **Sonata dos punhais.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1994. (Coleção Alagadiço Novo).

281._____**. Texto & contextos.** Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1995. (Coleção Alagadiço Novo).
282._____**. As verdes léguas.** 2 ed. Fortaleza: UFC/Casa de Alencar, 1997. (Coleção Alagadiço Novo).
283.CARVALHO, Iris de. **Foste tu?** Juiz de fora: Oficina de Impressão Gráfica e Editora Ltda, 1999.
284.CARVALHO, José Augusto. **Candaína.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.
285.CARVALHO Jr, Dagoberto. **Eça e Gilberto na Fundação Joaquim Nabuco:** memória da jornada comemorativa do sesquicentenário de Eça de Queiroz. Recife: Massangana, 1996.
286.CARVALHO, Juvencio. de. **Poemas.** Divinópolis: Gráfica Sidil, 1997.
287.CARVALHO, Maria do Socorro Silva. **Imagens de um tempo em movimento:** cinema e cultura da Bahia nos anos JK (1956-1961). Salvador: EDUFBA, 1999. (Coleção Nordestina, 7).
288.CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo II:** a longa marcha da vaca para o Brejo & os filhos da PUC. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
289.CARVALHO, Weliton Sousa. **Descobrimento do explícito.** São Luís: Sotaque Norte, 2000.
290.CASADO, José. (Org.). **Aleksandr Sergueievith Púchkin:** poesias escolhidas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. (Col. Poesia de todos os tempos).
291.CASASANTA, Manuel. **Francisco Escobar.** Belo Horizonte: Edições Movimento Perspectiva, 1966.
292.CASCUDO Luis da Câmara. **Flor de romances trágicos.** 3 ed. Natal: EDUFRN, 1999. (Coleção Nordestina, 2).
293._____. **História da cidade do Natal.** 3 ed. Natal: IHG/RN, 1999.
294._____. **O livro das velhas figuras.** Natal: IHG/RN, 1989.
295._____. **Ontem:** maginações e notas de um professor de província. Natal: EDUFRN, 1998.
296._____. **Pequeno manual de um doente aprendiz:** notas e maginações. Natal: EDUFRN, 1998.
297.CASSAS, Luís Augusto. **Ópera barroca:** guia erótico-poético & serpentário-lírico da cidade de São Luis do Maranhão. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
298._____**. O shopping de Deus & a alma do negócio**: poemassaurus rex. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
299._____. **Titanic-Boulogne, a canção de Ana e Antônio.** Rio de Janeiro: Imago, 1998.
300.CASTRO, Moacir Werneck de. **Europa 1935:** uma aventura de juventude. Rio de Janeiro: Record, 2000.
301.CATE, Curtis. **Malraux:** artista e guerreiro, filósofo e estadista. São Paulo: Página aberta, 1993.
302.CATUNDA, Márcio. **O encantador de estrelas.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1989.
303._____. **Purificações.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1987. 02 ex.
304._____**. A quintessência do enigma.** Brasília: Thesaurus, 1987. (Col. Itiquira).
305.CAVALCANTE, Sinésio Pires. **Lembranças de fuzileiro naval.** Rio de Janeiro: Editora CBAG, 1993.

306. CAVALCANTI. Irene Dias. **A menina do velho senhor.** João Pessoa: [s. n.], 1997. 02 ex.
307. CAVALCANTI, Manuel. **Obra poética reunida 1940-1946.** Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1998.
308. CAVALCANTI, Mercedes. **O ouro dos dragões.** João Pessoa: idéia, 1994.
309. CAVALHEIRO, Maria Thereza. **Encontros e desencontros.** 2 ed. São Paulo: João Scortecci, 1995.
310. CELA, Camilo José. **Saracoteios, tateios e outros maneios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
311. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Guia dos arquivos CPDOC.** Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1985.
312. CÉSAR, Ana Maria. **O tom azul, ou, a inconsistente permanência do amor.** Recife: Bagaço, 1997.
313. _____. **Habemus Panem:** memórias de uma época. Recife: Bagaço, 2001.
314. CÉSAR, Tarcísio Meira. **O espelho em que terminas.** Brasília: ARX Editora, 1986.
315. _____. **Poesia reunida.** Patos: Fundação Ernani Sátyro, 1997. 02 ex.
316. CESÁRIO, Fernando. **Os algozes do sono.** Juiz de Fora: Edições D'lira, 2000.
317. CHAGAS, José. **Os azulejos do tempo:** patrimônio da humana idade. São Luis, Sotaque Norte, 1999.
318. CHAMPION, Jeanne. **Suzanne Valadon.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
319. CHAVES, Antônio William Fontoura, **(Re)cantos do sabiá.** [s. l.]: PENELUC, 1996.
320. _____. **Nas dobras do tempo.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 1998.
321. CHAVES, Marcelo Henrique Guedes, **Uma visão consciente da realidade:** reflexões & crônicas. João Pessoa: Imprell, 1998. 02 ex.
322. CHIANCA, Victória. **A moça na janela.** João Pessoa: [s. n.], 1997.
323. CHIAVENATO, Júlio José. **A expedição do Axuí.** São Paulo: Melhoramentos, 1988.
324. _____. **As lutas do povo brasileiro:** do "descobrimento" a Canudos .São Paulo: Moderna, 1989. (Col. Polêmica).
325. CHORÃO, João Bigotte. **Páginas camilianas e outros temas oitocentistas.** Lisboa: Guimarães Editores, 1990.
326. _____. **O essencial sobre Camilo.** [s. l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.
327. _____. **O reino dividido.** Lisboa: Grifo, [s. d.].
328. CHURCHILL, Winston Sir. **Memórias da Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
329. CILENE, Maria. **Sombras e sustos;** crônicas e contos. Brasília: Valci Editora, 1999.
330. CITATI, Pietro. **Goethe.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
331. _____. **Proust e a Recherche.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
332. CITTADINO, Monique. **Populismo e golpe de Estado na Paraíba (1945-1964).** João Pessoa: Editora Universitária/Ideia, 1998.
333. CLAUDEL, Paul. **Journal I (1904-1932).** Paris: Gallmard, 1968.
334. _____. **Journal II (1933-1955).** Paris: Gallimard, 1969.
335. COCTEAU, Jean. **Le passé defini I 1951-1952 Journal.** Paris: Gallmard, 1983.
336. _____. **Le passé defini II 1953 Journal.** Paris: Gallmard, 1985.

337._____. **Le passé defini III 1954 Journal.** Paris: Gallmard, 1989.
338.COELHO, Celso Barros. **Confronto de ideias.** [s. l.]: Zodíaco, [s. d.].
339.COELHO, Joaquim Francisco. **Gilberto:** 40 anos de poesia. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1999.
340.COELHO, Nelson. **A costura da unidade.** João Pessoa: A União, 1997.
341.COELHO, Nelson. **Zen:** experiência direta de libertação. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. (Coleção Corpo e Alma, 4).
342.COELHO, Newton Marinho. **Na intimidade do Brejo de Areia.** João Pessoa: A União, 2001.
343.COÊLHO, William Ferrer. **Poemas na noite.** Recife: Assessoria Editorial do Nordeste. 1986.
344.COLARES, Majela. **A linha extrema.** Rio de Janeiro: Calibán, 1999.
345._____. **O salvador de palavras.** São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.
346.COLERIDGE, Samuel Taylor. **Poemas e excertos de "biografia literária".** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
347.CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Wittgenstein:** linguagem e mundo. São Paulo: Annablume, 1998.
348.CONGÍLIO, Mariazinha. **Os dez anos da pensão Jundiaí:** 1º jantar mensal 18-5-1982. São Paulo: Kansã, 1993.
349.CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto:** a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
350.COOPER, Jorge. **A solidão que soma.** Maceió: SERGASA, 1990.
351.CORBIÈRE, Tristan. **Os amores amarelos.** São Paulo: Iluminuras, 1996.
352.CORÇÃO, Gustavo. **O desconcerto do mundo.** Rio de Janeiro: Agir, 1965.
353.CORNWELL, John. **O papa de Hitler:** a história secreta de Pio XII. 2 ed. São Paulo: Imago. 2000.
354.CORRÊA, Elvira Carmen Procópio. **Sussurros da alma.** João Pessoa: Ideia, 2000.
355._____. **Momentos.** João Pessoa: Subsecretaria de Cultura, [s. d.].
356.CORRÊA, Oscar Dias. **Meus versos dos outros.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999. (Coleção Afrânio Peixoto, 46).
357.CORREIA, João de Araújo. **O mestre de nós todos (antologia).** Porto: Campo das Letras, 1999.
358.CORREIA, Roberto Leal. (org.). **Garimpando letras Vol. I.** Salvador: Òmnira, 1999.
359.COSTA, Américo de Oliveira. **O comércio de palavras** - textos e montagens. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
360._____. **O comércio de palavras** - textos e montagens. vol. II. Natal: Fundação José Augusto, 1991.
361._____. **O comércio de palavras** - textos e montagens. vol. III. Natal: Fundação José Augusto, 1992.
362.COSTA, Antônio. **RIT:** o eterno retorno da agonia. João Pessoa: [s. e.], 1997.
363.COSTA, Araci Barreto da. **Postal clube (antologia, 4).** Rio de Janeiro: Postal Clube, 1999.
364._____. **Postal clube (antologia, 5).** Rio de Janeiro: Postal Clube, 2000.
365._____. **Postal clube (antologia, 6).** Rio de Janeiro: Postal Clube, 2001.

366.COSTA, Cláudio Limeira. **Cãotidiano.** João Pessoa: A União, 1995.
367.COSTA, José Nunes da. **Lira dos 40 anos.** João Pessoa: A União, [s. d.].
368.COSTA, Lustosa da. **Foi na seca de 19.** Fortaleza: ABC, 1999.
369._____. **O senador dos bois:** correspondência do senador Paula Pessoa. Sobral: UVA, 2000.
370._____. **Vida, paixão e morte de Etelvino Soares.** São Paulo: Maltese, 1996. 03 ex.
371.COSTA, Marcondes Benedito Farias. **Atalhos.** Maceió: SERGASA, [s. d.].
372._____. **Imagos.** Maceió: SERGASA, 1986.
373._____. **Poemas circunstantes.** Maceió. [s. n.], 1984.
374.COSTA, Marcos de Farias. **Doce estilo novo (antologia).** São Paulo: Barcarola: 2000.
375._____. **João Ribeiro:** biografia crítica sobre João Ribeiro (1881-199). Maceió: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, 1998. 02 ex.
376.COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Comunicação alternativa e movimentos sociais na Amazônia Ocidental.** João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
377._____. **Exercícios circunstanciais.** Natal: Edições Coivara, 1997.
378.COSTA, Walter Rabello da. **Anotações de um juiz de Direito** - 1960 a 1985.João Pessoa: UMIGRAF, 1988.
379.COURTOIS, Stéphane. et al. **O livro negro do Comunismo**: crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
380.COUTINHO, Eduardo F. e CASTRO, Ângela Bezerra de. (Sel.). **José Lins do Rego.** Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira; FUNESC, 1991. (Coleção Fortuna Crítica, 7).
381.COUTINHO, Romero. **Vinte e cinco anos de Rio Tinto - amenidades...** João Pessoa: Boa Impressão, 1993.
382.COUTO, Carlos K. **Rua versus homem.** Niterói: Gráfica e Papelaria Falcão, 1988.
383.CRISPIM, Luiz Augusto. **A dama da tarde.** João Pessoa: Gráfica Santa Maria, 2001.
384.CUNHA, Euclides da. **Canudos e outros temas.** 3 ed. Brasília: Senado Federal; Casa de Pernambuco, 1994.
385._____. **Os Sertões:** Campanha de Canudos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
386.CUNHA, Fernando Whitaker da. **Pensamento hermenêutico e história.** Rio de Janeiro: Tagore, 2000.
387.CUNHA Filho, Juvêncio. **Nossa origem nossa descendência.** 2 ed. Natal: [s. e.], 1989.
388.CUNHA, Tânia Maria da; CUNHA, Fernando Whitaker da. **O intenso amor (Cartas).** Rio de Janeiro: Mandarino, [s. d.].
389.CURVELLO, Aracy. **Mais que os nomes do nada.** São Paulo: Editora do Escritor, 1996.
390._____. **Uilcon Pereira:** no coração dos boatos. São Paulo; Porto Alegre: Giordano; AGE, 2000. (Coleção Memória Brasileira, 27).
391.CURVELLO, Aracy. (Org.). **Poesia de Brasil.** Volumen I. Bento Gonçalves: Proyecto Cultural Sur Brasil, 2000.
392.D'ALGE, Carlos. **Em busca da utopia.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.
393._____. **O território da palavra:** memória & literatura. Fortaleza: UFC/Casa de José Alencar, 1990. (Col. Alagadiço novo, 28).
394.DANTAS, Francisco J. C. **Cartilha do silêncio. São Paulo:** Companhia das Letras, 1997.

395. DANTAS, José de Sousa. (Coord.). **No mundo da poesia:** Pombal revive cantando o que Leandro sonhou. Pombal: Prefeitura de Pombal, 2001.
396. DANTAS, José de Sousa. (Org.). **Uma noite estrelada de poesia em Pombal:** terra do poeta Leandro Gomes de Barros. Pombal: Sal da Terra, 2000.
397. DANTAS. José Lívio. **Os sinais.** Rio de Janeiro: Everbooks, 1999.
398. DANTAS, Manuel Duarte. **A verdade sobre os fatos de 1930.** [s. l.: s. n., s. d.].
399. DANTAS, Márcio de Lima. **Metáfrase.** Natal: EDUFRN, 1999.
400. D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. (Org.). **Ernesto Geisel.** 4 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
401. DAUDET, Léon. **Flammes.** Paris: Bernard Grasset, 1930.
402. DEBARBA, Conceição Aparecida Pereira. **Depois daquela noite...** Mafra: Master, [s. d.].
403. DEGRAZIA. José Eduardo. **A terra sem males:** minicontos. Porto Alegre: Movimento, 2000.
404. DELLY, M. **A cascata rubra.** 2 ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. (Col. biblioteca das moças, 147).
405. _____. **O lírio da montanha.** São Paulo: Cia Editora Nacional, [s. d.]. (Col. Biblioteca das moças, 148).
406. DEL MAESTRO, Humberto. **Aloendros:** ditos líricos e filosóficos. Passo Fundo: Gráfica Túlio Samorini Ltda, 1999.
407. _____. **Contos impossíveis...?** Vitória: Grafitusa, 2000.
408. _____. **Crítica literária.** Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2001
409. _____. **Dísticos:** poesias. Vitória: Grafitusa, 2001.
410. _____. **O divino Nadim:** um anjo que desceu à terra. Vitória: Grafitusa, 2001. 02 ex.
411. _____. **Magníficos:** a história de um povo surpreendente, narrada por um soldado que dela participou.Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.
412. _____. **Trovas, haicais e outros poemas.** Serra: [s. n.], 1998.
413. DESMOND, Adrian. & MOORE, James. **DARWIN:** a vida de um evolucionista atormentado. São Paulo: Geração Editorial, 1995.
414. DICKE, Ricardo Guilherme. **O salário dos poetas.** Cuiabá: EDUFMT, 2000.
415. DICKENS, Charles. **Um conto de Natal.** Rio de Janeiro: D. E. L., 1996. (Coleção Clássicos Econômicos Newton).
416. DÍDIMO, Horácio. **Amor palavra que muda de cor.** São Paulo: Edições Paulinas, 1984. (Coleção Grão de Trigo).
417. _____. **A estrela azul e o almofariz:** exercícios de poesia e metapoesia. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998. (Coleção Alagadiço Novo).
418. _____. **A nave de prata:** livro de sonetos & quadro verde poemas visuais. Fortaleza: UFC, 1991.
419. DI LASCIA, Mariateresa. **Passage dans l'ombre.** Paris: Albin Michel, 1996.
420. DINIZ, Almir. **Algemas de ternura.** Manaus: Uirapuru, 2001.
421. _____. **Os Deuses.** Manaus [s. n.], 1998.
422. _____. **O elogio do caboclo.** São Paulo: Scortecci, 1998.
423. _____. **Encontros com a natureza**. São Paulo: Scortecci, 1998.

424._____. **Floradas da alma.** Manaus: Uirapuru, 2000.
425._____. **Nos remansos da saudade.** Manaus: EDUA, 1999.
426._____. **Paiol de lembranças (crônicas e narrativas).** Manaus: Uirapuru, 2001.
427._____. **Plumas humanas:** vestiduras e adornos femininos. Manaus: Uirapuru, 2000.
428.DOBAL, H. **Ephemera.** Teresina: EDUFPI, 1995.
429.DOMINGUES, Edmir. **Lusbelino.** Recife: Bagaço, 1996.
430._____. **Universo fechado ou o construtor de catedrais.** Recife: Bagaço, 1996.
431.DONATO, Mário. **A parábola das cruzes.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. (Col. Novela Brasileira, 1).
432._____. **Tietê Barbosa.** São Paulo: Catavento Distribuidora de Livros S. A, [1989].
433.DORNELLES, Oracy. **Cantares ares.** Santiago: Prefeitura Municipal de Santiago, 1992.
434.DORNALLES, Oracy; PALMEIRO, Antonio Manoel Gomes. **Antologia a.** Santiago: Expressão, 2000. 02 ex.
435.DORSA, Arlinda Cantero. **As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naneira.** Campo Grande: UCDB, 2001. 02 ex.
436.DOURADO, Autran. **Confissões de Narciso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
437._____. **Gaiola aberta:** tempos de JK e Schmidt. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
438.DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. (Org.). **Iniciação à poesia do Rio Grande do Norte. Antologia.** Belo Horizonte: Limiar, 1999.
439.DUARTE, Luiz Vital. **Evolução histórica do comunismo no Brasil.** Olinda: [s. n.], 1989.
440.DUARTE, Sebastião Moreira. **Calendário lúdico (quasipoemas transversos).** São Luís: Sotaque Norte, 1998.
441.DUARTE, Waldemar. **Bibliografias paraibanas.** 1º volume. Brasília: Senado Federal, 1994.
442._____. **Documentação como tema literário.** João Pessoa: E. G. N, 1988. 19 ex.
443._____. **História derivada.** João Pessoa: [s. n.], 1961.
444.DUARTE, Waldemar. et. al. **Walfredo Rodriguez e a cultura paraibana.** João Pessoa: E. G. N, 1989.
445.DURAS, Marguerite. **O amante.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
446.EDWARDS, Anne. **La divina** São Paulo: Mandarim, 1996.
447.EFFENBERGER, Henriette. (Coord.). **Antologia de contos e poesias.** Bragança Paulista: Associação de Escritores de Bragança Paulista/Datagraf, 2000.
448.ELIOT, T. S. **Poesia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
449.ELIOT, T. S. & BAUDELAIRE, Charles. **Poesia em tempo de prosa.** São Paulo: Iluminuras, 1996.
450.ÉLIS, Bernardo. **Apenas um violão.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
451.ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, III. João Pessoa: Ideia, 1993.
452.ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O naufrágio do Titanic:** uma comédia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
453.EPICTETO. **A arte de viver.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
454.ERIBON, Didier. **Michel Foucault** 1926 - 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

455. ESCOREL, Lauro. **A pedra e o rio:** uma interpretação de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. 02 ex.
456. FACHINELLI, Nelson. (Org.). **Gente da casa:** coletânea literária. Porto Alegre: Alcance, 2000.
457. FALCÃO, Armando. **Tudo a declarar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
458. FAORO, Raymundo. **Machado de Assis:** a pirâmide e o trapézio. 4 ed. São Paulo: Globo, 2001.
459. FARHAT, Chicre. **A culpa dos inocentes.** Rio de Janeiro: Taurus, 1993.
460. _____. **Por que matei o padre.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1991.
461. _____. **O resgate.** Rio de Janeiro: Taurus, 1994.
462. FARIAS, Elson. **O comandante.** Manaus: Valer, 1998.
463. _____. **A destruição adiada.** Manaus: Edições Governo do Estado; Valer, 2002.
464. _____. **Romanceiro.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
465. _____. **Tauacuéra:** a cidade desaparecida. Manaus: Valer, 1999.
466. FARIAS, José de. **Traços de uma vida.** Rio de Janeiro: gráfica Olímpica, 1973.
467. FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. (Org.). **Literatura e cultura:** tradição e modernidade. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 1997.
468. FARO, Augusta. **Avessos do espelho.** Goiânia: Editora da Autora, 1994.
469. FAUSTINO, Urbacy. e MÍCCOLIS Leila. (Orgs.). **Sociedade dos poetas vivos.** Rio de Janeiro: Blocos, 1999.
470. FEITOSA, Soares. **Psi, a penúltima.** Salvador: Edições Papel em Branco, 1997.
471. FELDMAN, Cláudio. **Dia suspeito.** [s. l.]: Editora Taturana, 2000.
472. FERNANDES, Aparício. (org.). **Escritores do Brasil** - 1987. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1987.
473. FERNANDES, Carlos Dias. **Os cangaceiros.** 2 ed. Patos: Fundação Ernani Sátyro, 1997.
474. FERNANDES Filho. Flávio Sátiro. (org.). **A justiça do trabalho na Paraíba:** TRT da 13ª região. João Pessoa: FCJA, 1994.
475. FERNANDES, Flávio Sátiro. **Geografia do corpo.** João Pessoa: UNIGRAF, 1988.
476. FERNANDES, Francisca Miriam Aires. **Caminhos mais.** [s. l.: s. n.], 1986.
477. FERNANDES, João Bosco. **O grande teatro do mundo:** D. Pedro Calderón de La Barca (1600 - 1681). [s. l.: s. n., s. d.].
478. _____. **Memorial de família:** pesquisa genealógica. [s. l; s. n.], 1993.
479. FERNAMDEZ, Alina. **Alina:** memórias da filha de Fidel Castro. São Paulo: Ática, 1998.
480. FERRARI, Salvador Geraldo. **Do interior de um médico.** Ponte Nova: [s. n.], 1997.
481. FERRAZ, Ruth Santos. **Coisas de mim.** Rio de janeiro: Nórdica, 1996.
482. FERREIRA, Alba Pires. **Alba Pires Ferreira & amigos.** São Luiz Gonzaga: Borck, 2000.
483. _____. **Sonata.** Porto Alegre: Alcance, 2000.
484. FERREIRA, Cleide Maria Fernandes. **Agenda de D@ndy.** João Pessoa: Gráfica JB, 1998.
485. FERREIRA, Diana Carmen Martins de Assis. **Eduardo Martins da Silva:** notícia bibliográfica. João Pessoa: IMPRELL, 1998.
486. _____. **Momentos de inspiração**. João Pessoa: IMPRELL, 2002.

487. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Crônica política do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
488. FERRER, William. **Verticais.** Recife: Bagaço, 1995.
489. FICINO, Marsilio. **O livro do amor.** Niterói: Centro de Investigação Filosófica; Clube de Literatura Cosmos, 1996. (Col. Harmonia & Caminhos, 2).
490. FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Ciências Sociais, barbárie e socialismo I Vol.** [s. l.: s. n.], 1997.
491. _____. **Ciências Sociais, barbárie e socialismo II Vol.** Aracaju: [s. n.], 2000
492. _____. **História política de Sergipe. VII vol. (1982/1990).** [s. l: s. n.], 1996
493. _____. **Sociologia e psicologia do cotidiano.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1985.
494. FIGUEIREDO, Guilherme. **A bala perdida:** memórias. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
495. FIGUEIREDO Jr, Nestor. **Gilberto Freyre no texto epistolar & e outros textos.** João Pessoa: Ideia, 2000.
496. _____. **Pela mão de Gilberto Freyre ao menino do engenho.** João Pessoa: Edições FUNESC; Ideia, 2000.
497. FLORESTA, Nísia. **Cintilações de alma brasileira. S**anta Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNISC; Ed. Mulheres, 1997.
498. FONCECA, Aleilton. **O deserto dos mortos.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
499. FONCECA, Rubem. **O doente Molière.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
500. FRAQUEZA, Maria José. **Cântico das ondas.** [Faro]: Academia Antero Nobre, 1998.
501. FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande:** sua história. João Pessoa: idéia. 1998.
502. FREITAS, Iacyr Anderson. **Lázaro. .** Juiz de Fora: D'Lira, 1995.
503. _____ **Quatro estudos.** Juiz de Fora: D'Lira, 1998.
504. FRIEIRO, Eduardo. **Basileu.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. (Col. Biblioteca básica brasileira, 4).
505. FUNESC. Fundação Espaço Cultural da Paraíba. **José Lins do Rego:** 90 anos depois. João Pessoa: Edições FUNESC, 2000. 02 ex.
506. _____. **Regimento da Fundação Espaço Cultural da Paraíba.** João Pessoa: Edições FUNESC, 1990.
507. FURTADO, Jorge. **Trabalhos de amor proibido.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. (Col. Devorando Shakespeare).
508. FUSCO, Rosário. **O agressor.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.
509. GABÍNIO, Antonio. **Um canto de saudade:** testemunho de um menino de Alagoa Nova. Campina Grande: Edições Grafset, 1984.
510. GALDINO, J. **O entregador de sonho:** tempoemas. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
511. GALLINDO, Cyl. **Quanto pesa a alma de um homem.** Recife: Bagaço, 1994.
512. GALLO, Sergio Cícero de Azeredo. **O homem perplexo e reflexão sobre Shakespeare.** Rio de Janeiro: Zoomgraf-K, 1985.
513. GALVÃO, Donizete. **A carne e o tempo.** São Paulo: Nankin Editorial, 1997. (Col. Janela do Caos: poesia brasileira).
514. _____. **Do silêncio da pedra.** São Paulo: Arte Pau-Brasil, 1996. (Col. Ah!, 5).
515. GALVÃO, José Campello d'Albuquerque. **Diário da guerra do Paraguai.** João Pessoa: Unigraf, 1995.
516. GALVÃO, Paulo. **Corpo transitório.** Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1992.

517. GALVÃO, Walnice Nogueira. GOTLIB, Nádia Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora:** estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
518. GAMA, Domício da. **Contos.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. (Col. Afrânio Peixoto).
519. GARCIA, Nice Seródio. **A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade.** Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.
520. GATTÉGNO, Jean-Pierre. **Neutralidade suspeita.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
521. GAY, Peter. **Mozart.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
522. GERALDO, José. **Um bicho embaixo da saia** (1991/1995). Brasília: André Quicé Editor, 1995.
523. _____. **Cem anos com Cruz e Sousa.** 2 ed. Brasília: CEUB; LGE Editora, 1998.
524. _____. **No rumo das nebulosas.** Brasília: André Quicé Editor, 1996.
525. _____. **Redenção de Capitu.** Brasília: UniCeub, 1999. 2 ex.
526. GERLACH, Maria Cristina; GÜTTER, José Eduardo. (Orgs.). **V Concurso Nacional de Poesia "Menotti Del Picchia". 1998.** São Paulo: Physis, 1998.
527. GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio:** e da liderança na história política do Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2000.
528. GERTEIRA. Sérgio Martagão. **A carne da ruína:** sobre a representação do excesso em Augusto dos Anjos. João Pessoa; São Luiz: UFPB/Editora Universitária; UFMA/Editora Universitária, 1998.
529. GIESBERT, Franz-Olivier. **Le viel homme et al mort.** Paris: Gallimard, 1996. (Col. Folio).
530. GIGLIO, Maria José. et. el. **Setevozes:** I coletânea Casa do Escritor. São Paulo: Editora do Escritor, 1998. 2 ex.
531. GIRALDO, Arnaldo. (Org.). **Sinfonia da primavera.** Vol II. São Paulo: Edições AG, 1998.
532. GIRÃO, Blanchard. **Mestre Hélio o piloto da mansão:** a história de Hélio Guedes Pereira: aviador, líder empresarial e magistrado.[s. l.]: Tiprogresso, [s d.].
533. GIRÃO, Raimundo. **Palestina, uma agulha e as saudades.** 2 ed. Fortaleza: [s. n.], 1984.
534. GIUDICELLI, Christian. **Quartiers d'Italie.** Paris: Gallimard, 1993. (Col. Folio).
535. GOETHE, Joham Wolfgang von. **Afinidades eletivas.** Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, [1981].
536. _____. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister.** São Paulo: Ensaio, 1994.
537. _____. **Os sofrimentos de Werther.** Rio de Janeiro: Ediouro, [1985].
538. _____. **Trilogia da paixão.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
539. GOETHE SCHILLER. **Goethe Schiller:** correspondence 1794-1805 tome I: 1794-1797. Paris: Gallimard, 1994.
540. _____. **Goethe Schiller:** correspondence 1794-1805 tome II: 1798-1805. Paris, Gallimard, 1994.
541. GOLDFELD, Zelia. (Org.). **Encontros de vida:** 34 depoimentos de pessoas com mais de 60 anos apaixonadas pela vida. Rio de Janeiro: Record, 1997.
542. GOMES, Abeylard Pereira. et. al. **Oliveira e Silva:** a vida e a obra; **um homem se confessa.** 3 ed. **Testemunhos dos contemporâneos.** [s. l.: s. n., s. d.]. 02 ex.

543. GOMES, Abeylard Pereira. **A toga e a lira II**: poemas de desembargadores e juízes brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto dos Magistrados do Brasil, 1989.
544. GOMES, Manoel. **Interseção entre dois mundos:** carta de Manoel Gomes a Joilson Portocalvo. Brasília: Edições Camboa, 2000.
545. GONÇALVES, Evaldo. **Momentos campinenses & outros momentos.** João Pessoa: A União, 2000.
546. _____. **Trabalho, capital maior.** Brasília: Câmara dos Deputados, 1992.
547. GONÇALVES, Marta. **Primeira palavra.** Juiz de Fora: ZAS Gráfica e Editora,1994.
548. GONDIM, Gilson Marques. **Neandertal.** São Paulo: Edicon, 1989.
549. GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. (Col. Afrânio Peixoto).
550. GORGONE, Eustáquio. **Delirium-tremens.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.
551. GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice:** uma vida que se conta. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995.
552. GOTO, Roberto Akira. **O h da história.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999.
553. _____. **Para ler Fernando Henrique Cardoso.** São Paulo: Geração Editorial, 1998. (Col. Para ler, 2).
554. GOTO, Tomekiti. **Como uma erva silvestre.** São Paulo: Massao Ohno Editor; Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995.
555. GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere Vol. I:** Introdução ao estudo de filosofia, a filosofia de Benedetto Crocce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
556. _____. **Cadernos do cárcere Vol. II:** Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
557. _____. **Cadernos do cárcere Vol. III:** Maquiavel, Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
558. _____. **Cadernos do cárcere Vol. IV:** Temas de cultura, Ação católica, Americanismo e fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
559. _____. **Cadernos do cárcere Vol. V:** O Risorgimento, Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
560. GREENE, Graham. **A última palavra e outras histórias.** Rio de Janeiro: Record, 1995.
561. GREEN, Julien. **Dixie.** Paris: Éditions Fayard, 1995.
562. _____. **Terre lointaine.** Paris: Bernard Grasset Éditeur, 1966.
563. GRIEBELER, João Weber. (Org.). **Letras contemporâneas II.** Roque Gonzales: Igaçaba Produções Culturais, 1996.
564. GRIEBELER, João Weber. (Org.). **Letras contemporâneas III.** Roque Gonzales: Igaçaba Produções Culturais, 2000. 02 ex.
565. GROWE, Bernd. **Edgar Degas 1834-1917.** Lisboa: Benedikt Taschen, 1994.
566. GUEDES, Linaldo. **Os zumbis também escutam blues e outros poemas.** João Pessoa: A União, 1998.
567. GUEDES, Rogério José Magalhães. **Histórias de vida de um aprendiz de doutor.** João Pessoa: Ideia, 2000.
568. GUERRA, Otto de Brito. **Vida e morte do nordestino:** análise retrospectiva. Natal: Editora Universitária da UFRN/Fundação Otto Brito, 1989.
569. GUERRA, Severino Fernandes. **Navarrenses ilustres.** Fortaleza: IOCE, 1986.

570. GUGGIAPA, Paulo César. et. al. **Paulo César Guggiapa & amigos:** antologia literária. Cerrro Largo: Livraria e Editora Borck, 2000. 2 ex.
571. GUIMARAENS, Alphonsus. **Poesias. Vol. I.** 2 ed. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões", 1955.
572. _____. **Poesias. Vol. II.** 2 ed. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões", 1955.
573. GUIMARÃES, Alcione. **Zuarte:** poemas e quadras-poemas. Goiânia: Editora Kelps, 2000.
574. GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem:** mundo, absurdo, revolta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
575. GUIMARÃES, Luís Carlos. **Cento e treze traições bem-intencionadas**. Natal:EDUFRN, 1997.
576. _____. **Crônica do tempo distante** (memórias). João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura do Estado, 2001.
577. _____. **O fruto maduro.** Natal: Fundação José Augusto, 1996.
578. _____. **História da Academia Paraibana de Letras.** João Pessoa: A União, 2001.
579. _____. **História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.** João Pessoa: Editora Universitária, 1998.
580. _____. **A lua no espelho.** Natal: Clima, 1993.
581. _____. **Pauta do passarinho.** Natal: Boágua Editora, 1992.
582. GUIMARÃES, Severino Amaro. **Um pouco de tudo**. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé, 1986.
583. GULLAR, Ferreira, **Muitas vozes.** 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
584. HAMMETT, Dashiell. **Tiros na noite.** Rio de Janeiro: Record, 2001. (Col. Negra).
585. HARDI Filho. **O dedo do homem.** [Teresina]: [s. n.], 2000.
586. _____. **Estação 14.** Teresina: Zodíaco, 1997.
587. _____. **Veneno das horas.** [Teresina]: Ed. UESPI, 2000.
588. HECKER Filho, Paulo. **Nem tudo é poesia.** Porto Alegre: Alcance 2001.
589. _____. **Vento, água, coelho.** Porto Alegre: Alcance 2002. (Col. Petit Poa).
590. HACKER Filho. Paulo. (Seleção e tradução). **Só poema bom.** Porto Alegre: Alcance, 2000.
591. HEINRICH, Christoph. **Claude Monet 1840-1926.** Lisboa: Benedikt Taschen, 1995.
592. HENRIQUES, Claudio. **Atas da Academia Brasileira de Letras:** Presidência Machado de Assis (1896-1908). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. (Col. Austregésilo de Athayde, 2).
593. HENRIQUES, Maria do Socorro Gouveia. **A importância da vírgula na vida do bem-te-vi gago e outras histórias.** João Pessoa: GRAFSET, 1989.
594. HESSE, Hermann. **Le loup des steppes.** Paris: Calmann-lévy, 1947.
595. HILTON, James. Adeus, mr. Chips. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1950. (Col. Nobel).
596. HOFFMANN, Nelson. **Onde está Maria?** Roque Gonzales: EDIURI, 1997.
597. _____. **Quando a bola faz a história**. 2 ed. Roque Gonzales: Cultuarte. 2000.
598. HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996. (Col. Síntese rio-grandense, 20-21).
599. HOLANDA, Diógenes Rodrigues de. **Um nome, uma família:** Holanda. João Pessoa: [s. n.], 1987.

600.HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra:** estudos de crítica literária I 1920-1947. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
601._____. **O espírito e a letra:** estudos de crítica literária II 1948-1959. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
602._____. **Livro dos prefácios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
603.HÖLDERLIN, Friedrich. **Canto do destino e outros cantos.** São Paulo: Iluminuras, 1994.
604._____. **Poemas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
605.HOLODY, Helena. **Viagem no espelho.** Curitiba: Criar Edições, 1988.
606.HONNEF, Klaus. **Andy Warhol 1928-1987:** a comercialização da arte. Lisboa: Benedikt Taschen, 1992.
607.HORTA, Anderson Braga. **Fragmentos da paixão:** poemas reunidos. São Paulo: Massao Ohno Editor, 2000.
608._____. **O pássaro no aquário:** poesia 1969 - 1989**.** Brasília: André Quicé - Editor, 1990.
609._____. **Poetas do século de ouro espanhol**. (Sel.). Brasília: Thesaurus; Consejeria de Educación y Ciencia de la Embajada da España, 2000.
610._____. **Pulso.** São Paulo: Barcarola, 2000.
611._____. **Quarteto Arcaico**. Jaboatão: Editora Guararapes - EGN, 2000.
612.HOWARD, Ken. **El arte de dibujar y pintar paisajes, bodegones, figuras y retratos.** Barcelona: Es Un Libro Blume, 1994
613.HUYSMANS, J.-K. **Às avessas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
614.INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. **Anais do I encontro de institutos históricos.** João Pessoa: IHGP, 2000.
615.INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. **A Paraíba cós 500 anos do Brasil.** João Pessoa: IHGP, 2000.
616.IVO, Marcelo. **Angústia de um ser.** Itaporanga: [s. n.], 2000.
617.JACQUES, João. **Minha máquina, meu piano.** [s. l.: s. n., s. d.].
618.JAMES, Henry. **A herdeira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. (Col. Clássicos Nova Fronteira).
619._____. **Retrato de uma senhora.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
620.JAMIS, Rauda. **Frida Kahlo.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
621.JONES, Theomar. **Carlos Teixeira de Campos:** vivência grandeza, resplendor. Vitória: [s. n.]. 1998.
622._____. **Ciro Vieira da Cunha:** inteligência e sensibilidade. [s. l.: s. n.], 1989.
623.JORGE, Franklin. **Ficções fricções africções.** Florianópolis: Editora Mares do Sul, 1999. 03 ex.
624._____. **Spleen de Natal.** Natal: Amarela Entretenimentos, 1996.
625.JOSÉ, Oiliam. **Historiografia mineira.** 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.
626.JUNQUEIRA, Ivan. **O fio de Dédalo**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
627._____. **Poemas reunidos.** Rio de Janeiro: Record, 1999.
628. _____. **A sagração dos ossos (1989-1994).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

629.KAFKA, Franz. **A metamorfose; Um artista da fome; Carta ao pai**. São Paulo: Martin Claret, 1999. (Col. A obra-prima de cada autor, 23).
630.KARL, Frederick. R. **George Eliot:** a voz de um século. Rio de Janeiro: Record.1998.
631.KATES, Gary. **Monsieur d'Eon é mulher:** um caso de intriga política e embuste sexual. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
632.KAVÁFIS, Konstantinos. **Poemas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (Col. Poiesis).
633.KAZANTZÁKIS, Nikos. **Ascese:** os salvadores de Deus. São Paulo: Ática, 1997.
634.KIERKEGARD, Sören. **O desespero humano**: doença até à morte. 6 ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.
635.KRAUSE Filho, Filemon de Carvalho. **Sonetos esquecidos.** São Paulo: João Scortecci, 1997.
636.KRYSTOF, Doris. **Amedeo Modigliani 1884-1920:** a poesia do olhar. Lisboa: Benedikt Taschen, 1996.
637.KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Discurso sobre a violência e outros temas**. São Paulo: Soma, 1985.
638.LACERDA, Eulálio Farias de. **Saci pau-brasil.** Natal: CCHLA/UFRN, 1992
639.LAET, Carlos de. **Obras seletas:** crônicas. Rio de Janeiro; Brasília: Agir; Fundação Casa de Rui Barbosa; INL, 1983.
640.LAROCHE, A. F. G**. Contribuições para a pré-história pernambucana.** Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria da Educação e Cultura, 1975.
641.LARRAÑAGA, Inácio. **Sofrimento e paz**: para uma libertação pessoal. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
642.LEAL, José. **Itinerário histórico da Paraíba.** 2 ed. João Pessoa: A União, 1989. (Col. "Vida Brasileira").
643.LEÃO, Ursulino. **Judith.** São Paulo: Marco Zero, 1998.
644._____. **A maldição da cruz.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
645.LEIRANDELLA, Cunha de. **Cinco dias de sagração.** Rio de Janeiro: Record, 1993.
646.LEITÃO, Deusdedit. **Eliziário Leitão:** dados biográficos ascendentes descendentes. João Pessoa: [s. n.], 1989.
647._____. **Inventário do tempo:** memórias. João Pessoa: Empório dos Livros, 2000.
648._____. **Ruas de Tambaú.** João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1998. 02 ex.
649.LEITE. Ascendino. **Aforismos para o povo instruído.** João Pessoa: Ideia; EdA Edit, 1998.
650._____. **Um ano no outono.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1983. (Col. Jornal Literário). 02 ex.
651._____. **O brasileiro.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.
652._____. _____. 3 ed. Patos: Fundação Ernani Sátyro, 1996. (Col. Romance paraibano, 2). 04 ex.
653._____. **Caracóis na praia.** João Pessoa: João Pessoa: Ideia; EdA Edit, 2001. (Col. Jornal Literário). 05 ex.
654._____. **As coisas feitas**. Rio de Janeiro: EdA Editora, 1980. (Col. Jornal Literário). 03 ex.

655._____. **Os dias esquecidos.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1983. (Col. Jornal Literário). 03 ex.
656._____. **Os dias memoráveis.** Rio de Janeiro: EdA Editora. 1987. (Col. Jornal Literário).
657._____. **Doces vozes do silêncio.** João Pessoa: Ideia; EdA Edit, 2000. (Col. Jornal Literário). 06 ex.
658._____. **Durações (1940-40-62).** Petrópolis: Vozes, 1963.02 ex.
659._____. **Euismos.** João Pessoa: Ideia; EdA Edit, 1997. (Col. Jornal Literário). 06 ex.
660._____. **Jardim marítimo.** João Pessoa: Ideia; EdA Edit, 1995.
661._____. _____. 2 ed. João Pessoa: EdA Editora, 1997.
662._____. **O jogo das ilusões.** Rio de Janeiro: EdA Editora, 1985. (Col. Jornal Literário).
663._____. **Os juízes ou 21 poemas inabdutos e um canto proseado.** João Pessoa: EdA Edit; Ideia, 1998. 05 ex.
664._____. **Momentos intemporais.** João Pessoa: EGN/Acauã, 1991. 03 ex.
665._____. **Na ciência dos fatos**. João Pessoa: Ideia, 2007. (Col. Jornal Literário). 02 ex.
666._____. **O nariz de Cíntia**. João Pessoa: EdA Edit; Ideia, 1998.03ex.
667._____. **Passado indefinido.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1983. (Col. Jornal Literário). 03 ex.
668._____. **Passado indefinido; Os dias duvidosos; O lucro de Deus**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966. (Col. Descoberta do Homem, 2).
669._____. **Os pecados finais.** João Pessoa: EdA Edit; Ideia, 1997. (Col. Jornal Literário). 06 ex.
670._____. **Os pesares.** João Pessoa: Ideia, 2004. (Col. Jornal Literário).
671._____. **Poemas do fim comum.** João Pessoa EdA Edt; Ideia, 2000. 03 ex.
672._____. **Poesia reunida.** João Pessoa: EdA Edt; Ideia, 1999.
673._____. **Por uma saudade azul.** João Pessoa: EdA Edt; Ideia, 1999.
674._____. **A prisão.** João Pessoa Editora Universitária da UFPB, 1995.
675._____. **O salto mortal.** São Paulo: Martins, [s. d.].
676._____. _____. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. (Col. Clássicos Brasileiros).
677._____. _____. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.]. (Col. Prestígio). 02 ex.
678._____. **Sementes no espaço (1938-1988). I e II.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1988. (Col. Jornal Literário).
679._____. **Sol a sol nordestino.** Rio de Janeiro: EdA Edit, 1987. (Col. Jornal Literário). 05 ex.
680._____. **Surpresas na partida**. João Pessoa: EdA Edit; Ideia, 1999. (Col. Jornal Literário). 05 ex.
681._____. **A velha chama.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. (Col. Jornal Literário). 03 ex.
682._____. **O velho Leblon ou novo retrato do artista quando velho**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988. (Col. Jornal Literário). 03 ex.
683._____. **O vigia da tarde.** Rio de Janeiro: EdA Edit. 1982. (Col. Jornal Literário). 02 ex.
684._____. **Visões do Cabo Branco**. Rio de Janeiro: EdA Editor, 1981. (Col. Jornal Literário). 02 ex.
685._____. _____. João Pessoa: A União, 1984. (Col. Jornal Literário).
686._____. **Visões do Prata.** João Pessoa: EdA Edit. Ideia, 2001. 03 ex.

687._____. **Visões do vale.** João Pessoa: EdA Edit. Ideia, 1993.
688._____. **Visões e reflexões do 3° céu:** euismos. João Pessoa: EdA Edit. Ideia, 1993. (Col. Jornal Literário). 05 ex.
689._____. **A viúva branca**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1972. 02 ex.
690._____. **Vulgata**. João Pessoa: EdA Edit. Ideia, 2001. 05 ex.
691.LEITE, Carlos Henrique. **Confins do mundo.** João Pessoa: UNIGRAF, 1988. 02 ex.
692._____. **As férias de Nicanor.** João Pessoa: Ideia, 2000. 02 ex.
693.LEITE, Márcia. **Enfim sós!...** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1993.
694.LE LOLY, Édouard. **Madre Teresa de Calcutá:** a santa dos pobres. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
695.LE MOING, Monique. **A solidão povoada.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
696.LEONARDOS, Stella. **Água Brava.** Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1995. (Col. Estrada Real, 2).
697._____. **Cancioneiro capixaba.** Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000. (Cadernos de História, 37).
698._____. **Cancioneiro de São Luís.** São Luís: Editora Alcântara, 1981.
699._____. **Mítica.** Goiânia: Kelps, 2000. 03 ex.
700.LEONTINO Filho, R. **Cidade íntima.** 3ª ed. São Paulo: Editora do Escritor, 1999.
701.LEOPARDI, Giacomo. **Prosa e poesia.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
702.LESCOT, Patrick. **O império vermelho:** a história de quatro militantes comunistas unidos pela paixão e pelo terror em Moscou e Pequim 1919 - 1989. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
703.LIMA. Alceu Amoroso Lima. **Manhãs de S. Lourenço**. Rio de Janeiro: Agir, 1950.
704.LIMA, Áureo Correia. **Camponeses oprimidos e outros contos**. João Pessoa: Gráfica & Editora Diplomata, 1993.
705._____. **Dez contos na fonte.** Campina Grande: Santa Fé, [s. d.].
706._____. **Outros dez contos.** João Pessoa: UNIGRAF, 1986.
707.LIMA, Batista de. **O fio e a meada:** ensaios de literatura cearense. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2000.
708._____. **O pescador de tabocal**. Fortaleza: Fundação Edson de Queiróz; Universidade Fortaleza, 1997.
709.LIMA, Diógenes Cunha. **A memória das cores**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999.
710._____. **Natal:** biografia de uma cidade. Rio de Janeiro: Lidador, 1999.
711.LIMA, João Batista de. (Cel.). A briosa: a história da Polícia Militar da Paraíba. João Pessoa: GCA Publicidades, 2000.
712.LIMA, Maria do Rosário de Souza Tavares de. **Lobisomem:** assombração e realidade. São Paulo: Escola de Folclore, 1983. (Col. Pesquisa).
713.LIMA, Milton Ximenes. **Cantos dos meus silêncios.** Rio de Janeiro: Papel & Tinta, 1999.
714.LIMA, **Ronaldo Cunha.** Atividades parlamentares. Brasília: Senado Federal, [1998].
715._____. **Estados & municípios:** por um desenvolvimento regional equilibrado. Brasília: Senado Federal, 1997.
716._____. **Livro dos tercetos:** breve e leves poemas. João Pessoa: GRAFSET, 1998. 02 ex.

717.LIMA, Sônia Maria van Dick. FIGUEIREDO Jr, Nestor**. Cartas de Gilberto Freyre:** correspondência passiva de José Lins do Rego. João Pessoa: Edições FUNESC, 1997
718.LIMA, Vitória. **Anos bissextos.** João Pessoa: A União, 1997.
719.LIMAVERDE, Regine**. O Canadá é bem ali.** Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 2000. (Col. Alagadiço Novo).
720._____. **Ema cearense na terra dos Bitte schön**. Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 1997. (Col. Alagadiço Novo).
721._____. **O limo e a várzea.** Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 1998. (Col. Alagadiço Novo).
722.LIMEIRA, Cláudio. LIMEIRA, Yó. GUEDES, Linaldo. (Orgs.). **Coletânea de Contos**. João Pessoa: A União, 1999.
723._____. **Coletânea de poesia.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.
724.LIÑARES, Sônia Cury. **Estrelas na palma da mão**. Goiânia: Minas Editora, 1998.
725.LINO Filho, Chico. **Paixão movediça.** João Pessoa: Almeida Gráfica, 1989.
726.LINS, Guilherme Gomes da Silveira d'Avila. **Bibliografia das obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Jorge Rodrigues entre 1598 e 1642.** João Pessoa: Empório dos Livros. 1997.
727._____. **Historiografia e historiadores paraibanos.** João Pessoa: Empório dos Livros, 1999.
728.LINS, Lúcio. **Lado que cavo que covas.** 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1983.
729._____. **As lãs da insônia.** João Pessoa: Ideia, 1991
730._____. **Perdidos astrolábios.** João Pessoa: Editora Universitária, 1999.
731.LINS, Milton **ABC...:** contos. Recife: Ed. da UFPE, 1997.
732._____. **Livro preto:** impressões de viagem.Recife: Ed. da UPE, 1997.
733._____. **Recontando histórias.** Recife: Bagaço, 1995.
734._____. **O sino escarlate.** Recife: Bagaço, 1995.
735.LINS, Milton. MÁRCIO, Mário. **Discursos.** Recife: Bagaço, 2000.
736.LINS Valquíria. **Húmus.** João Pessoa: Sal da Terra, 1998.
737.LONGO, Ângelo. **Ismênia, Ismênia.** Niterói: Cromos, 1992.
738.LOPES, Aldo. **Lavoura de olhares e outros contos.** João Pessoa: A União, 1988.
739._____**. Solidão, nunca mais.** João Pessoa: Editora Universitária, 1996.
740.LOPES, Alzira Camargo. **Como viver feliz seus 100 anos.** 2 ed. São Paulo: Paulus, 1993.
741.LOPES, Anchyses Jobim. **Estética e poesia:** imagem, metamorfose e tempo trágico. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
742.LOPES, Israel. (Coord.). **4ª antologia poética Vargas Netto.** São Borja: Centro Cultural de São Borja, 2000.
743.LOPES, Moacir Costa. **Belona, latitude noite.** 2 ed. Rio de Janeiro; Brasília: Cátedra; INL, 1975.
744.LOPES, Valdecir Freire. **Pedaços de vida:** remenbranças. Teresópolis: [s. n.], 1995.
745.LOPES, Waldemar. **Algumas reflexões sobre Ruy, internacionalista.** Recife: Livros de Amigos, 2000.
746._____. **Austro-Costa, no centenário de seu nascimento.** Recife: Livros de Amigos, 1999. 02 ex.

747._____. **Cinza de estrelas.** Recife: Livros de Amigos, 2000.
748._____. **As dádivas do crepúsculo.** Sessenta sonetos sessenta juízos críticos. Recife: Bagaço, 1996.
749._____. **Sombras da tarde:** sonetos antigos e recentes. Recife: Livros de Amigos, 1999.
750._____. **Sonetos de Portugal.** 2 ed. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1994.
751._____. _____. 3 ed. Brasília: Academia Brasiliense de Letras, 1995.
752.LORCA, Federico García. **Obra poética completa.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
753.LOSADA, Bento Raul. **Poesias.** Caracas: Ediciones del Ministerio de Educacion; Direccion de Cultura y Bellas Artes, 1994. (Col. Biblioteca Popular Venezolana, 94).
754.LOUYS, Pierre. **As canções de Bilitis.** Porto Alegre: Paraula, 1994.
755.LUCCHESI, Marco. **Bizâncio.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
756._____. **Faces da utopia.** Niterói: Cromos, 1992.
757._____. **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
758._____. **A paixão do infinito.** Niterói: Cromos, 1994.
759._____ . **Poemas reunidos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
760._____. **Poesie.** [s. l.]: Grilli Editore, 1999.
761._____. **Saudades do paraíso.** Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.
762._____. **A sombra do amado:** poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Fisus, 2000.
763._____. **O sorriso do caos.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
764._____. **Teatro alquímico:** diário de leituras. Rio de Janeiro: Artium, 1999.
765.LUCENA, Cândido Castelliano de. **História do comando do 1º Grupamento de engenharia de construção:** Grupamento General Lyra Tavares. João Pessoa: 1º Gpt E Cnst, 2000.
766.LUCENA, Humberto. (Sen.). **Primeiro líder do governo da Nova República.** Brasília: Senado Federal, 1987.
767.LUCENA, Humberto Fonsêca de. **O velho mercado de Araruna e seus arredores.** João Pessoa: Empório dos Livros, 1996.
768.LUDWIG, Emil. **Goethe:** história de um homem. Vols. I e II. Porto Alegre: Globo, 1949.
769.LUFT, Celso Pedro. **Novo guia ortográfico.** 12 ed. Porto Alegre: Globo, 1982.
770.LUGON, Magda. MOREIRA, Evandro. **As faces de Proteu.** Vitória: Imprinta Gráfica e Editora, 1995.
771.LUNA, Maria de Lourdes Lemos. **Rastro na areia:** solidão e glória de José Américo. 2 ed.. João Pessoa: A União, 1994.
772.LUNA, Mauro. **Horas de enlevo.** Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1964.
773._____. _____. 3 ed. Campina Grande: Núcleo Cultural Português; edições Caravelas, 1997.
774.LYRA, Bernadette. **Tormentos ocasionais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
775.LYRA, Carlos. (Coord.). **Memória viva de Aluísio Alves.** 2 ed. Natal: EDUFRN, 1998.
776.LYRA, Pedro. **Visão do ser:** antologia poética. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
777.LYRA, Regina. **O livro das emoções.** João Pessoa: Editora Universitária, 1998. 02 ex.
778._____. . **Sonhos & fantasias.** João Pessoa: Editora Universitária, 2000. 02 ex.

779.MACEDO, Ademilson Antonio. **Dicionário de nomes, origens e significados dos municípios brasileiros.** São Paulo: Edicon, 1998.
780.MACEDO, Iracema. **Lance de dardos.** Rio de Janeiro: Edições Estúdio, 2000. 03 ex.
781.MACEDO, Joaryvar. **Antônio Lôbo de Macêdo:** o homem e o poeta. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1988.
782.MACHADO, Ana Maria. et. al. **Escritos de Vitória.** Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória; Secretaria Municipal de Cultura, 1997
783.MACIEL, Marco. **Liberalismo e justiça social.** Brasília:Senado Federal, 1987.
784.MACIEL, Nilto. **Navegador.** Brasília: Códice, 1996.
785._____. **Pescoço de girafa na poeira.** Brasília: Bárbara Bela,1999.
786._____. **Os varões de palma.** Brasília: Códice, 1994.
787._____. **Vasto abismo.** Brasília: Códice, 1998.
788.MAESTRI, Mário. **Um caminho de sombras.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
789.MAGALHÃES, Diógenes. **Acuso.** 2 ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1986.
790._____. **As horrendas faces da neurose.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1989
791._____. **Simbologia do onírico.** 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Coisa Nossa, 2000.
792.MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. **Uma escuridão em movimento:** as relações familiares em laços de família de Clarice Lispector. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; Ideia, 1997.
793.MAIA, Sabiniano Alves do Rego. **Superstições 1932-1935-1936.** João Pessoa: [s. n.], 1983.
794.MAIOR, Jan Souto. (Org.). **Mário Souto Maior:** um cabra da peste. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000.
795.MAIOR, Mário de Souto. **Bibliografia pernambucana do folclore.** Recife: Massangana, 1999.
796._____. **Como nasce um cabra da peste.** 3 ed. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1997.
797._____. **Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa.** Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1994.
798._____. **Nomes próprios pouco comuns:** contribuição ao estudo da antroponímia brasileira 3 ed. Recife: [s. n.], 1992.
799._____. **O puxa-saco:** aqui, ali & acolá. Recife: [s. n.], 1993.
800.MAIOR, Mário Souto. GASPAR, Lúcia. **Cangaço:** algumas referências bibliográficas. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
801._____. **Padre Cícero Romão Batista:** algumas referências bibliográficas. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
802.MAIOR, Mário Souto. SILVA, Leonardo Dantas. (Org.). **Recife:** quatro séculos de sua paisagem. Recife: Massangana, 1992
803.MAIOR, Mário Souto. VALENTE, Waldemar. **Antologia pernambucana de folclore.** Recife: Massangana, 1988.
804._____. **Antologia da poesia popular de Pernambuco.** Recife: Massangana, 1989.
805.MAMEDE, Whisner Fraga. **Seres e sombras.** 2 ed. Ituiutaba: [s. n., s. d.].
806.MAMEDE, Zila. **Navegos:** a herança. Natal: EDUFRN, 2003.
807.MAMEDE, Zila. **Navegos:** poesia reunida, 1953-1978. Belo Horizonte: Vega, 1978.

808.MANN, Katia. **Minhas memórias inescritas:** depoimento da esposa de Thomas Mann. São Paulo: Ars Poetica, 1992. (Col. Retratus, 1).
809.MANN, Thomas. **A montanha mágica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
810.MANSFIELD, Katherine. **Diário e cartas.** Rio de Janeiro: Revan, 1996.
811.MARANHÃO, Heloísa. **Castelo interior e morada.** Rio de Janeiro: Olímpica, 1974.
812._____. **Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz:** a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade. Rio de Janeiro: Rosa dos tempo, 1997.
813.MARANHÃO, Jarbas Cardoso de Albuquerque. **Aderbal Jurema:** político, educador, homem de letras. Recife: Fundação de Cultura de Recife/CEPE, 1990.
814.MARIA, Adélia. **Avesso meu...** 2 ed. Joinville: Ipê, 1990.
815.MARIZ, Celso. **Apanhados históricos da Paraíba.** 3 ed. João Pessoa: A União, 1994.
816.MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi:** uma heroína brasileira. São Paulo: SENAC, 1999.
817.MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
818.MARTINS, Ana Luíza. **República:** um outro olhar. São Paulo: Contexto, 1989. (Col. Repensando a História).
819.MARTINS, Guilherme Godoy. **Tia do mangue, menino na cama.** 2 ed. São Paulo: João Scortecci, 1993.
820.MARTINS, Jarbas. **Contracanto.** Natal: Fundação José Augusto, 1978.
821.MARTINS, Maria Teresinha. **Luz e sombra em Lúcio Cardoso.** Goiânia: UCG; CEGRAF, 1997.
822.MARVILHA, Miguel. NEVES, Reinaldo Santos. (Orgs.). **A parte que nos toca:** literatura brasileira feita no Espírito Santos. Vitória: Florecultura, 2000.
823.MARVILHA, Miguel. SIQUEIRA, Maria Helena T. (Orgs.). **Alguns de nós em verso e prosa.** Vitória: Florecultura, 2001.
824. MASON, Jayme. **Vivências e recordações:** quadros de uma infância e de uma adolescência no sul catarinense. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989.
825.MASON, Todd. **Perot:** uma biografia não autorizada. Porto Alegre: Ortiz, 1992.
826.MATOS, Amílcar Dória. **A escassa palavra.** Ed. do Autor, 1999.
827.MATOS, Eilzo. **A face do tempo.** João Pessoa: A União, 1986.
828._____. **A invasão das cobras.** João Pessoa: A União, 1996.
829._____. _____. 3 ed. João Pessoa: Textoarte, 1998.
830._____. **Prosa caótica.** João Pessoa: [s. n., s. d.]. 02 ex.
831._____**. A super quadra.** 2 ed. João Pessoa: Textoarte, 1999.
832._____**. Viajantes do purgatório.** João Pessoa: A União, 1995.
833.MATOS, Potiguar. **Canto do efêmero:** poesia quase completa. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches-FASA, 1996.
834._____. **A face na chuva.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
835._____. **Os ventos de agosto.** Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches-FASA, 1996.
836.MATTHEWS, Gordon. **Michael Jackson.** 2 ed. Rio de Janeito: José Olympio, 1985.
837.MATTOS, Sérgio. **Asas para amar.** 2 ed. Salvador: Marfim, 1996.
838._____. **Estandarte.** 3 ed. São Paulo: GRD, 1996.
839._____. **Étendard.** São Paulo: GRD, 1998.

840._____. **A televisão no Brasil:** 50 anos de história (1950-2000). Salvador: Ed. PAS-Edições Ianamá, 2000.
841._____. **Trilha poética.** São Paulo: GRD, 1998.
842.MAUGHAM, W. Somerset. **Catalina.** Porto Alegre: Globo, 1950.
843._____. **O destino de um homem.** 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1956.
844.MAUPASSANT, Guy de. **Une partie de campagne.** Paris: Librio, 1995.
845.MAURIAC, Claude. **Proust.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Col. Escritores de Sempre).
846.MAURIAC, François. **Sainte Marguerite de Contorne.** Paris: Frammarion, 1945.
847.MAURÍCIO, Adolfo. **Livro das mesmices.** Campinas: Komedi, 1999.
848.MAUROIS, André. **Choses nues.** [s. l.]: Gallimard, 1963.
849._____. **Em busca de Marcel Proust.** São Paulo: Siciliano, 1995.
850.MAYER, Hans. **Les Marginaux.** Paris: Éditions 10/18, 1996.
851.MEDEIROS, Coriolano. **O Tambiá da minha infância; Sampaio.** João Pessoa: A União, 1994. (Col. Biblioteca Paraibana, 4).
852.MEDEIROS, M. Batista de. (Pe.). **Bilhetes sem data:** crônicas de quase crítica. João Pessoa: A Imprensa, 1966.
853.MEDEIROS, Manuel Batista de. **Coletânea de discursos de posse e saudação com notas biográficas de paraibanos na Academia Brasileira de Letras.** 2 ed. João Pessoa: UNIPÊ, 1999.
854._____. **Construções literárias acadêmicas.** João Pessoa: UNIPÊ, 1998.
855.MEDEIROS Filho, Olavo de. **Naufrágios no litoral potiguar.** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1988.
856.MEIRA, Augusto. **Discursos parlamentares.** Brasília: Câmara dos Deputados, 1993. (Col. Perfis Parlamentares, 43).
857.MEIRA, Cecil. **O retorno eterno de Nietzsche e outros ensaios.** Belém: Grafisa, 1989.
858.MEIRA, Clóvis. **Barata, no centenário de nascimento.** Belém: Instituto Histórico e Geográfico do Pará, 1989.
859._____. **Medicina de outrora no Pará.** Belém: Grafisa, 1986.
860._____. **Vultos e memórias do eterno.** Belém: Grafisa, 1988.
861.MEIRA, Sílvio. **Antologia poética.** 2 ed. Rio de Janeiro: Tiffany, 1993.
862.MEIRELES, Cecília. **Cânticos.** 2 ed. São Paulo: Moderna, 1982.
863.MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras:** uma história da Coluna Prestes. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
864.MELLO, José Octávio de Arruda. **A República no Brasil:** ideologia, partidos e relações exteriores. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1990.
865.MELLO, Thiago de. **Amazonas:** no coração encantado da floresta.São Paulo: Cosac &Naily, 2003.
866.MELO, Alberto da Cunha. **Carne de terceira com poema à mão livre.** Recife: Bagaço, 1996.
867._____. **Poemas anteriores, 1960-1975.** Recife: Bagaço, 1989. 02 ex.
868.MELO, Augusta Faro Fleury de. **A friagem.** Goiânia: Kelps, 1998.
869.MELO, Fernando. **Augusto dos Anjos:** uma biografia. João Pessoa: Ideia, 2001.
870._____. **João Pessoa:** uma biografia. 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2000.

871.MELO Filho, Murilo. **Múcio Leão:** centenário. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. (Col. Afrânio Coutinho).
872.MELO, José Amaral de. **Feitos & Fatos:** histórias de papirongas e crônicas. João Pessoa: Ideia, 1999.
873._____. **Histórias grotescas:** presepadas de militares e de vendedores de drogas. João Pessoa: Ideia, 1999.
874.MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **A ciência e os sistemas:** questões de história e de filosofia natural. 3 ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999. (Col. Nordestina).
875.MELO, Veríssimo de. **Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo.** Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. 1989.
876._____. **Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine.** Natal: Fundação José Augusto, 1995.
877._____. **Dos grandes, um pouco:** primeiro pacote literário. Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. 1992.
878.MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
879._____. **Poesias (1925-1955).** Rio de Janeiro: José Olympio: 1959.
880._____. **O visionário.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
881.MENDES, Wanderley Francisconi. **Depois do paraíso.** Niterói: Cromos, 1993. (Col. Pizzicatos, 1).
882.MENDOÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto.** Brasília: Thesaurus, 1993.
883.MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e literatura.** Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.
884.MENEZES, Geraldo. **A face do tempo.** Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1999. 02 ex.
885.MENEZES, José Rafael de. **Amizades bibliográficas.** João Pessoa: Ideia, 1999. 03 ex.
886._____. **Andrade Bezerra:** o erudito gentil. Recife: Ed. do Autor, 1998. 02 ex.
887._____. **Antologia do Jornal Literário de Ascendino Leite.** João Pessoa: Ideia, 2004.
888._____. **O educador Padre Felix Barreto.** Recife: Comunigraf, 2000.
889._____. **Filosofia de vida.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.
890._____. **A geração de 45.** João Pessoa: A União, [s. d.].
891._____. **A geração de 45 em perfis.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1993.
892._____. **Homo nordestinus.** 2 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1991. 02 ex.
893._____. **O humanismo socialista de Joaquim Nabuco.** Recife: Bagaço, 1999.
894._____. **A inteligência telúrica.** João Pessoa: Ideia, 2000.
895._____. **O idílio recifense de Cecília Aurora.** Recife: Bagaço, 1996.
896._____. **Patriarcas de Alagoa do Monteiro.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1993.
897._____. **Pensamentos vividos.** Recife: Bagaço, 1995.
898._____. **O testemunho dos bem nascidos.** Recife: Bagaço, 1997.
899._____. **Três estetas paraibanos:** Álvaro de Carvalho, Mário Moacyr Porto, Ascendino Leite. João Pessoa: A União, 1992. 02 ex.
900._____. **Waldemar Lopes e os outros:** uma visão de homens e destinos a partir da indagação do Abbé Pierre: o louvor de poetas-irmãos. Recife: Comunicarte, 1977.
901.MERTON, Thomas. **Questões Abertas.** Rio de Janeiro: Agir, 1963.
902.MESEURE, Anna. **August Macke 117-1914.** Lisboa: Benedikt Taschen, 1998.

903.MEURER, Flávio, (Sel.). **Amor, paixão e ironia:** poesia do romantismo alemão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
904.MIGUEL, Salim. **As areias do tempo.** São Paulo: Global, 1988. (Col. Múltipla)
905._____. **O castelo de Frankenstein:** anotações sobre autores e livros. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.
906._____. **Nur na escuridão.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
907._____. **Onze de biguaçu mais um.** Florianópolis: Insular, 1997.
908.MISTRAL, Gabriela. **Lagar.** Santiago: Editorial Andres Bello, 1994.
909.MITTERRAND, Danielle. **En toutes libertés.** Paris: Éditions Ramsay, 1996.
910.MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira:** modernismo. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
911.MOLLGAARD, Lou. **Kiki de Montparnasse.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
912.MONK, Ray. **Wittgenstein:** o dever de um gênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
913.MORGAN, Charles. **Sparkenbroke.** Porto Alegre: Globo, 1959.
914.MONICELLI, Furio. **Lágrimas impuras.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
915.MONTALE, Eugenio. **Diário póstumo.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
916._____. **Poesia.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
917.MONTELLO, Josué. **Cais da sagração.** Rio de Janeiro: Record/Altaya, [s. d.]. (Col. Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa, 29).
918.MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **A política do corpo na obra literária de Rodolfo Teófilo.** Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 1997.
919.MONTENEGRO, Tércia. **O vendedor de Judas.** Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 1998.
920.MORAES, Emanuel de. **Amor e vida na poesia de Gilberto de Mendonça Teles.** Rio de Janeiro: Galo Branco, 2000.
921.MORAES, Jomar. **Gonçalves Dias:** vida e obra. São Luis: Alumar, 1998. (Col. Documentos Maranhenses, 16).
922.MORAES Neto, Geneton. **Dossiê Brasil:** as histórias por trás da História recente do país. 9 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
923._____. **O dossiê Drummond:** a última entrevista do poeta, fotos inéditas e a transcrição das fitas que deixou gravadas num apartamento em Ipanema. 2 ed. São Paulo: Globo, 1994.
924.MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz.** 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
925.MORAES, Santos. **Sonata de outono.** Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1998.
926.MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
927.MOREIRA, Evandro. **Contos & recontos.** [s. l.]: GRACAL, 2000.
928.MOREIRA, Vivaldi. **Cobras & lagartos.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2000.
929.MORGAN, Charles. **A viagem.** 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1946.
930.MOURA, Clóvis. **Flauta de argila:** memória revisitada. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, [s. d.].

931.MOURA, Emílio. **Canto da hora amarga.** Belo Horizonte: Sociedade Editora Amigos do Livro, [s. d.].
932.MOURA, Francisco Miguel de. **Poesia in completa.** Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1997.
933._____. **Por que Petrônio não ganhou o céu.** Teresina: Cirandinha, 1999.
934._____. **Vir@gens.** Rio de Janeiro: Galo Branco, 2001.
935.MOURA, João de Brito de Athayde de. **Centenário Lourival de Gouveia Moura 1896-1996.** João Pessoa: UNIMED, 1996.
936.MOURA, Matusalém Dias de. **Varal partido.** Vitória: [s. n.], 1998.
937.MUHLSTEIN, Anka. **Vitória:** retrato da rainha como moça triste, esposa satisfeita, soberana triunfante, mãe castradora, viúva lastimosa, velha dama misantropa e avó da Europa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
938.NABUCO. Joaquim. **A abolição e a República.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. (Col. Nordestina).
939.NAPOLEÃO, Martins. **Cancioneiro geral.** Teresina: Ed. da UFPI, 1999.
940.NASCENTE, Gabriel. **A torre de Babel:** em atos de fardos & versos de dardos. Goiânia: Kelps, 2000.
941.NASCIMENTO, Abdias do. **Sortilégio II:** mistério negro de Zumbi redivivo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979**.** (Col. Teatro, 50).
942.NASCIMENTO, Edônio Alves do. **Os amantes de Orfeu & poemas de rima inferior.** João Pessoa: Manufatura, 1999.
943.NASCIMENTO, Fernando Melo do. **Cupim de aço.** João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1988.
944.NASCIMENTO, Rubervan Du. **Marco:** Lusbel desce ao inferno. Rio de Janeiro: Blocos, 1998.
945.NASSAR, Raduan**. Lavoura arcaica.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
946.NASSER, Alfredo. **O líder não morreu.** 2 ed. Goiânia: Líder, 1995.
947.NAVEIRA, Raquel. **Senhora.** São Paulo: Escrituras, 1999.
948.NEGREIROS, Sanderson. **Fábula fábula.** Natal: EDUFRN, 1998. 02 ex.
949._____. **A hora da lua da tarde.** Natal: Livraria Independência; Fundação José Augusto; Chegança, 1998. 02 ex.
950.NEJAR, Carlos. **A idade da aurora.** 2 ed. São Paulo: Nemar - Massao Ohno/Editores, 1991.
951.NÉRET, Gilles. **Auguste Rodin:** esculturas e desenhos. Lisboa: Benedikt Taschen, 1997.
952.NÊUMANNE, José. **Erundina:** a mulher que veio com a chuva. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
953.NEVES, Benjamin Bley de Brito. **Soledade.** São Paulo: USP, 2005.
954.NICOLAU, Marcos. **Curso de criação e personificação de marcas.** João Pessoa: Ideia, 2000.
955._____. **Manual de sobrevivência do professor moderno ou a arte de transformar conflito em amizade.** João Pessoa: Ideia, 2000.
956.NIVALCO, José. **Discursos.** Recife: Bagaço, [1996].
957._____. **Jarro de louça.** Recife: Bagaço, 2000.
958._____. **Moedas falsas.** Recife: Bagaço, 1999.

959._____. **Terra de coronel.** 2 ed. Recife: Bagaço, 1995.
960._____. **O vôo dos carcarás.** Recife: Bagaço, 1996.
961.NOBRE, F. Silva. **Viver poeticamente.** Rio de Janeiro: [s. n.], 2000.
962.NOBRE, Luciano Barbosa. **Tambatajá.** Rio de Janeiro: [s. e.], 2000.
963.NOBREGA, Evandro. **Traduzindo Li Bai Du e Fu (século VIII, Dinastia T'ang).** João Pessoa: Varadouro, 2001.
964.NÓBREGA, Francisco Adalberto. **Deus e constituição:** a tradição brasileira. Petrópolis: Vozes, 1998.
965.NÓBREGA, F. Pereira. **Vingança, não:** depoimento sobre Chico Pereira e cangaceiros do Nordeste. 3 ed. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1989.
966.NÓBREGA, Misael. **A pedra do ímã.** Patos: Visão, 2000.
967.NORONHA, Maria Thereza. **A face dissonante.** Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1995.
968.NOVAIS, Celso Otávio. **Painel de silêncio.** Rio de Janeiro: João Alvaro Editor, 1965.
969.NUNES, Cassiano. **Cartas do povo brasileiro ao presidente.** Brasília: Agência Quality, [s. d.].
970._____. **Poesia - II.** Rio de Janeiro: Galo Branco, 1998. (Col. Poesia de hoje e de sempre, 5).
971.NUNES, Cassiano. BRITO, Mário da Silva. **Noite de Natal.** São Paulo: Saraiva, [s. d.]. (Col. Saraiva, 30).
972.NUNES Filho, Pedro. **Guerreiro togado:** fatos históricos de Alagoa do Monteiro. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
973.NUNES, Luiz, **A morte de João Pessoa e a Revolução de 30.** João Pessoa: A União, 1978.
974. Ó, Alcides de Albuquerque do. **Campina Grande:** história & política 1945 - 1955. Campina Grande: Edições Caravela/NCP, 1999.
975.OCTAVIANO, Yeda. (Coord.). **Antologia:** Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Luzes, 2000.
976.OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. **Elos de uma corrente - seguidos de novos elos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
977.OCTÁVIO, Rodrigo. **Coração aberto:** livro de saudades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
978.ODILON, Marcus. **André Ribeiro Coutinho.** João Pessoa: Sal da Terra, 2001.
979._____. **Antropofagia, existiu ou não.** João Pessoa: DigiTexto. 2000.
980._____. _____. 2 ed. João Pessoa: Sal da Terra, 2001.
981._____. **Camillo de Hollanda:** médico, militar e político. 2 ed. João Pessoa: Papel & Pano, 2001.
982._____. **A humanidade sem culpa.** João Pessoa: A União, 1994.
983._____. **Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.
984.OEHLER, Dolf. **Quadras parisienses (1830-1848):** estética anti-burguesa em Baudelaire, Daumier e Heine. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
985.OLINTO, Antonio. **Alcacer-kibir.** Belém: Cejup, 1997.
986.OLIVEIRA, Carmen L. **Flores raras e banalíssimas:** a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

987. OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo:** um homem chamado Brasil. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.
988. _____. **Frei Damião:** o santo das missões. São Paulo: FTD, 1997
989. _____. **Luiz Gonzaga:** o matuto que conquistou o mundo. 6 ed. Recife: COMUNICARTE, 1991.
990. OLIVEIRA, Ivan Herzog de. **Arca de não é.** Rio de Janeiro: Cia. Bras. De Artes Gráficas, 1993.
991. OLIVEIRA, Joanyr de. **Casulos do silêncio.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1998.
992. _____. **Pluricanto:** trinta anos de poesia. Brasília: Da Anta Casa Editora, 1996. (Col. Cyro dos Anjos, 1).
993. OLIVEIRA, José Lopes de. **Vozes do tempo.** Recife: COMUNICARTE, 1989.
994. OLIVRIRA, Maria do Carmo Gaspar de. **Reminiscências:** contos e crônicas memorialistas da infância até os 12 anos. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1999.
995. OLIVEIRA, Pedro Lins de. **Sombras de um passado.** João Pessoa: Textoarte, 1999.
996. OLIVEIRA Sobrinho, Reinaldo de. **Variações do folclore na Paraíba.** João Pessoa: A União, [s. d.].
997. _____. **Prosa paraibana:** da escola clássica ao modernismo. João Pessoa: Ideia, 1993. 02 ex.
998. OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de. **Cartas chilenas:** fontes textuais. São Paulo: Referência, 1972.
999. OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles de. **Cantares de Marília.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989.
1000. OLIVEIRA, Yves de. **Otávio Mangabeira:** alma e voz da República. 2 ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
1001. ONOFRE Jr. Manoel. **O chamado das letras.** Natal: [s. n.], 1998.
1002. _____. **Ficcionistas do Rio Grande do Norte.** Natal: UFRN/CCHLA,1995.
1003. _____. **Literatura & província.** Natal: EDUFRN, 1997.
1004. _____. **MPB principalmente.** Natal: [s. n.], 1992.
1005. _____. **A palavra e o tempo:** diário pessoal 1988-1991. Natal: [s. n.], 1994
1006. _____. **Recordações do paraíso.** Natal Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1999.
1007. ORSENHA, Erik. **Grand amour.** Paris: Éditions du Seuil, 1993.
1008. ORTENCIO, Bariani. **Dr. Libério:** o homem duplo. 2 ed. Goiânia: Kelps, 1996.
1009. _____. **Meu tio-avô e o Diabo.** 2 ed. Goiânia: Kelps, 1997.
1010. OSÓRIO, Antonio Carlos Elizalde. **Bestiário lírico.** Porto Alegre: Uniprom, 1997.
1011. _____. **Os degraus do tempo.** Brasília: Thesaurus, 2001. (Col. Antologia Pessoal Thesaurus, 2).
1012. _____. **Máximas:** (e mínimas). Brasília: [s. n.], 2001.
1013. _____. **Quase hai-kais.** Porto Alegre: Cultura Contemporânea, 1992. (Col. Augusto Meyer de Poesia Sul-Rio-Grandense, 6).
1014. OVÍDIO. **Os remédios do amor; Os cosméticos para o rosto da mulher. S**ão Paulo: Nova Alexandria, 1994.
1015. PACHECO, Cleber. **Da vida discreta.** Porto Alegre: Alcance, 1998.
1016. PAES, José Paulo. (Coord.). **Histórias de aventuras.** São Paulo: Ática, 1998.

1017._____.**Quem, eu?:** um poeta como outro qualquer. São Paulo: Atual, 1996.
1018. PALLOTTINI, Renata. **Esse vinho vadio.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1988.
1019._____. **Tita, a poeta.** 6 ed. São Paulo: Moderna, 1984.
1020. PALMEIRA, Balila. **A menina e a boneca.** João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1991.
1021._____. **Os teatros da Paraíba.** João Pessoa: Grafisi, 1998.
1022._____. M**aria Eudócia de Queiroz Fernandes:** uma educadora - um exemplo de vida. João Pessoa: [s. n.], 1988.
1023. PALMEIRA, Maria do Socorro Lira. **O recomeço de uma vida.** [s. l., s. n., s. d.].
1024. PAQUET, Marcel. **René Magritte 1898-1967:** o pensamento tornado visível. Lisboa: Benedikt Taschen, 1995.
1025. PARTSCH, Susanna. **Paul Klee.** Lisboa: Benedikt Taschen, 1993
1026. PASOLD, Cezar Luiz. **Jorge Lacerda:** uma vida muito especial. Florianópolis: OAB/SC, 1998.
1027. PASSARINHO, Jarbas. **Um híbrido fértil.** 4 ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.
1028. PAULO, Eloésio. **Teatro às escuras.** Pouso Alegre: Sic Edições, 1997.
1029. PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; DINIZ, Maria de Fátima Ervedosa. (Orgs.). **Momentos marcantes.** João Pessoa: Ideia, 2002.
1030. PEDROSA, Odilon. Mons. **Do meu bisaco:** cousas novas e velhas. João Pessoa: UNIGRAF, 1988.
1031. PÉLICIER, Yves. **A psiquiatria ao alcance de todos.** Rio de Janeiro: Nova Froteira, 1977. (Col. Experiência e Psicologia).
1032. PELLEGRINI, Alessandro. **Baudelaire.** Rio Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1948.
1033. PENNA, José Osvaldo de Meira. **O dinossauro:** uma pesquisa sobre o Estado, o patrimonialismo selvagem e a nova classe de intelectuais e burocratas. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
1034. PENNAC, Daniel. **La petite marchande de prose.** [s. l.]: Gallimard, 1989. (Col. Folio, 2342).
1035. PENNAFORT, Onestaldo de. **Poesia.** Rio de Janeiro; Record, 1987.
1036. PEREGRINO Júnior. **A mata submersa e outras histórias da Amazônia.** Natal: EDUFRN, 1998
1037. PEREIRA, Abel Beatriz. **Endereçário cultural.** Florianópolis: Sociedade de Cultura Latina de Santa Catarina, [s. d.].
1038. PEREIRA, Adolfo Maurício. **Puro olvidado:** rimanceiro d'olvidar do puro. Belo Horizonte: O Escriba, 1994.
1039. PEREIRA, Joacil de Britto. **Civismo & ação pública:** discursos e conferências. João Pessoa: Ideia, 2000. 02 ex.
1040._____. **Idealismo e realismo na obra de Maquiavel.** 3 ed. João Pessoa: Ideia, 1998.
1041._____. **A vida e o tempo:** memórias Vol. I. João Pessoa: A União, 1996.
1042._____. _____. Vol. II. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.
1043._____. _____. Vol. III. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1999.
1044. PEREIRA, Maria Madalena Antunes. **Oiteiro:** memórias de uma sinhá moça. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti - Editores, 1958.

1045. PEREIRA, Tarcísio. **Como São Jorge na lua.** João Pessoa: IMPRELL, 1996. 06 ex.
1046. _____. **Dom Quizales de Condor:** o andarilho do sol. João Pessoa: IMPRELL, 1999.
1047. _____. **As esposas.** João Pessoa: Varadouro, 1998. (Série Teatro). 06 ex.
1048. _____. **As pelejas de Camões.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997. 02 ex.
1049. PEREIRA, Uilcon. **A educação pelo fragmento.** São Paulo: Editora do Escritor, 1996. 02 ex.
1050. PEREIRA, Yvonne A. **Memórias de um suicida.** 13 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita, Brasileira, 1986.
1051. PERES, José Augusto. **Introdução ao direito constitucional.** João Pessoa: UFPB, 1991.
1052. PEREZ, Renard. **Começo de caminho:** o áspero amor. 2 ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1983. (Col. Vera Cruz, 345).
1053. PERINI, Gil. **O pequeno livro do cerrado.** São Paulo: Giordano, 1999.
1054. PESSOA, Fernando. **Ficções do enterlúdio 1914-1935.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
1055. PESSOA, Helena. **Mundo dos sentidos.** João Pessoa: Ideia, 2000.
1056. PILON, Edmond. **Le masque et la houlette:** amours, portraits et bergeries. Paris: Éditions Littéraires de France, 1946.
1057. PIMENTEL, Altimar de Alencar. **Cabedelo.** Vol. I. Cabedelo: Prefeitura Municipal de Cabedelo, 2001.
1058. PINHEIRO, Davison Cardoso. **Geometria, matéria e percepção.** Rio de Janeiro: Folha Carioca, [s. d.].
1059. PINHEIRO Neto, João. **Carlos Lacerda:** um raio sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
1060. PINHEIRO Neto. Liberato Manoel. **Ciclo dos olhos.** Florianópolis: CEPEC, 1998.
1061. PINHEIRO, Tobias. **Desfile de valores.** Rio de Janeiro: Folha Carioca. [s. d.].
1062. _____. **Marcas de luz.** Rio de Janeiro: Federação das Academias de Letras do Brasil, 1992. 02 ex.
1063. _____. **Milagres da memória.** Rio de Janeiro: Folha Carioca, [s. d.].
1064. PIÑON, Nélida. **A doce canção de Caetana.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
1065. PINTO, Fernando. **Vitrais.** Rio de Janeiro: IMC/AMC, 1989.
1066. PINTO, José Alcides. **A divina revelação do corpo.** Fortaleza: Edição do Autor, 1990.
1067. PINTO, Otávio Sitônio. **Caminhos de Toboso.** 2 ed. João Pessoa: Subsecretaria de Cultura; UEPB, 1999. (Col. Páginas Paraibanas).
1068. _____. **Sessão das bruxas.** João Pessoa: Varadouro, 2001. (Col. Literatura Paraibana Hoje).
1069. PINTO, Sérgio de Castro. **O cerco da memória.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1993.
1070. _____. **Longe daqui, aqui mesmo:** a poética de Mário Quintana. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.
1071. _____. **A quatro mãos.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB; ANPOLL, 1996.
1072. PINTO, Zilma Ferreira. **A B C do trovador.** João Pessoa: UNIGRAF, 2000.
1073. _____. **Cancioneiro experiencial.** João Pessoa: [s. n., s. d.].
1074. PIO, Djanira. **Fragmentos.** São Paulo: Ysayama, 1998.

1075. PIRANDELLO, Luigi. **Seis personagens à procura de um autor.** São Paulo: Abril Cultural, 1977.
1076. PIRES, José Cardoso. **De profundis, valsa lenta.** 7 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
1077. PIRES, Mário. **Campinas - sementeira de ideais.** Limeira: Gráfica Editorial Paulista, [198-].
1078. _____. **Os (nossos) varões de Plutarco:** vidas de brasileiros ilustres. Campinas: Komedi, 1998.
1079. PITANGA, Praxedes. **Minha vida, minhas lutas:** memórias. João Pessoa: [s. n.], 1988.
1080. PLATÃO. **Fédon.** Brasília; São Paulo: Ed. Universidade de Brasília; Imprensa Oficial do Estado, 2000.
1081. POE, Edgar Allan. **Poe desconhecido.** Porto Alegre; São Paulo: L&PM, 1980.
1082. PÓLVORA, Hélio. **Três histórias de caça e pesca.** Salvador: Mythos, 1996.
1083. PONTES, Antonio Barroso. **Aguerridas caminhadas.** João Pessoa: A União, 2000.
1084. _____. **Mundo dos coronéis.** 2 ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.
1085. PONTES, Carlos Gildemar. **Metafísica das partes.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1991. (Col. Alagadiço Novo, 29).
1086. PONTES, Heloísa. **Destinos mistos:** os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
1087. PONTES, Hugo. **O barracão da discórdia:** uma história de humor político em terras caldenses. Poços de Caldas; [s. n.].
1088. _____. **Poemas visuais e poesias.** São Paulo: Barcarola, 2001.
1089. POUND, Ezra. **Do caos à ordem:** visões de sociedade dos cantares de Ezra Pound. 2 ed. Lisboa: Assírio & Alvin, 1993.
1090. PRATER, Donald. **Thomas Mann:** uma biografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
1091. QUEIROZ, Maria José de. **A América, a nossa e as outras:** 500 anos de ficção e realidade, 1492-1992. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
1092. QUEIROZ, Rachel de. **Cem crônicas escolhidas; o caçador de tatu.** Rio de Janeiro: José Olympio. 1989. (Col. Obra reunida, 4).
1093. _____. **Dôra, Doralina.** Rio de Janeiro; Brasília: José Olympio; INL, 1975.
1094. _____. **O galo de ouro.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
1095. _____. **O galo de ouro; a donzela e a moura torta.** Rio de Janeiro: José Olympio. 1989. (Col. Obra reunida, 3).
1096. _____. **Mapinguari; Lampião; A beata Maria do Egito.** Rio de Janeiro: José Olympio. 1989. (Col. Obra reunida, 5).
1097. _____. **Memorial de Maria Moura.** São Paulo: Siciliano, 1992.
1098. _____. **Quatro romances:** o quinze; João Miguel; Caminho das pedras; As três Marias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
1099. _____. **As três Marias.** 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
1100. _____. **As três Marias; Dôra Doralina.** Rio de Janeiro: José Olympio. 1989. (Col. Obra reunida, 2).
1101. QUIGNARD, Pascal. **O salão de Wurtemberg.** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
1102. QUINN, Susan. **Marie Curie:** uma vida. São Paulo: Scipione, 1997.

1103. RABELO, Dirceu. **O canto antecedente.** Recife: Bagaço, 1994.
1104. _____. **Canto no fim da tarde.** Recife: COMUNIGRAF, 2000.
1105. _____. **Elegias e outros poemas reunidos.** Recife: Bagaço, 1996.
1106. RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Flor de cactus.** Campina Grande: Universidade Regional do Nordeste, [197-].
1107. _____. **O trovador encantado.** Campina Grande: RG Editora, 1999.
1108. RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas.** 8 ed. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
1109. RAMOS, Severino. **Era uma vez um boêmio:** histórias e fantasias de mesa de bar. João Pessoa: Textoarte, 2000.
1110. _____. **A verdade de cada um:** o pensamento da inteligência paraibana no final do século XX. João Pessoa: A União, 1998.
1111. RAPOSO, Alvacir. **A casa do vinho.** Recife: FUNDARPE, 1994.
1112. _____. **A resistência e a natividade.** Recife: FUNDARPE, 1994.
1113. RAPOSO Filho, Amerino. **Dimensões da estratégia:** evolução do pensamento estratégico. Vols. I e II. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990. (Col. Biblioteca do Exército).
1114. RASIA, Rozelia Scheifler. (Org.). **Vínculos.** Santa Maria RS: Pallotti, 2000.
1115. REGO, André Heráclio do. **Breviário do coronel Francisco Heráclio do Rego.** Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
1116. REIS, Marcos Konder. **Três partituras,** Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
1117. REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. **Literatura confessional:** autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
1118. RESENDE, José Wanderlei. (Org.). **Encontro com a palavra.** São Paulo: Scortecci, 2000.
1119. REZENDE, Pedro Borges de. **O juiz, esse injustiçado.** Itaperuna RJ: SEA, 1997.
1120. RIBEIRO, Aquilino. **Aldeia:** terra, gente e bichos. Venda Nova: Bertrand, 1995. (Col. obras completas de Aquilino Ribeiro).
1121. _____. **Entrada de Santiago.** [s. l.]: Bertrand, 1985. (Col. obras completas de Aquilino Ribeiro).
1122. RIBEIRO, Domingos de Azevedo. **Monsenhor Ruy Vieira:** a saga de um grande vulto. João Pessoa: UNIPÊ, 1999.
1123. RIBEIRO, Hortênsio de Souza. **Vultos e fatos.** João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1979.
1124. RIBEIRO, Ivan. **Origami.** Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988.
1125. RIBEIRO, Noêmia Apparecida de Abreu. (coord.). **Amizade prosa poesia.** Rio de Janeiro: ZMF,2000.
1126. RICARDO, Cassiano. **Seleta em prosa e verso.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. (Col. Brasil Moço: literatura viva comentada).
1127. RILKE, Rainer Maria. **Carta a um jovem poeta; a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke.** 24 ed. São Paulo: Globo, 1996.
1128. _____. **Ewald Tragy.** Lisboa: Arco-Íris, 1997. (Col. Clássicos Relógio d'Água).
1129. _____. **Journaux de jeunesse.** Paris: Éditions Du Seuil, 1983.
1130. _____. **O livro de horas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
1131. _____. **Poemas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

1132. _____. **Poemas as elegias de Duino e sonetos de Orfeu.** Porto: O Oiro do Dia, 1983.
1133. _____. **Rodin.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
1134. _____. **Senhor, é tempo:** poemas selecionados. Curitiba: POSIGRAF, 1993.
1135. _____. **Teoria poética.** Madrid: Ediciones Júcar, 1987.
1136. _____. **Vida de Maria.** Petrópolis: Vozes, 1994.
1137. _____. **A voz.** [s. l.]: Edições Rolim, [s. d.]. (Col. Biblioteca Insólita).
1138. RIMBAUD, Arthur. **Iluminuras:** gravuras coloridas. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.
1139. _____. **Poesia completa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
1140. _____. **Prosa poética.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
1141. RIMBAUD, Arthur. **Rimbaud em metro e rima.** Recife: Ed. Gráfica UPE, 1998. 02 ex.
1142. RIVAS, Eri Aurélio. **Patronos da Academia Santanense de Letras:** vidas e obras. Passo Fundo RS: Editora Pe. Barthier, 1999.
1143. RIVAS, Lêda. **Parceiros do tempo.** Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1997.
1144. RIVERA, José Jeronymo. **Poesia francesa:** pequena antologia bilíngüe. Brasília: Thesaurus, 1998.
1145. ROBB, Graham. **Balzac:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.
1146. ROCHA, Deusdedit. **Aconteceu no BHB.** Juazeiro do Norte CE: Ed. Royal, [s. d.].
1147. ROCHA, Dilermando. **Água mansa.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.
1148. _____. **Irmão preto.** 2 ed. São Paulo: Scortecci, 1995.
1149. ROCHA, Germano. **Estalactites do silêncio.** Rio de Janeiro: Blocos, 1997.
1150. ROCHE, France. **Ninon de Lenclos:** mulher de pensamento, homem de sentimento. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
1151. RODIS-LEWIS, Geneviève. **Descartes:** uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 1996.
1152. RODRIGUES, Cláudio José Lopes. **O filtro da memória:** de estudante a bacharel - o rito de passagem. João Pessoa: Ideia. 1995.
1153. _____. **A universidade em positivo e negativo:** a memória fotográfica da UFPB. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.
1154. RODRIGUES, Elinaldo. **A arte e os artistas paraibanos:** perfis jornalísticos. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.
1155. RODRIGUES, Geraldo Pinto. **Compasso binário.** São Paulo: Scortecci, 1999.
1156. _____. **Rio da vida.** São Paulo: Artusi, 1987.
1157. RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio:** uma biografia. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
1158. RODRIGUES, Nelson. **A cabra vadia:** novas confissões. Rio de Janeiro: Eldorado, [s. d.].
1159. _____. **Vestido de noiva.** São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Col. Teatro Vivo).
1160. RODRIGUES, Yone. **As estações.** Rio de Janeiro: Tagore, 1994.
1161. RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade.** 2 ed. João Pessoa: A União, 1994.
1162. ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado. et. al. **"A Paraíba e Seus Problemas" precisa de um índice onomástico.** Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2000. (Col. Mossoroense, 1129).

1163. ROMERO, José Augusto. **Lições da vida maior.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1986.
1164. RONÁI, Paulo. **A vida de Balzac:** uma biografia ilustrada. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro,
1165. ROSA, João Guimarães. **Magma.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
1166. ROSADO, Vngt-un. **Capítulos de Biblioteconomia mossoroense.** Vol. II. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1996.
1167. ROSSI, Rosa. **Teresa de Ávila:** biografia de uma escritora. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
1168. SABATO, Ernesto. **O túnel.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
1169. SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger:** um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração, 2000.
1170. SALDANHA, Nelson. **Na tarde indefinida.** Recife: COMUNICARTE, 1995. (Col. de livros de acadêmicos pernambucanos).
1171. _____. **Romantismo, evolucionismo e sociologia:** figuras do pensamento social do século XIX. Recife: Ed. Massangana, 1997.
1172. SALES, Herberto. **Subsidiário 3:** eu de mim com cada um de mim: confidências & penitências. São Paulo: Ed. do Brasil, 1992.
1173. SALES, José Borges de. **Alagoa Nova:** notícias para sua história. Fortaleza: Tiprogresso, 1990.
1174. SALGADO, Porcina Formiga dos Santos. **Catálogo de produção intelectual de Afonso Pereira da Silva.** João Pessoa: Augusta Gráfica, 1999. 02 ex.
1175. SALLES, Anna. **Emoções de corpo e alma.** Rio de Janeiro: BAUM, 1997.
1176. SAMPAIO, Aluysio Mendonça. **Poesia, às vezes.** São Paulo: Cathago Editorial, 1999.
1177. SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Abraxas, Deus e Demônios.** São Paulo: Arte & Ciência, 1997.
1178. _____. **O Deus de duas cabeças.** São Paulo: Scortecci, 1993.
1179. _____. **O segredo dos Deuses.** São Paulo: MAGEARTE, 2000.
1180. SANDRONI, Cícero. SANDRONI, Laura Constância A. de A. **Austregésilo de Athayde:** o século de um liberal. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
1181. SANTANA, Erorci. **Carnavras.** São Paulo: E. Santana, 1986.
1182. _____. **Concertos para rancor.** São Paulo: Scortecci, 1993.
1183. _____. **Maravilta e outros cantares.** Santo André SP: Alpharrabio Edições, 2001.
1184. SANTANA, Juraci Costa de. **Zé Belo e outras figuras.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
1185. SANTIAGO, Bella. **Poemas do desmedido amor.** João Pessoa: Ideia, 1993.
1186. SANTIAGO, Sindulfo. **Na rota dos ausentes e outras crônicas.** João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1988.
1187. SANTOS, Carlos Moreira. **Sendas do destino.** Brasília: Edições Camboa/grafor, 2001.
1188. SANTOS, Francisco Lins do Rego. **Inventário da noite.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
1189. SANTOS, Mário Márcio de A. **O aprendiz de alquimia.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 03 ex.
1190. _____. **A grande poesia de Edmir Domingues.** Recife: Bagaço, 1997.

1191. _____. **Um homem contra o império:** Antônio Borges da Fonceca. João Pessoa: A União, 1994. (Col. Biblioteca Paraibana, 3).
1192. SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996
1193. _____. **História do cerco de Lisboa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
1194. SARMENTO, Lourdes. **Olhar de tigre.** Recife: Bagaço, 2001.
1195. _____. **Sedução da arte em Vera Bastos.** Recife: Bagaço, 1993.
1196. _____. **Tatuagens da solidão.** Recife: COMUNICARTE, 1991.
1197. SARNEY, José. **O dono do mar.** São Paulo: Siciliano, 1995.
1198. SAVIGNEAU, Josyane. **Marguerite Yourcemar:** a invenção de uma vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
1199. SCALZLLI, Guilherme. **Pantomina.** Campinas SP: G. Scalzilli, 1999. 02 ex.
1200. SCANTIMBURGO, João de. **Introdução à filosofia de Maurice Blondel.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1993.
1201. SCHACHT, Hjalmar. **Setenta e seis anos de minha vida:** a autobiografia do mago da economia alemã da República de Weimar ao III Reich. São Paulo: Ed. 34, 1999.
1202. SCHMALTZ, Yêda. **Baco e Anas brasileiras.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
1203. _____. **Ecos:** a jóia de Pandora. Goiânia: Kelps; Secretaria de Cultura, 1996
1204. _____. **Prometeu americano.** Goiânia: Kelps; Secretaria de Cultura, 1996.
1205. _____. **Rayon.** Goiânia: FUNCPEL, 1997.
1206. _____. **A ti, Áthis.** Goiânia: Secretaria de Cultura, 1988.
1207. **_____. Vrum.** Goiânia: Ed. da Autora, 1999.
1208. SCHMIDT, Augusto Frederico. **As florestas:** páginas de memórias. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Faculdade da Cidade, 1997.
1209. _____. **Mar desconhecido.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
1210. SCHNAIDERMAN, Boris. **Os escombros e o mito:** a cultura e o fim da União Soviética. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
1211. SCHREIBER, Boris. **Un silence d'environ une demi-heure.** Paris: Le Cherche Midi Éditeur, 1996.
1212. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador:** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
1213. SEGATTO, Fátima. COLMAN, Carmen. **Arquipélago de idéias.** Santa Maria RS: [s. n.], 1997.
1214. SELMA, Lêda. **Nem te conto...!** Goiânia: Cartográfica, 2000.
1215. _____. **Pois é, filho...** 3 ed. Goiânia: Cartográfica, 1999.
1216. SEMPRUN, Jorge. **A escrita ou a vida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
1217. SENADO FEDERAL. **Grandes momentos do parlamento brasileiro** Vol. II. Brasília: Senado Federal, 1999.
1218. SENADO FEDERAL. **Homenagem ao Senador Bernardo Cabral:** Brasília: Senado Federal, 1999.
1219. SENADO FEDERAL**. Senador Artur da Távola:** Da tribuna do Senado. Brasília: Senado Federal, 1998.
1220. SENADO FEDERAL. **Senador Bernardo Cabral:** 50 anos. Brasília: Senado Federal, 1999.

1221. SENADO FEDERAL. **Senador Bernardo Cabral:** A cooperação técnica e financeira internacional. Brasília: Senado Federal, 1998.
1222. SENADO FEDERAL. **Senador Bernardo Cabral:** Legislação brasileira de resíduos sólidos e ambiental correlata. Brasília: Senado Federal, 1999.
1223. SENADO FEDERAL. **Senador Bernardo Cabral:** Síntese parlamentar 1º semestre de 1998. Brasília: Senado Federal, 1998.
1224. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** Atividade parlamentar - Janeiro a Dezembro de 1998. Brasília: Senado Federal, 1999.
1225. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** Atividade parlamentar - Janeiro a Dezembro de 1999. Brasília: Senado Federal, 2000.
1226. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** Atividade parlamentar - 2000. Brasília: Senado Federal, 2001.
1227. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** Os nós que precisam ser desatados: rodovias/energia. Brasília: Senado Federal, 2001.
1228. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** 1ª vice-presidência do Senado Federal. Brasília: Senado Federal, 2001. 02 ex.
1229. SENADO FEDERAL. **Senador Edison Lobão:** Senado abre caminho para o seguro rural no Brasil. Brasília: Senado Federal, 2000.
1230. SENADO FEDERAL. **Senador Ronaldo Cunha Lima:** Atividade parlamentar 1998/1999. Brasília: Senado Federal, 2000.
1231. SENADO FEDERAL. **Vida e obra do Padre Rolim.** Brasília: Senado Federal, 2000.
1232. SENNA, Homero. **Rui e o imaginário popular.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.
1233. _____. **O Sabadoyle:** histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
1234. SEPÚLVEDA, Luis. **Nome de toureiro.** 3 ed. Lisboa: Edições Asa, 1997.
1235. SERÁLIA, Fênix. (Org.). **Antologia 2001.** Natal: Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil Coordenadoria do Rio Grande do Norte. 2001.
1236. SERRANO, Octávio Caúmo. **Modo de ver:** temas para palestras e estudos do espiritismo. Matão SP: O Clarim, 1998.
1237. _____. **Pontos de vista:** temas para palestras e estudos do Kardecismo. 2 ed. [s. l.]: SEDAC, 1996.
1238. SERTANEJO, Severino. **Coisas de minha sala.** João Pessoa: Ideia, 1999.
1239. _____. **Copa 98.** João Pessoa: Ideia, 1998. 03 ex.
1240. SETTE, Hilton. **Apartamento de Copacabana.** Recife: FUNDARPE, 1984.
1241. _____. **Biografia de uma velha senhora.** Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1989.
1242. _____. **Donzelas na berlinda.** Recife: ARTEGRAFI, 1988.
1243. _____. **Estórias da vida.** Recife: Ed. Asa Pernambuco, 1985.
1244. _____. **Zé do foguete.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984. (Col. Recife, 32).
1245. SHAKESPEARE, William. **As alegres comadres de Windsor; Medida por medida; O sonho de uma noite de verão; O mercador de Veneza; Megera domada.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

1246. SHIRER, William L. **Amor e ódio:** o casamento tumultuado de Sônia e Leon Tolstói. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
1247. SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas SP; São Paulo: Mercado de Letras; FAPESP, 1998.
1248. SILVA, Afonso Pereira da. **Lei e justiça:** uma experiência parlamentar. João Pessoa: UNIPÊ, 2001.
1249. SILVA, Alencar e. **Poesia reunida.** Manaus: Edições Puxirum, 1987.
1250. SILVA, Cátia Cilene Bastos da. et. al. **Os melhores do Poesi-Brasil de todos os tempos.** Ibirité MG: D.G.F. Edições, [s. d.].
1251. SILVA, Clemilde Torres da. **De mulheres ilustres.** João Pessoa: Gráfica Arte Vida, 2001.
1252. SILVA, Dora Pereira da. **Poesia reunida.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
1253. SILVA, Itan Pereira da. **Da Universidade:** tópicos da trajetória da universidade brasileira. Campina Grande PB: UEPB, 1994.
1254. _____. **UEPB: uma universidade emergente:** retalhos de uma história de 30 anos. Campina Grande PB: UEPB, 1994.
1255. SILVA, Luz e. **interpretações críticas.** São Paulo: Ed. do Escritor, 1987. (Col. interpretações críticas, 1).
1256. SILVA, Manoel Luiz da. **Vida e obra de José Augusto Trindade.** João Pessoa: UNIPÊ, 1996.
1257. SILVA, Marinalva Freire da. **Augusto dos Anjos:** vida e poesia. João Pessoa: Ideia, 1998.
1258. _____. _____. João Pessoa: Ideia, 2001.
1259. _____. **Español instrumental:** nível básico. 5 ed. João Pessoa: Ideia, 2000.
1260. _____. _____. 6 ed. João Pessoa: Ideia, 2001.
1261. _____. **Reflexiones.** São Paulo: Scortecci, 1997.
1262. SILVA, Oliveira e. **Poemas escolhidos numa vida inteira.** Recife: COMUNICARTE, 1987. 02 ex.
1263. SILVA, Roberto da. **Ruídos na cristaleira: cheiros e vozes do tempo:** uma análise do transitório em Rachel Jardim. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1996.
1264. SILVA, Severino Celestino da. **Analisando as traduções bíblicas:** refletindo a essência da mensagem bíblicas. 2 ed. João Pessoa: Núcleo Espírita Bom Samaritano, 2000.
1265. SILVEIRA, Clélia. **Poemas crepusculares.** Recife: Bagaço, 1998.
1266. SIMÕES, Antônio Lima. **Poemas.** João Pessoa: Ideia, 1998.
1267. SIMÕES, João Manuel. **Poemas da infância:** antologia poética. Curitiba: Gráfica do Professor Ltda, 1989. 03 ex.
1268. _____. **Poemas de um heterônimo cri(p)tico.** São Paulo: Grafikor; Centro de Estudos Americanos "Fernando Pessoa", 1988. (Col. pessoana, série poesia, 1).
1269. _____. **Presença de Balzac:** notas de diário. São Paulo: Grafikor, 1988.
1270. SOARES, António. et. al. **Autores parahybanos 99.** Campina Grande PB: Edições Caravela, 1999.
1271. SOARES, António. (Org.). **Autores campinenses 97.** Campina Grande PB: Edições Caravela/NCP, 1997.

1272. SOARES, Elisabete. **Contatos não tão imediatos.** São Paulo: Editora do Escritor, 1997.
1273. _____. **Os filhos de Sekhmat.** São Paulo: Editora do Escritor, 1988. (Col. do escritor, 100). 02 ex.
1274. _____. **As memórias da razão.** São Paulo: Editora do Escritor, 2000.
1275. SOARES, Mariana. **Parahyba:** segredos e revelações. João Pessoa: Edições FUNESC, 1994.
1276. SOARES, Yêdda Macedo. **As sentinelas de Deus.** Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.
1277. SOBREIRA, Francisco. **Crônica de amor e de ódio.** Natal: Offset Gráfica e Editora Ltda, 1997.
1278. _____. **A venda retirada.** Natal: EDURN, 1998.
1279. SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES REGIONAIS DE PERNAMBUCO. **Saudade viva.** Recife: Bagaço, 1998.
1280. SOLLERS, Philippe. **Mulheres.** São Paulo: Siciliano, 1995.
1281. SOLOMON, Maynard. **Beethoven.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
1282. SONEGHET, Hilário. **Quase toda poesia.** Vitória: Florecultura, 1999.
1283. SOPEÑA, Federico. **Música e literatura.** São Paulo: Nerman, 1989.
1284. SOPHOCLE. **Tragédies.** [s. l.]**:** Gallimard, [s. d.].
1285. SOUSA, Afonso Rufino. et. al. **Médicos em prosa e versos.** Goiânia: CRM-GO, 1999.
1286. SOUSA, Gileno Guanabara de. **Mário Moacyr Porto, magistrado e humanista de nosso tempo:** ensaio biográfico - 1912/1997. João Pessoa: UNIPÊ, 2000.
1287. SOUTO, Jomar Morais de. **Itinerário literário de João Pessoa.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB; PMJP; API, 1994.
1288. SOUTO, José. **Histórias de tempos idos.** João Pessoa: Empório dos Livros, 2000.
1289. SOUZA, Aglaia. (Org.). **Cronistas de Brasília:** antologia Vol. II Brasília: Thesaurus, 1996.
1290. SOUZA, José Santo. **Rosa de fogo e lágrima.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2004.
1291. SOUZA, Licia Soares de. **Televisão e cultura:** análise semiótica da ficção seriada. Salvador: SCT; FUNCEB, 2003. (Col. Selo Editorial Letras da Bahia, 92).
1292. SOUZA, Olney Borges Pinto de. **Clave da lua.** São Paulo: Scortecci, 2001.
1293. _____. **Meninice descalça.** São Paulo: Scortecci, 2000.
1294. **_____. Morena melodia.** São Paulo: Scortecci, 1999.
1295. **_____. As pétalas do beijo.** São Paulo: Scortecci, 1998.
1296. **_____. Recreio roseiral.** São Paulo: Scortecci, 2000.
1297. **_____. Sensual teclado.** São Paulo: Scortecci, 1999.
1298. STABENOW, Cornelia. **Henri Rousseau 1844-1910.** Lisboa: Benedikt Taschen, 1998.
1299. STENDHAL. **Crônicas italianas.** São Paulo: EDUSP, 1997.
1300. STEVENSON. Robert Louis. **O ladrão de cadáveres; Janet, a aleijada; Os homens alegres.** Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil Ltda, 1993. (Col. Clássicos Econômicos Newton, 6).
1301. STEVENS, Wallace. **Poemas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

1302. SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca; o casamento insuspeito.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. (Col. Sagarana, 105).
1303. SUASSUNA, Marcos. **O bíon, a quinta força e eu.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1992.
1304. SUBIRATS, Jean. **De la péninsule ibérique a l'Amérique latine.** Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1992.
1305. SVIDERCOSCHI, Gian Franco. **Carta a um amigo judeu:** emocionante narrativa da amizade entre Jerzy Kluger e Karol Wojtyla. São Paulo: Paulinas, 1996.
1306. SWEETMAN, David. **Paul Gauguin:** uma vida. Rio de Janeiro: Record, 1998
1307. SWIFT, Rachel. **Orgasmo:** o prazer da mulher. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
1308. SZULC, Tad. **Chopin em Paris:** uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.
1309. TALIBERTI, José. **Potência e impotência sexual do homem.** São Paulo: "Bestseller", [s. d.].
1310. TARGINO, Itapuan Bôtto. **Ademar Vidal & Raul de Goes:** personagens da história da Paraíba. João Pessoa: IHGP, 1996.
1311. _____. **Anísio Teixeira:** educador do século XX. João Pessoa: Ideia, 2001.
1312. TAVARES, Bráulio. **O homem artificial.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
1313. TAVARES, Eurivaldo Caldas. **Perfil biográfico de Dom Moisés Coelho.** 2 ed.. João Pessoa: UNIPÊ, 1997.
1314. TAVARES, Paulo. **Criaturas de Jorge Amado.** Rio de Janeiro; Brasília: Record; INL, 1985.
1315. TCHEKHOV, A. P. **A dama do cachorrinho e outros contos.** São Paulo: Ed. 34, 1999.
1316. TEJO, Orlando. **Zé Limeira, poeta do absurdo.** 6 ed. Brasília: Senado Federal, 1988.
1317. _____. _____. 10 ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000. (Col. Nordestina).
1318. TELES, Gilberto de Mendonça. **Caixa-de-fósforos.** São Paulo: Ed. Giordano, 1999.
1319. TELLES, Lygia Fagundes. **As cerejas.** 7 ed. São Paulo: Atual, 1992.
1320. _____. **Seminário de ratos.** 8 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
1321. TERCEIRO Neto, Dorgival. **Paraíba de ontem, evocações de hoje.** João Pessoa:Gráfica Santa Marta, 1999.
1322. TÉRCIO, Jason. **Órfão da tempestade:** a vida de Carlinhos Oliveira e de sua geração, entre o terror e o êxtase. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
1323. THEODORO, Aristides. **Vou te contar.** Antologia. São Paulo: Editora do Escritor, 1999.
1324. THOMÉ, Antônio Carlos Oppermann. **Oráculo do silêncio.** Porto Alegre: Uniprom, 2000. 02 ex.
1325. **_____. Encantador de abismos** Porto Alegre: Uniprom, 1999. 02 ex.
1326. TODD, Olivier. **Albert Camus:** uma vida. Rio de Janeiro: Record, 1998.
1327. TORERO, José Roberto. **Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, O Chalaça.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
1328. TORRES, Antônio. **Carta ao bispo.** São Paulo: Ática, [s. d.]. (Col. de Autores Brasileiros, 49).
1329. _____. **Essa terra.** 7 ed. São Paulo: Ática, 1986. (Col. Nosso Tempo).
1330. _____. _____. Rio de Janeiro: Record, 2001.

1331. TORRES Filho, Rubens Rodrigues. **Novolume.** São Paulo: Iluminuras, 1997.
1332. TRAKL, Georg. RILKE, Rainer Maria. **Poemas à noite.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
1333. TRENISAN, João Silvério. **Ana em Veneza.** 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
1334. TRICERRI, Christiane. **Figos-da-Índia.** São Paulo: Arte Pau-Brasil, 1994.
1335. TROYAT, Henri. **Baudelaire.** São Paulo: Scritta, 1995.
1336. _____. **Zola.** São Paulo: Scritta, 1994.
1337. TUFIC, Jorge. **Dueto para sopro e corda.** São Paulo: Edições do Autor, 2000. 03 ex.
1338. _____. **A insônia dos grilos.** Fortaleza: LCR, 1998.
1339. _____. **Poesia reunida.** Manaus: Edições Puxirum, 1987.
1340. _____. **Quando as noites voavam.** Manaus: Editora Valer, 1999.
1341. _____. **Sinos de papel.** Fortaleza: [s. n.], 1998.
1342. TUSI, Therezinha Lucas. **Afinidades.** Porto Alegre: Movimento, 1984. (Col. Poesiasul, 47).
1343. _____. **Passional.** Santiago RS: Jornal Expresso, [s. d.]. 03 ex.
1344. UNAMUNO, Miguel de. **Niebla.** Barcelona: Bruguera, 1984.
1345. UPDIKE, John. **Brazil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
1346. URQUIZA, José. **Rastro de andarilho.** 2 ed. Patos PB: Fundação Ernani Sátyro, 1997. (Col. Romance Paraibano, 5).
1347. VACCHIANO, Aridinéa Martins. **Reencontros.** Rio de Janeiro: [s. n.], 1989.
1348. VALE, Sérgio. (Org.). **II coletânea Komedi.** Campinas SP: Komedi, 1998.
1349. VALADARES, Napoleão. (Org.). **Contos correntes.** Antologia. Brasília: Thesaurus, 1988.
1350. VALÉRY, Paul. **A dança e a alma e outros diálogos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Col. Lazuli).
1351. VALLE, Gerson. **Aparições.** Petrópolis RJ: Poiésis, 2001.
1352. VALLE, Waldo Lima do. **O sermão da montanha - poesia e luz.** João Pessoa: Gráfica JB, 2000.
1353. VANCE, Peggy. **Gauguin.** Lisboa: Editorial Estampa; Círculo de Leitores, 1992.
1354. VAREJÃO, Lucilo. **Beco das almas.** Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
1355. _____. **Romances olindenses:** o lobo e a velha; Passo errado; O destino de Escolástica. 2 ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1983.
1356. _____. **Visitação do amor.** 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1972.
1357. VARGAS, Marilene Cristina. **Manual do tesão e do orgasmo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
1358. VASCONCELLOS, Francisco de. **Câmara Cascudo do Potengí ao Piabinha.** Natal; Petrópolis: [s. n.], 1989.
1359. VASCONCELLOS, Mercedez. **Quimeras & outros riscos.** São Paulo: Scortecci, 1996.
1360. _____. **Transparência.** São Paulo: Scortecci, 1991.
1361. VASCONCELOS, José Adirson. **A epopéia da construção de Brasília.** Brasília: Senado Federal, 1989.
1362. _____. **A mudança da capital.** 2 ed. Brasília: Independência, 1978.
1363. VASCONCELOS, Amaury. (Org.). **Antologia dos oradores paraibanos.** João Pessoa: A União, 2001.

1364._____. **Eu comigo.** Mossoró RN: Fundação Vingh-um Rosado, 2000. (Col. Mossoroense, 1123).
1365._____. **Eu, poeta, em prosa e verso.** Campina Grande PB: Art Gráfica Stampa Ltda, 1989.
1366. VASCONCELOS, Carmen **Chuva ácida.** Natal: Fundação José Augusto, 2000.
1367. VASCONCELOS, Ivan. **O tropel.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. (Col. Trópico, 2).
1368. VAZ, Coelho. **Literatura Goiana:** síntese histórica. Goiânia: Kelps, 2000.
1369. VIEGA, Cláudio. **O poeta Pethion de Villar:** uma figura romanesca. Rio de Janeiro: Record, 2001. (Org.).
1370. VEIGA, Cláudio. (Org.). **Antologia poética.** 2 ed. Rio de Janeiro; Salvador: Record; Secretaria da Cultura e do Turismo, 1999. 02 ex.
1371. VENTURINI, Sergio. **Inhacurutum e as missões jesuíticas.** São Luiz Gonzaga RS: Editora Borck, 2000.
1372. VÉRAS, Everaldo Moreira. **Contos descontados.** Recife: Edições Sarev, 2000.
1373._____. _____. 2 ed. Recife: Edições Sarev, 2001.
1374._____. **Conversa de menino.** Recife: Edições Sarev, 2001.
1375._____. **Deus não perdoa os pecadores.** Recife: Edições Sarev, 2001.
1376._____. **A insônia do mar.** Recife: Edições Sarev, 1999.
1377._____. **Ler e revisar.** Recife: Edições Sarev, 2000.
1378._____. **A noite é circular.** Recife: Edições Sarev, 2001.
1379. VERHAEREN, Émile, **Cidade tentaculares.** Brasília: Thesaurus, 1999.
1380. VIANA, Chico. **Astronauta sem luar.** Rio de Janeiro: Presença, 1982.
1381._____. **O evangelho da podridão:** culpa e melancolia em Augusto dos Anjos. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1994.
1382._____. (Org.). **Lendo com Freud.** João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 1999.
1383._____. **A sombra e a quimera:** escritos sobre Augusto dos Anjos. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2000.
1384. VIANA, Waldemiro. **Graúna em roça de arroz.** 2 ed. São Luís: Sotaque Norte, 1995.
1385._____. **O mau samaritano.** São Luís: EDUFMA, 1999.
1386. VIDIGAL, Pedro Maciel. **Religião, política e humanismo.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1894.
1387._____. **Retratos literários.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1891.
1388. VIEIRA, Emanuel Medeiros. **Inventário da travessia.** Brasília: Edições Camboa, 2001.
1389._____. **A revolução dos ricos:** memória de 1963-64. Brasília: Lavras, 1986.
1390. VIEIRA, Jaime. **Reencanto.** São Paulo: Editora do Escritor, 1988.
1391. VIEIRA, Oldegar. **Gravuras no vento.** São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão; Massao Ohno Editor, 1994.
1392. VIEIRA, Thereza Freire. **A flauta mágica.** São Paulo: Scortecci, 1989.
1393._____. **Implosão.** São Paulo: Scortecci, 2000.
1394. VILELA, Orlando. Pe. **O drama Heloísa-Abelardo.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. (Col. Ensaios, 13).
1395. VIEUILLE, Chantal. **Gala.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

1396. VILLAÇA, Antonio Carlos. **Degustação:** memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
1397. _____. **José Olympio:** o descobridor de escritores. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.
1398. _____. **Os saltimbancos de Porciúcula.** Rio de Janeiro: Record, 1996.
1399. VILHENA, Cely. **Os olhos de Aarão:** história poética de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988.
1400. VILLON, François. **Poesia.** São Paulo: EDUSP, 2000.
1401. VISSICARO, Marly Nascimento. **Réplica poética.** São Paulo: Scortecci, 1988.
1402. VITALIANO, José. **Dossiê Cartagena.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
1403. VOLKOV, Solomon. **São Petersburgo:** uma história cultural. Rio de Janeiro: Record, 1997.
1404. VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Cândido ou o otimismo; Os ouvidos do conde de Chesterfield; A princesa de Babilônia; O ingênuo; Micrômegas.** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951.
1405. WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** memórias de um repórter. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.
1406. WALTHER, Ingo F: RAINER, Metzger. **Marc Chagall 1887-1985:** poesia em quadros. Köln: Benedikt Taschen, 1994.
1407. WANDERLEY, Allyrio Meira. **Bolsos vazios.** Curitiba: Editora Guaíra, 1940.
1408. WANDERLEY, Cybelli. **Natal-poema.** São Carlos SP: Editora Jaburu, 1989.
1409. WANDERLEY, Jorge. (Sel.). **Antologia da nova poesia norte-americana.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
1410. _____. (Org.). **22 ingleses modernos:** uma antologia poética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
1411. WANDERLEY, Sidney. **Na pele do lago.** São Paulo: Escrituras, 1999.
1412. _____. **Nesta calçada.** São Paulo: Iluminuras, 1995.
1413. _____. **Quisera ter a beleza que.** São Paulo: Escrituras, 1997.
1414. WARNER, Marina. **De fera à loira:** sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
1415. WASSERMANN, Jacob. **Kaspar Hauser; ou, a indolência do coração.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1966.
1416. WERK, Alcides. **In natura - poemas para a juventude.** Manaus: Ed. Valer, 1999.
1417. _____. **Trilha dágua.** 4 ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1994.
1418. _____. _____. 5 ed. Manaus: Governo do Estado do Amazona; Ed. Valer, 2000. (Col. Resgate, 2).
1419. WHARTON, Edith. **A casa dos mortos.** Porto Alegre: Globo, 1947.
1420. WILDE, Oscar. **Contos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
1421. WILDER, Thornton. **Mr. North.** São Paulo: Editora Best Seller, [198-].
1422. WILHELM, Jacques. **Paris no tempo do Rei Sol, (1660-1715).** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
1423. WILSON, Edmund. **Os anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
1424. WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia:** escritores e atores da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

1425. WOELLNER, Adélia Maria. **Infinito em Mim.** 2ed. Curitiba: [s. n.], 2000.
1426. WOOLF, Virginia. **Os diários de Virginia Woolf.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
1427. YOURCEMAR, Marguerite. **Alexis ou o tratado do vão combate.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
1428. _____. **Memórias de Adriano.** 22 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [198-]. (Col. Grandes Romances).
1429. ZACCARA, Madalena. **Caça à raposa ou (suavemente suicida).** João Pessoa: UNIGRAF, 1991.
1430. ZANDRON, Eduarda. **O caminho dos ventos.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1972.
1431. ZANON, Artemio. **Tempo de execução.** Florianópolis: Garapuvu, 2000.

A. A. L. - OBRAS DE REFERÊNCIAS.

01. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Anuário 1998-2001.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
02. ADRIÃO Neto. **Dicionário biobibliográfico de escritores brasileiros contemporâneos.** Teresina: "Edições Geração 70", 1998.
03. ARAÚJO, Célia Lamounier de. **Dicionário dos padres e vigários de Tamanduá/Itapecerica.** Divinópolis: Gráfica Sidil, 2001.
04. ENCICLOPÉDIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 2 ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Global; Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 Vols.
05. MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário biobibliográfico de membros da Academia Brasileira de Letras.** Goiânia: Kelps, 2007.
06. MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
07. NOVO MICHAELIS. Dicionário Ilustrado. 9 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970. 4 Vols.
08. SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Dicionário literário da Paraíba.** João Pessoa: A União, (Col. Biblioteca Paraibana, 12). 02 ex.

A. A. L. - FOLHETOS.

01. ALCÂNTARA, Lúcio. **Fome no Brasil.** Brasília: Senado Federal; Gabinete do Senador Lúcio Alcântara, 2000. (Caderno de Debates, Coleção Ideias, 3).
02. ALMANDRADE. **Poesia.** [s. l.]: Contraste

APÊNDICE D – Correspondência ativa e passiva de Ascendino Leite

(Continua)

CORRESPONDENTES	**ANOS 40**	**ANOS 50**	**ANOS 60**
ADELINO MAGALHÃES		CP	CP
ALFREDO MIGUEL DOS SANTOS			CP
ALIOMAR BALEEIRO			CP
ALMIRO CALDEIRA DE ANDRADA			CP
ÁLVARO DE CARVALHO	CP		
ÁLVARO LINS			CP
AMERINO RAPOSO			CP
ANTONIO BARATA	CP		
ANTONIO DE SOUZA PINTO			CA/CP
ARMINDO TREVISAN			CP
ARNALDO JOSE DE CASTRO			CP
BRÁULIO SANCHEZ	CP		
CANDIDO DA MOTA FILHO			CP
CASSIANO RICARDO			CP
CÉLIO BORJA			CP
CELSO MARIZ	CP		
CIRO DOS ANJOS	CP		
COSETTE DE ALENCAR			CP
DANIEL J PEREIRA	CP		
EDGARD CAVALHEIRO	CP		
ÊNIO SILVEIRA			CP
ÉRICO VERÍSSIMO		CP	
EUGENIO GOMES			CP
FÁBIO LUCAS			CP
FREI CLARÊNCIO OFM			CP
GILBERTO MENDONÇA TELES			CP
GUILHERME FIGUEIREDO	CP		
HÉLIO VIANNA			CP
JOÃO GUILHERME DE ARAGÃO			CP
JORGE AMADO			CP

APÊNDICE D – Correspondência ativa e passiva de Ascendino Leite

(Continuação)

JOSE AMÉRICO DE ALMEIDA	CA/CP	CA/CP	CA/CP
JOSE LOPES DE ANDRADE	CA/CP		
JOSE VIEIRA	CP		
JUAREZ DE GAMA BATISTA			CP
LACYR SCHETTINO			CP
LEONOR TELLES			CP
LEVI CARNEIRO			CP
LYGIA FAGUNDES TELLES		CP	
LOPES DE ANDRADE	CA/CP		
LÚCIA M. DE ALMEIDA			CP
LUIS LUNA			CP
LUIZ AUGUSTO DA FRANCA CRISPIM			CP
LUIZ VITAL DUARTE			CP
MANUEL BANDEIRA	CP		
MANUEL ESTEVES			CP
MANUELITO DE ORNELLAS			CP
MARQUES REBELO	CP		
MONSENHOR PEDRO ANISIO	CP		
MOREIRA CAMPOS			CP
MURILO MENDES			CP
NELSON DE FARIA			CP
NEREU CORRÊA			CP
ORANICE FRANCO			CP
OSWALDO TRIGUEIRO			CP
OTTO LARA		CP	
OTTO MARIA CARPEAUX		CP	
PEDRO CALMON	CP		
PERMÍNIO ASFORA	CP		
RAFAEL MELLILO			CP
RODRIGO OTÁVIO			CP

APÊNDICE D – Correspondência ativa e passiva de Ascendino Leite

(Continuação)

ROGER BASTIDE	CP		
ROOSEVELT DA SILVEIRA			CP
RUTH BUENO			CP
SAMUEL PENIDO			CP
SERGIO MILLIET	CP		
SILVEIRA LOPES	CP		
STELLA LEONARDOS		CP	CP
THEOPHILO DE ANDRADE			CP
TITO BATINI	CP		
VEIGA JUNIOR	CP		
VIRGINIUS DA GAMA MELO			CA/CP
VIVALDI MOREIRA			CP
XAVIER PLACER			CP

Acervo Ascendino Leite. Arquivo Fundação Casa de José Américo, João Pessoa – PB

LEGENDA

CA: CORRESPONDÊNCIA ATIVA

CP: CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

ANEXOS

ANEXO 1

Notas de Ascendino Leite publicadas no Semanário *O Momento*

O Momento – B-3

JORNAL
LITERÁRIO

Ascendino Leite

Acabo de descobrir que tenho um caso: descrevo às escondidas o conluio de umas tantas liberdades de espírito que só ouso dizê-las a mim mesmo.

Na verdade, escrevo um diário íntimo. Ou no mínimo, as memórias do meu eu. Ou talvez um jornal literário. Contrariadíssimo. Mas não é o que sucede. E aqui escancaradamente o revelo.

***

O euismo dos jornais íntimos é bem a ideologia dos individualistas.

***

Não escrevo para fazer-me um nome. Deixá-lo, após mim, como os outros deixam coisas. Pensando que serão lembrados, quando não mais poderão fazê-las nem deixa-las.

Escrevo precisamente para carregá-lo comigo o que fui, o que sou, o que serei.

Por muito mais me eleva a Eternidade que a aparência fugaz de uma obra comprometida com a relatividade do mundo.

***

De profeta a humorista a distância é que conta.

O humorista joga no imediato. O profeta, no futuro. Mas, na essência, cumprem um papel idêntico, que é o de servirem à moralidade dos séculos.

***

Só o possível tem vida. O possível é imaginação.

***

É da consciência de que tenho um eu que resultam os registros do meu quotidiano. Não foi ele que se plantou em mim, mas eu que o agarrei e saí por aí, testando a minha validade.

Muitas vezes, descobri, a força dos meus sentimentos foi maior do que meu euismo.

Disse em outra parte:
- Queria ser nuvem.
Evitei o eu, que dá caráter à afirmação. Todavia, esse eu ,
eu,
eu,
complica e atrapalha. Jamais serei nuvem. Porque, em verdade,
esse meu eu,
esse meu eu,
nunca muda de lugar,
nunca muda de lugar.

***

O diário íntimo é em geral, o relato fechado de um mundo de excitações, por vezes perigosas. E não apenas amargas.

A revelação voluntária do que ele possa conter é como um desdobramento da pessoa que não ousou, ela própria, ser o único depositário dessa intimidade temerária.

O que em verdade me explica, escrevendo, é o fato de haver começado explícito sem saber escrever.

Ah, o tempo em que eu não tinha nome e não usava cadernos!

A coisa complicou-se quando comecei a perceber que necessitava de um futuro, que precisava de uma ética, e o jornalismo me tirava todos os nomes. Mas fiz bem o que quis. E o melhor disso foi casar-me por amor.

Fonte: *O momento,* Alagoa Nova, 18 out. 1989. Caderno B, p.3. Jornal Literário

ANEXO 2

Notas de Ascendino Leite publicadas no jornal *Correio da Paraíba*

JORNAL LITERÁRIO
Ascendino Leite

Não se é Deus nenhum. Reconhecê-lo já um destemor, além de ser uma total impossibilidade. Ser Deus, nesta altura, não é também uma boa empresa.

Pior, entretanto, é vivenciar o anti-deus, partindo da crença de que tal atitude importa a necessidade de uma sanção coletiva.

Ao contrário, o anti-deus sofre o impacto da execração geral, precisamente porque representa o fim das esperanças e o estado de revolta.

Assim, a saída é ser-se uma pessoa qualquer. A que agarra a gente na rua e diz simplesmente:

- Escute, amigo, abaixo a machadada!

É próprio do homem comum detestar a multidão.

+ + + Pessoal, alerta! Vou escrever um romance. Meterei nele uma boa dosagem de anáguas contra igual volume cúbico de calças. Tudo a se liquefazer em vinhoto e mel de furo.

No meio, velhas sotainas um pouco **demodèes**, à vista dos nvos trajes clericais, ótimos para ocultar perversões e rendimentos de poupança.

Aí, Gonzaga Rodrigues, porque me vês meio adoidado pela rua, rodando as covancas do saber neste nosso glorioso viveiro de cantadores e noveleiros em verso e prosa, onde mais viceja a moderna comédia humana, vigorosa pilastra de humanismo de Cordel.

Porém, nesse meu novo romance, haverá também lugar para a tragédia ou a opera bufa. Quem viver verá.

Basta que não morra em beira de estrada nem chame a Federal para apurar.

*

Ou cuido de escrever bem ou me mato. No mínimo, deixo de sair de casa ou vou morar na Paraíba.

Entre a Casa da Pólvora e o Espaço Cultural. Ou entre o Palácio do Bispo e o Colégio dos Padres Apóstatas. Desgraça por desgraça, a pior é ser ininteligível, entregar-se a uma prosa cacete ou nunca se casar. Como a si mesmo se proselitou nosso sapientíssimo e admirado mestre-Reitor.

Sempre assim pensei: por um assisado cultivo de prudência e pragmatismo. Dado também o reduzido espaço que tenho no cérebro para as ideias obscuras.

*

Meu vício intelectual maior e procurar prazer no que me obriga ao esforço árduo da pesquisa e da reflexão.

Por natureza e por aproximação, entro na marginalia a que se entregava Jean Guitton, um dos mestres do meu diurnalismo:

- “Mês meilleures choses ont é te marginales. Faites par grâce et sans preditations. J’aime le soudain, le me prompt”.

Eu levo mais além minha dependência intelectual: quero esmiuçar o lixo em que germinam as chamadas plantas do espírito, o estrume que as alimentam, seu teor em clarezas e dúvidas, e até seu eventual poder corrosivo ou degradante.

Serão, acaso, de desdenhar as chamadas flores do mal de todo os tempos?

+ + + Por favor não creiam nesta nossa Federal. Seu primeiro dever seria superar o limite da incompetência. Depois o da inépcia. Em seguida, o da tibieza. Nesse excesso de prudência vai acabar perdendo a cabeça e prendendo o conego Abath.

Fonte: *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 1º ago.1990. Jornal Literário

ANEXO 3

Notas de Ascendino Leite publicadas no jornal *O Norte*

Ascendino Leite
JORNAL LITERÁRIO

Leitura e releituras, novas e em recomeço. Pobres e ricos, já dizia Gide, no **Paludes**:

– "Há coisas que recomeçamos simplesmente, cada dia, porque nada temos de melhor para fazer".

Mas é o livro que voltamos sempre, o que de pronto prefigura uma imposição e uma necessidade: Textos do próprio Gide. Os ares marinhos de Mallarmé. As memórias do tempo de Waldemar Lopes. A grande prosa subsidiária de Herberto Sales. As agonias poemáticas dum crítico como Hilderberto Barbosa Filho.

Vale a pena recomeçar. É o melhor que se tem a fazer.

*

A **fisioterapia** de hoje me danificou todo o sistema humoral que, bem ou mal, responde pelo que sou intelectualmente.

Cartas. Telegramas.

Dom Epaminondas Araújo, o bispo maritainnista que o doutor Alceu admirava, tece-me uma pequena coroa apologética. Impressão semelhante me causa a missiva do filósofo e crítico Mário Moacyr Porto, antigo reitor da nossa Universidade, jurista e pensador sempre disponível para o jogo das idéias.

Veríssimo de Melo me envia seu livro contendo as cartas escritas por Mário de Andrade ao mestre Luis da Câmara Cascudo. A introdução ao volume, de autoria de Veríssimo, é bem mais intererrante que a epistolografia do literato paulista que, por esse lado, nunca me fez o necessário para que eu o levasse a sério.

Ele escreveu coisas melhores: na ficção por exemplo, a partir do seu **Macunaíma**, se considerado somente numa ótica nacional, para uso doméstico de país atrasado e primitivo. E, como crítico, como ensaísta literário, um bom número de páginas ainda hoje apresentando achados felizes, observações simplesmente originais, próprias dum escritor de grande pulso e extraordinário senso das possibilidades da literatura.

*

As árvores que se deslocam como se tivessem pés de gente. E alma de pessoas. Carregando a verde coma ao sol a pino: milagre ou ilusão, o céu profundo, alimentam paisagens dum inesperado colorido sideral.

*

Pela manhã, reli uma dezena de páginas no 1º volume (O Trapicheiro) do Espelho Partido, de Marques Rebelo. E tomei conhecimento, pelos jornais, da chegada da primavera, o que me levou a fazer para mim mesmo, divagações diversas sobre as transformações por ela produzidas em nosso meio.

Deu-me de pensar que, se eu fosse poeta, certamente estaria a aproveitar a época para compor, mesmo em forma proseada, meus melhores arranjos poemáticos.

Deixaria, por acaso, a primavera de contribuir com suas belas luzes para iluminar adequadamente meu ideal de beleza e poesia?

À tarde, vou à Secretaria de Turismo e mantenho com Maria Amália, por três quartos de hora, uma boa e graciosa conversação sobre o nosso velho teatro Santa Rosa e o espetáculo erótico que lá se está produzindo em termos os mais explícitos no gênero. Isto é, os atores, todos nús, em estado de ereção.

*

Abgar Renault me escreve novamente, desta vez para agradecer meu discurso no Instituto sobre Samuel Duarte. Ele admirou intensamente o que escrevi.

Abgar é um dos nossos poetas maiores. Mineiro como Drumonnd, octagenário há uns quatro anos, ele empregou numa poesia extremamente moderna, sem paralelo em nossa literatura.

Dizendo-o, exprimo minha satisfação por receber seu tão significativo aplauso, coisa que dificilmente desaparecerá dentre os motivos que me sustentam o gosto das letras e da vida intelectual, mesmo cercada pelo anonimato, (O que se tornou mais expressivo é que ele não se manifestou apenas como crítico mas como uma pessoa que achou prazer no que leu e que assim ajuizou, para si mesmo, numa realidade intelectual que o encantou plenamente, o simples e espontâneo aplauso de leitor sem outros compromissos).

Do mestre Antônio Houaiss no mesmo dia também me alcançam, em carta, frases de cordial estima e de louvor às minhas palavras sobre Samuel Duarte no meu discurso de posse no Instituto.

– "Se eu tivesse um pouco dessa coisa que busco desesperadamente, - diz Houaiss com certo humor espiritual – se eu tivesse um pouco de bom vagar, gostaria de glosar aqui algumas belezas que você soube dizer, com doçura que está sabendo ter nesta sua bela quadra de vida. Continue!"

De início, ele informara sua partida "infelizmente necessária" para a Europa, donde deverá estar de volta no princípio do mês próximo. E acrescentando:

– "Mas não queria deixar de dizer-lhe que li com emoção; - os velhos, como eu (mas não você) emocionamo-nos – Os Discursos no Instituto, em especial o seu"

Causou-me espécie mencionar que essa ida à Europa se fizera "necessária", isto porque, não sendo motivada por trato de negócios, poderá ter sido por questões de saúde.

Saúde que já me torna pensativo e temeroso, pois ambos, eu e ele, já não somos tão vigorosos como merecemos.

Fonte: *O Norte,* 20 ago.1992. Jornal Literário

ANEXO 4

Notas de Ascendino Leite publicadas na revista *Em Dia*

MOMENTOS
INTEMPORAIS

Ascendino
Leite

Minha experiência de final de vida, tem sido, ultimamente, um contínuo exercício de recuperação do passado. Estou sempre liberado para novas ações nesse sentido.

Reerguer os velhos edifícios, a cidade mesma, que me conteve em espírito e fez dos meus sentimentos um receptáculo de surpresas: que missão atraente!

Agora, as pessoas com quem cruzo nesta jornada sem retrocesso me parecem mesmo interessante que a maior parte das ruas por onde atualmente, e com prazer, me deixo dissolver em afetividade.

Meus encontros na rua quase sempre estimulantes, quando ao acaso produzidos ou conduzidos pela naturalidade.

Melhores os resultantes de uma sequência de afinidades psicológicas.

Aqueles marcados pela ansiedade de comunicação, de afago ou simplesmente pela gratuita necessidade do trato social e intelectual. De alguns deles, saí como se tivesse contornado os elementos determinantes do meu envelhecimento.

Coisas como as inspiradas ou produzidas pela correspondência com que me entretenho com os amigos e camaradas. As cartas que lhes escrevo. As que deles recebo – alma, tempo, pensamento.

Enfrento, nesse caso, para precisar uma reminiscência, que me desconheçam e até rejeitem. Jamais me terás visto fora do quadro e tenha eu, por desgraça, a dura e feia, quão severa e inexplicável, cara de mau.

Ao desar, tristeza ou melancolia, a causa, a origem da nova emoção que me afeta. O que ouço quando me descobrem...

Em síntese, a certeza que me transmitem de que melhor não poderei eu servir à fraternidade universal.

+++ Virgínia Woolf, olhando para Katherine Mansfield, certo dia, num jantar:

- “Ambas podemos discutir coisas delicadas e sobretudo, desejar que nossa primeira impressão dela não fosse a de que Katherine fede como uma gata no cia, depois de uma volta pela rua”.

Foi o que Virgínia, escreveu em seu diário. Não me censuro por havê-la aqui convertido numa nota de trabalho.

Leitura no ordinário da minha curiosidade: **Os nomes** de Don De Lillo, norte-americano. Tradução de Tati, primeira musa, legítima, de Vinícius de Moraes, talentosa e responsável.

Não fora esse crédito, como me pegou semelhante texto? Difícil evitar os erros da mania seletiva e do vício impune da leitura.

Puro diversionismo literário, partindo de projeções inventivas preconcebidamente calcadas no cinema.

Não me alcança sua sofisticada expressão em livro. Não integra a literatura. Não convence como gênero nem induz a superior qualidade do que justifica o prazer de leitura e o devaneio literário. Pelo que é, não me serviu; porém, em retroação, edificou-me. É exatamente a narrativa que me está a uma eternidade distante do que entendo por literatura: a do meu gosto pelo que me pode educar e divertir.

+++ Uma observação de Mircéa Eliade numa das páginas do seu admirável **Fragments d'un Journal**:

- "Goethe sempre inigualável: jamais se permitiu recorrer à intuição".

Eliade escreveu todo o seu jornal na base de anotações feitas em pequenos retalhos de papel que o acaso lhe atirava às mãos. Cedia precisamente ao império da intuição. O prazer e o saber, nessa leitura, chegar-lhe-iam aos pedacinhos.

Pela terceira vez me sinto atraído pela prosa eslava de Turgueniev. Precisamente no romance **Pais e Filhos** do qual li hoje, com enorme prazer, meia centena de páginas.

Ter a certeza de suas impossibilidades é mais importante que a ignorância de sua força.

Uma equilibra a outra; e mantém o nível das avaliações, que conduzem à tomada das decisões.

Fonte: Revista *Em dia*, 20 ago.1991. Momentos Intemporais

ANEXO 5

Notas de Ascendino Leite publicadas no jornal *A União*

Ascendino Leite

ALTERNATIVAS LITERÁRIAS

O silêncio é o pai das artes: escrevi um dia numa destas páginas.

Sua evidência não consiste apenas na falta de voz, na supressão do som ou na deserção da palavra.

Atolado no ordinário da vida, vez por outra precisando dele, especialmente quando descubro que ele participa do meu eu próprio.

Morte, onde está o teu triunfo?

***

Ainda a leitura da correspondência Hannah-Heidegger.

Em meio dos raciocínios, pausa para as coisas prosaicas do acasalamento estabelecido, a arrumação das peças da intimidade iminente.

Instruída por ele, é claro, nada será retardado que ele não tenha em si como, desde logo, arredado do caminho. Tranquiliza-a neste post – escrito com uma ênfase decisiva, expressa em estilo telegráfico:

"- Venha. Eu cuidarei do quarto, assim que você me avisar."

Era como se já arrumasse um poema servindo ao secreto compromisso (ou pacto) da união carnal, sempre a tempo da carência amorosa desatada. Sabia:

-"O fato de o amor precisar do amor é mais essencial do que todo carecimento e apoio".

Tudo se afigurava uma determinação irrecorrível, incondicionada a qualquer flexibilidade do ser no seu interior: o medo, por exemplo: a sublevação da vontade, o pessimismo, o desespero.

Heidegger não se iludia, desprezava a prepotência: a intimidade não lhe entrava no processo filosófico em que encontrava forças para resistir aos amolecimentos. Podia gabar-se, em relação a Hannah, firme no coração:

- "Quando você veio até mim com o seu mais belo vestido ao primeiro reencontro, você caminhou como através dos cinco quinquênios passados".

Isso é que é amor! "O da proximidade mais próxima", como diz o filósofo na mesma carta. "Correspondência, 1925-75, Relume Dumará edit.".

De ontem para hoje tantos nadas! Declara-se um vazio enorme, despido de qualquer graça, eis que nem chega a ser feio, não vale nem inspira sequer um desalento intelectual.

Chamo meu irmão, como se o fizesse a essa espécie de branco que costuma intrometer-se na maioria dos versos dos nossos poetas de plantão.

Na verdade, meu irmão é Mahler.

Depois, as alegres sonatas de Scarlatti. Adeus os dós-de-peito, os ride-palhaços de Verdi (?), os momentos singulares da música orfânica que costuma encher o peito do nosso metropolita do Roger e adjacências.

No entanto, meu irmão é Mahler. Uma correspondência artística, "entre formas e ideias, cor e som, de uma nobreza, de estros investida, valendo-se muitas vezes da ternura humana", segundo uma vez me disse o poeta Murilo Mendes.

***

Ao arrepio de uma velha frustação: nunca morrer delas.
Não vejo I. Não há que vê-la nem por quê.
O grão morto. Replantado, não nasce de novo. Renascido, diferirá em gosto e tamanho.
É preciso fazer alguma coisa.

_____

Ascendino Leite escreve às sextas-feiras neste espaço.

Fonte: *A União*, João Pessoa, 12 abr. 2001. Alternativas Literárias

ANEXO 6

ROSARIO

Ascendino Leite

O reboliço estalou na rua. Alguém gritava lá fora e gente corra pelas calçadas, aumentando o alvoroço. Era coisa rara em Monte Orebe. Pelo menos para o adventício, como eu, ainda omisso nos acontecimentos e tricas das ruas. Uma cidade me teria levado certamente a não perceber o que se passava; mas Monte Orebe era apenas uma aldeia, faltava-lhe tudo para o prestígio de uma categoria urbana capaz de tornar alguém indiferente aos ruídos típicos das aglomerações populares.

Só agora compreendo o teor de vida que as pequenas aldeias conferem sempre aos mais insignificantes episódios. Insignificantes só na aparência. Porque, em verdade, o observador, em minha situação, não tardará muito a descobrir quanta substancia frisa cada detalhe, quanta riqueza humana invade cada indivíduo. A redução das perspectivas valoriza o restinho de vida humilde e mesmo as pequenas paixões, contidas no limitado campo daquelas almas simplórias, como por um passe de mágica, se transmudam. De repente, formam expressões generosas ou violentas e todo um povo nelas se retrata com uma personalidade própria, inconfundível.

O rumor havia de tocar-me curiosidade, tão silencioso me parecia correr o tempo entre aquela população espantadiça e as quatro ou cinco ruas de Monte Orebe.

Levantei-me da mesa, enquanto ouvia a voz do hoteleiro:

- Só pode ser o Edison.

O informante sugeria um elemento novo no processo de minha ambientação com a pequena sociedade da aldeia. Mais rápido o hospedeiro tomou-me a frente. E mal chegava eu à porta para investigar o que se passava na esquina próxima e já o via enredado no grude de pessoas que se entendiam a empurrões e assuadas. Nas janelas do hotel e do casario adjacente cachos de cabeças. A curiosidade criava asas.

Vi passar à minha frente o escrivão Fagundes. Disse-me algumas palavras, quase sem diminuir o passo:

- É o Edison. Mais uma vez embriagado...

As calçadas se enchiam. Atrás do Fagundes vinham outros homens, em largas passadas, a ver a novidade. Ouvi-lhe os ditos, as perguntas, as observações.

- Que é? R'...un, r'um. Que é mesmo?

- Ora que pergunta!

- Só pode ser o Edison!

- Este rapaz envergonha a nossa terra.

Fui ver o tal Edison. Custei a descobri-lo e a ver-lhe o rosto congesto. Esperneava entre cem mãos e grunhia seguidamente a cada arranco do corpo num inadequado esforço para libertar-se. Contorcia-se desesperado e o organismo atribulado pela incontinência do dia inteiro rompia-se em náuseas terríveis. As golfadas atingiam todos e o rapaz ia amolecendo o corpo como uma enguia a morrer por falta de ar. Foi então que o vi: derreado, mas ainda de pé, com o rosto voltado para a parede, os pés mergulhados no montão de azedumes e produtos expelidos. Balbuciava um palavreado emoliente que contundia os espectadores, aos quais lançava por vezes o olhar mortiço.

Alguém o chamou de porco. E a resposta veio, inútil, mas horrível na sua expressão suja. O injuriado fez uma careta, outros riam. O resto deixou-se ficar como estava, numa passividade tolerante mas como a sentir secretamente que a bebedeira do rapaz prejudicava o bom nome geral. O espetáculo foi aos poucos perdendo interesse; o homem aquietava-se, contentando seu estado etílico com o refrão do palavreado espúrio e de umas nênias mal-cantadas.

Ai, ingrata,

eu vivo na boemia,

ai, ingrata,

o teu amor me mata.

Tudo isso molhado, claudicante, sem nenhuma elevação.

Mais tarde, quando ganhei a meia ração de gloria da consideração local, deslindaram-me a história de Edison. Não deixaram nada por explicar, pois a discrição não havia de ser a virtude máxima dos cidadãos conspícuos de Monte Orebe. Muito menos de suas mulheres ou do povileu que levava vida sem lazeres maiores do que os da perambulagem matutina ou dos sambas noturnos nos recantos mortiços do burgo.

A bebedeira do rapaz era o condutor pronto e eficaz de uma paixão a que se poderia chamar impossível.

- Moço de família... – observou o padre Pires.

- Um depravado! – era a opinião do prefeito.

Fagundes tinha o mesmo ponto de vista. Edison malquistara-se de fato com uma parte da população, menos por se ter entregue aos eflúvios da bebida do que por haver feito tão pouco caso de sua condição de homem casado. Na Padaria Emporio Avenida, o respectivo

proprietário, Porfirio Gentil dirigia a opinião a seu talante. E o caso comportava ali, via de regra, intermináveis comentários e discussões. Aliás, balanceados os julgamentos e filtradas as opiniões via-se que Monte Orebe dividira-se em duas bandas: os pró-Edison, que afinal de contas não eram poucos, à exclusão dos que já citei; os contra Rosario, que motivara o desregramento em que andava o rapaz, a subverter os modestos códigos de moral por que a aldeia pautava o seu viver vegetativo, paupérrimo de acontecimentos.

Ora, essa Rosario, em sendo moça, era um caso a apreciar. Toda saúde, rubor e olhar – lá está ela! – apontou-me um dia Porfirio Gentil, indicando uma janela no casario fronteito, a cem braças da Padaria Emporio Avenida.

- Pois está botando o rapaz a perder!

E vinham as recriminações. O matriarcado melhor aquinhoado de Monte Orebe sentia o perigo dentro das próprias casas: aos seus olhos, era mais que insuportável a leviana preferência da jovem pelos cabeças de casal. E exagerava os seus poderes encantatórios, em conversas, em conselhos de família, junto aos maridos. Mais tarde, uma assembleia de bestas, reunida na casa paroquial, introduziu o assunto Rosario entre as ave-marias, os ai jesus e os ora-pro-nobis.

- Com aquele ar de inocente!

- Sonsa!

Dona Mariquinha, mãe de Rosario, viúva e também beata, obviamente arcava com o pesado fardo de culpas que lhe eram atribuídas por causa da filha irrequieta. Omitiam-na das reuniões. Só desconfiou da desgraça depois daquela conspiração de sacristia.

- Mas Rosario é uma criança ainda! – dizia, justificando a filha.

Era tarde demais. A conspiração crescera. O matriarcado tomara posição evidente contra Rosario, a quem pespegou um vulgo deprimente:

- Polaquinha!

Na verdade, Rosario comprometia-se, creio que menos por sua culpa do que pelos vigores, donaires e rosados que lhe impusera a natureza. Com efeito, descontando-lhe o verdor dos anos que não iam a duas dezenas, vê-la era ver um bocado de malicia que nem a severidade materna conseguia anular no cerco da fera vigilância, na prisão em casa a sete chaves, no recato a que submetia a filha virgem.

Já então o caso Edison tirava a taramela às linguarudas e aos linguarudos e deitava cenas equivocas à crônicas galante da povoação. Diziam até de encontros misteriosos com todo o desfrute que o amor inconsciente poderia adicionar a tais situações.

O certo é que todos a observavam, agora mais do que d'antes, não apenas no sentido figurado, mas compulsoriamente, porque lhe haviam de notar os atrativos de curvas e olhos verdes, a aparência impudente e de recato mal dissimulado, malgrado a expressão de inocência que persistia em suas variações de humor, de maciez, de quase ingenuidade. Além disso, mato com olho, parede com ouvido, - o casario geminado facilitava a fuxicaria mórbida dirigida contra a jovem e abria-se, para as especulações da rua, em largas janelas de parapeito alto.

- Lá está a Polaquinha! – exclamavam dando curso ao vulgo.

É que, numa delas, vez por outra, ao lado de dona Mariquinha, Rosario apontava o rosto ameno e grácil, repousando no batente os peitinhos empinados, como inciente da intriga que por fora lhe estragava a reputação. Sem embargo, a beleza ia resistindo impávida não só indecências que lhe imputavam como também à degradação do apelido. Só na terceira ou quarta bebedeira do rapaz é que se deu conta dos exageros a que expusera meio mundo de virtudes e de rudes intolerâncias domésticas. Em que resultara, pois, a impensada busca de experiência a que atirara a sua curiosidade adolescente pelas estradas perigosas do romance!

Dera-se-lhe de ser deste modo, com estouvamento, como se gostam as moças de fazer-se entender aos homens, principalmente se a gente é pouca e os precisos escassos.

Houve-se assim a Polaquinha no seu papel de ovelha negra até que eu deixei Monte Orebe. Se em verdade era capaz de aquiescer, foi dessa forma que começou a amar. Coisas do seu feitio de ser e de atrair.

Desde minha saída da povoação, só uma vez tive informação de Rosario e seus casos. O ultimo fora definitivo. Recompusera-se tudo nos sagrados limites da responsabilidade e da consideração. Rosario, mulher de juiz, abrandara temores e maledicências. Do pouco que então soube, pude concluir que o cônjuge afortunado inspirara à gente de Monte Orebe tantos merecimentos que se lhe empanara a crônica passada. Rosario empinava-se ainda nos seus encantos de olhos verdes. Esquecera-se Edison e sua bebedeira. No "conjugo vobis" festivo, - pessoa, nome, vulgo e mãe viúva passaram em bons termos para o lote nupcial em completo segredo de justiça.

Fonte: *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 07 jan. 1951. Suplemento Dominical, p.08. Ed 190 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=114774> Acesso em: 01 set. 2013. (Adaptado)

ANEXO 7

Sangue no Trópico

Conto de RAUL BOTELHO GOZALVEZ

(Tradução de ASCENDINO LEITE)

Raul Botelho Gozálves é um dos mais jovens escritores bolivianos, que começa a ser conhecido dentro e fora do seu país, graças à originalidade da sua arte literária e ao seu inegável talento de retratista de costumes. Até 1936 poucos sabiam o seu nome. Estreando, porém, nesse ano, com a novela de costumes regionais, *intitulada, O Inferno Verde*, ganhou o primeiro lugar num concurso literário e se tornou desde logo um nome respeitado entre os demais escritores da Bolívia. No momento, Gozálvez tem em preparo uma novela de ambiente tropical, no estilo, talvez do formato conto para o qual abrimos espaço.

Naquela tarde, a selva dilatava seus braços vegetais, suas franjas trágicas, seus verdes seios umbrosos, de onde mana um obscuro riacho, ao qual se prendem raízes musculosas e onde de dessendentam as línguas vermelhas dos tigres. Longos gemidos humanos, vindos da cabana próxima a estremeciam.

Sob as ramagens espessas, mariposas dançavam uma ronda fantástica e harmoniosa. Mais abaixo da ponte, que cortava a continuidade da floresta, passavam compridos e negros corpos, num lento deslizar sobre as ondas, com uma infinidade de braços flutuando, sobre os quais as tartarugas, retirando do capacete córneo as suas cabeças, apoiavam-se admiradas. Às vezes, por entre o confuso emaranhado de troncos e de palhas, assomava abruptamente um jacaré.

Momentos de calmaria fluíam da natureza e só um gemido de mulher, rasgava a transparência do ar, como um cochicho à espantosa serenidade em que se encerravam as regiões circunvizinhas. Esse gemido era como a presença do mundo humano sobre a solidão luxuriosa da floresta viva e aberta sobre a terra, qual um seixo desnudo diante das árvores nieráticas, infiltradas na terra e dirigidas para as nuvens, embriagadas da seiva úmida da selva.

Ao entardecer, junto às paliçadas do rio sem ressonâncias bravias e selvagens, vem aportar uma canoa, conduzindo um homem de cor morena e seminu. Cachos de plátanos jazem enfileirados sobre os paus, junto ao embornal e à espingarda. Chegou silencioso, com a

cabeça cheia de pensamentos obscuros, suarento e cansado. Ao atracar, à margem, vem-lhe aos ouvidos, com o vento, o gemido que estremece a selva.

O homem apressa-se em amarrar a canoa às árvores vizinhas e, colocando a espingarda a tiracolo, depois de colher, ao acaso, um pesado cacho de plátanos, toma, correndo, o caminho do monte.

Dentro da cabana, coberta de palha e de pau-a-pique, o queixume aumenta, eleva-se e decai, renasce e morre. Sobre as dobras de um mosquiteiro há uma mulher que vai ser mãe e que geme sob as dores do parto doloroso.

Pálido e suando, o homem chega à cabana; desembaraça-se da carga, faz descer do ombro a espingarda e, cauteloso, quase com medo, levanta uma ponta do mosquiteiro; uma mão branca agarra-se à sua e o gemido escapa, ganhando a selva.

- Ah! que dor, meu Deus!

A noite, com as suas negras azas de morcego, cai, entretanto, sobre as coisas exteriores. O homem acendeu, fora da choça, a fogueira quotidiana. As estrelas começam a despontar nos paramos celestes. Sobre as brasas acesas, os plátanos verdes cozinham, ao lado de um caldeirão com carne. A fumaça foge por entre a copa das árvores, em direção às estrelas, como uma queixa.

- ! ... !

- Agora, podes chorar... – disse o homem.

No silêncio angustiado das selvas, ouve-se a voz de uma criança; chora com a fome de nove meses, nas entranhas maternas. Sob o teto de palha, há um forte odor de sangue vertido sobre o fogo.

O homem, depois de comer seu jantar, instalou-se num banco e pôs-se a fumar. A mulher estende uma perna por baixo da fimbria do mosquiteiro: é uma perna branca, manchada com o licor da vida. Logo em seguida, levanta-se. O homem suspende o cigarro e serena e docemente pergunta-lhe:

- Que foi?

- Mulher – responde a parturiente.

- Maldita hora, podia ter sido homem!

A mulher dirige-se para a porta e a noite a envolve.

O homem fita a criança, que repousa no leito; e em seu rosto, a luz da vela de cera projeta sombras estranhas.

Ouve-se o rugir do tigre, que anda rondando os matagais vizinhos; e o homem contrai o sobrecenho, apanha a espingarda e deixa a menina adormecida em seu leito. Ao sair da

palhoça, um suor frio escorre-lhe da fronte e um parênteses de receio abre-se em seu cérebro: a mulher que foi lavar-se nas águas do rio talvez não tenha ouvido o rugido da fera.

Silêncio. Ele contempla em frente as silhuetas hieráticas das árvores, perfiladas sob a claridade dos astros. Ouve-se o rumor de folhas que caem, de ramos pisados à flor da terra. Dois vagalumes, voando a uma mesma altura, dão ao homem, naquele sortilégio fosforescente, as pupilas do felino. Temor; resolução; levanta a arma ao rosto, regula a pontaria no centro das duas manchas de luz, aperta o gatilho e o ribombar da carga rola pela imensidão vazia. Um grito de mulher:

- Não me mates! ... E um longo e pavoroso engano acoberta-se sob as dobras da noite.

Agora, o homem se acha debruçado sobre a mulher agonizante, a dor refletindo-se em seus grandes olhos escuros, velados por negros cílios.

- Meu maridinho, eu não sou culpada por haver sido uma menina!

Cessa-lhe no peito a respiração e seus olhos abrem-se desmesuradamente. Ao levantar, desesperado, o cadáver em seus braços musculosos, o homem vê então os olhos inconfundíveis da fera, de um brilho esverdeado, algo cinzento e amarelo.

Fonte: *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1946. Suplemento Dominical, p.07. Ed 08. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=114774> Acesso em: 01 set. 2013. (Adaptado)

ANEXO 8

O poeta indormido

Ascendino Leite

O APARECIMENTO do último livro de Lêdo Ivo, Ode e Elegia, título tão simples mas tão expressivo em sua sugestão de imagens solenes e de cotidianas emoções, seria para nos conduzir a uma série de raciocínios sobre o destino atual da poesia. Raciocínios, na verdade, consequentes, se não se chega a esquecer o hábito prazenteiro com que, nestes dias se tem procurado decidir o malogro do verso.

Estaria morrendo a poesia ou seremos nós que estamos renunciando, já não dizemos ao seu cultivo mas ao seu fascínio?

A resposta a essa indagação implica uma porção de aspectos, cada qual mais complexo sujeitando-nos por igual, aos riscos dos chamados "erros de visão" e dos equívocos, que inutilizam todas as boas intenções.

Encontramos, a propósito, em Otto Maria Carpeaux, uma passagem que denuncia bem essa dificuldade. Diz o crítico: "O problema complica-se cada vez mais. A nossa época coletiva produz uma poesia às vezes hermética, mas que em todo caso, não é e não pode ser poesia para todos". Mesmo assim, tais palavras sucedem uma das muitas promessas donde o critico gosta de partir para atirar-se às suas esplêndidas interpretações. "É lícito – propusera-se-lhe antes – confrontar a poesia com uma realidade qualquer?"

E trata-se, convém esclarecer, de um crítico que estima a prudência e detesta ir além, antes de eliminar as suas próprias dúvidas.

Que fazer então – indagamos por nossa vez – para lançar luz sobre uma questão em que tantos estão envolvidos, quase sempre se contrapondo e só muito raramente achando-se de acordo, assim mesmo sem chegar a uma solução definitiva? Mas, nos recônditos de cada um, o binômio mágico "poesia e vida" insinua-se com os sortilégios de um caminho aberto à compreensão. Ora, a vida é criação. E nas mensagens que a poesia nos endereça, apenas diferentes na tonalidade, já se prefiguram as infinitas formas do universo humano da vida aspirando uma ordem superior "no tano uma vivencia, pero uma voluntad de supervivencia", como acentua Lanuza.

De uma certa maneira, Lêdo Ivo concorre para fortalecer o prestígio desse binômio e aumentar-lhe as sugestões, tão gratas às inteligências sensíveis e votadas a função de compreender.

É em verdade, um poeta que perturba.

Pensando bem, é um poeta que nos sugere, de início, uma esmagadora vitalidade de sentimentos, que faz a gente refletir.

Seu livro denuncia essa perpetua fermentação de poesia e de vida que nos cerca por todos os lados, imperceptível ou extensivamente, como as coisas em que tocamos. Quase todo ele é um fluir de sangue, de vida arterial, de sentidos, de vozes e de música. Medida de uma sensibilidade em plenitude de entendimento com a essência mesma do cosmos, num encontro como que físico, a poesia de Lêdo Ivo parece contaminada por um poderoso fluxo vital, em que as imagens descrevem um ciclo de deslumbrantes diurnos, umas diabolicamente sensuais, outras nimbadas de pureza angelical, de ternura e de lirismo.

Vê-se afinal, que é um poeta com musa própria. Musa que é amada e amante, que é filha e irmã do poeta. Musa com a qual ele se comunica numa linguagem de quem, antes de torná-la entendida a todos os ouvidos, com ela domou um corcel negro das nuvens e convenceu as procelas do mar a transformar as suas fúrias num "riso infindável de ondas".

O mundo moderno, que jogou o poeta contra um muro de abstenções, de impedimentos e de pesquisas intangíveis, não pôde tolher o ímpeto desse cantor de versos rebeldes, decidido a colocar o pé

> "entre o Dia e a Noite, no
> umbral de uma eternidade
> vigiada pelos anjos "

Dentro da solidão circundante, trágica solidão dos homens, o poeta permanecia indormido, ouvindo a música do elementos, sentindo o fogo de suas exaltações e buscando inefável. Ouçamos a sua voz enchendo essa vigília prescrutora:

> "Sem que o seu canto suba
> até os céus, sufocante música
> da terra,
>
> que é o poeta?
>
> ....."
>
> "... Sem o inefável
> como pode louvar, não tain-
> (do a si mesmo,

a plena e estranha juventu-
de da moça a quem ama?

Que é o poeta, que imita as
(marés,

sem adquirir com o tempo
uma serenidade de coisa
(sempre nua

como se as estrelas estives-
sem caminhando governadas
(pelo seu riso

e seus braços agitassem as
árvores feridas pelo clarão
(da lua?

.....

Sem o inefável, que dura
sempre sem permanecer co-
mo conseguirei louvar...”

Mas que é o inefável? “Done, dans une certaine mesure – esclarece François Porché num lúcido ensaio sobre Valery e a poesia pura – L’ineffable n’est enliement détaché du sens: il en est le prolongement. Sa zone est celle des derniéres vbrations. Intellectuelles, morales, sensibles, toules ensemble fondues comme un soupir. Supprimes le sens l’inefflable aussittét s’évapore ou, du moins ___ est diminué”.

É isto, precisamente, o que acontece com Lêdo Ivo. A busca do inefável é um prolongamento de si mesmo. E enquanto perdura a solidão, o poeta transforma em odes e alegias a música que os homens recusam ouvir. É esta a sua fascinação, a do poeta indormido cuja face ainda não fatigada, parece refletir a luta com os gênios que povoam a vida, o tempo e o espaço.

Fonte: *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1946. Suplemento Dominical, p.07. Ed 01423 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=114774> Acesso em: 01 set. 2013. (Adaptado)

ANEXO 9

Dois poemas de Ascendino Leite

CANÇÃO

(Para Aragão e Madeleine)

Nunca foste além
do que és. Nunca ti vi,
nos dias de nosso amor indócil,
entregue às rudes e concretas
multiplicações.

E aguardava, no imaginário
reverso do quotidiano,
sob a estéril tessitura
desse mágico enleio,
o anúncio mórbido
das tímidas renúncias.

E me afogo, humilde,
nos desagravos.
E me diluo
entre paralelos.

Podias lá esquecer,
ó fria amante,
o absorto adormecimento
de inconstâncias e continuidades?

Podias lá esquecer
tudo o que evitamos.
O afago que não cansa,
o sempre antigo e insuficiente amor,
à flor desfolhada
em carne e sonho
da nossa nudez sem sentidos?

Deste-me o bastante, porém,
da tua astúcia indissimulada;
– os dias felizes,
a poesia dos silêncios,
o apelo vago e triste
das mãos confusas
e aquela gratuidade
de omissões que gritam

– uma saudade sem dores,
enigmático amor.

Vejo com meus olhos
Que desejei demasiado.
Que fiz de cada mistério
um oceano voraz.
Que a doçura maior
ama o corpo claro
os arabescos gestos.

Vejo com meus sentidos,
incompreendida amada,
que é preciso
recomeçar.

SALÃO DE BAILE

(Para Adonias e Rosita)

Este recinto. E esta solidão.
No fundo do salão, este mistério.
Fru-fru de saias.

Este silêncio. Esta coisa etérea,
vaga e errante, tênue, incorpórea,
salão de baile.

E este luxo de sombras, e este abafadiço
vagar de pudores. Este murmúrio
de quermesse.

Do teto, pendem sons. Música,
indecisa canção. E lentamente
deslizam vultos.

Corpos leves, fosforescentes,
eu vos vejo, lentos, dolentes,
embaraçados.

Bailarinos de formas erradias,
cativos pelo espaço,
tímidos namorados.

Aonde vão esses passos abafados,
ó sombras minhas,
pelo salão de baile?

Bailarinos de corpos de medusa,
continuai. Se vos espanta a luz,

continuai.
Se a solidão, se o mistério
se quebram contra o espaço,
e uma janela se abre
e o sol brilha nas taças
e uma voz na rua
agita as coisas mortas no salão
ó, não pareis.

Sonho de sono. Chave de ouro
ou de _____? deste outonal
salão.

Fonte: *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, 06 mar. 1949. Suplemento Dominical, p.14. Ed 117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=114774> Acesso em: 10 set. 2013. (Adaptado).

ANEXO 10

REMORSO
Jornal Literário

Tristão de Athayde

"... Envolto nesta nostalgia da consciência, que é a mortalha do remorso em nossa vida interior, é que chega às mãos o livro mais recente de Ascendino Leite (As coisa feitas, Jornal Literário, Ed. EdA, Rio, 1980). Sua leitura, com a avidez de quem descobre um pequeno tesouro escondido à beira da estrada, pela qual passamos indiferentes, levantou o vôo de pássaros adormecidos, em minha gruta interior. Que me lembre, nunca tive motivo algum para que, nos tempos de minha remota presença de crítico hebdomadário, omitisse a leitura de seus romances, artigos e ensaios. Hoje reconheço que sua obra literária é como essas pedras fosforescentes que só reluzem na sombra, mas isso mesmo se arriscam a passar despercebidas ou mal interpretadas.

Se os volumes do *Jornal Literário* do seu autor, que precedem a este, são da mesma qualidade, nele temos um dos nossos memorialistas a ser colocado em companhia de Gilberto Amado, de Afonso Arinos de Mello Franco, de Pedro Nava, de outros de estirpe semelhante, que elevaram a memorialística brasileira a ser, talvez, a mais representativa das espécies literárias do neomodernismo. Sua linha não é a solar, como a desses autores, mas a noturna como a de um Cyro dos Anjos. É a da poesia interior, que não se traduz em verso, mas em prosa translúcida e criadora, de uma atmosfera de sutil emotividade. As páginas que reúne, nesse seu recente volume, depois de cinco anteriores que formam seu Jornal Literário (Durações, Passado Indefinido, Os dias duvidosos, O lucro de Deus e A velha chama), constituem uma crônica, quase cotidiana, mas de datas incertas entre 1957 e 1970. Paraibano de nascimento, nada tem de nordestino convencional, como Augusto Meyer nada tinha do gaúcho convencional.

Seus espíritos é todo feito de entretons, de entrelinhas, de entremoções. Sua requintada sensibilidade reage ao menor estímulo exterior, mas como as sensitivas que escolhem ao sol. Apaixonado por literatura, leitor infatigável, sempre a par da produção estética mais recente à moda. Muito menos ao simples esteticismo. Atravessou o modernismo, sem alterar em nada o fundamento moral intangível de seus princípios éticos e da sua estética emotiva. Mas tampouco sem voltar as costas a nada que os novos tempos e o gosto renovado vêm trazendo.

Proustiano ou Amieliano, por natureza, vai anotando tudo o que dia-a-dia lhe fornece de inédito, no contato com os amigos literários ou íntimos, pois coloca a amizade, como o fazia Nestor Victor, no próprio centro do convívio humano. Frequentador assíduo de cafés e livrarias, sem ter o espírito boêmio de um Jackson de Figueiredo, perpassam de leve, por essas páginas aladas de crônica intelectual, algumas das grandes figuras dessa época, um Agripino Grieco, um Manuel Bandeira, um Graciliano Ramos, um Augusto Frederico Schmidt, um Álvaro Lins, um José Américo, seu grande amigo, e tantos outros nomes, ilustres ou apagados, dedicando a cada qual uma palavra de carinho ou de repulsa, pois seus

entretons estilísticos brotam, como orquídeas, de um tronco moral da vida e da primazia do caráter e da honra, como sinais típicos do homem nordestino.

Seu *Jornal Literário*, estou certo, ficará como um daqueles espelhos que Stendhal fazia os romancistas passarem, ao longo das estradas da vida. O prazer delicadíssimo, que me proporcionou a leitura de uma parte desse Cosmorama carioca, não fez senão realçar o duplo mérito dessa obra requintada e retraída, em que a honestidade congênita do autor e sua receptividade aos entretons da realidade, garantirão a permanência futura. De uma obra, que terá custado ao seu autor, com sua extrema sensibilidade, noites de insônia e dias de dúvidas cruciantes sobre seu valor ou sua inutilidade. Só lamento ter chegado tarde demais, para melhor saboreá-la.”

(*In – Jornal do Brasil*)

Fonte: LEITE, Ascendino. *Surpresas na partida*: jornal literário. Fragmentos. João Pessoa: Ideia, 1999.